



COLETÂNEA
CONEXÃO DO
CONHECIMENTO

Volume 3
2022

uniatual
EDITORA



COLETÂNEA
CONEXÃO DO
CONHECIMENTO

Volume 3
2022

uniatual
EDITORA

© 2022 – Uniatual Editora

www.uniatual.com.br

universidadeatual@gmail.com

Editor Chefe e Organizador: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/Uniatual

Revisão: Respectiveos autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Esp. Alessandro Moura Costa, Ministério da Defesa - Exército Brasileiro

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C694 Coletânea Conexão do Conhecimento - Volume 3
/ Jader Luís da Silveira (Organizador). – Formiga (MG): Uniatual Editora, 2022. 198 p.: il.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-86013-22-1
DOI: 10.5281/zenodo.7178928

1. Coletânea. 2. Multidisciplinar. 3. Saberes. 4. Conhecimentos. I. Silveira, Jader Luís da. II. Título.

CDD: 001.4
CDU: 001

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Uniatual Editora
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.uniatual.com.br
universidadeatual@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.uniatual.com.br/2022/10/coletanea-conexao-do-conhecimento.html>



AUTORES

**ALEXSANDRO DA COSTA BRITO
ANNELISE KOPP ALVES
CÉSAR AUGUSTO RAMÍREZ GIRALDO
ERIC OLIVEIRA BERTOLO
FABIO ANTUNES DO NASCIMENTO
GIL DERLAN SILVA ALMEIDA
HÉVILA MARIA SOUSA SANTOS
LUANA GÓES SOARES
MÁRCIO DE FREITAS SANTA ANA
MARIA RAFAELA JUNQUEIRA BRUNO RODRIGUES
MAXÇUNY ALVES NEVES DA SILVA
RENATA MÔNICA PACHECO NICHIO
RENATA ROCHA AMARAL
ROSELI DA CONCEIÇÃO SILVA DE FREITAS SANTA ANA
SANDRO DAU
SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA
VINÍCIUS DA SILVA SANTOS**

APRESENTAÇÃO

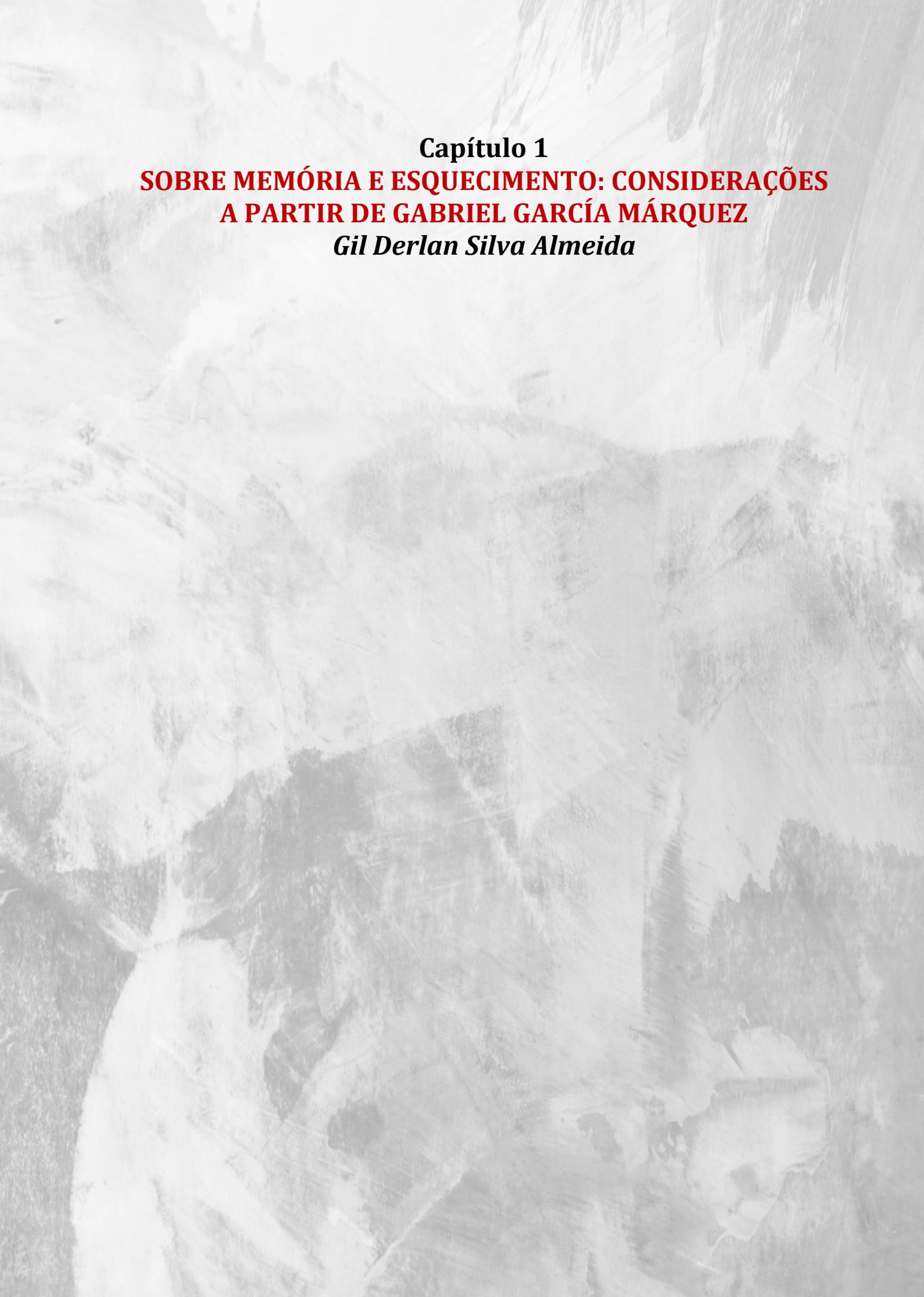
A obra “Coletânea Conexão do Conhecimento - Volume 3” foi concebida diante artigos científicos especialmente selecionados por pesquisadores da área.

Os conteúdos apresentam considerações pertinentes sobre os temas abordados diante o meio de pesquisa e/ou objeto de estudo. Desta forma, esta publicação tem como um dos objetivos, garantir a reunião e visibilidade destes conteúdos científicos por meio de um canal de comunicação preferível de muitos leitores.

Este e-book conta com trabalhos científicos interdisciplinares, aliados às temáticas das práticas ligadas a inovação, bem como os aspectos que buscam contabilizar com as contribuições de diversos autores. É possível verificar a utilização das metodologias de pesquisa aplicadas, assim como uma variedade de objetos de estudo.

SUMÁRIO

Capítulo 1 SOBRE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ <i>Gil Derlan Silva Almeida</i>	8
Capítulo 2 A JUSTIÇA RESTAURATIVA, UMA POSSIBILIDADE ATRAVÉS DA ADOÇÃO DOS PRECEITOS RELIGIOSOS NA VIDA HUMANA: A LAICIDADE DO ESTADO E A EFETIVAÇÃO DO DIREITO DE CRENÇA COMO UM DIREITO HUMANO <i>Maria Rafaela Junqueira Bruno Rodrigues</i>	24
Capítulo 3 TIJOLO ECOLÓGICO DE RESÍDUO POLIMÉRICO <i>Márcio de Freitas Santa Ana; Roseli da Conceição Silva de Freitas Santa Ana; Renata Rocha Amaral; Eric Oliveira Bertolo; Alessandro da Costa Brito</i>	37
Capítulo 4 CARTAS CONTRA CASSANDRA RIOS: DIÁLOGOS ENTRE A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, CENSURA E GÊNERO <i>Hévila Maria Sousa Santos</i>	60
Capítulo 5 DRUMMONDEANDO ENTRE ANJOS TORTOS E TRONCHOS: UMA ANÁLISE DAS “SETE FACES” DA CANÇÃO “ANJOS TRONCHOS” DE CAETANO VELOSO <i>Maxçuny Alves Neves da Silva</i>	78
Capítulo 6 “FUI AO CÉU E NÃO VI DEUS LÁ”: A DECEPÇÃO PUERIL DO MAJOR YURI GAGÁRIN <i>Renata Mônica Pacheco Nichio; Sérgio Rodrigues de Souza</i>	93
Capítulo 7 O BRASIL COMO PRECURSOR DA 4ª REVOLUÇÃO AGRÍCOLA <i>Sérgio Rodrigues de Souza; Vinícius da Silva Santos; Sandro Dau</i>	122
Capítulo 8 A SINODALIDADE COMO FRUTO DO CONCÍLIO VATICANO II <i>Fabio Antunes do Nascimento; César Augusto Ramírez Giraldo</i>	144
Capítulo 9 SÍNTESE, CARACTERIZAÇÃO E O COMPORTAMENTO FOTOCATALÍTICO DE FIBRAS DE TiO₂ E DE TiO₂/WO₃ <i>Luana Góes Soares; Annelise Kopp Alves</i>	158
Capítulo 10 SÓCRATES Y LA CONSTRUCCIÓN DE LOS PRINCIPIOS DE LA DIDÁCTICA MODERNA <i>Sérgio Rodrigues de Souza; Renata Mônica Pacheco Nichio</i>	166
AUTORES	194



Capítulo 1
SOBRE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: CONSIDERAÇÕES
A PARTIR DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Gil Derlan Silva Almeida

SOBRE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Gil Derlan Silva Almeida

Doutorando e Mestre em Letras- Estudos Literários, pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGeL) da Universidade Federal do Piauí (UFPI); Especialista em Línguas Portuguesa e Inglesa e Graduado em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); Professor EBTT- Letras Português/Inglês do Instituto Federal do Maranhão (IFMA)- Campus Bacabal; E-mail: gilderlansilva@hotmail.com

Resumo: Este artigo objetiva discutir sobre o elemento memorialístico e seus desdobramentos para a compreensão do enredo de *Memória de minhas putas tristes* (2006), do autor colombiano Gabriel García Márquez. A obra, ao passo que discute questões do âmago da existência humana, como as crises de identidade e lugar no mundo que o personagem traz consigo, se usa do artefato da memória para a retomada dos eventos que marcaram a vida desse protagonista e influenciam o seu modo atual de agir. Enquanto metodologia, usa-se a pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, por analisar tipos sociais e suas relações. Como aporte teórico usamos os diálogos suscitados por Halbwachs (2006); Lopes (2014); Ricoeur (2010) entre outros teóricos que articulam a discussão memória e literatura. Podemos perceber que é no amor pela prostituta Delgadina que o velho senhor se redescobre na vida e no presente, mas é também no passado que parte do enredo realmente se esclarece para o leitor, quer seja pelos traumas familiares ou pelo decorrer dos anos monótonos que o acompanham, reforçando, assim, a importância da estruturação da obra em torno da memória da própria personagem, mas somando-se a isso a variante do esquecimento, outro ponto dentro das discussões de memória que é fundamental para uma interpretação mais profícua desse *corpus*.

Palavras-chave: Gabriel García Márquez. Memória. Esquecimento.

Abstract: This article aims to discuss the memorialistic element and its consequences for the understanding of the plot of *Memória de minhas putas tristes* (2006), by the Colombian author Gabriel García Márquez. The work, while discussing issues about the heart of human existence, such as the crisis of identity and place in the world that the character brings with him, uses the memory artifact to resume the events that marked the life of this protagonist and influence his current way of acting. As a methodology, a qualitative research is used, with a bibliographic approach, to analyze social types and their relationships. As a theoretical support, we used the dialogues raised by Halbwachs (2006); Lopes (2014); Ricoeur (2010) among other theorists who articulate the discussion of memory and literature. We can see that it is in the love for the prostitute Delgadina that the old man rediscovers himself in life and in the present, but it is also in the past that part of the plot really becomes clear to the reader, whether due to family traumas or the monotonous years that follow him, reinforcing the importance of

structuring the work around the character's self-memory, but adding to that the variant of the forgetting, another point in memory discussions that is fundamental for a more precise interpretation of this corpus.

Keywords: Gabriel García Márquez. Memory. Forgetfulness.

INTRODUÇÃO

Desde a Grécia Antiga, já se estudava e pregava sobre o valor e a importância da memória para a compreensão da vida, quer seja no âmbito da rememoração do passado por seus grandes feitos, ou como um ponto de estudo para o aprimoramento de um futuro mais promissor, a memória sempre foi dada como artefato de extremo valor para nossa sociedade. O guardar destas lembranças representa o compromisso com o passado e com aqueles que viveram antes de nós, deixando suas contribuições e legado para as próximas gerações. Foi partindo dessa premissa do elemento memorialístico como algo mais que precioso, que os estudos de memória na Antiguidade grega a tomavam como uma deusa, e através dela viam a possibilidade de reelaboração dos entendimentos sobre os tempos antigos como o meio de se chegar a um futuro de glórias e prosperidades, pois nas análises do passado se evitariam os erros do futuro.

Assim, a memória sempre ocupou e ocupa parte importante de nossas vidas e sua transformação afeta o modo como vemos e percebemos o mundo a nossa volta. Por outro lado, a falha da memória, o esquecimento e suas variantes passaram, então, a conotar um status negativo, e conseqüentemente ninguém queria ser taxado de que não se recordava de algo. Esses foram os primeiros momentos que o lapso da memória passa a ter o caráter perturbador e inconveniente. Não somente na literatura, mas em diversas outras áreas do conhecimento, o tema se constitui objeto de estudo de diversos campos do saber, tais como Filosofia, Antropologia, Sociologia, História etc.

No que tange ao Estudos Literários, a relação entre memória e literatura é um campo de estudo de inúmeras possibilidades, uma vez que os analisar as obras sobre o prisma desse elemento, faz-se possível recriar espaços, ações, imagens e novos sentidos, que além de remeterem ao passado e às experiências dos personagens, nos ajudam a reler o próprio objeto de análise, por vezes extremamente influenciado por esse ponto que muda drasticamente os rumos da obra. Assim a memória é um fio de ligação que entrelaça a interpretação e o entendimento da tessitura literária por diversas maneiras, afinal, a cada nova lembrança, novas possibilidades, a exemplo de diversos personagens que

conseguem por meio da manifestação memorialística subverter o tempo cronológico e adentrar reminiscências antigas de suas vidas, fato que em muitas narrativas, é substancial ao texto literário, como na escrita contemporânea de *Becos da memória*, de Conceição Evaristo ou *Outros cantos*, de Maria Valéria Rezende.

Em *Memória de minhas putas tristes* (2006), Gabriel García Márquez, um dos maiores nomes da literatura mundial, apresenta-nos um protagonista sem nome. Um senhor prestes a completar seus noventa anos, que como forma de marcar a passagem para quase um século de existência, decide presentear-se com uma noite de amor com uma prostituta que fosse jovem e, acima de tudo, virgem. No desenrolar das ações e no decorrer da trama, nosso senhor reflete sobre sua existência e os feitos de sua vida, os quais o próprio não julga com valor algum. Neste contexto, a memória de nossa personagem é o veículo que possibilita ao leitor a estreita relação para entender os fatos do enredo, uma vez que o que é contado em *Memórias de minhas putas tristes* é visto sob a ótica das recordações de nosso velho senhor e companheiro nonagenário, que embora com muitos anos, relata-nos suas vivências com muita descrição e sem vestígios notórios de esquecimento, ponto que merece ser posto em xeque e discussão.

Dessa noite de amor tão sonhada e planejada, surge um sentimento que transformará a vida desse homem em uma nova aventura, uma história de amor unilateral fugaz e ardente, que o trará de volta a vontade de viver e ser feliz. O romance com a prostituta e menina Delgadina lhe retorna a um passado de felicidades e lembranças inesquecíveis, que marcaram os primeiros anos de sua vida adulta, mas que também são acompanhados das memórias dos traumas e problemas familiares. Neste misto de memória, lembranças e entrelaçamento de sentimentos, Márquez constrói uma narrativa rápida e precisa como alguém que não tem tempo a perder, afinal, o tempo está passando rápido para todos, e para nosso protagonista, inclusive, perder tempo é um luxo que não se pode ter.

Partimos assim, da perspectiva de analisar o elemento memorialístico nessa obra, entendendo como se dá a relação das lembranças do passado com a vida atual de nossa personagem. Na reflexão sobre essa ideia, deparamo-nos com a premissa de que cada vez mais o elemento da memória constitui uma parte constituinte à subjetividade da personagem. Se é verdade a premissa de que somos nossas memórias (BORGES, 1974) é justamente nessa afirmativa que se centra toda a estrutura que confere a primazia de *Memória de minhas putas tristes*.

MEMÓRIAS DE UM NONAGENÁRIO

A memória individual encontra-se intrinsecamente ligada à ideia de memória coletiva. Ambas as instâncias se complementam, ou seja, as memórias pessoais são construídas na interação social e refletem uma experiência coletiva de evocação do passado. Por mais que as lembranças pareçam unicamente nossas, são fruto de toda uma construção social, influenciadas por todos aqueles que nos rodeiam. Desta maneira, memórias se apoiam e vivem no seio social do qual fazemos parte, possibilitando por muitas vezes a difícil aceitação de o que é coletivo e o que é individual.

Como aponta Maurice Halbwachs, sobre a memória, “o conteúdo inicial dessas lembranças, que as destaca de todas as outras e se explicaria pelo fato de estarem no ponto em que se cruzam duas ou mais séries de pensamentos, pelos quais elas se interligam a tantos outros grupos diferentes”. (HALBWACHS, 2006 p. 48) Podemos, então, inferir que nossas lembranças são fruto da recordação de outros, que acabam vivendo em nós, tornando-se peças fundamentais num delicado e importantes no jogo de rememoração e sentido que atribuímos às coisas. O ato de rememorar passa a ser uma ação que interliga coletivo e individual, reafirmando que não seria possível uma memória unicamente individual para indivíduos sociais, como somos.

Na obra analisada, a memória individual da personagem é a própria configuração narrativa do romance, que conduz o leitor para todos os fatos, contados a partir das lembranças, o próprio presente se apresenta em ligação ao passado rememorado na voz da personagem, isso se mostra no enredo desde detalhes cotidianos e simplistas até a estruturação de vivências, que acontecidas no passado, reverberam pelo presente da personagem.

Vivo numa casa colonial na calçada de sol parque de San Nicolás, onde passei todos os dias de minha vida sem mulher nem fortuna, onde viveram e morreram meus pais, e onde me propus morrer só, na mesma cama em que nasci e num dia que desejo longínquo e sem dor. Meu pai comprou a casa num leilão público no final do século XIX, alugou o andar de baixo para lojas de luxo de um consorcio de italianos e reservou este segundo andar para ser feliz com a filha de um deles [...] minha mãe. (MARQUEZ, 2006, p. 09)

Na lembrança que nos é contada acima, é interessante perceber que o passado é contado com um tom de sentimentos nostálgicos que chama a atenção, o processo de rememoração e contação ao leitor pelo narrador assemelha-se a uma conversa. A partir daí, percebemos na leitura da obra um tom que beira a escrita de um testemunho, pois ao passo que mesmo o personagem se apresentando no tempo presente, é pelo entendimento e atenção ao passado que conhecemos sua história e adentramos em seu verdadeiro eu, garantindo-nos, assim, um caráter confessional ao enredo.

Isso se dá devido a configuração do próprio gênero textual, já que “testemunho significaria apresentar o visto, o ocorrido e esta apresentação procura o não esquecimento do fato. A experiência apresentada na literatura de testemunho procura não ser esquecida” (REIS, 2021, p. 255). García Marquez instiga-nos a conhecer este homem pelo seu passado, pela sua memória, por suas lembranças e reminiscências dessa. Na lembrança sobre o trabalho de cronista para o jornal vemos:

A única coisa que permaneceu igual foram minhas crônicas no jornal. As novas gerações arremeteram contra elas, como contra uma múmia do passado que deve ser demolida, mas eu as mantive no mesmo tom, sem concessões, contra os ares da renovação. Fui surdo a tudo. Havia feito quarenta anos, mas os redatores a chamavam de Coluna de Mudarra, o Bastardo. (MARQUEZ, 2006, p. 45)

Em *Memória de minhas putas tristes*, a memória familiar, diretamente relacionada aos sentimentos e lembranças de entes que nos acompanham intimamente em nossa jornada faz da leitura do romance um registro importante sobre a vida do senhor de noventa anos. Tendo em vista que é neste âmbito que se enquadram aqueles que fazem parte da nossa primeira cadeia de construção de memória coletiva, sabemos que é através dessas pessoas que aprendemos desde cedo as noções de vida em grupo social mais simples até onde se processam reminiscências mais particulares e reservadas, diretamente relacionada a espaços, objetos e situações de um cotidiano. O senhor de noventa anos rememora sua família com muita nostalgia, principalmente a figura da mãe, com saudosismos do que viveu em seus tempos de mocidade. Aliam-se às memórias da personagem um tom traumático que possivelmente se ampara na perda da mãe para problemas de saúde e depois na perda do pai. Conforme Márquez:

Eu havia sido um menino mimado com uma mãe de dons múltiplos, aniquilada pela tísica aos cinquenta anos, e com um pai formalista de

quem jamais se conheceu erro algum, e que amanheceu morto em sua cama de viúvo no dia que foi assinado o tratado da Neerlândia, que pôs término à guerra dos Mil Dias e a tantas guerras civis do século anterior. (MÁRQUEZ, 2006, p. 16).

Conforme Halbwachs (2006, p. 81-82), “a memória familiar é uma construção coletiva, uma corrente de pensamento contínuo [...] que retém do passado somente o que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”. Isso acontece porque nossas lembranças caminham em uníssono no transcorrer da vida de nossa família, nunca são levadas em contexto isolado, mas em partilha com aqueles que também são parte de nós, o primeiro grupo social ao qual nos inserimos e o qual nos espelhamos como primeiros exemplos de comportamento.

Como nunca constituiu uma família de sangue a partir de uma relação que lhe desse filhos, o que resta ao nosso personagem são as lembranças, talvez sendo estas suas únicas herdeiras. Acrescentam-se a isto, os objetos e joias que a mãe deixou, bem como os ensinamentos e a moral impecáveis do pai como exemplo de postura e comportamento, constituindo artefatos e lições que carregará consigo por toda a sua jornada. Sua única família era o conjunto de prostitutas com que se envolveu durante toda uma vida. Como mesmo falara, “nunca dormiu sequer com uma mulher sem pagar”. (MARQUEZ, 2006, p. 24). E estas foram muitas.

O senhor afirma nunca ter amado de verdade nenhuma mulher além de sua mãe, ao conhecer Delgadina é como se conhecesse o sentimento pela primeira vez. Em sua descrição de memórias, vemos que o sentimento agora celebrado em seu peito funciona como um elixir da juventude para esse homem. Num novo tom de vida, a personagem encontra luz e motivos para viver, pois a experimentação da paixão e do turbilhão de sentimentos pela jovem prostituta o rejuvenescem para um mundo de possibilidades que antes não era enxergado. Assim, esse velho senhor não se cansa de reafirmar como está mudado com o surgimento dessa paixão. Num dos trechos mais primorosos da obra, García nos mostra:

Graças a ela enfrentei pela primeira vez meu ser natural enquanto transcorriam meus noventa anos. Descobri que minha obsessão por cada coisa em seu lugar, cada assunto em seu tempo, cada palavra em seu estilo, não era o prêmio merecido de uma mente em ordem, mas, pelo contrário, todo um sistema de simulação inventado por mim para ocultar a desordem de minha natureza. Descobri que não sou disciplinado por virtude, e sim como negação a minha negligência; que pareço generoso

para encobrir minha mesquinhez, que me faço passar por prudente quando na verdade sou desconfiado e sempre penso o pior, que sou conciliador para não sucumbir às minhas cólicas reprimidas, que só sou pontual para que ninguém saiba como pouco me importa o tempo alheio. Descobri, enfim, que o amor não é um estado da alma, mas um signo do zodíaco. (MARQUEZ, 2006, p. 74)

Graças aos sentimentos que nutre pela jovem Delgadina, o homem se redescobre, se enxerga enquanto um ser humano de verdade recheado de inseguranças, imperfeições e dilemas, o que faz cair por terra toda a sua variedade de certezas e posicionamentos acabados sobre o que, até então, acreditara ser verdade em sua vida. No amor pela prostituta, que simbolicamente aqui representa seu presente de noventa anos, ele ganha muito mais que uma noite de prazer.

Nosso personagem tem como companhia as putas, uns poucos colegas de trabalho, os livros herdados da coleção do pai e a empregada fiel, que sempre o acompanhou. Deparamo-nos com alguém extremamente solitário que encontra no prazer carnal uma fuga para os duros dias que perpassam sua existência. Cabe destacar, que o personagem da obra em questão salienta um forte apego as lembranças como a saída para um presente doloroso, ou seja, o alento para a tristeza do presente é encontrado nas memórias felizes que funcionam aqui como um atenuante para a atual condição.

Desta forma, passeamos pelas lembranças desse senhor nas mais variadas instâncias de sua vida. Trabalho, família, relacionamentos curtos que não deram certo, medo da solidão, a paixão pela puta desconhecida, a vida medíocre que lhe é atribuída. Todo o terreno em que o leitor pisa está centrado no plano da memória.

Um fato que nos aguça uma análise importante de se conjecturar seria sobre a veracidade de tais memórias. Ao se tratar de um homem nonagenário, receia-se que a variante do esquecimento possa permear essas lembranças, afinal, não seria de se estranhar que memórias do passado pudessem ser comprometidas para um senhor que beira o seu centenário de vida, conforme Ricoeur:

De fato, o que o esquecimento desperta nessa encruzilhada é a própria aporia na fonte do caráter problemático da representação do passado, a saber, a falta de confiabilidade da memória. O esquecimento é o desafio por excelência oposto à ambição de confiabilidade da memória. (RICOEUR, 2010, p. 425).

A protagonista receia perder a memória e o medo disso a assombra. O que seria de si sem as memórias? Perder a memória seria como algo extremamente doloroso, pois implica na supressão de uma parte importante de si. O caráter do esquecimento na obra é conferido a personagem na angústia de ser vencido pelo passado, de presenciar a busca de memórias e não as encontrar. Ao se dar conta de seus noventa anos, surge consigo o medo da perda da memória. Se esse homem apresenta sua vida ao leitor pura e unicamente por meio das memórias, o que seria de sua vida sem essas?

Na quinta década havia começado a imaginar o que era velhice quando notei os primeiros ocos da memória. Revirava a casa buscando meus óculos até descobrir que estava os usando, ou entrava com eles no chuveiro, ou punha os de leitura sem tirar os de ver de longe. Um dia tomei duas vezes o café da manhã porque me esqueci da primeira, e aprendi a reconhecer o alarme de meus amigos quando não se atreviam a me lembrar que estava contando a mesma história que havia contado na semana anterior. Naquele tempo tinha na memória uma lista de rostos conhecidos e outra com os nomes de cada um, mas no momento de cumprimentar não conseguia que as caras coincidisse com os nomes. (MÁRQUEZ, 2006, p. 14).

O esquecimento, contudo, apresenta também um caráter positivo, mesmo libertador. Desta maneira, o que seria de nossa vida se guardássemos absolutamente tudo que nos afeta, positivamente ou negativamente. Esquecer é libertador à medida que nos deixa livres para as próximas experiências e vivências. Diante disto, “na ausência de toda possibilidade de se fazer compreender, o silêncio sobre si próprio - diferente do esquecimento - pode mesmo ser uma condição necessária.” (POLLAK, 1989, p. 07). Assim, carregar consigo o peso de não esquecer seria um fardo muito doloroso para nossos ombros e mentes, pois sem este desdobramento da memória, o sujeito ficaria ligado a todo o tipo de memória, quer sejam eventos felizes ou traumáticos. Entendendo sobre esse prisma de compreender o processo de esquecimento em duas possibilidades: uma com tom triste e doloroso, e outra como feliz e libertador, vemos que

Ao falar da centralidade do esquecimento na filosofia benjaminiana, Gagnebin evidencia o fato de que para o pensador alemão, assim como para Nietzsche, o exercício de escrita da história deveria ser efetuado rechaçando toda lógica historicista que pretende sempre falar do passado por meio de uma pretensa objetividade levada à exaustão, o que para o filósofo de Sils-Maria seria o gesto repulsivo da história de antiquário (NIETZSCHE, 2003). Nesse sentido, tanto Benjamin como Nietzsche fazem pensar numa “força plástica do esquecimento” (NIETZSCHE, 2003, p. 10), ou seja, numa necessidade de ruminação do passado que tem um

tempo de início, mas também um momento de desligamento, o que de nenhuma forma significa renegar o passado, mas tão só saber incorporá-lo de forma afirmativa à vida. No mesmo ensaio citado, Gagnebin fala do “esquecimento feliz”, articulando esse esquecimento à imagem da criança doente que se “acalma pouco a pouco graças às mãos que acariciam e à voz que conta uma história, traçando assim ao rio da dor um leito que levará até ‘o mar do esquecimento feliz’” (GAGNEBIN, 2015, p. 11). O esquecimento feliz seria o contrário do puro gesto de negar o que houve, de não pensar ou de não elaborar o passado. (LOPES, 2014, p. 24-25)

Assim, a concretude do esquecimento ocasionada pela idade, seria um fato sem volta, uma condição que, por mais que se delongasse, não se poderia escapar. A importância de incorporar o esquecimento à vida, parte da premissa que podemos nos libertar de fatos e memórias traumáticas, e que sem esse artifício mnemônico, nossas vidas seriam presas num terrível carrossel doloroso de presente e passado. Afinal, “articular historicamente o passado não significa ‘reconhecê-lo tal como ele foi’. Significa apoderarmos de uma recordação quando ela surge como um clarão num momento de perigo” (BENJAMIN, 2010, p. 11). Para o personagem a trama do esquecimento o rondava nos pequenos gestos, era nas pequenas ações do dia a dia que este se apresentava como um embate que se evitava, mas que sempre estava aguardando o confronto. Podemos ver nas palavras de García Marquez,

Um dia tomei duas vezes o café da manhã, porque me esqueci da primeira, e aprendi a reconhecer o alarme de meus amigos quando se atreviam a não me lembrar que estava contando a mesma história que havia contado na semana anterior. Naquele tempo tinha na memória uma lista de rostos conhecidos e outra com nomes de cada um, mas no momento de cumprimentar não conseguia que as caras coincidisse com os nomes. (MARQUEZ, 2006, p. 14)

A obra compreende, também, a instância espacial como um forte elemento que atua sobre as memórias, uma vez que são trazidos cenários importantes para o desenrolar de fatos e ações, pois estes funcionam ora como gatilhos, ora como pano de fundo para a narrativa de *Memória de minhas putas tristes*. Entendidos esses espaços, como representações sociais de causos e acontecimentos que se centram em lembranças, a trama se desenvolve em vários espaços que propiciam a rememoração de cenas do passado, fazendo com que o protagonista reflita a condição de senhor aos noventa anos que se julga de missão cumprida, e com uma vida não tão próspera.

Assim, elencam-se nesta categoria a casa, o jornal onde trabalhou, bem como os demais espaços da cidade que frequentou. Mas acima de tudo, ressaltam-se os bordéis de prostituição, dos quais fora cliente assíduo durante toda a vida. Esses espaços, alguns de prazer, foram o complemento de sua casa durante muitos anos e guardam partes significativas de sua vida e história. Como vemos na obra:

Num daqueles dias incertos fui parar por distração na mui nobre rua dos Notários, e me surpreendeu não encontrar nada além dos escombros do velho hotel para encontros fugazes onde fui iniciado à força nas artes do amor pouco antes dos meus onze anos. Havia sido uma mansão de antigos armadores, esplêndidas como poucas na cidade, com colunas cobertas de alabastros e frisos de ouropéis.
[...] Aos meus doze anos, ainda com minhas calças curtas e minhas botinhas de escola primária, não consegui resistir à tentação de conhecer os andares superiores enquanto meu pai se debatia em uma de suas reuniões intermináveis, e deparei com um espetáculo celestial. (MÁRQUEZ, 2006, p. 121).

Nesta passagem podemos ver o momento em que a personagem fora iniciada no mundo dos prostíbulos, fazendo-se, desde então, cliente assíduo do lugar e tornando-o a extensão de sua casa, tendo em vista quão significativa era a vivência nesses espaços para nosso senhor. Desta maneira, o tempo passava e só os bordéis com a “profissão mais antiga do mundo” permaneciam como um reduto de prazer para o jovem rapaz que buscava o divertimento com o corpo das meretrizes. Ao passo que a narrativa deslinda, compreendemos estes espaços como ambientes que metaforizam todo o prazer de uma vida e que retratam a condição de um homem que nunca teve ninguém. Como o próprio diz: “Nunca dormi com nenhuma mulher sem pagar.” (MARQUEZ, 2006, p. 36).

Assim, os lugares de memória são dispositivos que nos mostram a importância dos espaços para nossa vida e recordação, pois carregam consigo as vivências que nos constituem enquanto sujeitos sociais e pertencentes a um grupo. São casas, escolas, empresas, pontos turísticos, todas essas localidades podem ser significativas de rememoração e ativação de lembranças, desde as mais afetivas positivamente, até espaços de rancor ou outros sentimentos negativos. O mais famoso desses ambientes é a nossa casa, mas outras especificidades de lugares também podem assumir essa função, à medida que a estes são atribuídos os valores necessários para ocupar esta categoria. É o que acontece com a personagem do romance. Conforme explicita Nora:

[...] se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez, numa identificação carnal do ato e do sentido. Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história. (NORA, 1993, p. 8-9).

Essa implicação parte do pressuposto que não construímos unicamente memórias individuais, ou seja, nossas memórias estão sempre amparadas nas das outras pessoas com as quais convivemos. Assim, não poderíamos falar de lugares unicamente nossos, uma vez que no seio das sociabilidades é que damos significação a muitas instâncias espaciais. Todas essas ambientações suscitam as mais várias memórias dos sujeitos que convivemos e servem de gatilho para a rememoração de um passado compartilhado e experienciado socialmente. Desta maneira, para a protagonista, esses bordéis representam o transcorrer de uma vida cronológica e como essa caminhou até o momento em que está hoje.

Ademais, a protagonista guarda suas memórias como tesouro em um palácio, garantia de uma lucidez não abatida pelo tempo cronológico e o passar massacrador dos seus dias e anos. No amor por Delgadina, a jovem prostituta, o velho senhor encontra a força que precisa para resistir o quanto mais fosse necessário, afirmando que se “ampararia nisto e não se entregaria aos anos. Com a força das memórias acumuladas na já longa estrada da existência, construiria ainda muitas outras. Afinal, ainda não era chegada a sua hora.” (MÁRQUEZ, 2006, p. 119)

Coligando-se aos espaços, o narrador nos apresenta objetos que auxilia na evocação de memórias para o senhor nonagenário. Estes objetos de memória são na maioria das vezes móveis, itens pessoais, presentes de amigos ou entes queridos, que funcionam como gatilhos para o processo mnemônico. Através desses objetos evocam-se lembranças, personalidades e episódios que fizeram parte de nossa jornada. Por sua vez, tais artefatos configuram-se como um reservatório material de nossas lembranças, sempre à mão e capazes nos remeter ao passado. Em *Memória de minhas putas tristes*, o protagonista mantém relação afetiva com os objetos antigos da casa, capazes de fazê-lo evocar lembranças da família, como segue:

À diferença dos outros móveis, e de mim mesmo, a mesona em que escrevo parece melhor de saúde com o passar do tempo, porque foi fabricada com madeiras nobres por meu avô paterno, que era carpinteiro

de navios. Mesmo quando não preciso escrever, todas as manhãs arrumo a mesa com o rigor ocioso que me fez perder tantos amores. (MÁRQUEZ, 2006, p. 38).

Neste trecho, vemos que a mesa, sempre presente, o faz evocar as lembranças do avô. A arrumação disciplinada do móvel, é em parte fruto da criação tradicional repassada pela família, o que explica o porquê de a mesa estar sempre impecável. Em outros momentos do romance há a menção às joias deixadas pela mãe, pois para além do valor financeiro, tratam-se de objetos de memória muito significativos, já que de uso pessoal da matriarca, que as amava e guardava com imensa estima e apreço, as joias servem de elo entre o protagonista e as lembranças da mãe finada, possuindo o valor sentimental e simbólico de verdadeiros amuletos.

Compreendemos que o que constitui a sobra material das lembranças da matriarca são apenas essas joias, que configuram o portal entre o agora e a lembrança da vida com a mãe. O personagem que não faz menção a quaisquer outros membros da família vive nesse mausoléu de lembranças, repleto de objetos do passado de sua família e de sua própria vida, fazendo deste espaço um templo ao passado, um verdadeiro museu domiciliar que carrega o fantasmagórico de um tempo que já não retornaria. Segundo Flávio Leonel Abreu da Silveira e Manuel Ferreira Lima Filho:

São exatamente esses diversos sentidos que os objetos possuem que lhes permitem a capacidade de evocar memórias e experimentar a tensão entre esquecimentos e lembranças, a partir do contato com a materialidade da coisa e os sentidos possíveis que ela carrega consigo. (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p. 38).

O uso dos objetos como receptáculos mnemônicos só ressalta o caráter plural do elemento memorialístico que vive em diversos planos e instâncias de nossa vida. O senhor que encontrara o amor aos noventa anos nos braços de uma jovem prostituta apresenta não apenas suas vivências e experiências por meio de sua memória, mas usa desta como um exercício mental para conservar a lucidez e espantar o perigo do esquecimento que se faz ameaçador. Desta forma, conhecer as memórias de alguém é um verdadeiro processo de desnudamento pessoal, faz-se por meio de adentrar os recônditos mais secretos de cada personalidade e subjetividade que compõe o ser humano em questão.

No enredo de *Memória de minhas putas tristes*, conhecer o passado do homem nonagenário e protagonista da história é revelar um pouco da subjetividade que está por

trás de cada estilo de vida e atitude que o acompanha no presente. Desde os traumas do passado, o medo da incerteza do futuro e o temor de uma solidão na morte, na tessitura da contação dessas memórias se fazem a escrita dos desdobramentos do agora para nosso senhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Memória de minhas putas tristes*, o enredo centra-se na contação da vida pelo próprio protagonista, bem como nos fatos de como esta é alterada ao encontrar o primeiro amor, isso aos noventa anos de idade. A narrativa da obra tece um punhado de ações que nos fazem torcer pela vitória do amor em frente as adversidades que a diferença da idade e de realidades sociais poderia suscitar. Ademais, tudo isso rememorado pelas lembranças do nonagenário que acha a liberdade para a prisão de uma vida ínfima ao se apaixonar perdidamente pela jovem prostituta Delgadina.

Um álbum de recordações nos é apresentado à medida que vamos adentrando nas páginas do romance, e o elemento memorialístico não se faz somente a marca da obra, mas sim toda esta. Assim, o entrelace memorialístico é o tempero que torna o enredo mais intrigante e cativante, pois pelo ato de rememorar, o senhor nos traz a contação de suas experiências, por vezes, amparada na idade e experiência, inferindo que quem tem muitas lembranças talvez teria carrega consigo o peso de viver muitos anos.

Viver noventa anos para alguns pode parecer um fardo muito pesado, para o protagonista é apenas mais uma etapa a ser cumprida ou mais um obstáculo a ser transposto. A partir da análise da memória no romance podem-se conhecer os sentimentos, frustrações, dores e sensações da personagem que aos noventa anos experimenta um sentimento nunca sentido. Com os fragmentos de vida que fazem o tempo transcorrer para além dos dias, entendemos que García Márquez não nos apresenta apenas um homem que quer marcar seus noventa anos revolucionando sua rotina ao dormir com uma ninfeta, ele quer nessa noite renascer, voltar a vida de uma existência da qual para muitos ele já estaria morto. É na necessidade desse amor desenfreado que o narrador onisciente nos mostra o extravasar dos sentimentos.

A voz da personagem caminha num misto de sentimentos e descrição de ações que vão desde a felicidade de conhecer a amada até a tristeza da não concretude do relacionamento, em decorrência de uma tragédia no bordel. O descortinar dessas

lembranças e o medo do esquecimento não são apenas a confissão de um ser humano frágil que guarda consigo segredos e precisava desabafar, é nitidamente a revelação do caráter subjetivo do próprio senhor, que se misturando a voz do narrador, conta suas aventuras ajudando-nos a entender quem é, verdadeiramente, sua pessoa.

Quando se mostra fraco perante os sentimentos que lhe vêm à cabeça pela lembrança da amada é que, de fato, o velho se mostra forte, pois ele agora entendia que “a verdade é que eu não aguentava minha alma e começava a tomar consciência da velhice pelas minhas fraquezas diante do amor” (MARQUEZ, 2006, p. 97). A trama usa da memória como um plano de fundo que destaca os fatos, levando-nos a torcer pelo personagem e abonar quaisquer desvios de caráter ou mau comportamento que este apresente ou já tenha apresentado. Entendendo somente o amor como a única ferramenta de libertação para uma alma vazia, o amar pela primeira vez, profundamente, verdadeiramente e intensamente eram a chave que desbloqueava a vida triste da personagem.

Se García Marquez só concede essa chave aos noventa anos de nosso senhor, talvez o verdadeiro presente não fosse a noite de amor, mas sim a libertação para tudo o que se ainda tem de viver, agora com uma alma aberta, um coração pulsante e a mente feliz. Tarde demais? Talvez não! Em *Memória de minhas putas tristes*, cada momento pode ser o último, mas acima de tudo, cada momento é uma nova lembrança que se finca no recôndito de sua alma e ecoa de alguma forma para todos os desdobramentos do que ainda se tem pela frente.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **O anjo da história**. Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BORGES, J. L. **Obras Completas**. 17. ed. Buenos Aires: Emecé, 1974.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LOPES, L. Michel Laub: Literatura, Memória, Esquecimento. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 49, p. 24-38, jan/jul 2014.

MÁRQUEZ, G. G. **Memória de minhas putas tristes**. Tradução Eric Nepomuceno. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

NORA, P. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, jul./dez. 1993.

REIS, E. S. dos. **A relação entre literatura de testemunho, memória e verdade**. *Kínesis*, v 13. n. 34, p. 253-270, jul. 2021.

REZENDE, M. V. **Outros cantos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

SILVEIRA, F. L. A.; LIMA FILHO, M. F. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma das coisas” e a coisificação do objeto. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 37-50, jan/jun 2005.

Capítulo 2

A JUSTIÇA RESTAURATIVA, UMA POSSIBILIDADE ATRAVÉS DA ADOÇÃO DOS PRECEITOS RELIGIOSOS NA VIDA HUMANA: A LAICIDADE DO ESTADO E A EFETIVAÇÃO DO DIREITO DE CRENÇA COMO UM DIREITO HUMANO

Maria Rafaela Junqueira Bruno Rodrigues

**A JUSTIÇA RESTAURATIVA, UMA POSSIBILIDADE ATRAVÉS DA
ADOÇÃO DOS PRECEITOS RELIGIOSOS NA VIDA HUMANA: A LAICIDADE
DO ESTADO E A EFETIVAÇÃO DO DIREITO DE CRENÇA COMO UM
DIREITO HUMANO**

Maria Rafaela Junqueira Bruno Rodrigues.

Doutorado em Direito – UNISINOS/POA.

Faculdade de Direito de Franca.

e-mail: mrjunque@gmail.com

Link do Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/0941478761964509>

Resumo: Os seres humanos buscam de forma persistente a Justiça e essa realidade vem de encontro com o objetivo do presente trabalho de pesquisa que é demonstrar que esse ideal pode encontrar solução através da adoção da Justiça Restaurativa tendo por subsídio os preceitos religiosos que adota de forma livre e consciente, presentes na sociedade a partir de um Direito de Crença que torna efetivo um Direito Humano preconizado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, portanto, sempre devendo ser respeitado. O que justifica o trabalho é o fato de que o Estado tendo por característica a laicidade deve aceitar a liberdade de crença e, portanto, a utilização de seus valores quando da aplicação do Direito para que haja Justiça. Para demonstrar que tal realidade é possível a metodologia utilizada foi a abdução, através da adoção método de pesquisa bibliográfico em referenciais teóricos aptos a subsidiar os argumentos textuais. O resultado pretendido foi alcançado, pois, se constatou ser a Justiça Restaurativa a partir dos princípios religiosos que a fundamentam capaz de promover o resgate da dignidade da pessoa humana quando efetivamente aplicada. Ressalta-se que a presente pesquisa não teve a pretensão de esgotar a temática proposta, mas simplesmente promover a ampliação dos debates nos espaços acadêmicos.

Palavras-chave: Justiça Restaurativa 1. Preceitos Religiosos 2. Estado Laico 3. Direitos Humanos 4. Princípios Constitucionais 5.

Abstract: Human beings persistently seek Justice and this reality is in line with the objective of this research work, which is to demonstrate that this ideal can find a solution through the adoption of Restorative Justice based on the religious precepts that it freely and freely adopts. conscious, present in society from a Right of Belief that makes effective a Human Right advocated in the Universal Declaration of Human Rights, therefore, always to be respected. What justifies the work is the fact that the State, having secularism as its characteristic, must accept the freedom of belief and, therefore, the use of its values when applying the Law so that there is Justice. To demonstrate that such a reality is possible,

the methodology used was abduction, through the adoption of a bibliographic research method in theoretical references able to support textual arguments. The intended result was achieved, as it was found that Restorative Justice, based on the religious principles that underlie it, is capable of promoting the rescue of the dignity of the human person when effectively applied. It is noteworthy that the present research did not intend to exhaust the proposed theme, but simply to promote the expansion of debates in academic spaces.

Keywords: Restorative Justice 1. Religious Precepts 2. Secular State 3. Human Rights 4. Constitutional Principles 5.

1 INTRODUÇÃO

E Ele permanecerá e apascentará o povo na força do Senhor, na excelência do nome do Senhor seu Deus. Miquéias 5:4

A convivência humana tem por característica a utilização sucessiva de escolhas, no entanto, muitas delas levam a ocorrência de lesões a direitos de terceiros vez que se dão a partir de relações estabelecidas entre seres humanos. Quando o livre arbítrio leva a extrapolação de limites a ponto de provocar lesões a outro indivíduo, o direito é convidado a manifestar-se e uma sanção normalmente é atribuída ao causador do dano. Muitas dessas sanções não levam a reflexão, ao entendimento de que houve uma intrusão na esfera alheia provocando descontentamento e dano, não se tornando efetiva para de fato reintegrar o indivíduo a uma convivência social harmônica.

Ao praticar a ação que leva ao conflito de interesse em relação ao direito atingido, ambas partes estão convictas de que o direito lhes pertence e por essa razão, impõem ao outro seu posicionamento ao ponto de provocar-lhe lesão, no entanto, sua reparação não ocorre a partir da esfera de consciência que provocaria mudanças de comportamento e de paradigmas pré-estabelecidos, mas sim, pela imposição de pena fruto da coação estatal permitida legalmente.

Na busca de um viés alternativo à possibilidade de ser alcançada a Justiça almejada diante de tais posturas, a temática proposta reconhece o problema e propõe como solução a adoção da Justiça Restaurativa o que justifica a presente pesquisa. Esta por sua vez, para que seja possível e efetiva, demanda a adoção de valores, encontrados nos preceitos religiosos, por serem capazes de provocar tais reflexões.

O que garante possa ser a Justiça Restaurativa aplicada são os valores intrínsecos que a compõem e, que tem nascedouro na religião; por ser o Estado laico, deve garantir a liberdade de crença e, portanto, tornar possível a aplicação do Direito baseado em tais princípios, sendo este Direito de Crença um Direito Humano, que assiste a todos na medida de sua cidadania e ainda, pelo fato de garantir haja o respeito ao princípio fundante constitucional que é a dignidade da pessoa humana.

Para tanto, se apresenta a pesquisa com a definição de Justiça Restaurativa e o apontamento dos princípios que a norteiam como decorrência de valores religiosos; após, se procurou demonstrar qual o papel do Estado enquanto aquele que garante que os princípios constitucionais prevaleçam e em específico que a laicidade estatal traga a possibilidade do exercício e aplicação do Direito a partir dos preceitos religiosos, por serem aptos a garantir o resgate de seres humanos que se perderam em suas escolhas, causando lesões a terceiros.

O caminho metodológico utilizado para que houvesse o desenvolvimento da pesquisa foi a abdução (CARVALHO, 2013, p. 54/60), fundamentada na Semiótica (PEIRCE, 2015, 352p.), para tanto, tendo sido utilizado como método bibliográfico através de consulta a referenciais teóricos, aptos a fundamentar os argumentos apresentados, tais como, doutrinas, artigos de periódicos, revistas, jornais e a base de dados, e ainda, às legislações pertinentes e aptas a subsidiar a construção textual apresentada, além da observância às normatizações técnicas pertinentes (PRODANOV e FREITAS, 2013).

No entanto, há que se ponderar que mesmo lastreados por referências teóricas que lhes fornecem os necessários fundamentos, a pesquisa jamais teve a pretensão de se apresentar como absoluta, esgotando a temática, mas sim ampliar os espaços acadêmicos de discussão para possibilitar a reflexão necessária a todos que lidam com o Direito.

2 Justiça Restaurativa: uma proposta a ser pensada

Apesar de não mais compor a estrutura do Estado, a religião ainda ocupa um lugar importante na vida da maior parte do povo brasileiro, que na sua condição humana estrutural demanda a presença de uma crença por ser ela um valor (STRECK, 2004) que antecede à própria Constituição, principalmente no que diz respeito a trazer o equilíbrio nas relações, sendo em algumas circunstâncias a condição para que se torne possível experienciar na prática a justiça restaurativa.

Na construção da história humana, sempre podemos vislumbrar uma “hibridação” (LENÁ, 1999) e essa multiplicidade, torna necessário que o exercício da crença religiosa seja cultivado, principalmente, exercendo o Estado o seu papel que é o de respeitar e garantir a liberdade de escolha diante da diversidade religiosa (CECCHETTI e OLIVEIRA, 2015), para tanto, respeitando-se a Constituição e a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A Constituição Federal no seu art. 5º, inciso VI, preceitua que é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias, corroborando o que consta do art. 18, da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A efetividade da Justiça Restaurativa se manifesta quando torna possível o resgate dos seres humanos, principalmente em suas relações com o outro (ELLIOTT, 2018), que somente se pode dar com o respeito a valores que possuem uma representatividade de sua cultura, no caso o Direito ou Liberdade de crença religiosa baseada nas vivências que carrega consigo através das gerações.

Os seres humanos já encontram uma ordem estabelecida, seja do cosmo, da sociedade, do Estado, do Direito ou da Religião, mas essas ordens devem coexistir e serem humanamente observadas para que possa levar os seres humanos a viverem com dignidade buscando a composição para que haja a superação de mazelas, danos e outras desventuras próprias da condição humana, corroborando tal aspectos ALMEIDA, 2015, p.55, preleciona que:

“Guarda a ordem, e a ordem te guardará”, ou como se diz em latim: *Serva ordinem, et ordo servabit te*. Parece difícil de acreditar, mas é assim mesmo. Pessoas polarizadas, obsessionadas, ou, no outro extremo, anárquicas, avessas a qualquer assomo de disciplina são pessoas fadadas ao fracasso, se não global, com certeza parcial; pelo menos, ficam aquém da medida do que poderiam render em benefício deles próprios e, com repercussão mais grave, da sua missão como chefes ou membros de uma família, como células vivas da sociedade pelo seu trabalho profissional, pelo espírito exemplar no cumprimento dos seus deveres particulares cívicos.

Levando-se em consideração a proposta para uma Justiça Restaurativa, o Estado laico garante ao cidadão que este possa escolher vive a partir de sua fé, de suas crenças e então poder ter princípios que lhe possibilitem pertencer a uma comunidade, sem a

imposição do Estado, ao mesmo tempo em que desperta o sentido de fraternidade (DWORKIN, 2014).

O ordenamento jurídico possui uma estrutura, a partir da Constituição Federal, que além de proteger o Direito e liberdade de crença religiosa, o elevou a um Direito Humano, pois, o Brasil é signatário da Declaração de Direitos Humanos, trazendo desta, os seus valores, dentre outros, o Direito Humano a ter e poder escolher uma crença religiosa a seguir, conforme se vê do seu art. 18:

Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos.

Tal realidade pressupõe o Direito, não somente de escolher em o que crer, mas como crer, no sentido de cultivar e, de que maneira poder se expressar, no entanto, mesmo existindo a regulamentação legal explícita, nem sempre ela é respeitada, levando o Judiciário e, portanto, na condição de representante do Estado ter que se manifestar a respeito, vindo a ter que garantir tal liberdade.

Portanto, o papel exercido pela religião, no que diz respeito a auxiliar haver uma Justiça Restaurativa tem a condição de religar um ser humano a outro (CURY, 2004), tornando possível relevar situações de desagrado, pelo reconhecer-se humano, na humanização que há no outro, como reconhece MÃE, 2015, p. 15:

A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoa implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa. Sem ninguém no presente nem no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão quanto pensam os peixes. Dura pelo engenho que tiver e parece como um atributo indiferenciado do planeta. Parece como uma coisa qualquer.

Portanto, reconhecer-se humano na humanização presente no outro é admitir erros, não excluindo, mas procurando ajudar, principalmente as minorias. Contribuir para que esses seres humanos sejam melhores, por outro lado, aqueles que se julgam como cumpridores da lei e de seus deveres podem também, agregar valor ao que já possuem como postura, podendo voltar seu olhar e apurar sua escuta (DUNKER e THEBAS, 2019), para que através dos exemplos e vivências presentes no outro possa superar os erros que carrega em sua personalidade.

A proposta da Justiça Restaurativa é a não segregação e estigmatização de pessoas por instituições punitivas, que não vêm de encontro com o fortalecimento de relações entre seres humano envolvidos em fatos onde haja dano ou lesão a direito, mas ao contrário, fortalecer a rede de relações do sujeito, para que possa mudar a partir de sua conscientização de pertencimento, de cidadania e assim, prever e evitar práticas criminosas e de má-fé.

No ordenamento jurídico e não sem razão, ao se constatar haver uma lesão a direito, o olhar primevo é voltado ao ofensor, o mesmo se dando posteriormente, mas com a tentativa eficaz de puni-lo, retribuir a ele o mal praticado. Nesse contexto, o papel da vítima, familiares e demais membros da sociedade se restringe ao relato e testemunho sobre os fatos, nada mais além disso. Ao receber a punição o indivíduo não há enxerga como meio de reflexão e proposta de mudança, mas entende o que o motivou a agir contrariamente a ordem legal, o que para si basta para justificar sua conduta, independentemente da consequência que irá suportar. Essa realidade alimenta e incentiva práticas dessa natureza, tanto, que muitos as praticam de forma reiterada.

Segundo ELLIOT, 2018, p.35:

Temos sido desafiados através desses relacionamentos a aprofundar nosso entendimento sobre o que chamamos de “Justiça Restaurativa” e a considerar um contexto mais holístico para o conflito. Isso significa que há uma tendência de ver a promessa de mudança como algo que emerge das raízes de nossa sociedade, em vez de ser institucionalmente conduzida.

No entanto, considerar um contexto mais holístico para o conflito é ao mesmo tempo visualizar vieses de possibilidade para que seja concretizado dessa forma, o que pressupõe a adoção de princípios constitucionais, dos Direitos Humanos e ainda, os vendo como uma decorrência dos princípios religiosos que através de seus fundamentos podem levar a mudança da sociedade (SAROV, 2004), da comunidade, de maneira a compor sua estrutura, assim como atualmente a violência compõe o dia a dia das pessoas em suas condutas.

Mudar o entorno de forma estrutural faz com que haja a disseminação desses valores, pressupondo, não se admitir haja condutas contrárias a eles, não pela força ou imposição estatal, mas por uma condição existencial que compõe a sua estrutura não se concebendo outra forma de convivência, como por exemplo acontece, por exemplo na Dinamarca (RUSSELL, 2016).

Portanto, para se conceber a Justiça Restaurativa, mudanças de paradigmas são necessários, necessitando serem pensados, revistos e adequados de forma constante, através da abertura ao diálogo, pois, somente este é capaz de possibilitar uma análise crítica circunstancial, onde se insere família, formação religiosa, punição e Justiça, pois, são os espaços sociais onde nossas crenças e convicções são adquiridas e podem influir nas decisões quando há fatos conflituosas e consequências sociais.

3 SUBSÍDIOS PARA A ADOÇÃO DOS PRINCÍPIOS RELIGIOSOS EM UMA JUSTIÇA QUE QUER SE VER COMO RESTAURATIVA

A busca por uma Justiça Restaurativa ou pelo ideal do que é justo pode ser visto como um reflexo dos preceitos religiosos na vida humana a partir de um Direito de Crença que torna efetivo um Direito Humano, portanto, sempre devendo ser respeitado.

O direito à crença religiosa faz parte da cultura de vários povos, traduzindo freios e contrapesos para o atuar humano, tanto que a liberdade de crença ocupa seu espaço na Constituição do Brasil, e na Declaração Universal dos Direitos Humanos, portanto, a maneira encontrada de se possibilitar a efetivação desse Direito, se deu através da laicidade que deve estar presente no atuar do Estado.

O Direito de Crença possibilita a adoção de valores religiosos que são aptos a fornecer os necessários suportes para um repensar de posturas, condutas e adoção deles em sociedade, pois, a crença religiosa no faz admitir ser muitíssimo necessária, tanto que reconhecida por lei como tal, talvez pela razão de que conflitos não acontecem somente com aqueles que são incorretos em seus relacionamentos, mas passíveis a todas as pessoas.

Ressalta SANDEL, 2011, p.307 ao citar Obama sobre o importante papel da religião e que vem de encontro com a proposição de uma Justiça Restaurativa que:

“A religião não era apenas fonte de inflamada retórica política. A solução para certos problemas sociais exigia uma transformação moral. O medo de cairmos em um ‘sermão moral’ pode (...) levar-nos a minimizar o papel que os valores e a cultura desempenham em alguns de nossos mais prementes problemas sociais, disso Obama. Abordar problemas tais como ‘pobreza e racismo, falta de assistência médica e desemprego’ exigiria ‘mudanças no coração e na

consciência'. Portanto, era um erro insistir na ideia de que convicções morais e religiosas não desempenham nenhuma função na política ou na lei.”

A religião é capaz de religar os homens aos homens e assim, parametrizar condutas, através principalmente do reconhecimento de que a verdadeira Justiça somente pode acontecer através da lei e, o perdão tido como lei. A vivência da concessão da misericórdia rumo ao bem comum, converge com a definição de lei deixada por São Tomaz de Aquino (1225-1274), pois, explica a lei:

I^a-IIae q. 90 a. 4 co.

Respondeo dicendum quod, sicut dictum est, lex imponitur aliis per modum regulae et mensurae. Regula autem et mensura imponitur per hoc quod applicatur his quae regulantur et mesurantur. Unde ad hoc quod lex virtutem obligandi obtineat, quod est proprium legis, oportet quod applicetur hominibus qui secundum eam regulari debent. Talis autem applicatio fit per hoc quod in notitiam eorum deducitur ex ipsa promulgatione. Unde promulgatio necessaria est ad hoc quod lex habeat suam virtutem. Et sic ex quatuor praedictis potest colligi definitio legis, quae nihil est aliud quam quaedam rationis ordinatio ad bonum commune, ab eo qui curam communitatis habet, promulgata.¹

Diante dessa premissa, se pode afirmar que atualmente se reconhece que o fato de que a pessoa ao praticar um crime, por mais bárbaro que seja, não lhe retira sua dignidade enquanto pessoa humana. Também, não lhe retira fazer jus enquanto ser humano de que os Direitos Humanos, constante da Declaração Universal são para si; o que não significa ficar impune. O perdão, sob esse prisma, não lhe retira a condição de ter que cumprir a pena que lhe foi imposta, mas sim, de que deve estar consciente do por que lhe foi aplicada tal sanção e o por que deve cumpri-la, pois, a partir desse reconhecimento a lei passará para esse ser humano ter um sentido reformador e, portanto, restaurativo, podendo contribuir para o alcance do bem comum, que nada mais é que o propósito para o qual foi criada.

No entanto, a adoção de uma Justiça Restaurativa se baseia em provocar nesse ser humano uma condição de arrependimento verdadeiro, que somente é possível com a adoção de valores religiosos por possibilitar com que haja uma reflexão profunda dos desvios legais praticados que trouxeram consequências nefastas a ele enquanto

¹ <http://www.corpusthomisticum.org/sth2090.html>

praticante do ato infracional como para a vítima e por que não, se reconhecer atingir a sociedade, sendo um pecado também, social.

A estrutura legal que envolve esse direito de crença religiosa no Brasil, deve ser respeitado e vivenciado de forma plena e livre por todos que a concebem como valores, sob pena de não haver concretizado o princípio fundante da dignidade da pessoa humana e dos Direitos Humanos, levando a não efetivação da Justiça Restaurativa.

O respeito ao direito e à liberdade de crença religiosa pode-se afirmar ser o caminho para que haja a consequência pretendida com relação a promoção de uma Justiça Restaurativa, vivenciada a partir do respeito humano, da fraternidade, à diversidade e do exercício de práticas do bem, onde há lugar para os seres humanos e para os direitos humanos que lhes pertencem.

De encontro ao mencionado no que diz respeito à lei e o perdão como uma condição da dignidade humana, preleciona FASTIGGI, 2020, que houve mudança quanto ao olhar da Igreja Católica e sobre as mudanças havidas no Catecismo ressalta:

Esta nova formulação do ensino da Igreja sobre a pena de morte não obscurece o ensino tradicional da Igreja sobre a lei e a justiça, mas aplica o princípio da misericórdia aos condenados por crimes muito graves. Esses criminosos condenados são dignos da misericórdia de Deus porque ainda retêm a dignidade humana e a segurança pública pode ser mantida sem privar definitivamente esses criminosos da possibilidade de redenção. Nos séculos anteriores, acreditava-se que aqueles condenados à morte tinham a esperança de redenção na próxima vida, mas eles perderam o direito de continuar a viver na terra. A Igreja agora acredita que as punições nunca devem remover a esperança de ser reintegrado à sociedade.

O reconhecimento da influência da crença religiosa como um fator preponderante para que a Justiça Restaurativa se torne viável para a nossa sociedade, ressalta a necessidade de se reconhecer o papel importante do Estado Laico, que não impõe e adota uma religião comum à sociedade brasileira, mas não deixa de reconhecer o que constitucionalmente é legalizado, ou seja, a liberdade religiosa.

O fato da inserção dentro de um contexto que envolve a Justiça e sua aplicação enquanto direito normatizado, não lhe retira a possibilidade de que seja feita através da adoção de princípios da religião (MILAZZO, 2013) e em nada violando a característica de laicidade estatal.

Portanto, é *conditio sine qua non* para que haja uma Justiça Restaurativa a adoção de princípios religiosos, tais como a caridade, a fraternidade e o perdão, não para

gerar e promover a impunidade, mas sim para chamar a responsabilidade quem praticou a infração, para que tenha seu olhar voltado para com o outro, refletindo sobre as consequências de seus atos, num comprometimento que o leve a não somente desejar reparar o mal praticado, como a mudar de postura, inclusive, por sentir que teve misericórdia e, portanto, o olhar do outro e do Estado.

4 CONCLUSÃO

A adoção de preceitos religiosos e a prática de um culto por um povo, tem sido ao longo do tempo uma prática que o incorporou como cultura, devendo ser preservada e garantida pelo Estado, tanto mais para que possa haver a efetivação da Justiça, atualmente representada pelo que se denomina Justiça Restaurativa.

Com o reconhecimento de que a crença religiosa é um Direito que possui valores que a sustenta, se obteve como resultado do presente trabalho a importância de se garantir a liberdade de crença, através de um Estado laico, como efetivação dos Direitos Humanos para que se possa ter os efeitos de uma Justiça Restaurativa, que torna possível o resgatar da essência humana.

Além desse aspecto e das garantias legais que a liberdade de crença religiosa possui, acreditamos ser o conjunto de valores de uma religião a maneira de se promover a aproximação entre os seres humanos, tornando possível haver a concretização da Justiça Restaurativa.

Para tanto, devendo o Estado manter-se numa condição de laicidade, para que todos tenham o Direito Humano de escolher em que acreditar e na maneira de cultivar, dessa maneira se respeitando a diversidade que há entre os seres humanos, para que apesar dela possam manter-se unidos numa convivência harmoniosa.

O atuar do Estado deve garantir a possibilidade da adoção de crenças religiosas, para formação de contextos sociais que abrigam a possibilidade de o indivíduo infrator refletir a respeito de suas escolhas, podendo se conscientizar quanto aos seus erros, que normalmente levam a práticas recorrentes de atos infracionais e como consequência provocam lesões a direitos.

Exercendo o papel importante de respeito aos ditames constitucionais e ao Direito de Crença Religiosa com liberdade preconizado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, o Estado cumpre seu papel “constituindo(ação)” para conduzir os

seres humanos para uma sociedade livre, harmônica e que reconhece a todos como dignos em sua condição humana de cidadãos fazendo jus a uma convivência para o bem comum.

Como se reconhece, a Justiça Restaurativa tem sua importância na construção de uma sociedade mais justa, humana e equilibrada em suas relações, mas que prescinde para que venha a acontecer da adoção dos preceitos religiosos na vida humana, garantidos pela figura estatal laica, respeitando o Direito de Crença como um Direito Humano.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Francisco José de. **A virtude da ordem**. 2.Ed. São Paulo: Quadrante, 2015.

CARVALHO, Fábio Tenório de. **Inferir Explicações e Explicar Inferências: Uma abordagem pragmático-transcendental da inferência à melhor explicação**. Tese UFMG. Disponível em <https://1library.org/article/abdu%C3%A7%C3%A3o-m%C3%A9todo-de-investiga%C3%A7%C3%A3o-cient%C3%ADfica.dzx5xgoq> Acesso em 11.10.2021.

CECCHETTI, E.; OLIVEIRA, L. B. **“Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver”**. UNESP: Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos – RIDH, 3(1), pp. 1-18, 2015. Disponível em <https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/268/129> Acesso em 10.09.2021.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ensino religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente**. Revista Brasileira de Educação, n.27 páginas 183-213. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1eVrmegbbhca5x2eVK6QOuIYjh5xs4mvf/view>

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM. Disponível em https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf Acesso em 13.09.2021.

DWORKIN, Ronald. **A raposa e o porco-espinho: justiça e valor**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

DUNKER, Christian. THEBAS, Cláudio. **O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

ELLIOT, Elizabeth M. **Segurança e cuidado: justiça restaurativa e sociedades saudáveis**. Tradução: Cristina Telles Assumpção. São Paulo: Palas Athena. Brasília: Abramaj, 2018.

Fastiggi, Robert. **Lei, Justiça, Misericórdia e Perdão de uma Perspectiva Católica**. Canopy Forum, 17 de fevereiro de 2020. <https://canopyforum.org/2020/02/17/law-justice-mercy-and-forgiveness-from-a-catholic-perspective-by-robert-fastiggi/> Acesso em 19.10.2021.

LÉNA, Pierre. **A nossa visão do mundo: algumas reflexões para educação.** Capítulo IV. O desafio do século XXI: religar os conhecimentos. (Organizado por Edgar Morin). Lisboa: Piaget, 1999.

MÃE, Valter Hugo. **A desumanização.** São Paulo: Cosacnaify, 2015.

MILAZZO, Cristhyan Martins Castro. **Justiça Restaurativa: caminhos de fraternidade, direitos humanos e dignidade social.** Restorative Justice: in search of brotherhood, democracy, human rights, and social dignity. 2013. 171 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2013. Disponível em <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/756> Acesso em 19.10.2021.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica.** Tradução: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2015.

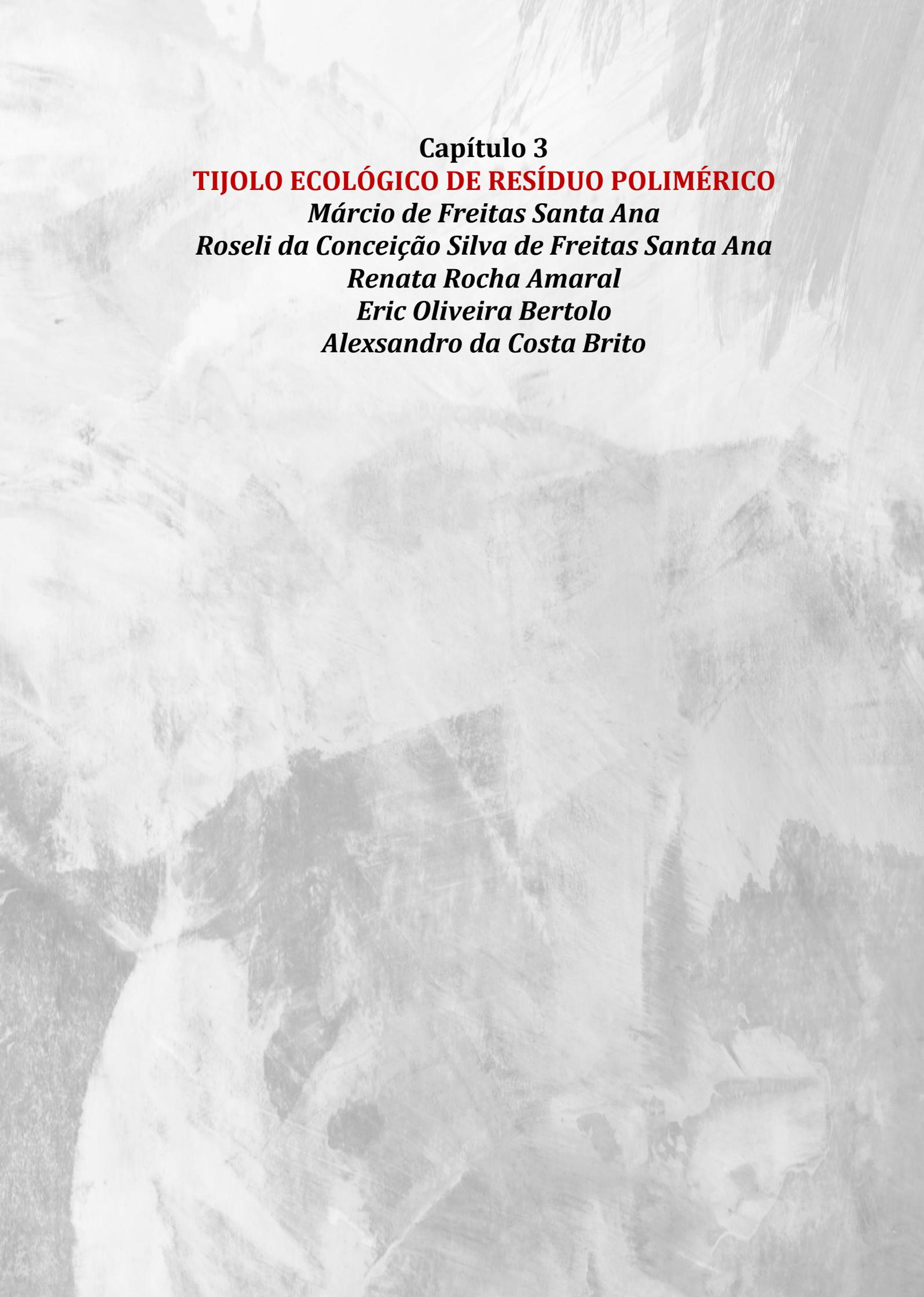
PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2.Ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RUSSELL, Helen. **O segredo da Dinamarca.** Tradução: Izabel Aleixo e Léa Viveiros de Castro. São Paulo: Le Ya, 2016.

SANDEL, Michael J. **Justiça: o que é fazer a coisa certa.** Tradução: Heloisa Matias e Maria Alice Máximo. 4. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SAROV, Serafim de. **O diálogo com Motovilov.** Tradução: Fr. José Luís de Almeida Monteiro. São Paulo: Paulinas, 2004.

STRECK, Lenio Luiz. **Jurisdição constitucional e hermenêutica: uma nova crítica do Direito.** 2.Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2004.



Capítulo 3
TIJOLO ECOLÓGICO DE RESÍDUO POLIMÉRICO
Márcio de Freitas Santa Ana
Roseli da Conceição Silva de Freitas Santa Ana
Renata Rocha Amaral
Eric Oliveira Bertolo
Alexsandro da Costa Brito

TIJOLO ECOLÓGICO DE RESÍDUO POLIMÉRICO

Márcio de Freitas Santa Ana

Consultor de Processos Sustentáveis, Engenheiro Mecânico e Produção, Msc em Polímeros e Ciência e Tecnologia dos Materiais, Doutorando em Engenharia de Produção e Sistemas, ciedistancia@gmail.com

Roseli da Conceição Silva de Freitas Santa Ana

Gestora Ambiental, Graduanda Engenharia Ambiental e Sanitária, Pós-Graduada em Engenharia Ambiental e Indicadores de Qualidade, roseli.rose2016@gmail.com

Renata Rocha Amaral

Gestão Ambiental, Graduanda Engenharia Ambiental e Sanitária, remnata.eng.ambiental@gmail.com

Eric Oliveira Bertolo

Tecnólogo ambiental, Graduando Engenharia Ambiental e Sanitária, ericbertolo@hotmail.com

Alexsandro da Costa Brito

Engenheiro Civil, Graduando Engenharia Ambiental e Sanitária, alexsandroc.brito@hotmail.com

RESUMO

Este projeto integrador busca atender necessidades de projeto de engenheiros civis, às exigências sustentáveis da reciclagem. A inovação é um processo que compreende a criação, o desenvolvimento, o uso e a difusão de um novo produto. Assim, é a lógica a necessidade de tecnologias alternativas com condições de produção mais adequadas, sendo para isto necessário a incorporação de conhecimentos aos processos existentes, tornando-os mais produtivos e racionais. O problema levantado no projeto é estudar um material de engenharia com misturas entre polímero e argila na produção em construções de habitações sustentáveis. O objetivo geral é analisar a sustentabilidade no uso de tijolos ecológicos com base polimérica, especificamente, o Polietileno tereftalato (PET). De maneira específica, analisar a viabilidade técnica de utilização do composto produzido como material de engenharia; efetuar um levantamento bibliográfico de trabalhos e

reportagens que apresentam sistemas construtivos pré-moldados ou moldados in loco que cum- pram os requisitos de agilidade, qualidade e sustentabilidade; descrever os métodos pesquisados mostrando suas vantagens, desvantagens, custos e desempenho e apresentar um estudo de caso o método construtivo utilizando o tijolo de resíduo polimérico. O projeto se justifica no atual mercado da construção civil na nova demanda como condição para excelência da atividade da construção sustentável. A inovação é um processo que compreende a criação, o desenvolvimento, o uso e a difusão de um novo produto. Este trabalho teve como relevância apresentar um produto que fosse ambientalmente sustentável desde sua produção, sem grandes gastos energéticos. Para utilização da matéria-prima foi determinado que fossem utilizados resíduos, justamente para dar um destino a tal. Logo pode-se concluir que a indústria da construção civil é considerada um dos setores que mais acarretam em impactos ambientais negativos aos ecossistemas terrestres e aquá- ticos, torna-se de suma importância a incorporação de produtos sustentáveis, economicamente viáveis e comprovadamente resistentes ao processo produtivo da construção civil.

Palavras-chave: Polímero; Sistemas Construtivos Pré-Moldados; Tijolos Ecológicos; Habitações Sustentáveis; Construção Civil.

ABSTRACT

This integrative project seeks to meet the design needs of civil engineers, the sustainable requirements of recycling. Innovation is a process that comprises the creation, development, use and diffusion of a new product. Thus, the need for alternative technologies with more adequate production conditions is logical, for which it is necessary to incorporate knowledge into existing processes, making them more productive and rational. The problem raised in the project is to study a material engineering with mixtures between polymer and clay in the production of sustainable housing constructions. The general objective is to analyze the sustainability in the use of ecological bricks with a polymer base, specifically, Polyethylene terephthalate (PET). Specifically, to analyze the technical feasibility of using the produced compost as engineering material; carry out a bibliographic survey of works and reports that present pre-molded or molded in loco construction systems that meet the requirements of agility, quality and sustainability; describe the researched methods showing their advantages, disadvantages, costs and performance and present a case study of the construction method using the polymeric waste brick. The project is justified in the current civil construction market in the new demand as a condition for excellence in the sustainable construction activity. Innovation is a process that comprises the creation, development, use and diffusion of a new product. This work had the relevance of presenting a product that was environmentally sustainable since its production, without large energy expenditure, as highlighted by the ecological brick soil cement found commercially. In order to use the raw material, it was determined that waste should be used, precisely to give it a destination. Therefore, it can be concluded that the construction industry is considered one of the sectors that most cause negative environmental impacts on terrestrial and aquatic ecosystems, it is of paramount importance to incorporate sustainable, economically viable products that are proven to be resistant to the production process of construction.

Keywords: Polymer; Precast Building Systems; Ecological bricks; Sustainable Housing; Con- struction.

1 INTRODUÇÃO

Muito se debate, hoje em dia, em torno da consciência ecológica que surgiu baseada no temor da escassez de matéria-prima que vem se intensificando cada dia mais. A partir da década de 90 começaram a crescer movimentos que questionavam o modelo de desenvolvimento adotado pelo mundo desde o período pós-guerra, com isso surgiu o conceito de Sustentabilidade.

A adoção de soluções ambientalmente sustentáveis na construção nem sempre acarreta um aumento de preço, principalmente quando adotadas durante as fases de concepção do projeto. Em alguns casos, podem até reduzir custos. Ainda que o preço de implantação de alguns sistemas sustentáveis acarretem custos maiores esse valor deverá ser recuperado durante o tempo de uso da edificação (BERNARDES et al, 2012).

A busca por materiais sustentáveis na área de construção vem trazendo diversos benefícios como designers diferenciados, versatilidade de produtos e agregação de valor ao imóvel. Neste contexto, o tijolo sustentável, também conhecido como ecológico, tem ganhado destaque cada vez maior por ser considerado ecológico e econômico, uma vez que não é necessário executar o passo de queima, realizado na obtenção do tijolo de argila convencional (SIQUEIRA et al, 2016).

Este projeto integrador busca atender necessidades de projeto de engenheiros civis, às exigências sustentáveis da reciclagem. A inovação é um processo que compreende a criação, o desenvolvimento, o uso e a difusão de um novo produto. Assim, é a lógica a necessidade de tecnologias alternativas com condições de produção mais adequadas, sendo para isto necessário a incorporação de conhecimentos aos processos existentes, tornando-os mais produtivos e racionais. A (questão) problema levantado no projeto é estudar um material de engenharia com misturas entre polímero e argila na produção em construções de habitações sustentáveis. Com base nestas informações o emprego do plástico na construção civil se consolida como uma prática relevante para a sustentabilidade, pelo fato de atenuar o impacto ambiental gerado pelo setor pela redução na geração de resíduos ?

O objetivo geral é analisar a sustentabilidade no uso de tijolos ecológicos com base polimérica, especificamente, o Polietileno tereftalato(PET). De maneira específica, analisar a viabilidade técnica de utilização do composto produzido como material de engenharia; efetuar um levantamento bibliográfico de trabalhos e reportagens que

apresentam sistemas construtivos pré-moldados ou moldados in loco que cumpram os requisitos de agilidade, qualidade e sustentabilidade; descrever os métodos pesquisados mostrando suas vantagens, desvantagens, custos e desempenho e apresentar um estudo de caso o método construtivo utilizando o tijolo de resíduo polimérico.

O projeto se justifica no atual mercado da construção civil na nova demanda como condição para excelência da atividade da construção sustentável. A inovação é um processo que compreende a criação, o desenvolvimento, o uso e a difusão de um novo produto.

A Sustentabilidade é um termo usado para definir ações e atividades humanas que visam suprir as necessidades atuais dos seres humanos, sem comprometer o futuro das próximas gerações. Ou seja, a sustentabilidade está diretamente relacionada ao desenvolvimento econômico e material sem agredir o meio ambiente, usando os recursos naturais de forma inteligente para que eles se mantenham no futuro. Seguindo estes parâmetros, a humanidade pode garantir o desenvolvimento sustentável (DIAS, 2012).

As questões ambientais tornaram-se nos últimos tempos, um assunto de grande preocupação, e isso têm colaborado muito no interesse por práticas sustentáveis. Segundo Associação Nacional de Arquitetura Bioecológica - ANAB o setor da construção civil se destaca pelo auto-consumo de recursos naturais bem como água, argilas e madeiras não certificadas uma vez que é extraída sem reposição provocando degradação ambiental (SANTANA et al 2013).

A estrutura do projeto está dividida em três partes, introdução, desenvolvimento e conclusão, focado (soluções) ambientalmente sustentáveis na construção civil.

O projeto assumirá pesquisas de campo. Sendo que a metodologia está fundamentada em pesquisa bibliográfica e exploratória para a realização deste projeto; buscando garantir a obtenção das informações mais relevantes dentro do campo de estudo da Engenharia Civil e sustentabilidade nos processos de construção, utilizando-se a base de dados eletrônicos: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), textos publicados pelos autores da área, e o Google Scholar e Acadêmico.

Aprofundar a pesquisa exploratória em plataformas disponíveis na internet e pesquisas de campo. Assim, a pesquisa se baseia também, nos estudos de artigos científicos, revistas e mídias eletrônicas confiáveis, sendo também realizada uma revisão de literatura.

2 APRIMORAMENTO

2.1 Tijolo de PET – Poli tereftalato de Etileno

O tijolo tradicional é um produto cerâmico, fabricado com argila e avermelhado devido ao cozimento. A inovação do tijolo polimérico, o PET, é um polímero termoplástico que teve sua primeira síntese em 1941, realizada pelos químicos britânicos Whinfield e Dickson, os quais deram continuidade ao trabalho de Wallace Carothers da DuPont (UEHARA, 2013). Na Figura 1, o tijolo tradicional é um produto cerâmico, fabricado com argila e avermelhado devido ao cozimento. Geralmente, em forma de paralelepípedo pode ser maciço ou furado

Figura 1 – Tijolo tradicional maciço (a) e tijolo tradicional furado (b)



Fonte: Construtora Cosmos

As excelentes propriedades físicas do PET, como rigidez, tenacidade, isolamento elétrico, estabilidade química e dimensional, e alta temperatura de fusão (260°C) lhe conferem uma notável versatilidade, de modo que ele pode ser transformado para uso em numerosas aplicações. Na forma de filamentos ele pode ser aplicado na indústria têxtil, e na forma de fibras pode ser utilizado como reforço em materiais de construção civil, devido à sua alta temperatura de fusão e valor de transição vítrea (cerca de 70°C) que permite a esse material conservar suas propriedades mecânicas em temperaturas superiores a 175°C (ISOLDI, 2003).

2.2 Reciclagem de PET

As críticas referentes à sustentabilidade na Construção Civil estão relacionadas à quantidade de resíduos sólidos e gases poluentes gerados e ao consumo de energia

usado. Materiais ecologicamente corretos podem ser definidos na construção civil como aqueles cuja composição não agride o meio ambiente durante seu emprego ou como elementos que podem ser reciclados, ou reutilizados após o uso, reduzindo assim a produção de lixo.

Sabendo que quando as garrafas PET é a que causa maiores impactos ambientais, sejam diretos, indiretos ou pós-consumo, pois, quando esses materiais chegam aos oceanos, mares e rios, esses resíduos demoram cerca de 400 anos no processo de degradação, podendo causar até a perda da biodiversidade.

A reciclagem do PET no Brasil tem crescido em volume e aumentado em diversidade e qualidade dos produtos reciclados devido às vantagens ambientais da reciclagem desse resíduo, como a economia de energia, a preservação de recursos naturais não renováveis utilizados na produção da resina plástica virgem, a redução de custos com disposição final, a redução do volume de resíduos gerados e consequente aumento da vida útil dos aterros sanitários, a redução de gastos com a saúde pública e o aumento na geração de emprego e renda (CURTI, 2007). A Figura 2 é apresentado o descarte de garrafas PET.

Figura 2 – Lixo PET(Garrafas)

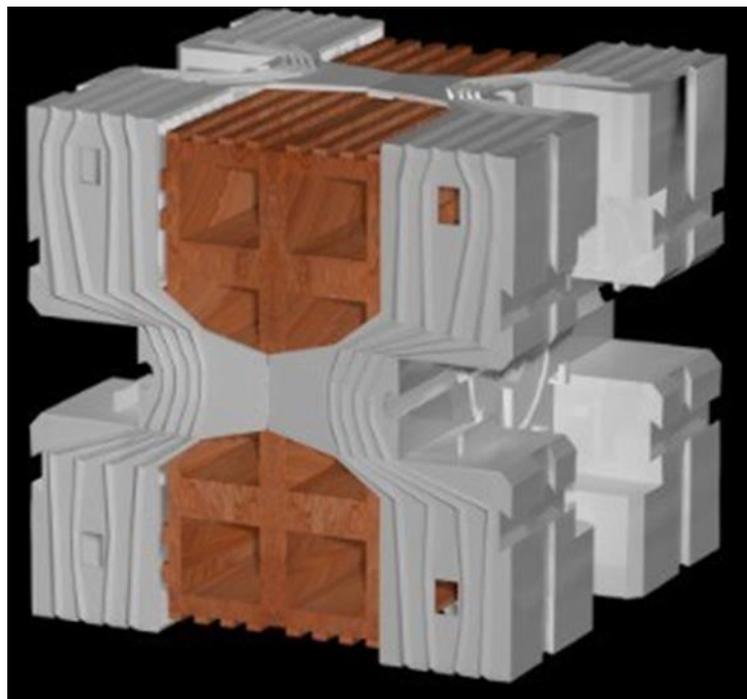


Fonte: Santa Ana, 2020

2.3 Estrutura em Plástico

O emprego do plástico na construção civil se consolida como uma prática relevante para a sustentabilidade, pelo fato de atenuar o impacto ambiental gerado pelo setor pela redução na geração de resíduos. A Figura 3, as paredes construídas com tijolos de solo cimento prensadas têm comportamento térmico e durabilidades compatíveis com paredes confeccionadas com tijolos cerâmicos, e podem ser utilizadas tanto em alvenaria de vedação como alvenaria estrutural, desde que atendam as resistências compatíveis às exigidas dos materiais convencionais.

Figura 3 – Tijolo Argila / Polimérico



Fonte: Santa Ana, 2020

Além disso, quando se refere ao uso de plástico reciclado em sistemas construtivos, a concepção de construção sustentável é fortalecida, pois, o uso dos resíduos poliméricos reduz a chance de poluição do ambiente por seu grande acúmulo. Por permitir o reaproveitamento de suas propriedades com a reciclagem, o material pode ser removido da natureza e ser reutilizado de diferentes formas. No contexto de construção sustentável,

o plástico reciclado se apresenta como a matéria-prima adequada a sistemas construtivos inovadores cuja concepção está voltada à construção limpa, rápida e de qualidade.

2.3.1 Análise Metodológica

O projeto assumirá pesquisas de campo, além de estudo de casos durante o encaminhamento dos trabalhos também com cooperativas de reciclagem para ajudar a consolidar o objetivo proposto de obter matéria-prima de materiais plásticos (garrafas PET) e analisar um material alternativo e sustentável para sistemas construtivos empregados na execução de módulos plástico na composição da construção.

Este trabalho teve como relevância desenvolver um produto que fosse ambientalmente sustentável desde sua produção, sem grandes gastos energéticos, como destacado o tijolo ecológico solo cimento encontrado comercialmente. Para utilização da matéria-prima foi determinado que fossem utilizados resíduos, justamente para dar um destino a tal.

Este projeto é apresentado sobre o processo construtivo modular, soluções ambientalmente sustentáveis na construção civil. A sustentabilidade é analisada para demonstrar o uso e o aproveitamento dos resíduos sob a ótica de utilização dos recursos e a garantia das gerações futuras. O trabalho está fundamentado em pesquisa bibliográfica, para a realização desta pesquisa o formato de revisão; buscando garantir a obtenção das informações mais relevantes dentro do campo de estudo da Engenharia Civil e sustentabilidade nos processos de construção, utilizando-se o banco de dados eletrônicos: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), textos publicados pelos autores da área, e o Google Scholar e Acadêmico.

Apresenta o estudo de viabilidade desenvolvido com o intuito de testar o uso de grânulos de garrafa PET para a fabricação de blocos de concreto prensado. Foram consideradas as características geométricas, os índices físicos e características mecânicas, tais como, condutividade térmica e resistência à tração e compressão. O projeto assumirá pesquisas de campo, além de estudo de casos durante o encaminhamento dos trabalhos também com cooperativas de reciclagem para ajudar a consolidar o objetivo proposto de obter matéria-prima de materiais plásticos (garrafas PET) e analisar um material alternativo e sustentável para sistemas construtivos empregados na execução de módulos plástico na composição da construção.

A pesquisa será desenvolvida em pontos de descarte na rede de disposição dos resíduos sólidos urbanos de classe II-A e II-B não perigosos, para coleta de garrafas PET descartas. Em relação ao suporte para as análises e caracterizações de amostras podem ser utilizados laboratórios, em Campinas, São Carlos, São Paulo, capital e São Leopoldo no Rio grande do Sul. O público alvo deste trabalho se trata de profissionais e pesquisadores da área de Engenharia Civil, Arquitetos, principalmente no que tange aos estudos da utilização da sustentabilidade para os mais diversos fins.

Os módulos plásticos serão preenchidos com o barro retirado da construção dos lagos. O produto desse sistema busca se tornar uma estrutura rígida que agrega componentes estruturais em seu interior (barro ou concreto). A caracterização desse material compósito buscará analisar as propriedades térmicas e mecânicas.

3 RELEVÂNCIA E VIABILIDADE

3.1 Processo Voltado ao Uso Sustentável de Resíduos Urbanos para Reciclagem e Trans- formação

Este Projeto propõe uma solução de reciclagem Orgânico-Polimérica, com a criação de reciclagem fora do padrão convencional, com o lixo proveniente de Polímeros(PLÁSTICOS) e Material Orgânico. A junção desses lixos poderá criar um novo modelo de reciclagem e com isso criar um polímero híbrido, o qual poderá ser usado para moldar novos produtos plásticos sustentáveis e ecologicamente corretos, já que agora, o tempo de degradação se torna naturalmente suportado pela natureza. A Figura 4, apresenta a prevalência dos lixões e demonstra que grande porcentagem do lixo gerado diariamente não recebe o tratamento adequado.

Figura 4 – Aterro Sanitário - Região dos Lagos - RJ



Fonte: Dois Arcos, 2019

3.1.1 Fungos Endófitos

O termo endófito originalmente descrito por De Bary em 1866, refere-se a qualquer micro-organismo que vive nos tecidos de plantas, distinguindo-se dos epifíticos que vivem na superfície. São encontradas diferentes definições de endófito na literatura, mas a definida por Bacon e Write amplamente aceita e utilizada, é que endófitos são micro-organismos que colonizam os tecidos internos das plantas sem causar

Os fungos endofíticos são um grupo diversificado de ascomicetos definidos por sua ocorrência assintomática nos tecidos vegetais. Eles ocorrem em todo o território terrestre, nas comunidades naturais e antrópicas, colonizando plantas no Ártico, Antártica, solos geotérmicos, desertos, oceanos, florestas tropicais, mangues e florestas costeiras. Em quase todas as plantas vasculares, algas marinhas, musgos e samambaias, estudadas até o momento, foram encontradas bactérias e fungos endofíticos. Normalmente, centenas de espécies de endófitos podem ser isolados de uma única planta, sendo que pelo menos um é específico ao hospedeiro. A Figura 5, justifica o uso de material reciclado, os quais os microrganismos utilizados serão monitoramento dos parâmetros que favorecem sua atividade, serão inoculados no interior das células do lixo e passarão a digerir os resíduos presentes.

Figura 5 – Geração de Fungos Endofíticos



Fonte: Dois Arcos, 2019

3.1.2 Vantagens

- Redução de 50% a 60% de resíduos gerados em 4 anos
- Reciclagem de Transformação.

O procedimento de reciclagem de resíduos urbanos (material orgânico + inorgânico) resultou em uma massa, com uma resistência bastante significativa com características homo- gêneas, ou seja, com capacidade de moldagem. Esta masa injetada podem ser estruturadas em módulos plásticos utilizáveis na construção civil e com uma característica biodegradável, sendo seu tempo de degradação menor.

3.2 Bairro Sustentável

Hoje poderemos construir casas dos futuros moradores do bairro autossuficiente aplicando o produto junto com a transformação do lixo plástico da cidade. O grande segredo do futuro sucesso de um bairro autossuficiente é ter acesso ao lixo reciclável da cidade para produzir renda aos moradores. Imaginei a possibilidade dos diversos bairros do município, através de uma parceria entre os catadores e a prefeitura. A Figura 6 apresenta um modelo de casa em um futuro Bairro Sustentável.

Figura 6 – Casa Sustentável



Fonte: SANTA ANA, 2020

Este estilo de construção foi desenvolvido para uso do módulo plástico. Como a casa não terá colunas e nem vigas, para sustentar um telhado verde para mata nativa, imaginei o uso de arcos de concreto para sustentar esta estrutura.

Os módulos plásticos serão preenchidos com o barro retirado da construção dos lagos, então serão também imóveis térmicos e com os telhados verdes, a temperatura interna do imóvel será bem agradável e constante.

3.2.1 Vantagens para Sustentabilidade

- Criação de Moradias Sustentáveis;
- Aumento da dignidade humana com aumento do índice de desenvolvimento humano;
- Empregabilidade Qualificação de mão de obra Atrativo Industrial

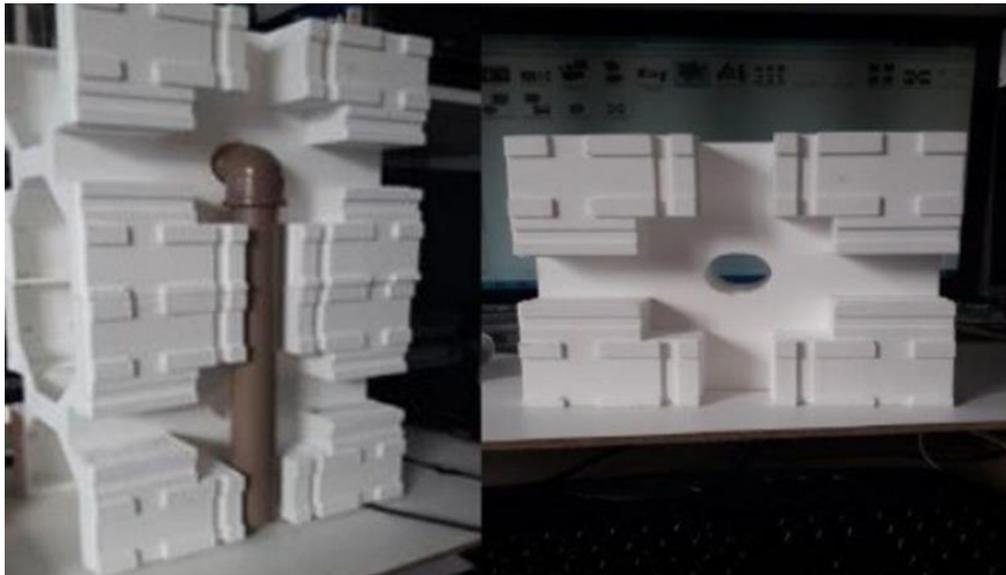
3.2.2 Viabilidade Técnica do Material

O estudo de viabilidade desenvolvido com o intuito de testar o uso de grânulos de garrafa PET para a fabricação de blocos de concreto prensado. Foram consideradas as características geométricas, os índices físicos e características mecânicas, tais como, condutividade térmica e resistência à tração e compressão.

Os módulos plásticos serão preenchidos com o barro retirado da construção dos lagos. O produto desse sistema busca se tornar uma estrutura rígida que agrega compo-

nentes estruturais em seu interior (barro ou concreto). A caracterização desse material compósito buscará analisar as propriedades térmicas e mecânicas. A Figura 7, apresenta módulos plásticos os quais podem ser preenchidos com o barro retirado da construção dos lagos, então serão também imóveis térmicos e com os telhados verdes, a temperatura interna do imóvel será bem agradável e constante.

Figura 7 – Módulo Plástico



Fonte: Santa Ana, 2020

3.3 Protótipo

Figura 8 – Modelo de Banheiro Construído Usando Módulos Plásticos



Fonte: SANTA ANA, 2020

4 MATERIAIS E MÉTODOS

4.1 Materiais

Figura 9 – Obtenção de uma massa Polimérica Híbrida



Fonte: Santa Ana,2020

4.2 Caracterização dos Materiais

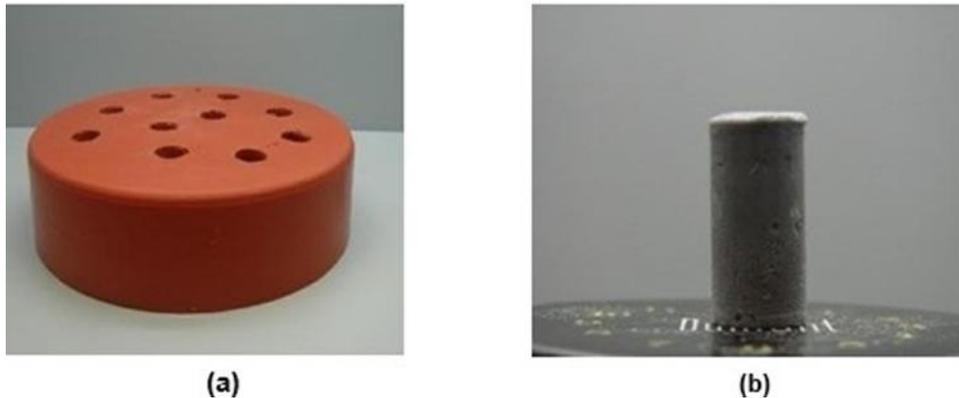
- Termogravimetria (TG/DTG)
- Espectroscopia de Infravermelho com Transformada de Fourier (FTIR)
- Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV)

4.3 Processamento dos Compósitos

Os compósitos foram preparados em duas etapas como mostram os tópicos

- Etapa 1 - Preparação dos corpos de Prova

Figura 10 – Molde de Silicone para confecção dos corpos de provas (a) e corpo de prova cilíndrico (b).



Fonte : ANA, 2020

- Etapa 2 - Preparação dos Corpos de Prova (protótipo)

Figura 11 – Mistura dos Materiais



Fonte: <https://segurancatemfuturo.com.br/index.php/2016/08/26/o-impacto-ambiental-das-garrafas-plasticas/>

4.4 Caracterização dos compósitos

- Ensaio de Resistência à Compressão – Norma ASTM D 695

- Resistência à compressão – Norma NBR 8492
- Os corpos de prova foram retirados logo antes do ensaio e enxugados superficialmente com um pano, respeitando o tempo máximo de 3 minutos até o início do ensaio.
- As dimensões das faces de trabalho foram determinadas com uma régua de precisão de 1 mm.
- Ensaio de Absorção de água – Norma NBR 8492
- Ensaio de inflamabilidade – Norma ASTM D 635

4.5 Testes

O objetivo do teste é comprovar a eficiência do novo material de construção. A otimização de materiais significa adotar uma abordagem eficiente dos recursos para a concepção do edifício, o que resulta em menos material usado, e/ou menos resíduos produzidos no processo de construção, sem comprometer as premissas de projeto. Enquanto esta questão da avaliação é focada na especificação de medidas de durabilidade adequadas, a equipe do projeto deve considerar soluções que otimizam o uso de materiais portanto, minimizar os resíduos de construção (BREAAAM, 2014).

A importância dada ao teste do tijolo ecológico consiste na viabilidade do projeto e ser utilizado em construções. Uma alternativa muito difundida como material ecoeficiente que utiliza a terra em sua composição é o tijolo solo-cimento, conhecido como tijolo ecológico.

A existência de materiais de construção mais sustentáveis, ou seja, que em algum momento seu uso seja justificado pela redução de impactos em comparação aos materiais convencionais, possibilita que os edifícios se tornem cada vez mais ambientalmente corretos, somado às adoções de soluções construtivas mais ecológicas e eficientes.

Os materiais construtivos podem ser simples ou compostos, obtidos diretamente da natureza ou resultado de trabalho industrial. Seu uso correto depende em grande parte da solidez, durabilidade, custo e acabamento das obras. A compreensão de suas propriedades possibilitam otimizar uma série de fatores de um empreendimento, que vão desde seu desempenho à sua viabilidade econômica.

Além do benefício ambiental por não ter o processo de queima, o tijolo ecológico é autotravável, ou seja, dispensa a argamassa, necessitando apenas de cola, reduzindo em até 50% o tempo de execução. Sua aparência lisa permite que o tijolo seja aplicado sem reboco, reduzindo ainda mais o uso de material. Além disso, possui resistência à compressão semelhante à do tijolo tradicional, porém, a qualidade final é superior com dimensões regulares e faces planas (MOTA et al, 2010; CARDOSO, DETRO, JÚNIOR, 2011).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que a indústria da construção civil é considerada um dos setores que mais acarretam em impactos ambientais negativos aos ecossistemas terrestres e aquáticos, torna-se de suma importância a incorporação de produtos sustentáveis, economicamente viáveis e comprovadamente resistentes ao processo produtivo da construção civil.

Diante dos resultados preliminares obtidos e suas características, a partir das metodologias utilizadas, infere-se que é possível a obtenção de massas plásticas Biodegradáveis provenientes resíduos orgânicos e Inorgânicos.

As questões ambientais e sociais presentes na sociedade atual fazem do desenvolvimento sustentável um conceito fundamental para se pensar formas de atender as necessidades da humanidade no presente, sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras terem suas necessidades de sobrevivência também satisfeitas.

Desse modo, a dimensão de sustentabilidade deve estar presente nas diversas esferas da sociedade, indo desde a preservação de recursos naturais, passando pela defesa da democracia e pela garantia da própria vida humana.

Priorizar o desenvolvimento social e humano com capacidade de suporte ambiental, gerando cidades produtoras com atividades que podem ser acessadas por todos é uma forma de valorização do espaço incorporando os elementos naturais e sociais.

Propôs-se acompanhar a produção de um material alternativo, sustentável e resistente para ser utilizado em sistemas construtivos empregados na execução de módulos plásticos na composição da construção em habitações unifamiliares de interesse social.

No projeto integrador foi possível desenvolver tijolos ecológicos à base de resíduos poliméricos (politereftalato de etileno) provenientes de grânulos de garrafa pet,

considerando-se as características geométricas, os índices físicos e características mecânicas, tais como, condutividade térmica e resistência a tração e compressão, utilizando-se diferentes proporções de argila na mistura com a matriz polimérica de PET.

Diante do que foi discutido, conclui-se que o projeto permitiu observar novas opções de inovação tecnológica e ambiental no aproveitamento dos resíduos e a possibilidade da criação de um bairro sustentável utilizando novos modelos na construção civil.

Considerações positivas: O período do projeto foi de grande importância, para que tivéssemos a chance de aprender a conviver com novas tecnologias e inovações e agregar conhecimento, para um futuro próximo possamos aplicá-lo para um atendimento diferenciado e de qualidade.

6 REFERÊNCIAS

BERNARDES, M. et al. Comparativo econômico da aplicação do Sistema Light Steel Framing em habitação de interesse social. Revista de Arquitetura da IMED, n. 1, Passo Fundo. Jan. 2012.

BRE. BREEAM International New Construction Technical Manual. 2014. Disponível em: <http://www.breeam.org/BREEAMInt2013SchemeDocument/#_frontmatter/coverfront.htm%3FToc-Path%3D1>. Acesso em: 27 jun. 2022.

CRUZ, F. J. R. (2012) Utilização da cinza de aveloz de fornos cerâmicos para a produção de tijolos e telhas. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil e Engenharia Ambiental) – Universidade Federal de Pernambuco. Caruaru – PE 76p.

CURTI, Priscila Schroeder. Estudos da reação de despolimerização do poli(tereftalato de etileno), PET, pós-consumo em meio alcalino anidro: parâmetros cinéticos e termodinâmicos. 2007. 175 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Química, Departamento de Química, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007. Disponível em: . Acesso em: 24 jun. 2019.

DIAS, Reinaldo. Sustentabilidade -origem e fundamentos; educação e governança global; modelo de desenvolvimento, Atlas, 2012.

HAGEMANN, S. E. Materiais de Construção Básicos. Ministério da Educação. Brasil. 2011.

ISOLDI, Ana B. G. Estudo do efeito da dose de radioesterilização sobre as propriedades do poli(tereftalato de etileno) - PET reciclado. 2003. 72 f. Tese (Doutorado) - Curso de Mestrado em Ciências, Autarquia Associada à Universidade de São Paulo, Instituto de

Pesquisas Energéticas e Nucleares, São Paulo, 2003. Disponível em: . Acesso em: 25 jun. 2019.

KREUTZ, Juliana C. Avaliação das propriedades mecânicas e térmicas de compósitos de polies- tireno e MDF. 2019. 41 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Química, Centro de Engenharias e Ciências Exatas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2019. Disponível em: . Acesso em: 27 jun. 2019.

MANCINI, Sandro D.; BEZERRA, Maxwell N.; ZANIN, Maria. Reciclagem de PET advindo de garrafas de refrigerante pós-consumo. Polímeros, v. 8, n. 2, p. 68 - 75, jun. 1998. Disponível em: . Acesso em: 23 ago. 2018.

MOTTA, S.R.; AGUILAR, M.T. Sustentabilidade e Processos de Projetos de Edificações. Gestão & Tecnologia de Projetos. 2009.

R. da R.; DETRO, S. P.; JÚNIOR, O. C. Uma Visão Tecnológica sobre o Desenvolvimento de Produtos e a Sustentabilidade. 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cbgdp2011/do_wnloads/10215.pdf>. Acesso em 11 ago. 2015.

SANTANA, J. E. S. (2013) Tijolo Ecológico Versus Tijolo Comum: Benefícios Ambientais E Economia De Energia Durante O Processo De Queima. IV Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental. Salvador – BA

SIQUEIRA, E.; AMARAL, A.G.; SCHNEIDER, R.M. e CAROLINE A., C. (2016) Características mecânicas de tijolos ecológicos com incorporação de resíduo. Nativa, Sinop, v.4, n.3, p.170-174.

UEHARA, Gabriel A. Estudo de blenda polimérica PET/PE aplicado na reciclagem de aparas de filmes multicamadas. 2013. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciência e Engenharia de Materiais, Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em: . Acesso em: 05 set. 2018.

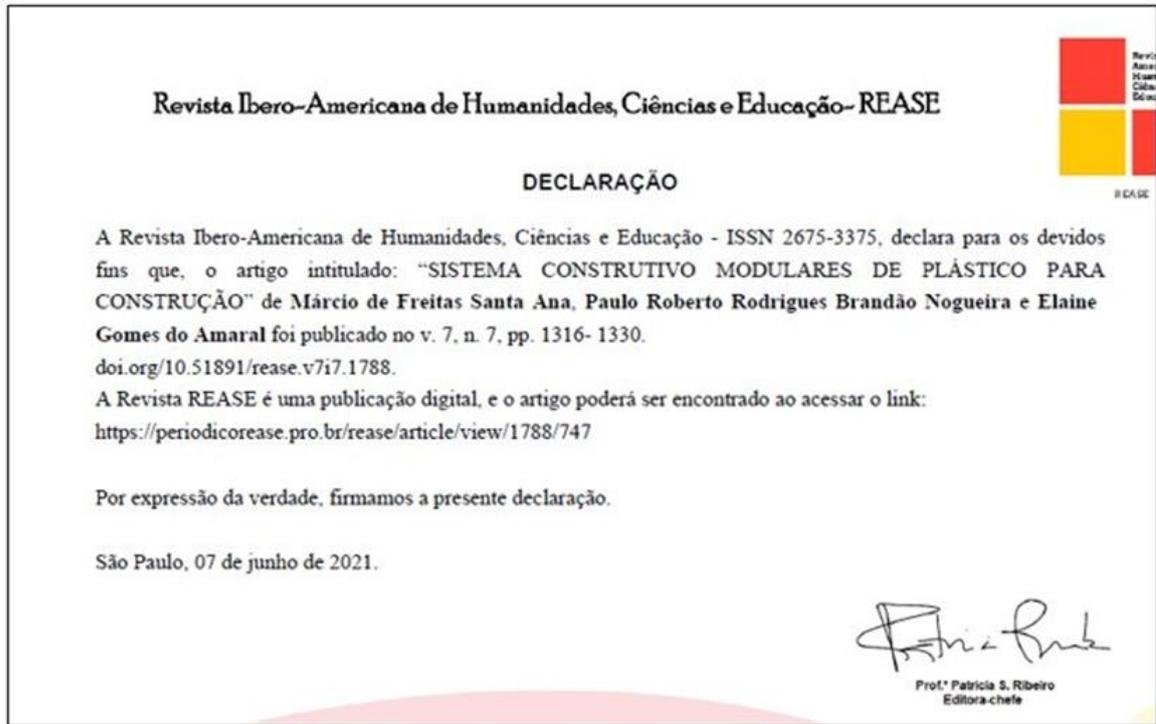
Anexos

ANEXO I

Figura 12 – Autorização



Figura 13 – Artigo de Referência

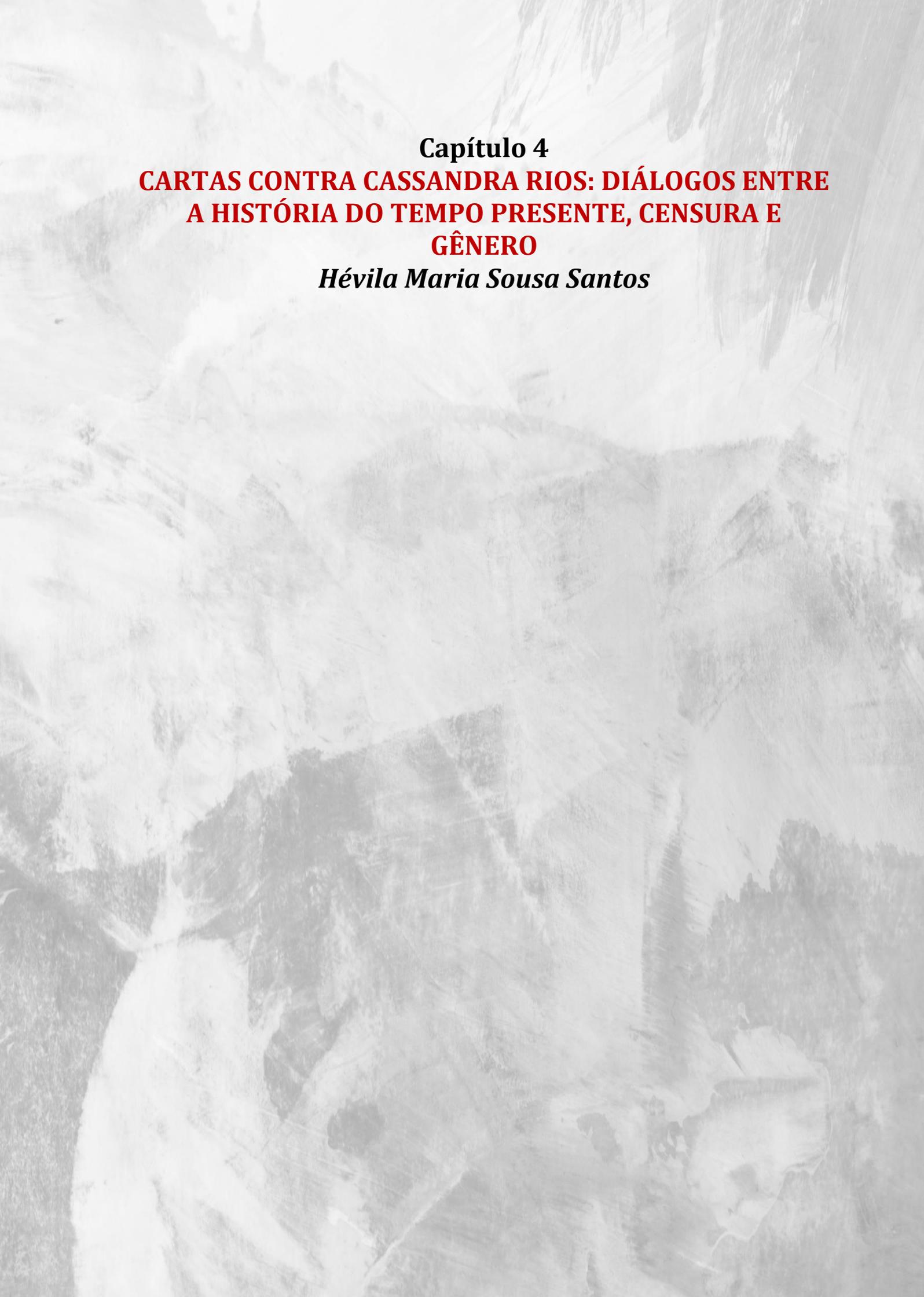


Fonte: SANTA ANA, 2020

Figura 14 – Artigo de Referência



Fonte: SANTA ANA, 2020



Capítulo 4
CARTAS CONTRA CASSANDRA RIOS: DIÁLOGOS ENTRE
A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, CENSURA E
GÊNERO

Hévilá Maria Sousa Santos

CARTAS CONTRA CASSANDRA RIOS: DIÁLOGOS ENTRE A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, CENSURA E GÊNERO

Hévila Maria Sousa Santos

Mestranda em História e Formações Sociais Atlânticas pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão, PPGHIS/UFMA. E-mail: hevilamaria.sousa@gmail.com. Orientador: Prof. Dr. João Batista Bitencourt.

Resumo: Estudar as relações teóricas entre a História e a Literatura nos dá a oportunidade de menear a História em outros alcances, tanto pelo debate teórico que se insere, quanto pela oportunidade de revisitar o passado a partir de fontes literárias. A escritora paulista Cassandra Rios (1932-2002), conhecida por escrever romances lésbicos e eróticos foi censurada durante todo o regime civil-militar que esteve em vigência no Brasil entre os anos 1964 e 1985. De acordo com o regime, suas obras eram inadequadas para a população brasileira, pois ofendia os valores morais e os bons costumes que se buscava preservar ao povo brasileiro. Esse discurso não foi criado pelos militares no poder, tampouco se restringiu à realidade brasileira reservada a esse período. Pelo contrário, a censura às sexualidades consideradas desviantes ganhava forças desde décadas anteriores ao Golpe de 64. E o discurso de preservação dos bons costumes da população tem suas raízes no seio da Guerra Fria, que favoreceu, por meio da propaganda anticomunista, o nascimento da relação entre homossexualidade, promiscuidade e perigo a nação. Com base nas leituras de Michel de Certeau e Carlos Fico, trouxemos duas cartas escritas por civis e endereçadas ao Ministro da Justiça Armando Falcão, contra Cassandra Rios, imbuídas desses valores e discursos que devem ser lidos sob o ponto de vista do tempo, mas também das permanências de discursos que ainda são reproduzidos.

Palavras-chave: Cassandra Rios. Censura. Gênero. História. Literatura.

Em 1964 iniciava no Brasil os anos do regime militar, onde foi instaurada uma ditadura por meio de um golpe de Estado. Os militares e seus apoiadores colocaram seus planos nos âmbitos econômicos, sociais e ideológicos em prática. Não era novidade. Havia naqueles anos na América do Sul uma neblina densa que pesava o ar sufocando e desestabilizando governos democráticos: sucederam-se outros golpes nos países vizinhos como na Argentina (1976), Chile (1974) e Uruguai (1973) e mesmo antes do Brasil, o Paraguai vivia sob esse espectro desde 1954.

Embora haja particularidades na operacionalização das ditaduras nesses países, há profundas semelhanças entre eles quando comparamos os contextos que viviam cada um antes, durante e após as ditaduras. As violências que a polícia e a política praticavam sobre as resistências variaram em *modus operandi* a partir da perspectiva de cada lugar. Mas, de modo geral, para sustentar o regime, era necessário inculcar na população os seus propósitos. Por isso, para que cheguemos às cartas contra Cassandra Rios, é preciso escrever sobre o principal objetivo dos militares quando tomaram o poder.

O mundo vivia sob o contexto de um conflito complexo e multifacetado nascido da Segunda Guerra Mundial, que definiu as relações internacionais por quase meio século, a Guerra Fria (MCMAHON, 2012). Uma guerra entre as potências dos Estados Unidos e da União Soviética que disputavam influências político-econômicas entre os outros países, provocando conflitos armados em outros continentes, a exemplo da Guerra da Coreia (1950-1953) e do Vietnã (1955-1975) na Ásia; e a Guerra-Civil Angolana (1975-2002) na África. A ameaça de governos que atendessem às doutrinas comunistas da União Soviética na América do Sul, fez com que os Estados Unidos interferissem nos governos da região, entre os quais o Brasil.

A campanha anticomunista empreendida por militares e empresários brasileiros patrocinados pelos Estados Unidos, se dedicou a inculcar inverdades e mitos a fim de criar aversão da população sobre o governo da União Soviética e seus países aliados. Curiosamente, isso não se restringiu ao plano econômico, tampouco ao âmbito político, mas também à vida social e privada, incorporando parâmetros conservadores abrigados em preceitos judaico-cristãos, atingindo às sexualidades.

À vista disso, quando nos referimos à *ditadura civil-militar*, queremos ressaltar que nem o golpe, nem o regime consequente sustentaram-se sozinhos, houve uma parcela da comunidade civil que apoiou a manutenção do regime do início ao fim. Porém, não podemos afirmar que este é o termo mais usual entre os historiadores, alguns como Monica Piccolo e Mariana da Suldade (2015) usam o termo *ditadura empresarial-militar* para referirem-se a esse período da história nacional. Ressaltando que o golpe e os seus desdobramentos se mantiveram por meio de alianças entre militares e empresários e, assim, perpetuou-se até 1985².

² Quanto ao fim da ditadura civil-militar também não há consenso: alguns historiadores o delimitam quando um civil assumiu a Presidência da República por meio de eleição indireta, em 1985. Outros preferem assinalá-lo quando houve a promulgação da Constituição Cidadã, em 1988.

Ante o exposto, exploramos a campanha anticomunista desse período sob o viés da censura, que atingiu a imprensa e as demais manifestações culturais nacionais como a literatura, música, cinema, artistas e escritores. Assim, localizamos a Cassandra Rios, objeto primeiro da nossa pesquisa, como escritora que viveu e publicou durante esse período nebuloso da nossa história, onde a densidade da neblina atingiu a sua produção artística e as sexualidades consideradas desviantes e algumas marcas desse passado recente perpetuam até hoje.

Cassandra Rios, pseudônimo de Odete Rios (1932-2002), foi uma escritora paulista conhecida pela ousadia de escrever acerca da homossexualidade feminina e pela sua extensa produção. Seu primeiro romance foi *Volúpia do Pecado*, escrito em 1948, quando a autora tinha apenas 16 anos. Nessa novela, duas jovens se relacionam com naturalidade e descobrem juntas o amor e o prazer sexual. Seus romances posteriores seguiram a mesma linha. Destaca-se, entretanto, que ela não está entre grandes nomes da literatura nacional, tampouco teve algum livro premiado. Pelo contrário, os livros de Rios foram considerados “marginais”³ pelos críticos, devido à sua escrita simples, linguagem que reproduzia o estilo de escritas populares e romances de folhetins (SANTOS, 2003), cujas personagens são categorizadas como rasas, em narrativas com nuances dramáticas e finais previsíveis. Contudo, tal categorização não corresponde à recepção tida pelos livros da referida autora, visto que, mesmo censurada pelo regime ditatorial no Brasil, ela continuou a produzir.

Em 1970, como consta no relatório da Comissão Nacional da Verdade, divulgado em 2014, das suas 36 obras publicadas, 33 estavam proibidas. Conforme matérias publicadas nos jornais O Globo (NOS ANOS..., 2013) e Folha de São Paulo (CORTECERTU, 2018), a autora em questão foi a primeira mulher brasileira a atingir a marca de um milhão de livros vendidos. Nesse sentido, partindo do pressuposto que a homossexualidade normalizava um estereótipo situado à parte da sociedade “regular” brasileira, é interessante enxergar que o objeto desta análise tenha se consolidado, na época, como porta-voz da minoria LGBTQIA+⁴.

³ De acordo com Oliveira (2011), o termo “marginal” envolve complexidades que dizem respeito a um padrão de concepções estéticas, sociais e políticas e possui uma aplicação específica na literatura brasileira contemporânea do ponto de vista estético-cultural.

⁴ Segundo Facchini e França (2009), a partir da década de 1990, o movimento de homossexuais cresceu e se organizou politicamente no Brasil, a favor de seus direitos e de maior representatividade. Em 1993, ele apareceu como Movimento de Gays e Lésbicas (MGL); dois anos depois, surgiu a sigla GLT, que significa Gays, Lésbicas e Travestis; em 1999, o movimento passou a se identificar como Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros

Desse modo, as ditaduras na América do Sul podem ser pensadas atreladas a outros “eventos traumáticos”, como escreve o historiador Carlos Fico (2012), característicos do século XX, logo, podemos situá-lo no contexto dos debates teóricos sobre a História do Tempo Presente. Dessa forma, ao buscarmos elementos que nos fizessem pensar a respeito dessa abordagem, escolhemos Michel de Certeau e François Dosse como principais teóricos neste ensaio, em razão de suas contribuições a respeito da operação historiográfica e diálogos com a questão da História do Tempo Presente. Assumimos, pois, o desafio de empreender uma discussão dos documentos que se seguem a essa abordagem, ainda que inicial para nós.

A historiografia, que se inscreve na prática do historiador, é um dissertar que se associa com algo para além dele. Segundo Certeau, o discurso historiográfico se inicia a partir de um objeto, um documento, perdido e morto, uma vez que trata a morte como um meio de conhecimento. Assim, conforme Oriani (2017), é possível observar o espaço entre a prática e o relato dela, isto é, a historiografia, uma vez que o historiador opera sobre o documento à luz dos seus interesses e preferências de métodos, o que implica, na existência de “vazios” na escrita da história e devem ser observados à perspectiva da corrente ou abordagem empregada.

Nessa orientação, uma das particularidades da História do Tempo Presente é a tensão dos contemporâneos pela busca da verdade, em outras palavras, a probabilidade do passado ser confrontado pelos testemunhos dos que experienciaram os eventos (FICO, 2012). Segundo Fico, a característica central da História do Tempo Presente se insere na sua implicação com a política, pois perpassa a circunstância de estarmos entrepostos em uma mesma temporalidade, Tateando suas permanências, abrigados em uma dimensão coetânea, sobretudo na percepção que os eventos possuem esse caráter *infindável*.

As dificuldades de empreender uma investigação na História do Tempo Presente devem ser encaradas no entendimento de que é fundamental entregar uma base explicativa plausível para os acontecimentos recentes (PADROS, 2009). Isto é, partir de uma base analítica das fontes para apreender a história como processo. Dosse explica que

(GLBT), passando pelas variantes GLTB ou LGBT, sendo essa última a mais conhecida e inclui as pessoas que se identificam como gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. Já a sigla GLS também foi criada na primeira metade da década de 1990 e pretendia definir um segmento de mercado voltado para os consumidores “gays e lésbicas”, mas que tivesse potencial inclusivo de consumidores “heterossexuais”, chamados de “simpatizantes”. Atualmente, em respeito à diversidade de gêneros a sigla LGBTQIA+ se tornou mais usual e abrange lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais e + (outros grupos e variações de sexualidade e gênero).

a noção de “tempo presente” é um meio de revisitação das certezas e incertezas do passado, levando em conta que “a distância temporal que nos separa do passado se transforma, porque até então considerada uma desvantagem, ela se transforma em uma sedimentação de camadas sucessivas de sentido” (DOSSE, 2012, p.11), sem que se caia nas tentações de anacronismos.

Assim, a discussão que elaboramos a seguir é fruto do esforço de analisar os documentos não somente à luz da História do Tempo Presente, mas também de relacionar os arquivos repressivos, seus discursos e argumentos referentes à obra de Cassandra Rios sob uma perspectiva do debate de gênero. Uma vez que a homossexualidade era considerada como atentatória à moral e aos bons costumes da sociedade brasileira. Portanto, o empreendimento dos fatos sob essa perspectiva demanda a relação dos eventos com o processo histórico, mas, o que leva a censura a temas morais ser um instrumento de poder de polícia do Estado?

Anticomunismo e defesa da moral e dos bons costumes

O historiador Robert Darnton (2016) escreve que a definição de censura é bastante ampla, mas que generalizá-la a qualquer esforço de controle é submeter-se ao risco de trivializá-la. No entanto, podemos pontuar que a censura esteve presente em estados diferentes e com objetivos específicos a depender do tempo-espaço a ser estudada. Em nosso país, a censura foi um instrumento legítimo usual em setores da sociedade civil, um compromisso àquilo que era considerado útil aos ideais de família cristã que o Estado defendia (SETEMY, 2018).

A censura é uma característica comum entre os regimes autoritários, de modo que suprimir a liberdade de expressão é um mecanismo de dominação pela limitação ou eliminação das manifestações discordantes (REIMÃO, 2014), mas também não é o único meio. Aliada à polícia política, à espionagem e à propaganda política, a censura é mais uma ferramenta de cerceamento de liberdade. Sua origem no Brasil, como indica Fico (2001), não se deu especificamente para atuar no período da Ditadura Militar; pois, já havia sido utilizada no Estado Novo e, portanto, foi apenas atualizada.

Soares afirma que, no Brasil, a liberdade de imprensa foi assegurada aos brasileiros por Dom Pedro I em agosto de 1821, mas, em 1972, esse decreto foi censurado pelo Departamento da Polícia Federal. Silenciado de tal forma que sequer se poderia mencioná-lo, o que evidencia as orientações que a censura obedeceria: partiria do

governo autoritário para defendê-lo e, dessa forma, defendia a si (SOARES, 1989). Pelos prejuízos provocados pela atividade censória, seja parcial ou total, afirmamos que retirada da liberdade de expressão significa a perda de um direito universal que é a liberdade.

Ao estudarmos documentos produzidos pelos organismos de repressão da ditadura e notícias veiculadas na mídia do período, encontramos discursos que associam as menções ao amor livre e à homossexualidade em obras literárias, músicas, filmes e programas de televisão, à destruição dos valores morais da sociedade brasileira. Insinuando que isso fazia parte de um plano subversivo que colocava em risco a segurança nacional.

Por isso, cabe explicar que a ascensão dos bolcheviques ao poder na Rússia depois da Revolução de Outubro impactou o mundo, causando o crescimento da influência dos ideais comunistas em diferentes partes (SETEMY, 2018). Entre a Revolução Russa e a crise do socialismo real entre as décadas de 1980 e 1990, o comunismo foi adquirindo considerável poder. A Revolução Cubana em 1959, lançou a América do Sul para o centro da Guerra Fria, influenciando a pulverização de partidos e movimentos que cultivaram adeptos, estimulando a ação de comunistas. Por consequência, setores mais conservadores da sociedade, amedrontados, apressaram-se em articular uma contraofensiva, o anticomunismo.

A ideia de que o Brasil corria o risco de ser invadido e governado pela ideologia comunista configurou-se na principal justificativa para a derrubada do presidente João Goulart, em 1964. O “perigo vermelho” seria o responsável pela derrocada dos valores cristãos de constituição da família, bem como pelo desmantelamento da influência da Igreja na sociedade. A isso, Brito assinala que houve sim “elaborações teóricas e experiências revolucionárias na Rússia sobre amor livre, família, coletivização do trabalho doméstico” (BRITO, 2019, p.14), proposições polêmicas na patriarcal sociedade brasileira.

Em contraponto às lógicas conservadoras que se escondiam por trás do golpe de 64, o historiador Douglas Marcelino (2006) escreve que, assistia-se, na década de 60, uma mudança de comportamentos até então considerados ousados ou proibidos, que passavam a ser discutidos na imprensa, a exemplo da igualdade entre os sexos. É também nesse período que se populariza o uso de pílulas contraceptivas sinalizando um grande avanço no que corresponde à liberdade sexual feminina. Sandra Reimão (2015),

entretanto, defende que enquanto vários países vivenciavam profundas alterações de comportamento, no Brasil o regime militar apregoava seus valores retrógrados.

Com efeito, observa-se que o medo da nação desintegrar-se por força da entrada de “doutrinas exóticas” compartilhado pelos setores militares e da sociedade civil que facilitaram o golpe (SETEMY, 2018), adequou-se tanto com a preexistente tradição de censura do país, como também com os valores conservadores arraigados à sociedade brasileira, que era resistente às mudanças de comportamento da década de 60 do século passado.

Nesse sentido, confirmando que houve participação de setores civis no apoio à ditadura e que, como defende Darnton (2016, p. 279), “nenhum sistema pode operar com base na mera coerção [...] Todos precisam de crenças verdadeiras”. Trouxemos duas cartas endereçadas a Armando Falcão, então Ministro da Justiça, que refletem o conservadorismo da população brasileira e exprimem apoio à censura à Cassandra Rios. Lê-se, a seguir, uma correspondência do Dr. Lacerda Nicoletti, diretor-presidente do Hospital de Caridade São Roque do Morro da Fumaça, em Santa Catarina:

Digníssimo Senhor:

Lemos no "Correio do Povo" a censura que V.Excia. aplicou ao livro "O Eterno Sexo", de João Francisco de Lima. Perdoai-nos pela ousadia de vir a V.Excia. entabular algumas palavras, mas não podemos deixar de louvar vossa atitude, neste conturbado assunto cujas arestas por demais afiadas já ultrapassam os lindos aceitáveis pelo bom senso, e cuja resultante vetorial exige amiúde a interferência enérgica dos nossos mandatários.

A severidade é virtude dos Deuses, a autoridade o é dos homens, e as duas o são do Ministro. É mister uma ampla ação de censura aos inúmeros "João de Lima" espalhados por todo o país a produzirem obras nefastas, torpes, denegrindo o que nosso Brasil é capaz de mostrar de bom para leitura popular. Escritores deste naipe, como também o são Adelaide Carraro (Carniça é um livro escandaloso), Cassandra Rios, Brigitte Bijon e outros, devem sofrer vigilância adequada para que não tomem proveito da inocência do povo através de seus escritos prejudiciais principalmente a nossa juventude.

Criam seus livros desprovidos de qualquer senso educativo, informativo ou mensageiro, e os mesmos são colocados nas bancas com ostensiva faixa "proibido para menores de 21 anos". É intolerável. É ridículo. E o pior é que suas obras encontram um berço fértil no seio da massa popular em busca de sensações extravagantes e que não tem condições de avaliar a periculosidade que lhe intoxica a mente e lhe tolda o espírito, e nem de conjecturar sobre os interesses mesquinhos que se acobertam na licenciosidade putrefata das pessoas (autores) que não vão além de exalar o hálito das suas sexualidades doentias, molestas e vexaminosas.

O sexo foi, é e continuará sendo belo, desde que se controle os meios do seu próprio fim.

Foi ele a cobiça, dos deuses, a vitória dos santos, a luz dos poetas, o móvel de guerras, matéria dos tribunais, e a nossa origem comum, porém, aqueles há que o pervertem, que o corroem e o deturpam, e lançam seus tentáculos aculeados num meio juvenil que deveria ser sobretudo protegido e orientado neste sentido. [...]

Lavramos, pois, nosso voto de confiança, e o nosso anseio de que ao acenarmos com auvi-verde pendão, V. Excia. saiba que nossos patrícios de bom senso comungam da V. Excia. com a precípua finalidade de curar uma ferida aberta na estrutura literária da "Ultima Flor do Latio"

Nosso pálido apelo por uma fiscalização adequada nas produções literárias e que o vosso index aponte um futuro melhor para os nossos jovens que lêem. (Fonte: Fundo Divisão de Censura de Diversões Públicas. SIAN. Arquivo Nacional. Documento nº: br_dfanbsb_ns_agr_cof_msc_0071_d0001de0001).

Nota-se, no fragmento acima, a preocupação com o que circula nas livrarias, com enfoque na literatura considerada atentatória à moral da população e que a mobilização desse tipo de argumentos não foi exclusividade de membros da censura, dos militares ou de agentes do governo (BRITO, 2019). Por si, a leitura do trecho sugere uma multiplicidade de problematizações.

Como podemos ler, a carta está imersa em uma tradição conservadora construída na sociedade, onde associa-se a leitura de livros eróticos à degradação moral da juventude, bem como à promiscuidade. O Dr. Lacerda argumenta que os livros escritos por Rios são inadequados, assentados numa concepção de mundo heteronormativa, uma vez que a dimensão moral escrita na carta se fundamenta em noções tradicionais de gênero, família e honra. Em acordo com o que escreve Brito (2019, p. 08), "disputas políticas foram travadas no interior dos governos militares sobre a agenda moral". A carta reproduzida acima traz consigo a associação entre o sexo ao perigo, à suspeita. Seu autor enquadra como corrupção dos costumes o questionamento aos papéis sociais de gênero.

Tais prerrogativas estavam relacionadas ao desejo de uma ordem social sem antagonismos, fomentando a relação entre política e moral durante a ditadura civil-militar. Ao que se vê, o conservadorismo moral não pode ser reduzido à propaganda anticomunista empregada por setores do governo. Pelo contrário, refletem um pressuposto anterior, que é a manutenção da configuração dos papéis de gênero, na qual Cassandra Rios era nociva.

A respeito desses conceitos que remetem a discussões atuais, cabe lembrar que a noção de história do tempo presente remete a uma noção instável do tempo, que cresce sobre a incerteza da linearidade do passado, presente e futuro. O teórico François Dosse explica que a "história do tempo presente está na intersecção do presente e da longa duração. Esta coloca o problema de se saber como o presente é construído no tempo" (DOSSE, 2012, p. 06). O que nos permite refletir sobre as permanências de conjecturas ao longo tempo, como as continuidades dos preconceitos e discursos negativos a respeito das sexualidades que desviam da órbita heteronormativa e da reprodução de ideais de outrora.

Papéis de gênero e censura literária

A historiografia experimentou, ao longo do século passado, uma ampliação de perspectivas teóricas e temas interdisciplinares e, dentro desse movimento, apresenta-se com relevância, temáticas que focam em aspectos como a sexualidade e gênero, afirmando seus lugares na História.

A preferência pelo uso da categoria gênero no lugar da categoria sexo remete à ação de rejeitar a imposição do determinismo biológico sobre o que seria “ser homem” e “ser mulher”. Uma vez que a categoria sexo internaliza características definidas sobre os papéis que homens e mulheres cumprem na sociedade. Camila Gomes (2018, p. 68) escreve que “gênero seria um conceito, uma categoria de análise” ao que tende reinterpretar as formas de saber e poder que nos são impostos pelo sistema que estamos inseridos e é fundamental para um estudo que se pretenda expansivo. Indo além do rígido binarismo homem/mulher, investindo esforços contra a lógica essencialista que o binarismo determina, impondo a sua desconstrução. Nesse âmbito, discutir a censura à Cassandra Rios na academia é compreender a dimensão política da categoria gênero que provoca uma bifurcação entre as esferas públicas e privadas.

Partindo da lógica cristã e colonizadora, a divisão entre os sexos parece fazer parte da ordem das coisas. O mundo social constrói o corpo e dele a divisão sexualizante que define o que é ser homem e o que é ser mulher na sociedade. Abrigados em discursos religiosos e médicos, a homossexualidade é vista como uma transgressão à ordem. À vista disso, a definição da organização da sociedade pela oposição dos órgãos sexuais é um produto, como escreve o sociólogo francês Bourdieu (2012, p. 23), “de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças” ou da exclusão de certas semelhanças.

Com esse enfoque, as divisões e as combinações binárias como belo/feio, bom/ruim, esquerda/direita, dominado/dominador ajudam a situar a existência e as diferenças imbricadas no binarismo homem/mulher nas sociedades, bem como a evidenciar que as relações humanas são permeadas de construções sociais.

Desse modo, quando o Dr. Lacerda Nicoleti escreve ao ministro dizendo que “escritores deste naipe, como também o são Adelaide Carraro (Carniça é um livro escandaloso), Cassandra Rios, Brigitte Bijon e outros, devem sofrer vigilância adequada” ele está a defender quais papéis os gêneros devem cumprir e estão a ser corrompidos

pelos livros dos citados escritores⁵. Portanto, ratifica-se o receio que a naturalização de comportamentos desviantes como a homossexualidade e a liberdade sexual fazia parte de uma disputa política, travada não somente no âmbito do governo, mas também pela população. Por essa perspectiva, conservadores leram o mundo e politizaram a sexualidade, culminando na agenda moral dos defensores do regime.

Também encontramos em outra carta também endereçada ao Ministério da Justiça, referências a Cassandra Rios. Dessa vez o remetente é Moacyr Coelho, identificado como Diretor-geral da DPF, Polícia Federal, como podemos ler a seguir:

Brasília, DF., 06 de novembro de 1975.

Senhor Ministro:

Submeto à elevada consideração de Vossa Excelência um exemplar do livro "COPACABANA POSTO 6" A MADRASTA, de autoria de Cassandra Rios, que por conter matéria ofensiva à moral e aos bons costumes, conforme ressalta o parecer anexo, está sujeito à medida prevista no artigo 3º do Decreto - lei nº 1.077, de 1970.

2. Nesta hora em que o Governo está empenhado em reprimir, como urge, a disseminação de literatura que ameaça destruir valores morais da sociedade brasileira, parece-me oportuno e necessário que além da apreensão dos exemplares não liberados sejam os editores responsabilizados criminalmente, de acordo com o que preceitua o artigo 5º do Decreto-lei nº 1.077, de 1970, único meio de conter o crescente surgimento de obras desse gênero.

3. É o que tenho a honra de propor a Vossa Excelência, que se dignará, entretanto, de resolver como julgar mais acertado.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência meus protestos de elevada estima e distinta consideração. (Fonte: Fundo Divisão de Censura de Diversões Públicas. SIAN. Arquivo Nacional. Documento nº: br_dfanbsb_ns_agr_cof_cso_0579_d0001de0001).

Neste trecho, o remetente faz menção ao 3º artigo do Decreto-Lei 1.077/70, que previa censura a temas que atentassem à moral e aos bons costumes

Art. 1º Não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes quaisquer que sejam os meios de comunicação;

Art. 2º Caberá ao Ministério da Justiça, através do Departamento de Polícia Federal verificar, quando julgar necessário, antes da divulgação de livros e periódicos, a existência de matéria infringente da proibição enunciada no artigo anterior.

Art. 3º Verificada a existência de matéria ofensiva à moral e aos bons costumes, o Ministro da Justiça proibirá a divulgação da publicação e determinará a busca e apreensão de todos os seus exemplares. (REIMÃO, 2011, p. 22-23).

Sobre como a censura funcionava e como atuava o referido decreto, são necessárias algumas explicações. Segundo o historiador Carlos Fico (2004), não houve

⁵ Adelaide Carraro (1936-1992) foi uma escritora paulista também conhecida por escrever romances polêmicos sobre sexualidade e política. Faleceu aos 55 anos, vítima de câncer e com cerca de 46 livros publicados. Segundo Piovesan (2005), Carraro tem uma variada obra, cujo tema principal é a denúncia. Seu livro mais relevante foi *Eu e o Governador*, de 1963, sobre uma moça com tuberculose que se envolve com políticos para conseguir um emprego público. Referia-se ao governador de São Paulo e, na época, Presidente da República, Jânio Quadros. Brigitte Bijou, por sua vez, era pseudônimo do ator e escritor Paulo Silvino (1939-2017) quando este se dedicava à escrita de livros eróticos em meados da década de 60.

uma única censura no decorrer da ditadura militar, mas sim, duas: a censura à imprensa e a censura às diversões públicas que atingia peças de teatro, filmes e livros. Elas se distinguiram entre si e enfrentou problemas e contradições. Por um lado, a proibição à imprensa acompanhou o auge da repressão que, para Fico, se verifica entre os anos finais da década de 60 e início dos anos 70, enquanto a censura de diversões públicas teve seu auge quando já se aspirava uma certa “abertura” do regime, no final dos anos 70. No entanto, averigua-se que a essência das duas se origina na “longa tradição brasileira de pensamento autoritário” (FICO, 2004, p. 38), que antecede a ditadura militar.

Em consonância, a historiadora Sandra Reimão assinala que houve um crescimento do mercado editorial nos anos 1970, como efeito da queda da taxa de analfabetismo e aumento no número de universitários no país. Segundo ela, a censura à cultura entre as décadas de 60 e 70 articulou-se de duas formas, por vezes correlacionadas e muitas vezes integradas: no enfrentamento à propaganda subversiva e no combate às obras atentatórias à moral e aos bons costumes (REIMÃO, 2015). Percebe-se, então, que as duas cartas que lemos foram escritas nesse período, em 1976 em 1975, respectivamente.

A saber, as missivas foram endereçadas ao Ministro da Justiça Armando Falcão, em que, segundo Marcelino (2006), foi o período que mais publicações foram censuradas por questões morais. O historiador Carlos Fico confirma essa assertiva, pois para ele, foi durante a gestão de Falcão que a carga de trabalho dos censores foi maior e examinavam desde ensaios gerais, a trailers e sinopses de capítulos de novelas em busca, sobretudo, de pornografia. Assim, “os livros tidos como pornográficos eram incinerados na Companhia Municipal de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro” (FICO, 2002, p. 266).

Nesse sentido, Reimão pondera que foi ao fim do regime que a censura mais se empenhou em trabalhar e levanta três hipóteses para justificar essa diferença: a primeira delas seria que a censura de diversões públicas teria uma intenção mais “moralística” que a censura de imprensa e, por isso, obedecia a esses critérios. A segunda hipótese gira em torno da suposição de que, ao perceber o enfraquecimento do regime, mais este se empenhou em mostrar sua força de trabalho, exibindo-se como necessária ao sistema e à sociedade.

A terceira possível justificativa, por fim, é que durante os chamados “anos de chumbo”, artistas, escritores e intelectuais estivessem cientes do rigor da atividade censória que era realizada no decorrer do governo Médici e desempenhavam uma

“autocensura”, a fim de evitar produzir algo que pudesse ser censurado. Afinal, o país era governado por militares da chamada “linha dura” (REIMÃO, 2011) e as consequências acarretaria prejuízos financeiros, visto a proibição do material pronto.

Armando Falcão foi sucessor de Alfredo Buzaid no Ministério da Justiça no governo Ernesto Geisel (1974-1979) e ficou conhecido como “guardião da moral e dos bons costumes”. Como ministro, recebera muitas cartas garantindo apoio, colaboração e exigindo maior rigor da censura, como mostram as cartas aqui anexadas. Nelas, nota-se a “tentativa de utilizar um ‘bem público’ (a censura) para resolver um caso da esfera privada (como a educação ética e moral dos filhos)” (MARCELINO, 2006, p. 209). Constatase que as pessoas, nas correspondências, assimilam a população como ingênua, incapaz de se orientar sobre o que deveria ser lido ou não, havendo a necessidade de tutela pelas autoridades, a exemplo do apelo a proibição da obra *Copacabana Posto 6 - A madrasta* (1969).

A propósito, este livro exemplifica bem a censura à Rios. Nele, a autora escreve “histórias de sexo não conjugal e não-heterossexual” (PIOVEZAN; FONTOURA JUNIOR, 2015, p. 2415) e, entendia-se, seus leitores sem discernimento agiriam conforme o publicado, em desagregação familiar e promiscuidade. Resultando em uma nação desestabilizada.

Então, sob o estigma de pervertida, Cassandra Rios ia à contramão da “nação ideal”, onde não caberia aquilo que fosse uma ameaça à ordem. No romance, em que o autor da carta acima interpela por maior atenção das autoridades, a autora escreveu a história de Laura, que vive um conflito devido a sua “condição homossexual” (MANTOVANI, 2019, p. 07).

Laura é uma jovem de 26 anos, descrita como desajustada, com relações familiares conflituosas. Ela e seu irmão Sidney foram criados pela tia Mafalda, após a morte da mãe, a quem Laura trata com desprezo. Na trama, Rios expõe uma família desequilibrada pela morte da mãe e a ausência do pai viúvo, que vai para a Europa após a perda da esposa, deixando os filhos aos cuidados da cunhada, imaginando que mantê-los em um alto padrão de vida seria o suficiente para suprir a sua ausência.

A volta do pai ao Brasil é a grande reviravolta da narrativa, provocando desentendimentos entre Laura e o pai. É latente a sua não aceitação da nova esposa, Jeanne-Marie, retratada como bem mais jovem que o pai, com quem a protagonista Laura

acaba por ter uma paixão. Tia Mafalda também deixa o lugar diante da chegada de Egberto e a esposa, alegando que já fez sua parte ao educar os sobrinhos.

Em seu clímax, é revelado que a mãe biológica de Laura é, na verdade, a tia Mafalda. Diante dessa descoberta, a protagonista se coloca contra o pai. Em certa altura, a autora entrega uma conversa repleta de acusações e, ao deixar o escritório do pai onde acontecia a discussão, Laura encontra Jeanne-Marie e leva-a de carro a um passeio. Laura acelera o carro ao mesmo tempo em que questiona Jeanne-Marie sobre o que as duas viveram na outra noite. E entre trocas de declarações de amor, o carro capota e cai ao mar. O fim do livro traz a trágica morte das duas.

Nos diálogos da trama, Rios pontua algumas proposições que, de algum modo, evidenciam a realidade marginalizada que a população gay e lésbica vivia no período, bem como o que a família esperava da Laura por ser mulher:

No lar já tivera inúmeras provas de que o irmão era mais benquisto, mais estimado. Por quais razões? Devido ao comportamento dela e, mais do que tudo, por causa do seu tipo. Que culpa teria se a natureza a fizera assim, magra, máscula, diferente, afinal! Com que direito então não admitiam que ela vivesse como desejava? Sempre admoestavam-na, criticando-a, promovendo brigas onde não conseguiam dobrá-la nem fazer dela uma jovem de cinturinha estreita e delicada. (RIOS, 1969, p. 17. *Apud*. MANTOVANI, 2019, p. 07).

Dessa forma, em um período no qual a visibilidade lésbica era quase nula, identificar-se e assumir-se como lésbica, era conviver com uma permanente sensação de desimportância. Tatear esses documentos nos abre a reflexões atuais, como sobre até que ponto a marginalidade da minoria LGBTQIA+ foi ultrapassada. A emergência desse estudo revela que o Estado de exceção tinha motivações além das disputas dos modelos econômicos da Guerra Fria, as ditaduras na América Latina também foram marcadas por discursos moralizantes e conservadores⁶. Vê-se, então, que a heterossexualidade compulsória, que estrutura a sociedade patriarcal, condena pessoas à exclusão e silenciamentos.

Considerações Finais

Além de escrever romances lésbicos e eróticos, a autora em destaque transcrevia um contexto de repressão policial e perseguição à sua sexualidade considerada desviante — em que a censura, a política e o paradigma sexo/gênero apresentam linhas tênues e

⁶ Pesquisas recentes possibilitam sustentar que o as ditaduras no Cone Sul também foram marcadas pelo gênero e sexualidade, a exemplo do trabalhos de Débora D'antônio, *Deseo y represión: sexualidad, género y Estado en la historia argentina reciente* (2016), sobre a ditadura argentina e a tese de doutorado de Enrique Padros sobre a ditadura no Uruguai, intitulada *Como el Uruguay no hay... Terror de Estado e Seguridad Nacional* (2005).

adquiram força mediante a operação de um discurso propositalmente definido. Por isso, investigar as relações de gênero é uma ação interdisciplinar que merece atenção da academia por estar inerentemente relacionada às relações humanas e ações políticas como um todo. A relevância desta pesquisa, à luz da História do Tempo Presente, revela-se à medida que as repressões de outrora são usadas para justificar os mesmos preconceitos de hoje, e, portanto, carecem de revisão atenta, respeitando a sensibilidade das fontes.

Cabe ressaltar que os estereótipos à imagem da população LGBTQIA + no Brasil não foram criados e personificados no contexto da ditadura militar, mas são sim, anteriores a isso, tampouco os episódios de violência e censura estão restritos ao passado. São comuns nos noticiários ataques a essa minoria, a exemplo da HQ que foi censurada pelo ex-prefeito do Rio de Janeiro Marcelo Crivella (Republicanos) na XIX Bienal Internacional do Livro em setembro de 2019 (KER, 2019); na fala do atual presidente da República, Jair Bolsonaro (sem partido), que disse “Agora eu virei boiola igual maranhense, é isso?” ao experimentar um refrigerante cor-de-rosa no Maranhão em sua primeira visita ao estado (BOLSONARO..., 2020).

Em suma, esse tema e as variadas discussões daí decorrentes a respeito de gênero não estão esgotadas. Reminiscências e continuidades da repressão à sexualidade feminina e do período ditatorial em seus diversos aspectos ainda são sensíveis. O que nos cabe refletir sobre tais fatos sob a perspectiva da História do Tempo Presente.

Como já citamos, o teórico Dosse (2012, p. 06) escreve que “a história do tempo presente está na intersecção do presente e da longa duração”. Ao manuseá-la, o historiador expande seu horizonte e encontra um presente cuja transparência implica em uma nova consciência histórica, uma nova concepção historiográfica. Afinal, “o presente não é mais visto em nosso tempo como um simples lugar de passagem contínua entre um antes e depois, mas, como uma lacuna entre o passado e o futuro” (DOSSE, 2012, p. 20).

Assim, as cartas contra Cassandra Rios mostram justificativas conservadoras que encontravam apoio em um discurso político urdido em preceitos anteriores ao regime militar, enquanto a escrita de Odete afirmava-se como resistência e significava apoio aos seus leitores e à subjetividade lésbica. Por fim, estudá-la é resistir, mais uma vez, contra o conservadorismo de alguns setores da população brasileira que ainda defende a marginalidade da comunidade LGBTQIA +.

FONTES

Documento br_dfanbsb_ns_agr_cof_msc_0071_d0001de0001. Fundo Censura de Diversões Públicas, SIAN, Arquivo Nacional.

Documento br_dfanbsb_ns_agr_cof_cso_0579_d0001de0001. Fundo Censura de Diversões Públicas, SIAN, Arquivo Nacional.

REFERÊNCIAS

BOLSONARO FAZ piada homofóbica após beber refrigerante rosa no Maranhão. *Catraca Livre*, São Paulo, 29 out. 2020. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/bolsonaro-faz-piada-homofobica-apos-beber-refrigerante-rosa-no-maranhao/>. Acesso em: 14/11/2020.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. *Relatório: textos temáticos*. Brasília: CNV, 2014. v. 2.

BRITO, Antônio M. F. A subversão pelo sexo: representações anticomunistas durante a ditadura no Brasil. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 36, n. 72, set-dez 2020, p. 859-888.

BRITO, Antônio M. F. “Um verdadeiro bacanal, uma coisa estúpida”: anticomunismo, sexualidade e juventude no tempo da ditadura. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 26, 2019, p. 1-22.

CORTECERTU, Jair dos Santos. Cassandra Rios desafiou censura para se tornar a primeira brasileira a vender 1 milhão de livros e educar uma geração. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 8 mar. 2018. Disponível em: <http://acervofolha.blogfolha.uol.com.br/2018/03/08/cassandra-rios-desafiou-censura-para-se-tornar-a-primeira-brasileira-a-vender-1-milhao-de-livros-e-educar-uma-geracao/>. Acesso em: 7 abr. 2018.

DARNTON, Robert. *Censores em ação: como os Estados influenciaram a literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 4, n. 1, 2012, p. 05-22.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora L. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no movimento LGBT brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, n. 3, 2009, p. 54-81.

FICO, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis - o caso brasileiro. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 28, n. 47, jan-jun 2012, p. 43-59.

FICO, Carlos. *Como eles agiam: os subterrâneos da ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FICO, Carlos. "Prezada censura": cartas ao regime militar. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, jul./dez. 2002, p. 251-286.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, nº47, 2004, p. 29-64.

GOMES, Camilla de M. Gênero como categoria de análise decolonial. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, vol. 18, nº 1, jan-abr 2018, p. 65-82.

KER, João. A censura contra LGBTs está muito além de Crivela e da Bienal. *Revista Híbrida*. 09 set. 2019. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/2019/09/09/a-censura-contralgbts-esta-muito-alem-de-crivella-e-da-bienal/>. Acesso em: 14/11/2020.

MARCELINO, Douglas A. *Salvando a pátria da pornografia e da subversão: a censura de livros e diversões públicas nos anos 1970*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MCMAHON, Robert J. *Guerra Fria*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

MANTOVANI, Flávia. Cassandra Rios subversiva? Uma análise da sexualidade em Copacabana Posto 6. *ANPUH-PE*, 2019, p. 1-11.

NOS ANOS 70, ninguém foi mais censurado que Cassandra Rios. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 out. 2013. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/nos-anos-70-ninguem-foi-mais-censurado-no-brasil-do-que-cassandra-rios-10425009#ixzz51a2NByBu> . Acesso em: 16 dez. 2017.

ORIANI, Angélica P. Primeiros rascunhos: aproximações entre Michel de Certeau e a História do Tempo Presente. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n.22, set-dez 2017, p. 316-338.

PIOVESAN, Adriane. *Amor romântico x deleite dos sentidos: Cassandra Rios e a identidade homoerótica feminina na literatura (1948-1942)*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2005.

PIOVEZAN, Adriane; FONTOURA JUNIOR, Antonio. Corpos censurados: moralismo no período da ditadura civil-militar e a literatura de Cassandra Rios. *VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA*, 2015, p. 2407-2417.

PICCOLO, Monica; SULIDADE, Mariana da. *Maranhão Republicano em foco: Estado, imprensa e historiografia*. São Luís, Editora Shalom/EDUEMA, 2015.

PADROS, Enrique S. História do Tempo Presente, ditaduras de segurança nacional e arquivos repressivos. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 1, n. 1, jan-jun 2009, p. 30-45.

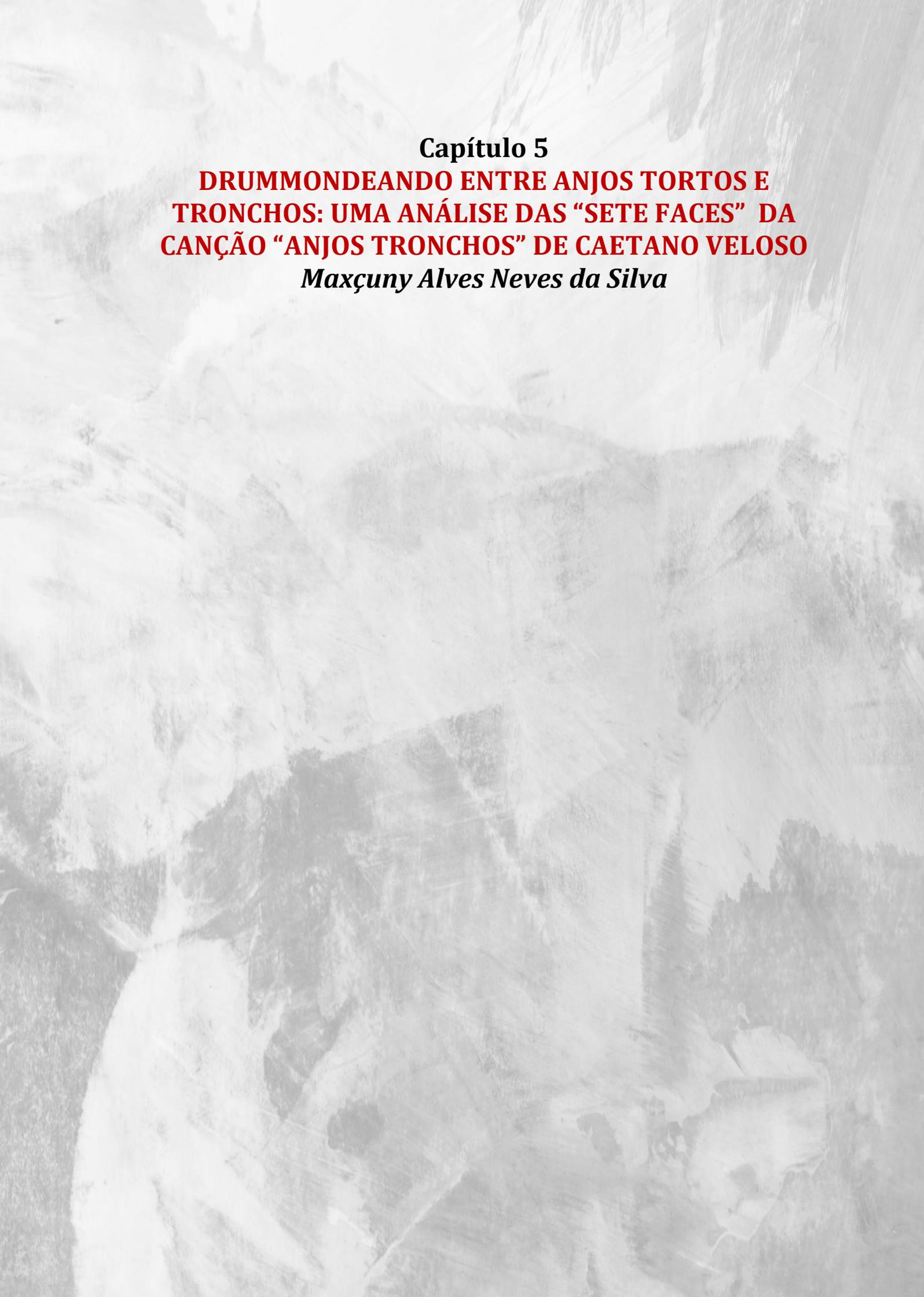
REIMÃO, Sandra. Cassandra Rios - na contramão da contramão. Comunicação, cultura e mídias sociais - *XIV Ibercom*, São Paulo, vol. 14, 2015, p. 7346-7352.

REIMÃO, Sandra L. A. A. *Repressão e resistência: censura a livros na ditadura militar*. Tese (Livre Docência em Comunicação e cultura), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SANTOS, Rick. Cassandra Rios e o surgimento da literatura gay e lésbica no Brasil. *Revista Gênero*, Niterói, v. 4, n° 1, 2003, p. 17-31.

SETEMY, Adriana C. L. Vigilantes da moral e dos bons costumes: condições sociais e culturais para a estruturação política da censura durante a ditadura militar. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 19. n. 37, jan-abr 2018, p. 171-197.

SOARES, Gláucio A. D. A censura durante o regime autoritário. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 4, n. 10, jun. 1989, p. 21-43.

An aerial photograph of a mountainous region, likely in Brazil, showing a river valley winding through the terrain. The mountains are covered in dense vegetation, and the river valley is a prominent feature. The overall tone is somewhat desaturated, with a mix of greens, browns, and greys.

Capítulo 5
DRUMMONDEANDO ENTRE ANJOS TORTOS E
TRONCHOS: UMA ANÁLISE DAS “SETE FACES” DA
CANÇÃO “ANJOS TRONCHOS” DE CAETANO VELOSO
Maxçuny Alves Neves da Silva

DRUMMONDEANDO ENTRE ANJOS TORTOS E TRONCHOS: UMA ANÁLISE DAS “SETE FACES” DA CANÇÃO “ANJOS TRONCHOS” DE CAETANO VELOSO

Dr^a. Maxcuny Alves Neves da Silva

SEEDF

Professora Doutora em Literatura - maxcuny@gmail.com

RESUMO: O “Poema de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade tem sido parodiado e parafraseado desde a sua publicação. Recentemente, Caetano Veloso lançou a canção “Anjos Tronchos” em seu novo álbum intitulado *Meu Coco* (2021) por meio da qual ele faz uma releitura do famoso poema de Drummond. A atualidade da composição dialoga diretamente com o poema, além de trazer outros intertextos que fazem da canção uma crítica cortante ao modo de vida atual, à influência das mídias sociais e sua dominação sobre os seres humanos, mas sem perder de vista os muitos benefícios trazidos pela Internet. Como uma expressão artística, nem o poema nem a canção têm o compromisso de retratar o real, mas é justamente por esse descompromisso que a obra de arte pode ser mais fiel ao real que a própria história. Assim, a presente pesquisa busca investigar a atualidade da letra da canção em comparação com o poema e seu tempo, por meio de uma interpretação intertrans textual, não redutora, que leve em consideração a proposta de Umberto Eco em *Os Limites da Interpretação*, conjuntamente com teóricos como Octávio Paz, Affonso Romano de Sant’Anna e Antonio Cândido dentre outros. No tocante ao tema, serão observados posicionamentos sociológicos e históricos a partir de teóricos como Wécio Pinheiro Araújo e Shoshana Zuboff dentre outros.

Palavras-Chave: Carlos Drummond; Caetano Veloso; comparação; crítica; mídias sociais.

ABSTRACT: The poem named “Poema de sete faces”, by Carlos Drummond de Andrade has been paraphrasing and parodied since his publication. Recently, the brazilian singer Caetano Veloso released the song “Anjos Tronchos” in his new album *Meu Coco* (2021), this song is a re-reading of the famous work of Drummond. The actuality of the composition directly dialogs with the poem, besides to bring other intertexts that made the song a sharp criticism of the actuality way of life, the social media influence and his domination under human beings, but without forgetting the benefits of the internet. As an artistic expression the poem and the song have no compromise in portraying the real, that's why both arts can be faithful with their story. This research tries to investigated the actuality of the song in comparison with the poem and his time, through an inter(trans)text interpretation, non restrictive, also considering the Umberto Eco theory in *Os Limites da Interpretação*, jointly with theorists as Octávio Paz, Affonso Romano de Sant’Anna and Antonio Cândido. The topic will be analyzed from a sociological and historical point of view by theorists as Wécio Pinheiro Araújo and Shoshana Zuboff.

Keywords: Carlos Drummond; Caetano veloso; dialogs; criticism; social media.

*O tempo é a minha matéria, o tempo presente,
os homens presente, a vida presente*
Carlos Drummond de Andrade

Introdução - O poeta gauche e seu tempo

Em *Drummond: o gauche no tempo*, Affonso Romano de Sant'Anna (2008, p. 14) nos mostra que há uma personagem na estrutura dramática da obra desse poeta: "... (o poeta gauche) disfarçado em heterônimos (José, Carlos, Carlito, K., Robinson Crusoe etc.), que descreve uma ação no tempo e espaço concebidos como um *continuum*." Nesse sentido, é possível perceber que o tempo é a grande matéria do poeta e dele advém toda a sua preocupação conforme se percebe no trecho em epígrafe.

No tocante à relação entre a poesia e o seu tempo, Octávio Paz, (1982, p. 11) afirma que a poesia é circular como algo que se fecha sobre si mesma (auto suficiente), enquanto que a prosa é linear. Assim, o ritmo é uma condição natural do ser humano e que antecede a própria palavra, justificando a existência dos mitos, canções e outras expressões poéticas em toda e qualquer sociedade. Desse modo, percebe-se que a poesia funciona como uma unidade circular que evidencia a tensão e a união entre sons, imagens e ritmos que transparecem o que o eu-lírico pensa de si e do mundo que o cerca. Diante disso, podemos enquadrar a obra de Drummond dentre alguns poetas modernos os quais podem ser vistos como historiadores que participam da sociedade em que se encontram inseridos, transmitindo as marcas de seu tempo sem, no entanto, ter nenhum compromisso com o real (WELLEK & WARREN, 2003, p.11).

Ainda que descompromissado com o real, o poeta não consegue se desvencilhar de seu tempo e espaço o que o faz um instrumento de transmissão dessa realidade, mesmo que de forma figurativa. Posto que:

Em cada instante [o homem] quer realizar-se como totalidade e cada uma de suas horas é monumento de uma eternidade momentânea. Para escapar de sua condição temporal não tem remédio, a não ser submergir mais plenamente no tempo. A única maneira que tem de vencê-lo é fundir-se com ele. Não alcança a vida eterna, mas cria um instante único que jamais se repetirá e, dessa forma, dá origem à história (PAZ, 1982, p.190 -191).

Assim se percebe a poesia de Drummond como um retrato de seu tempo e que eterniza momentos e pensamentos como em uma tela, colocando a personagem/eu lírico em evidência de modo a buscar a identificação do leitor com as “dores do mundo” que perpassam sua poética.

Na presente análise buscaremos observar a presença das “marcas de seu tempo” que transparecem no poema drummondiano *Poema de sete faces* (1930) e na letra de canção “Anjos tronchos” (2021) de Caetano Veloso. Nesse percurso de análise observar-se-ão outros poemas/letras de canções que estabelecem uma relação dialógica com o poema de 1930, cada um como retrato de seu próprio tempo.

Assim, na tentativa de capturar, de forma não redutora, a essência dessa poética e das demais que se apresentarão ao longo da análise, buscamos subsídios na proposta de análise apresentada por Umberto Eco no livro *Os limites da Interpretação*. De acordo com esse teórico, há três indagações que fundamentaram as teorias dos últimos anos no tocante à análise do texto literário: “O que o autor quis dizer? O que o texto quis dizer independentemente do que intenta o autor? O que o leitor encontra no texto “relativamente a seus próprios sistemas de significação e/ou relativamente a seus próprios desejos, pulsões, arbítrios”?” (ECO, 1995, p.7). Cada um desses questionamentos mostraram-se redutores da ampla possibilidade interpretativa a qual deveria levar em consideração todos os três questionamentos, mas sem perder de vista o próprio texto. Dessa forma, para este teórico, a iniciativa do intérprete é propor sobre o texto uma possibilidade que passe pelo crivo legitimador do próprio texto. Nesse caminho é que se constrói uma proposta de intertextualidade baseada na tríplice intenção (autor-modelo/texto/leitor-modelo). À vista disso, o leitor/analista fica “livre para arriscar todas as interpretações que queira, mas obrigado a dar-se por vencido quando o texto não aprova suas ousadias mais libidinais” (ECO, 1995, p.16).

Portanto, a interpretação, principalmente no tocante a textos modernos e contemporâneos, deve levar em consideração as múltiplas possibilidades dialógicas com outros textos, fato que requer maior atenção por parte do leitor.

Intertextualidade e paródia ao longo do tempo

Dentro dessa perspectiva, é fulcral que o processo interpretativo leve em consideração a intertextualidade como um processo de superposição de um texto literário a outro que pode ser notado de forma direta ou indireta, de modo que a

influência de um texto sobre outro texto pode vir de formas distintas, o que requer uma atenção redobrada. Na reescrita do poema é possível experimentar uma liberdade de recriação que deixa transparecer o conceito de paráfrase como um processo que não pretende copiar ou reproduzir, mas produzir algo novo, diferente, sem perder de vista o poema que o motivou.

Semelhantemente, a paródia se define pela intertextualidade, contudo se diferencia da paráfrase por ser marcada pelo deslocamento de uma motivação cômica ou irônica e pelo antagonismo de vozes arquitetadas em oposição crítica ao texto original. A "descontinuidade" desse tipo de texto atrai os movimentos literários radicais do início do séc. XX como o Futurismo e o Dadaísmo. SANT'ANNA (1985, p. 7) observa que "a frequência com que aparecem textos parodísticos testemunha que a arte contemporânea se compraz num exercício de linguagem onde a linguagem se dobra sobre si mesma num jogo de espelhos".

Paes (1990, p. 59), por sua vez, considera que o poema-piada é a "pedra de toque do modernismo irreverente e iconoclasta de 22". Nesse sentido, deve-se observar que o humor não era um elemento bem aceito pela poesia "séria" tradicional, no entanto passa a ser amplamente aceito e até recomendável após a semana de 22. Já Sant'Anna (1985, p. 61), teorizando a respeito da diferença entre paródia e paráfrase, identifica que ambas são recriações que funcionam como um ato de apropriação; havendo "um deslocamento da propriedade do texto, a eliminação dos donos da escrita, a possibilidade de cada criador manipular o real do texto segundo suas inclinações críticas".

A partir dessa perspectiva, percebe-se que o *Poema de sete faces*, de Drummond, serviu de inspiração para diversas reescrituras desde sua publicação em 1930 (*Alguma poesia*). Ocorrendo, na maioria dos casos, a paródia por meio de uma alteração temática do texto basilar, contrariando a ideia originalmente expressa, podendo fazer uso da ironia e da sátira para evidenciar o tom de crítica e promover a reflexão. A presente análise busca, de forma não redutora, propor uma análise de como se dá o processo de algumas dessas reescrituras.

Os muitos anjos

Uma das mais conhecidas reescrituras do poema drummondiano e que rendeu muitas análises e publicações foi o poema *Com licença poética* (1976), de Adélia Prado, cujo próprio título sugere o tom parodístico da composição. Adélia contraria a proposta

temática de texto basilar a partir do tipo de anjo que vaticina o destino dos dois eu líricos. Em Drummond temos um Anjo torto, que vive nas sombras⁷, e que determina que Carlos será *gauche*⁸ na vida, enquanto a reescritura de Adélia nos apresenta um anjo esbelto⁹, desses que tocam trombeta¹⁰, o qual profetiza que o eu lírico deve carregar bandeira, como para inaugurar um novo tempo para o gênero feminino. É possível perceber o intertexto tanto no campo semântico quanto no campo sintático, posto que as estruturas são paralelísticas, como se percebe na comparação:

Quando nasci, um anjo torto
Desses que vivem na sombra
Disse: Vai, Carlos! Ser *gauche* na vida

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.

Nota-se, portanto, que o poema drummondiano apresenta o eu lírico como um ser deslocado e estranho, assim como o anjo que o predestina, como se houvesse uma identificação entre eles, assim como é possível perceber o mesmo tipo de identificação no poema de Adélia, o qual apresenta um eu lírico destacado que é apresentado por meio de um anjo cuja beleza resplandece e que vem para anunciar uma grande mudança para as mulheres que, por meio da figura da poeta, erguerá essa bandeira, a bandeira dos direitos das mulheres. Nota-se uma transposição de sentido e um tom de crítica que confere ao texto o caráter parodístico.

Bosi considera que a imagem não é decalcada do modo de ser do objeto, mesmo que esta seja apreendida:

Porque o imaginado é, a um só tempo, dado e construído. Dado, enquanto matéria. Mas construído, enquanto forma para o sujeito. Dado: não depende da nossa vontade receber as sensações de luz e de cor que o mundo provoca. Mas construído: a imagem resulta de um complicado processo de organização perceptiva que se desenvolve desde a primeira infância (BOSI, 2004, p.22).

Assim, é possível notar que cada texto reflete uma realidade a qual está intrinsecamente relacionada a seu tempo. Podemos perceber a incompatibilidade do

⁷ A sombra está em oposição à luz, representando tudo que seja irreal, fugidio e sujeito a mudanças. Na psicanálise, ela pode representar os traços inferiores do caráter, tudo aquilo que a pessoa recusa admitir ou reconhecer, porém sempre se impõe a ela. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1998, p. 842)

⁸ Da língua francesa, significa "esquerdo". No poema funciona como uma metáfora para quem é estranho, diferente, anda ao contrário da maioria..

⁹ Símbolo moderno/contemporâneo de beleza imposta, em especial, às mulheres.

¹⁰ Instrumento usado para anunciar grandes acontecimentos. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1998, p. 910)

texto de Adélia para o tempo dos anos de 1930, quando foi publicado o texto de Drummond. Dessa forma, os textos não estão decalcados dos seres que os produziram, além de refletir a imagem de uma construção social masculina adequada aos anos de 1930, assim como se percebe a adequação do papel feminino para o ano de 1976, período em que a luta pelo direito das mulheres estava no centro das discussões sociais e políticas no Brasil.

Outra reescritura do poema de Drummond ocorre na letra de canção *Até o fim* (1978), de Chico Buarque, que apresenta um anjo safado, que predestina o eu lírico a ser errado, mas ele não aceita a profecia e promete seguir tentado mudar seu destino “*até o fim*”. Assim, ambas as paródias seguem um padrão semântico e sintático, mas que, ao mesmo tempo contraria o sentido original do poema de forma crítica e irônica:

Quando nasci, um anjo torto
Desses que vivem na sombra
Disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida

Quando nasci veio um anjo safado
O chato dum querubim
E decretou que eu tava predestinado
A ser errado assim

É fulcral notar que, nos três textos, as imagens poéticas são extremamente pessoais e se referem especificamente ao nascimento de cada um de seus eu líricos e as profecias proferidas por anjos (específicos para cada eu lírico) a essas *personas* poéticas. Os dois primeiros vocábulos de cada poema demonstram se tratar de um momento específico e nos remete aos contos de fadas e às histórias da mitologia Grega como nas histórias de Psiquê, Narciso, Édipo e outros cujo destino fora selado ao nascer.

Na sequência, aparece a figura do anjo ora torto, ora esbelto, ora safado, mas todos com a mesma missão de vaticinar o destino destes recém nascidos que aparecem quase como um reflexo do próprio anjo. Ao longo das leituras, percebe-se que o destino dos três eu líricos está intimamente ligado ao fazer poético, como se fossem eles escolhidos para a nobre e, às vezes, ingrata missão de escrever poesias e compor canções com todos os pesos deste nobre ofício, como uma “profissão de fé” moderna. Mas as paródias não param por aí, seguindo por caminhos tronchos e tortos até o fim.

Entre anjos tortos e tronchos

Seguindo a mesma linha de reescritura, Caetano Veloso lança, em 2021, o álbum *Meu coco*, cujo *single* “Anjos tronchos” funciona como uma paródia do poema de Drummond, como se pode observar no excerto transcrito a seguir:

Uns anjos tronchos do Vale do Silício
Desses que vivem no escuro em plena luz
Disseram vai ser virtuoso no vício
Das telas dos azuis mais do que azuis

Agora a minha história é um denso algoritmo
Que vende venda a vendedores reais
Neurônios meus ganharam novo outro ritmo
E mais e mais e mais e mais e mais

(...)

Palhaços líderes brotaram macabros
No império e nos seus vastos quintais
Ao que reveem impérios já milenares
Munidos de controles totais

Anjos já mi ou bi ou trilionários
Comandam só seus mi, bi, trilhões
E nós, quando não somos otários
Ouvimos Shoenberg, Webern, Cage, canções

Ah, morena bela estás aqui
Sem pele, tela a tela
Estamos aí

(...)

Mas há poemas como jamais
Ou como algum poeta sonhou
Nos tempos em que havia tempos atrás
E eu vou, por que não?
Eu vou, por que não? Eu vou

Uns anjos tronchos do Vale do Silício
Tocaram fundo o minimíssimo grão
E enquanto nós nos perguntamos do início
Miss Eilish faz tudo do quarto com o irmão

Logo na primeira estrofe já se percebe os pontos que diferenciam essa paródia das demais, pois aqui se tem não um, mas “*uns anjos tronchos*¹¹” cujo adjetivo pode remeter à ausência de asas ou de poderes sobrenaturais, pois se trata de homens que se creem anjos capazes de vaticinar destinos por meio da manipulação de dados. A identificação entre esses anjos e o eu lírico se dá pelo fato de serem eles todos seres humanos. Desse modo, esses anjos vão sendo caracterizados ao longo do texto como os mi, bi ou trilionários

¹¹ Torto, mal-acabado, mal-feito, tosco, mutilado, aleijado, truncado, privado de algum membro.

empresários do ramo tecnológico do *“Vale do Silício”*¹², que determinam o futuro não apenas do eu lírico, mas de todos *“nós”* (4ª estrofe do excerto) por meio dos algoritmos que dominam nossos neurônios os quais ganharam novo ritmo, pouco a pouco, *“mais e mais”*. No trocadilho construído por meio da rima *“algoritmo”/“ritmo”* fica visível a forma como esses anjos controlam o ritmo dos pensamentos desses *“virtuosos no vício”* das telas azuis, direcionando-nos ao abismo do consumismo e da dominação de outras áreas da vida social e política (*“Palhaços líderes brotaram macabros/ No império e nos seus vastos quintais/ Ao que reveem impérios já milenares/ Unidos de controles totais”*).

Além disso, esses seres (anjos/homens) vivem no *“escuro em plena luz”*, simbolizando a atividade de dominação sem limites que exercem sem controle de qualquer natureza, agindo de forma obscura, embora seja do conhecimento de todos. Já a profecia, construída a partir de um jogo de palavras que explora a aliteração (*“vai ser virtuoso no vício”*) demonstra que quanto mais bem sucedido no vício das *“telas azuis”*, melhor; ou seja, quanto mais viciado, melhor para eles, pois maior será a exposição a pop art/propaganda que determinará o lucro obtido por eles. Nesse ponto se vê a temática destoante entre os três primeiros textos e o atual, pois não há uma identificação entre o Anjo e os homens, senão pela suposta humanidade; tampouco há uma identificação entre o vaticínio e a natureza do anjo, como ocorria nos textos anteriores, posto que eles mesmos não costumam usar os produtos que oferecem (as mídias sociais).

Fazendo uso de trocadilhos e jogo de palavras, Caetano nos mostra todo seu potencial irônico/crítico já apresentado desde os tempos do Tropicalismo. No trecho *“vende venda a vendedores”*, o trocadilho com o verbo vender oculta a substantivação da *“venda”* (tapa olho) em um jogo duplo com o verbo vender no imperativo de forma que ambos impedem que os usuários percebam a dominação que ocorre em plena luz, de forma obscura (no escuro), sem que se perceba. São novos anjos de novos e tenebrosos tempos.

Novos tempo, novas profecias

É importante observar que distam 91 anos entre a composição basilar e o texto de Caetano. Essa distância temporal trouxe muitas mudanças sociais que se fazem notar na

¹² Apelido dado à região da Califórnia (EUA) que abriga as maiores empresas de produção de circuitos eletrônicos e que serve de sede das grandes startups de alcance global (Google, Apple e Facebook dentre outras), contando com mão de obra especializada fornecida pela Universidade de Stanford que fica na região.

composição de 2021, assim como se percebe a diferença entre aquele e o texto de Adélia no tocante ao papel da mulher na sociedade, percebendo sempre a composição como um espelho de seu tempo.

O documentário “O dilema das redes” (2020), da *Netflix*, relata a experiência de alguns dos ex-colaboradores das principais empresas do ramo (*Pinterest, Facebook, Twitter, Google e YouTube*), tornando patente, para o usuário comum, como as operações dessas empresas captam os dados desses usuários e monitoram suas atividades, manipulando os caminhos de pesquisa e acesso às redes. Esse filtro é feito por meio de algoritmos personalizados a partir dos acessos de cada usuário. A palavra “algoritmo”, criada pelo matemático persa Muhammad ibs Musa al-Khwarizmi, refere-se, na adaptação para a ciência computacional, à combinação de um conjunto previsto de instruções “bem definidas para a solução de um problema, como um desempenho de um cálculo em um número finito de etapas”¹³

Nos últimos anos, o acesso à internet foi intensificado e, de acordo com Zuboff (2021), as “tecnologias de informação e comunicação estão mais disseminadas do que a eletricidade, alcançando três dos sete bilhões de pessoas no mundo” (p. 16). Esse fator foi potencializado durante a pandemia da Covid 19, cujo confinamento e distanciamento social impôs novos meios de se conectar ao outro. Assim, os algoritmos e a manipulação do que se acessa nas redes passou a ser uma discussão comum no meio acadêmico e fora dele, em especial após as denúncias de fraude por Fake News nas eleições presidenciais dos EUA e do Brasil.

Vemos, portanto, um novo processo de formação do sujeito nesse novo modelo de sociedade que privilegia o virtual por diversos fatores. Segundo Araújo:

o processo de formação do sujeito transcorre sob o signo da contradição situada no âmago do seu ontos, isto é, na relação entre conteúdo e forma constituinte do ser enquanto sujeito, que na era digital se apresenta como uma versão deformada da experiência social, posto que copia a si mesma em uma versão imagética espetacular (Debord), ao passo que também congela e distrai a consciência por meio da sensação (Türcke) provocada pelo disparo frenético de estímulos imagéticos. (2021, p. 468)

¹³ <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/570310-a-silenciosa-dominacao-por-algoritmos>, acesso em 03/12/21 10horas

Nesse processo, os algoritmos assumem a gestão, “orientada pela lógica da mercadoria no contexto histórico do neoliberalismo” (IDEM, p. 468), como uma forma de vigilância constante do sistema econômico sobre a experiência dos seres humanos, tirando do indivíduo a sua própria soberania por meio de uma pseudo liberdade travestida em uma falsa escolha individual a que se costuma definir, erroneamente, como “minha opinião”.

Desse modo, a experiência social toma uma nova forma a que Eugênio Bucci denomina por “superindústria do imaginário”:

A fisionomia da nossa era tem a textura, a consistência, a natureza – e, ao mesmo tempo, a fugacidade, a evanescência e a volatilidade – de uma cena que reluz na tela eletrônica. O que ali está é o que é. As figuras mutantes que se insinuam e se desfazem em miragens digitais têm a autoridade de índices da verdade: o que de fato existe se veste delas para se dar a ver e, por elas revestido, não precisa ser real para existir. A história não se escreve, a história se desenha (BUCCI, 2021, 23)

Diante dessa experiência social é que Caetano Veloso compõe a canção “Anjos Tronchos”, fazendo referência direta à dominação que tais “Anjos do Vale do Silício” vêm exercendo sobre os seres humanos que “permitem” essa dominação ou, caso contrário, se vêem excluídos desse novo modelo social, pois, de acordo com Araújo:

Por meio da imagem digital, a tecnologia favorece ideologicamente a dominação da lógica social da mercadoria, não exatamente sobre os indivíduos, mas, na verdade, por dentro e ao seu redor. A digitalização cerca e preenche este sujeito-tela em seus modos de ser, posto que faz prevalecer a pura positividade imagética do espetáculo (spectacle) e da naturalização de processos que, em seus conteúdos e formas não são naturais, mas, ao contrário, são socialmente construídos e culturalmente condicionados. Assim, a experiência social é vivenciada de maneira deformada em suas condutas e práticas sociais. (ARAÚJO, 2021, p.468)

Portanto, a dominação não se parece com dominação, ou melhor, é como se a influência do indivíduo sobre os algoritmos desse a ele a falsa sensação de poder de escolha, tornando essa “servidão voluntária” mais amena e plenamente aceitável, podendo alcançar os mais diversos campos das relações sociais de forma imperceptível. Esses são os tempos dos Anjos tronchos que são destituídos da aura de sacralidade. Eles se assemelham aos deuses gregos por vaticinarem o destino dos homens, mas são tão humanos quanto nós. Eles acreditam em sua própria sacralização dada pelo poder financeiro que concede a eles o direito de manipular o destino de milhares de pessoas.

Considerações Finais - Só a arte nos salva, nos salvará

Destarte, é possível perceber uma distinção razoável entre os anjos do século XX e os anjos do século XXI descritos nos textos aqui analisados. Os três anjos do século XX, do texto basilar e das duas primeiras paródias analisadas, demonstram o personalismo das obras, pois o anjo de Drummond determina que ele será *gauche* na vida e, ao longo do texto, esse eu lírico demonstra a sensação de desamparo experimentada pelo abandono de Deus, reconhecendo-se como homem (*Meu Deus, por que me abandonaste/Se sabias que eu não era Deus*), deixando clara a distância entre o sagrado e o humano. Já o anjo de Adélia, por outro lado, concede um futuro próspero ao eu lírico que tem a missão sagrada de carregar bandeira, sendo ela uma iluminada (pela luz divina) que terá o papel de desbravar o terreno dos privilégios masculinos para impor os direitos das mulheres. Já o anjo de Chico, seguindo a tradição de seus muitos personagens que vivem malandramente à margem, determina que seu eu lírico não terá sucesso na vida e, embora ele lute constantemente contra essa profecia, o sagrado se impõe sobre o humano não oferecendo outro caminho a não ser seguir lutando, mesmo não obtendo êxito em suas possibilidades meramente humanas. Portanto, independente do destino de cada um, a manipulação vem por parte dos anjos que são seres divinos capazes de vaticinar o futuro irremediável de cada um, como Édipos modernos.

O texto de Caetano, no entanto, nos apresenta um novo tipo de anjo/homem que se considera Deus e se acha capaz de dominar multidões a serviço de seu próprio interesse, manipulando destinos pessoais, sociais e até de nações. Por outro lado, há homens que se deixam manipular por meio de “vendas” que obscurecem a realidade, em uma aceitação passiva. Porém, nesse ponto, os homens da letra da canção (de 2021) diferem diametralmente dos homens/mulher anteriores, pois eles (homens da letra de canção de Caetano) teriam a possibilidade de não aceitar o vaticínio/destino, podendo optar por receber ou não o que lhe fora destinado, diferente do eu lírico “todo ruim” de Chico, que não tem como impor sua vontade sobre o que lhe foi destinado. Na canção de Caetano, no entanto, ocorre a falsa sensação de seguir sua própria vontade, sua “opinião” e não se sentir manipulado por esses anjos que agem no escuro em plena luz. Dessa forma, os homens de 2021 não se sentem obrigados a aceitar, pois não se trata de uma predição

sagrada, mas eles aceitam quase sem questionar, de livre e espontânea vontade, pois se encontram vendados para a realidade.

Embora a letra de canção (2021) faça uma análise crítica dessa dominação exercida pelas *startups* e os algoritmos, o eu lírico aponta os pontos positivos das redes com a democratização da arte como meio de salvação “*Mas há poemas como jamais / Ou como algum poeta sonhou*”, fazendo referência aos muitos poemas disponíveis na Rede como algum poeta jamais sonhou naqueles “*tempos atrás*”. Em outro ponto ele fala do alcance da arte por meio da internet ao falar de Arnold Schönberg (1874 – 1951), Anton Webern (1883 – 1945), John Cage (1912 – 1992), compositores vanguardistas que inovaram e desafiaram a ordem mundial, os quais não seriam acessíveis não fosse a internet, indicando que essa pode ser uma receita para os momentos em que “*não somos otários*”.

Percebe-se que o contraponto entre presente e passado está patente na letra de canção de Caetano por meio da intertextualidade que vai além do *poema de sete faces*, pois se percebe a referência à canção *Falar a verdade* da banda Cidade Negra (*Estamos aí*), fazendo referência a esse usuário das redes que está sempre à disposição. Em outro trecho o intertexto se dá com a canção de sua própria autoria, fazendo referência ao princípio de sua carreira com a canção *Alegria alegria* e o movimento da Tropicália nos versos “*E eu vou, por que não? / Eu vou, por que não? Eu vou*”, remetendo à mesma ideia básica dos versos da Cidade Negra, cujo questionamento e resposta costumam ser uma constante no cotidiano dos internautas, afinal... “*por que não?*”.

Como se pode observar, para Caetano, a arte é o ponto de contato desse novo ser com a sua humanidade, por isso, a canção se encerra fazendo referências a Miss Eilish que produziu seu disco com a ajuda do irmão dentro do próprio quarto com o uso da mesma tecnologia que aprisiona, mas que aqui libertou, pois essa produção fez com que ela fosse a artista mais jovem a ser indicada ao Grammy Awards nas principais categorias. Enquanto ele próprio (Caetano) precisou montar um estúdio em casa para produzir o disco *Meu coco* durante a pandemia. Portanto, Caetano nos mostra os dois lados da internet, em um constante movimento de aprisionar e libertar, deixando clara a opção que os homens têm diante desses “*Anjos tronchos*”.

Desse modo, é possível notar a circularidade do pensamento de Caetano que desde o início de sua carreira aponta para o poder salvador da arte tal como o declarou Nietzsche “*Temos a arte para não morrer ante a verdade*”. Nesse sentido, a letra de canção

parodística faz várias referências ao poder transformador da arte e o grande potencial de democratização dessa arte (acesso/ produção/divulgação) que só a internet é capaz de propiciar. Assim, nas próprias palavras de Caetano (com grifos meus): “*enquanto os homens (Anjos tronchos) exercem os seus podres poderes*”, muitas coisas ocorrem no mundo que nos podem dominar e destruir, mas “*apenas / Os hermetismos pascoais/ E os tons, os mil tons/ Seus sons e seus dons geniais (a arte)/ Nos salvam, nos salvarão/ Dessas trevas e nada mais...*” (CAETANO, *Podres poderes*, 1984).

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Wécio Pinheiro, (UFPB/Brasil) *A ideologia na era digital: a imagem e os algoritmos como formas tecnológicas de dominação social - ethic@*, Florianópolis, v. 20, n. 2, 461 - 488. Ago . 2021.

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/82589/47563>

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. de M. E.G.Gomes. São Paulo: Martins Fonte, 2003.

_____(VOLOSHINOV, V). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de M. Lahud e Y. F. Vieira . S.Paulo: Hucitec, 1999.

BORGES, H. H. de C. *Bandeira está para Ronsard... Signótica*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Goiás. n. 4. jan./dez. 1992: 37-46.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Reflexões sobre a Arte*. São Paulo: Ática, 1999.

BUCCI, E. A *Superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021 (edição digital)

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. RJ: José Olympio, 1998.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo Coletivo Periferia*: ebooksBrasil, 2003.

ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. Tradução de Pérola Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PAES, J. P. *Tradução: ponte necessária*. São Paulo: Ática, 1990.

PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Coleção Logos.

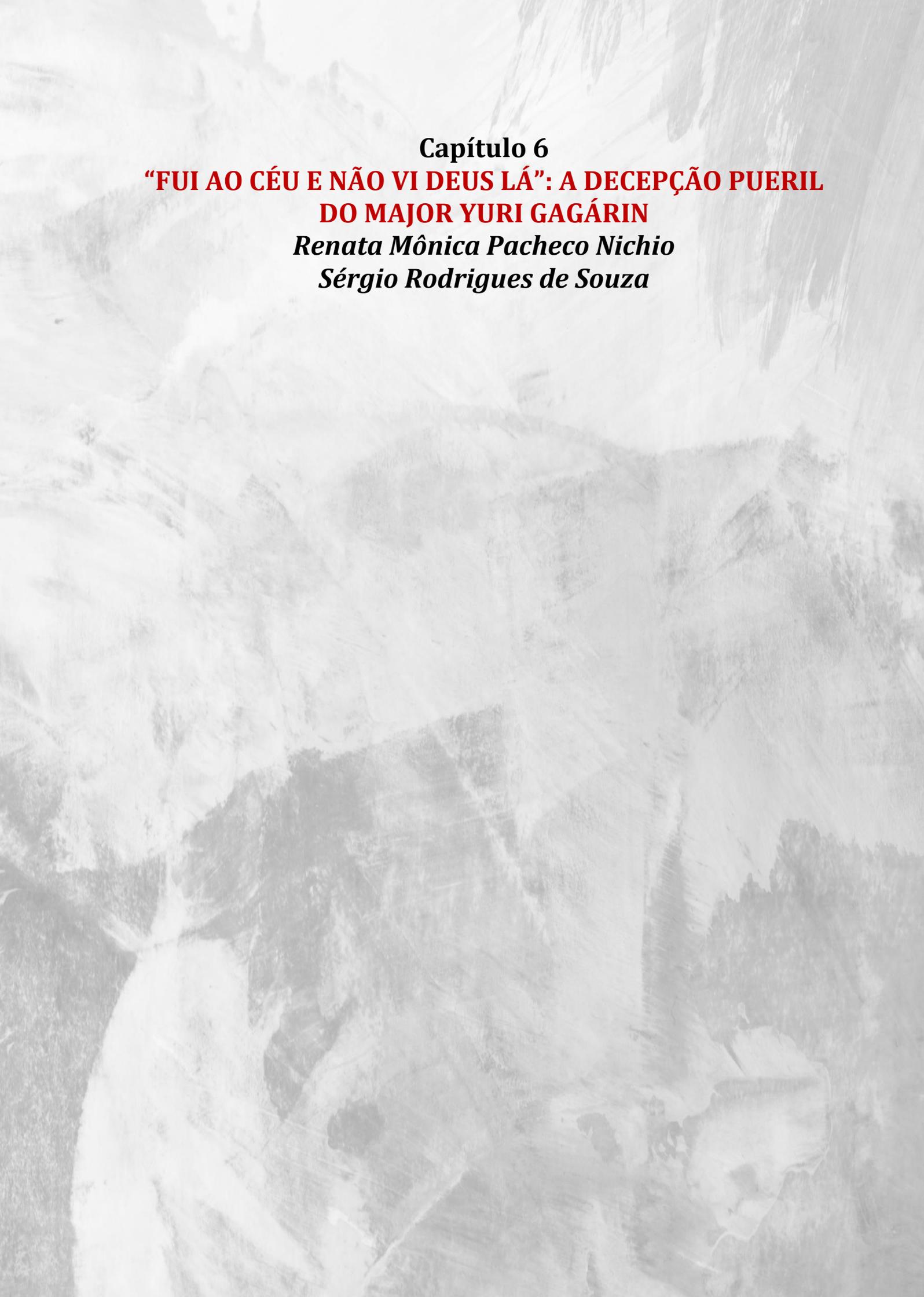
_____. *Signos em rotação*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1972.

SANT'ANNA, A. R. de. *Paródia, paráfrase & cia*. 4 ed. Ática: São Paulo, 1991.

_____. *Drummond: o gauche no tempo*. 3ª ed. Record: Rio de Janeiro, 1992.

WELLEK, R.; WARREN A.. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. Ted. Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZUBOFF, S. *A era do capitalismo da vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

An aerial photograph of a mountain range, showing a winding road that snakes through the valleys and up the slopes. The terrain is rugged and appears to be covered in sparse vegetation or scrubland. The lighting is soft, creating a range of grey and brown tones.

Capítulo 6
“FUI AO CÉU E NÃO VI DEUS LÁ”: A DECEPÇÃO PUERIL
DO MAJOR YURI GAGÁRIN

Renata Mônica Pacheco Nichio
Sérgio Rodrigues de Souza

“FUI AO CÉU E NÃO VI DEUS LÁ”: A DECEPÇÃO PUERIL DO MAJOR YURI GAGÁRIN

Renata Mônica Pacheco Nichio

*Pedagoga. Bacharel em Teologia. Professora da Rede Municipal de Educação de Cariacica
- ES.*

E-mail: renatamonica768@gmail.com

Sérgio Rodrigues de Souza

Filósofo. Psicanalista. Doutor em Ciências Pedagógicas. Pós-Doutor em Psicologia Social.

E-mail: srgrodriguesdesouza@gmail.com

RESUMO

Este ensaio analisa a questão envolvendo a emblemática frase atribuída a Yuri Gagarin, astronauta soviético que foi o primeiro ser humano a ir ao espaço, na qual afirma não ter visto Deus. O que se procura tratar nesta discussão é a dimensão gnosiológica que se esconde sob tal afirmação e até que ponto ela pode ser atribuída ao Major. É muito comum expressões descontextualizadas serem atribuídas a figuras que se tornaram controversas ao longo da história, sem que alguém se levante para equalizar a dimensão do exposto. Esta é uma pesquisa de caráter exploratório, fundamentada nos princípios da análise do discurso, na análise de conteúdo e na hermenêutica, em que se buscou compreender os espaços em branco deixados por todas estas décadas em torno de um assunto de tamanha complexidade. O que se pode concluir, ao fim de todo o estudo sistemático que o envolveu é que, não faz sentido, alguém que superou a todos os feitos humanos em coragem e determinação, indo ao espaço sideral e vislumbrando a sua casa lá das alturas, preocupar-se em dizer que não vira Deus, a menos que isto fosse uma resposta a uma pergunta mal elaborada e mal expressada. Com caráter de estudo semântico, o que se pretende apresentar aqui é uma análise hermenêutica da frase, supostamente dita pelo astronauta, em que do ponto de vista analítico linguístico, não se sustenta como sendo de autoria do Major Russo Yuri Gagarin. Sob o aspecto da interpretação humana, desde os seres humanos mais primitivos até o cientista mais brilhante, esta sempre foi uma questão que desafia a todos, passando pela construção totêmica ancestral, em que o Deus adorado não pode ser encontrado, jamais visto e aqueles que se depararam com ele, foram arrebatados para o infinito.

Palavras-chave: Yuri Gagarin; Guerra Fria; Corrida Espacial; Fé.

ABSTRACT

This essay analyzes the issue involving the emblematic phrase attributed to Yuri Gagarin, a Soviet astronaut who was the first human being to go to space, in which he claims not to have seen God. What is sought to address in this discussion is the gnosiological dimension

that is hidden under such a statement and to what extent it can be attributed to the Major. It is very common for decontextualized expressions to be attributed to figures that have become controversial throughout history, without anyone standing up to equalize the dimension of the exposed. This is an exploratory research, based on the principles of discourse analysis, content analysis and hermeneutics, in which we sought to understand the blank spaces left by all these decades around a subject of such complexity. What can be concluded, after all the systematic study that involved him, is that it makes no sense for someone who has overcome all human feats in courage and determination, going to outer space and glimpsing his home from above, worrying It is said that he had not seen God, unless this was an answer to a poorly worded and poorly worded question. With a semantic study character, what is intended to present here is a hermeneutic analysis of the sentence, supposedly said by the astronaut, in which from the linguistic analytical point of view, it is not supported as being authored by Major Russo Yuri Gagarin. From the point of view of human interpretation, from the most primitive human beings to the most brilliant scientist, this has always been a question that challenges everyone, going through the ancestral totemic construction, in which the adored God cannot be found, never seen and those who encountered him, they were caught up into infinity.

Keywords: Yuri Gagarin; Cold War; Space race; Faith.

INTRODUÇÃO

Figuras que se tornam lendárias por seus feitos extraordinários e terminam se transformando em criaturas míticas, por ter realizado uma ação que era, até ele aparecer, somente produto da imaginação social, vê-se obrigado a carregar fardos bastante pesados, especialmente se ele pertencer a um regime que é considerado diabólico, satânico e que rivaliza com outro que esconde-se por detrás de uma aura de castidade e santidade e que, para inflamar a vaidade e o ego de quem ataca e de quem recebe o ataque, recebe como sentença um desafio que soa muito mais como uma ameaça direta.

Yuri Alekseevitch Gagárin (1934-1968) é um destes seres humanos, condenado à imortalidade, por ser o primeiro homem [*e não o primeiro ser biológico*] a ver a Terra a partir do espaço sideral. Quando depois de uma trajetória brilhante nas Forças Armadas da [Ex-] União Soviética, foi escolhido para tripular a nave Vostok - 1, que iria orbitar a atmosfera da Terra. Uma de suas frases célebres que entrou para a história foi: “A Terra é azul”, fato que passaria pela comprovação e pela refutação anos mais tarde, quando da conclusão do Projeto Apollo, este que levaria uma tripulação americana à Lua.

De todas as formas que procurei analisar esta frase de Gagárin, ela não parece soar vindo da boca dele próprio, parecendo mais uma construção bem montada e dita por alguém em conflito e que aproveitou-se do feito, inigualável à época, para criticar o

Ocidente Cristão. Porque, ateu é muito provável que fosse e dificilmente conseguiria mentir para seus superiores russos por tanto tempo, sendo desde tenra idade formado e treinado em colégios militares de alta excelência, sob extrema tensão e pressão de formação quanto ao caráter e a estrutura psicológica.

O que conflita com a postura de Gagárin é o fato de que a forma como foi expressa, poderia esconder um desejo soviético de descobrir se realmente Deus estava lá nos céus, habitando para além da atmosfera terrestre. Não se pode duvidar disto, porque o máximo que os russos fizeram [*e que não se pode menosprezar seus avanços pioneiríssimos neste campo*] é orbitar a Terra, com tripulação humana. Logo, se esta era a principal motivação da missão da nave espacial Vostok - 1, que levou o Major Yuri Gagárin, aos céus, a sua fala é nada mais que o reportamento da conclusão de uma missão aos seus superiores imediatos, o que isenta o astronauta de qualquer juízo de valor moral sobre suas crenças particulares e sua fé, não podendo atribuir a esta fala qualquer valor que seja que possa determinar quem era o Major Gagárin quanto ao seu estado de crença.

Cada vez que se busca compreender o sentido semântico da frase, utilizando todas as ferramentas de análise do discurso que se mostram à disposição, não se tem uma diretriz que possa auferir, com segurança, um sentido gnosiológico para a mesma, porque deixa livre a impressão de que haveria de ser alguém materialista ao extremo para crer em algo assim, deixando entender que a frase partiu de um cientista dedicado à investigação empírica, disposto a aplicar sobre um referido pensamento, toda a potência do princípio de verificabilidade e de refutabilidade. Não se está a discutir com alguém que aceita o discurso como resposta a algum questionamento épico.

O Coronel Valentin Petrov afirmou, no ano de 2006, durante uma entrevista, que o cosmonauta nunca disse tais palavras, e que a citação se originou do discurso de Nikita Khrushchev (1894-1971) no plenário do Comitê Central do PCUS sobre a campanha anti-religião do Estado. O então presidente da [Ex-] URSS argumentou contra seus companheiros, por qual motivo eles criam na existência de Deus, uma vez que o Major Gagárin havia ido ao céu e havia olhado para todos os lados e não havia visto Deus lá, isto durante um discurso perante o Comitê Central do Partido Comunista Soviético em que se discutia a propaganda anti-religiosa.¹⁴

¹⁴ Há uma referência a esta entrevista no livro *Falando bem: Toque pessoas com suas palavras*, de Charles R. Swindoll, publicado, originalmente, em inglês, no ano de 2012, pela FaithWords Hachette Book Grup, Nova York, EUA e uma edição em português, pela CPAD, de 2017.

Posto desta forma, não se torna muito difícil compreender o sentido que ela carrega e a decisão do Comitê Político Comunista em atribuir ao único homem, até aquele momento na história, a desbravar o espaço cósmico, feito que seria igualado, em 1963, por uma mulher, Valentina Vladimirovna Tereshkova. Mas, isto não importa, porque o interesse do Politburo era mostrar sua força inigualável e insuperável, não importando que táticas e estratégias fossem. Pela história afora, o respeitado cosmonauta teve que arcar com o peso de juízos de valor sobre algo não dito, não interessando que tenha pensado ou mesmo que tenha respondido aos seus superiores quando interrogado acerca da questão, em particular.

Com caráter de estudo semântico, o que se pretende apresentar aqui é uma análise hermenêutica da dita frase, em que do ponto de vista analítico linguístico, não se sustenta como sendo de autoria do Major Russo Yuri Gagárin, como já se discutiu brevemente neste preâmbulo. Mas, sob o aspecto da interpretação humana, desde os seres humanos mais primitivos até o cientista mais brilhante, esta sempre foi uma questão que desafia a todos, passando pela construção totêmica ancestral, em que o Deus adorado não pode ser encontrado, jamais visto e aqueles que se depararam com ele, foram arrebatados para o infinito. Até mesmo entre o folclore brasileiro existe uma lenda que narra, de maneira próxima, esta situação. A lenda da *vitória-régia* é sobre a índia que desejava encontrar o Cavaleiro da Lua e mergulha nas águas do Rio Amazonas em busca do mesmo e desaparece, possivelmente, tendo-o encontrado. Na mitologia grega, Hera enciumada de Sêmele, mortal que estava grávida de Dioniso, filho de sua união com Zeus, a convence a pedir que o Pai dos Deuses se manifeste em sua forma original e uma vez atendido o inusitado pedido, ela é pulverizada pelo brilho intenso do Deus. Assim, a ânsia de ver a Deus manifesto é um sentimento que domina o ser humano desde sua mais tenra infância existencial no Planeta.

O que se traz, neste trabalho é a possibilidade de se pensar a existência do Sagrado a partir da fé e que o materialismo tentou, utilizando todas as táticas existentes e que a criatividade pode processar à luz da razão e da imaginação, provar em contrário. Não crer na existência de Deus é um direito de qualquer um, não implicando em ato de ausência de ética, dado que ao ser humano é permitido o livre exercício de sua fé. O problema torna-se interessante e se transforma em objeto de estudo sistemático quando surge o conflito e este atua traindo a [*suposta presença de*] fé individual ou a [*suposta*] ausência dela, no rol da existência humana.

Trabalhando sobre fins, puramente didáticos, sob o aspecto psicanalítico, o texto irá utilizar a frase expressa como sendo de autoria do Major Gagárin. Que o leitor faça-se ciente de que este é um estudo científico de alto nível e não uma mera conjuntura de ideias, disfarçando proselitismo de qualquer natureza. O autor expressa, claramente, todo o seu respeito ao Cosmonauta russo por seu ato de vanguarda, na exploração aeroespacial.

GAGÁRIN E SUA FRASE EMBLEMÁTICA E POLÊMICA

Quando o astronauta russo Major Yuri Gagárin (*Iuri Alekseievitch Gagárin [1934-1968]*) soltou a frase: “Fui ao céu e não vi Deus”, em abril de 1961, o mesmo foi chacoalhado pela opinião pública, taxando-o de ateu inveterado e, até os dias atuais, alguns espíritos desprovidos de qualquer senso crítico e conhecimento erudito tendem a julgá-lo e a condená-lo por esta frase, descontextualizando, totalmente, a sua expressão. Aliás, ninguém sabe em que contexto real ela foi dita e se foi mesmo expressada pelo Major. E, o pior disto tudo é que [*quase*] ninguém se detém a tentar analisar a situação, a fim de aproximar-se de uma dedução sobre o sentido gnosiológico da mesma.

Porém, a sua frase, quando analisada sob o estigma de ser o primeiro homem na história da humanidade a ascender ao espaço cósmico, expressa [*muito*] mais um desabafo frente a uma decepção sem precedentes, semelhante ao desabafo de uma criança que aguarda ansiosa pela chegada do pai e quando o trem para na estação e todos descem ela olha para a mãe e diz com um olhar misto de tristeza, decepção e interrogação [*acerca do*] porque ‘*papai não veio!?*’. A frase original é: “*Olhei para todos os lados, mas não vi Deus!*”

Mesmo que a frase viesse de um [*suposto*] ateu convicto, o que pela sua dimensão não condiz, porque um ateu que esteja convicto de sua fé na negação da existência da essência divina daria outra resposta a quem o interrogasse, a menos que o interrogante fosse um oficial de patente superior à sua, a quem devesse a obrigação de ser claro e objetivo em sua resposta. De outra forma, esta resposta que parece ser tão bem formulada foi criada em meio a uma situação contextual de perguntas e respostas seguidas, onde o conjunto textual resultasse na mesma.

Mas, o estrídulo desta frase é muito maior e mais potente que ela em si e todo o seu significado para a crença materialista, fazendo muito mais eco entre aqueles que se autodenominam cristãos devotos e que aprenderam a ter fé pela tradição e não por um

processo de formação doutrinal e disciplinar. Em contraste, não se viu nenhum membro de grupos ateus fazerem uso da mesma a fim de fortalecer suas teses de que Deus não exista.

Começemos do início: alguém que, de fato, não creia na existência de Deus, não cria teses para argumentar com aqueles que acreditam [*ou que supõe acreditar na Essência Divina*], porque esta convicção individual não possibilita a existência de qualquer tipo de conflito interno; logo, não há o que gerar e manter qualquer tipo de conflito externo, ou seja, é mais fácil encontrar dúvidas sobre a real existência de Deus entre aqueles que creem e o que pode parecer um terrível paradoxo é nada mais que uma condição humana, em que a crença gera necessidades de inúmeros outros tipos de elementos complementares, como a fé, por exemplo, a paciência, o esforço e a perseverança, atributos que não fazem parte do ser humano até que se tenha sido devidamente educado para tanto.

Na sequência disto, há que considerar o fato de que, à medida que se aprofunda na compreensão da *Episteme* e da *phrónesis*, toda a capacidade de interpretação da *Physis* que vai sendo angariada transforma o ser humano e, caso não tenha o devido preparo metafísico, começa a pensar que pode dar respostas a tudo o que o cerca e, em pouco tempo, se crê o dominador absoluto do universo que o cerca e do que pode enxergar, até que começa a tomar como seu, tudo aquilo que pode imaginar, ignorando que tudo, em sua forma bruta, já estava dado, não sendo ele capaz de criar nada, apenas de aplicar o seu intelecto sobre os bens materiais e transformá-los em outras coisas úteis e necessárias a si, porque traduziu sua incapacidade de viver de acordo com as leis e os bens da natureza como insatisfação, o que não é nada mais que a expressão de um eufemismo que esconde sua incapacidade de adaptar-se à Natureza. Assim, distorce-a até que ela se adapte ao que se é e quando consegue tal feito, interpreta o seu feito como competência, quando na verdade esta é a expressão soberana de toda sua incompetência ante o natural, ante a *Physis*.

Um cientista, formado nos moldes clássicos da Ciência Erudita, jamais fará uma afirmação que prejudique a crença de seus adversários, porque para este ser, o conflito não está posto no sentido de vencer os seus *supostos* inimigos imaginários e sim, tratando-se de uma contemplação da busca pela verdade científica que, no máximo, aproxima-o, cada vez mais, de uma compreensão mais ampla e mais profunda dos fenômenos que ocorrem na natureza. Sabedor que é, de que uma descoberta científica, por mais inovadora que se

mostre e ainda que se prove ser, apenas demonstra que aquilo que se acreditava antes dela era verdadeiro ou falso; mas, não prova que ela mesma seja verdadeira. Com sua apresentação, nada mais faz que proporcionar a abertura de espaço para novas discussões acadêmicas e científicas, agora em novas vertentes e Gagárin, sendo um técnico formado nos moldes clássicos soviéticos, tinha plena consciência desta dimensão epistemológica e gnosiológica das ciências.

Ademais, era um momento da Guerra Fria em que interessava à comunidade científica a descoberta do espaço e a exploração do mesmo e a existência ou a inexistência de Deus não fazia a menor diferença, porque o homem dava passos muito importantes em direções que, poucos anos antes, julgava-se impossível, porque não fora dotado pela natureza ou por seu Criador de capacidades específicas que o permitisse ir além de seu mundo a que estava condicionado a viver e a conhecer, pela experiência empírica. Tudo, para além disto, somente seria possível conhecer pela experiência da imaginação e, de repente, este campo se solidifica, a partir do desenvolvimento da engenharia e o homem pode experimentar novas oportunidades de experiências nunca antes pensadas, na história da humanidade.

Não se estava sendo transformado em Deus com isto, ou mesmo como afirmaria Nietzsche, matando-o, a fim de que pudesse ir além de seus limites, porque ao admitir tal coisa, revela um comportamento adolescente inconsequente, como se estivesse a afirmar a teoria de Fiódor Dostoiévski, de que se Deus não existe, então tudo se torna permitido.¹⁵

Poucos compreendem que este pensamento é como aquilo que se costuma afirmar como a capacidade de sentir saudade daquilo que jamais viveu, a não ser em uma condição filogenética e nem mesmo em uma condição ontogenética, a não ser por aqueles pensamentos bizarros que extrapolam um nível de razão que não se possui, como é o caso de representação da infância e de seus desdobramentos psicológicos.

Preconizar a existência de um mundo sem a presença de Deus é voltar ao estado da barbárie, ao tempo que T. Hobbes classifica como o *Estado de Natureza*, em que tudo era permitido a todos, não havendo limites para a satisfação dos desejos e, neste espaço descrito pelo pensador inglês, houve necessidade de que fosse criado um ordenamento que se colocasse acima de todos os homens, a fim de que a paz pudesse existir, entendendo esta como um equilíbrio [*instável*] entre o princípio do prazer e o princípio da realidade.

¹⁵ Esta é uma passagem muito complexa e de difícil compreensão presente no livro de DOSTOIEVSKI, Feódor Mikhailóvitch. *Os Irmãos Karamázovi*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, 1955 (3 vol.), p. 1118-1119.

E, de repente, tem-se uma constatação de que Deus não estaria nas alturas, ou seja, se não estava lá em cima, sobre as nuvens; em que local poderia estar? Esta é a questão que foi posta, porque se a expectativa com esta afirmação era a de que destruiria todo um conjunto de crenças em um ente superior, quem a proferiu apenas demonstrou o mais absurdo desconhecimento sobre a psique humana, especialmente, se esta for a mente de um cientista do quilate de Gagárin.

ENTRE A CRENÇA E A NÃO CRENÇA: O QUE PROCURA UM CIENTISTA

Um cientista não procura por aquilo que não crê existir, dedicando seu tempo a conhecer os ditames dos fenômenos e os próprios dentro de um estreito interstício entre o que está explicado e o que não está, ainda, explicado, levantando hipóteses que permitam uma aproximação cada vez maior com a verdade e que possa explicar a ocorrência dos acontecimentos, de maneira mais profunda ou mais superficial e a cada descoberta, isto não elimina a possibilidade de que existam outras respostas, apenas que ele mesmo não as encontrou em suas buscas.

O problema do sistema soviético é que tentou a todo custo eliminar qualquer crença em qualquer outro elemento que não fosse o Partido Comunista Soviético, enquanto tentava fazer crer que Deus habitava o Politburo¹⁶ e de lá descarregava toda a sua bÍlis sobre o povo russo; porém, em sua visão, estava a oferecer ao povo, uma condição de vida para além do que sequer podiam sonhar, em termos de perfeição e igualdade, porque falar em equanimidade era um ultraje a um sistema [tão] perfeito.

Este foi o erro mais brutal que a Revolução Soviética conseguiu cometer, crendo que se pode eliminar do ser humano toda uma história de vida que perpassa pela estrutura filogenética, i.e., não depende do indivíduo, é algo intrínseco à espécie a que pertence, onde o Pai não pode ser substituído por um sistema abstrato. E, na contra defesa disto, se alguém ousar dizer que Deus é abstrato, pode até que seja, mas a fé que se deposita em sua pessoa não o é e mesmo que alguém diga que não existe, porque não pode ser visto, isto não importa, porque aquilo que se busca é a esperança em dias melhores, em um amanhã melhor e ainda que este demore a apresentar-se, o ser humano continua a sustentar-se por esta fé, porque pela mesma estrutura que guia a espécie, há uma outra que conduz o indivíduo, a ontogenética, em que o próprio ser repete, na vida adulta, tudo

¹⁶ Comitê central do partido comunista da antiga U.R.S.S.

aquilo que experienciou na sua infância, como se houvesse duas existências distintas em si mesmo.

O *stablishment soviet*, ousou desconsiderar tudo isto, crendo que poderia ser um objeto único na vida dos cidadãos russos, eliminando todo tipo de vínculo afetivo com a existência que não fosse aquela oferecida pelo Estado. Fracassaram a tal ponto que um ex-seminarista é quem vai ser o ditador mais satânico da história da Ex-URSS, o que revela que, a despeito de toda a caça às bruxas levada a efeito contra as religiões, a fé em um ente Superior permanecia viva na população e mesmo que Yosef Stálin, tivesse suas críticas à religião, jamais ousou atentar contra a fé, colocando a existência de Deus em xeque; apenas utilizou muito bem o que aprendeu em seus dias de seminarista, a favor da construção de um tipo de governo onde todos [*sem qualquer distinção*] vivia, constantemente, sob uma Espada de Dâmocles.

“Fui ao céu e não vi Deus!” Esta expressão que, maldosamente, transformaram em uma frase de cunho ateuísta, pode ser interpretada mais como uma forma de expressar toda uma vida em busca deste momento, não o de tornar-se o primeiro homem a explorar o espaço sideral, mas a ver Deus pessoalmente. Isto não acontecendo perdeu-se em um devaneio como se estivesse a perguntar: “onde está Deus? Para onde foi? Será que fugiu de mim? Por que não consigo vê-lo?” Eu quero vê-lo! Eu vim aqui somente para isto; para vê-lo!

A ânsia humana de encontrar-se com o sagrado, especialmente quando não se tem uma ligação muito forte com o *Pai* é uma questão fenomenológica muito presente no ser humano e se torna mais poderosa nos sistemas da Cortina de Ferro, onde os indivíduos são oprimidos por uma ideologia estatal super poderosa de paternalidade obscurecida e isto esmaga a relação humana vertical entre pais e filhos biológicos, porque uma vez que o Grande Pai (O Estado) e não o Grande Irmão, como Orwell fantasiou é quem ocupa este espaço filogenético, o pai biológico se transforma no pequeno pai e a relação com os filhos se torna algo horizontalizado. Eis a situação-problema que a psique humana não consegue dar conta de resolver e o passo seguinte, como consequência do conflito advindo desta relação artificial imposta é a insanidade e a delinquência, resultando em sérios conflitos de ordem espiritual, criando, em tempo, não muito longo, toda uma sociedade adoecida e em busca de um ente superior que a conforte, espiritualmente.

A expressão utilizada, se realmente proferida pelo Chefe de Estado Russo, somente demonstra o imenso trabalho fracassado que o Regime *Sovieta* teve para eliminar do

imaginário popular a ideia de Deus. Mas, encontra-se nos escritos de Nietzsche uma afirmação muito forte que serve como explicação para este conflito espiritual que transformou-se pela história afora como um embate emblemático, vindo dos comunistas soviéticos. Trata-se do aforismo 289, presente na obra *Para Além do Bem e do Mal*, onde diz que, todo homem que se aventura a expressar um pensamento filosófico sabe que, “atrás de sua caverna se esconde uma outra caverna ainda mais funda - um mundo mais vasto mais estranho, mais rico que à superfície, uma profundidade atrás de cada fundo, sob todo *fundamento*. Toda filosofia é uma filosofia da superfície. [...] Toda filosofia esconde uma outra filosofia; toda opinião é um esconderijo, toda palavra uma nova máscara.”¹⁷

Desde Lênin que a União Soviética tentou eliminar a ideia de um ente superior a ela, porque o projeto de poder que foi imaginado pelo poderoso Partido Bolchevique, era o de tomar toda a nação e todo o espírito individual para si, como objeto de controle absoluto e, quando se vê sem condições de conseguir isto, apela para todos os tipos de figuras de linguagem e de pensamento, perseguindo religiosos e todo o tipo de indivíduos que ousassem enfrentar o Regime e seu modo de pensar abstrato.

A coisa fica um tanto preta quando o *Stablishment* aceita como Chefe de Estado, um religioso, um coroinha, candidato a Padre, que veio a ser batizado como o Homem de Ferro. Duas coisas estão implícitas aí e a primeira é que se o Regime assim o fez é porque a ideia da eliminação de Deus do imaginário humano dos soviéticos não era uma coisa já sentenciada e dada como realidade e isto provocou diversas confusões dentro do pensamento estrutural do Politburo, o que levou Stálin a tornar-se um dos maiores carrascos da história da humanidade e criando um sistema de governo que não apenas despertou o terror nos russos, como provocou o horror pela história afora, durante seu próprio governo e depois dele e, para desgraça do regime, Comunismo passou a ser confundido com Stalinismo. A situação a que chegou Stálin não é difícil de compreender, porque sendo educado no regime doutrinal cristão, em que se preconiza a vida, a fé, a obediência a Deus-Pai e, de repente, esta criança que precisava provar aos seus pares que tinha o *Regime* acima de tudo, necessita criar um sistema monstruoso de perseguição e extermínio em massa, mesmo dos seus companheiros, apenas para provar que não havia sido convertido pela fé cristã-religiosa.

¹⁷ NIETZSCHE, F. *Para além do bem e do mal*. São Paulo: Escala, 2006, p. 220. [Aforismo 289].

Havia mais, ninguém confiava que Stálin havia se convertido ao Comunismo, exatamente por causa de sua formação religiosa; portanto, o desafio estava posto e sabia, muito bem, que aguardavam um pequeno deslize seu para confrontá-lo e desmoralizá-lo diante da *Doutrina Soviética Leninista-Marxista*. Muitos odiaram Stálin por sua prepotência; no entanto, ele, em sua loucura desvairada de apagar a fé em Deus de sua vida e do imaginário popular, fez com que o povo adorasse a ele e não à Mãe-Rússia ou ao Partido Comunista, em substituição a Deus.

Pensando na frase icônica e histórica que puseram na boca do Major Gagárin, como sendo proferida pelo Presidente Nikita Serguêievitch Khrushchov, demonstra a continuação do seu desprezo pelo seu antecessor, neste quesito da existência de Deus, porque Stálin poderia desejar sobrepor-se a Ele, mas jamais negaria a sua existência, mesmo diante dos seus adversários dentro do Partido Político Comunista; no máximo, evitando tocar no assunto quando este surgia nas intensas discussões inúteis do Comitê.

Tudo o que se percebe é que a frase possui um caráter infantilóide, em que se tenta provar à força, que se estava certo sobre algo que vinha provocando embates acalorados, já há muito tempo. Lamentavelmente, o nível de compreensão daqueles que vieram depois é deplorável e não se preocuparam em estudar a fundo o conteúdo da mensagem, buscando sintetizar, o que de fato está nas entrelinhas do pensamento expresso. E de outro lado, há os velhacos que, apenas sabem fazer isto, não se prestando ao trabalho de aprofundar no sentido esclarecer que variáveis estão implícitas por sob a expressão e que elementos traz para que se possa, pelo menos, entender o que se passa na cabeça de um sistema que lutou, por toda sua existência contra a ideia da existência de um ente que era superior a si. Parece mais uma birra de um filho que não conseguiu superar um pai despótico em sua infância e adolescência e que, cresceu e continuou infantilizado, em seus aspectos intelectuais.

Ao declarar tal frase, o Líder Soviético ridiculariza a missão astronáutica russa, imaginando estar provando a todos que os ideólogos do Partido Comunista Soviético estavam corretos quanto a um detalhe insignificante do ponto de vista da construção da soberania nacional; o que fica patente que estava mais no centro da vaidade e do orgulho do que mesmo de gerir um sistema tão amplo e complexo quanto o era a nação soviética.

Quando Freud cria a Psicanálise, a União Soviética foi a primeira nação do mundo a traduzir os escritos do Mestre de Viena para uma língua estrangeira, imaginando que, com a descoberta do inconsciente estava aberta uma porta para o domínio do ser humano,

através de seu próprio sistema psicológico do qual não detinha controle. Bastaria que o *Stablishment* controlasse este paraíso psíquico inexplorado que, *voilà*, teriam a soberania sobre todos os homens e mulheres que seguiriam todos os mandamentos e ordenamentos sem nem, ao menos e nunca, pensar a respeito. Assim, os russos conseguiriam eliminar do ser humano, a doença que Nietzsche atribui ao ser humano como sendo a pior de todas, a *má consciência, a culpa*.

O orgulho paranóico é um problema grave dos ideólogos do comunismo e de quem se agrega a ele, não resistindo à ideia de que possa existir a contribuição de outras partes para a construção da estrutura personológica de quem quer que seja. Isto provoca-lhes um sentimento recalcado de impotência, em que a atitude alheia os condena a verem, a si mesmos, como fracassados e isto é algo inadmissível. A ideologia que utilizam para apresentarem-se como figuras endeusadas é que, tudo o que fazem é em prol do outro, logo, este outro não pode ter outro alguém que se mostre mais importante que ele; e mais, a devoção deve ser absoluta, porque todos os outros são seus inimigos que, somente desejam explorar-lhe.

Portanto, o problema soviético-comunista com a religião vai muito além da crítica de Marx a ela, quando afirmou que a mesma era o ópio do povo, tendo esta observação muito mais uma condição próxima com uma crítica à postura das religiões diante da opressão que o sistema capitalista impunha a todos e os padres e pastores buscavam fazer com que todos os massacrados pela realidade perversa entendessem tudo aquilo como sendo a expressão da vontade de deus para com o homem, porque os mansos de espírito veriam a Deus e com a sentença [*subreptícia, subentendida*] de que os opressores seriam condenados, isto fazia com que os miseráveis se sentissem aliviados, porque seriam vingados, um dia, por Deus.

Para o *Stablishment Comunista*, não pode haver nada nem ninguém que se ponha além ou acima dele, no imaginário popular. Foi esta mesma vaidade soberba que levou a todos eles, ao redor do mundo à desgraça moral. Não se preconiza um ser vivo que não busque segurança, nos seus momentos mais complexos, em um ser totêmico que encontra-se fora de sua visão, acima e além de seu domínio. Por ser uma estrutura que não se pode concretizar na visão mecânica humana, o que sobra é a fé, aquilo que se vê refletido nas inúmeras construções e realizações e não somente na doutrinação superficial de um sistema, que prega uma coisa e se mostra de modo disforme, como se tudo e todos fossem obrigados a render honrarias a ele, simplesmente porque defende

uma ideia de igualdade e assim atua, mesmo sendo esta [*suposta*] igualdade uma utopia distópica.

Infantilismo a ideia de crer que se pode provar a existência ou não de um ser, simplesmente dizendo que quem foi até o extremo não o tenha visto lá. A começar que, tanto pode ter visto quanto pode não ter visto e estas duas situações não provarem nem justificarem, absolutamente, nada, porque em ciência, sem a condição de verificabilidade e, *a posteriori*, sem a condição de refutabilidade, tudo não passa de delírios, podendo ser aceito ou podendo ser refutado, com base na fé. Era esta condição sutil que o Comunismo Soviético e suas formas ideológicas de administração jamais aceitaram como princípio de sua doutrina, taxando tal ideia como coisa de burguês.

Como não existe nenhum sistema perfeito e que consiga atender às exigências de todos, em igualdade [*como preconizava os ideólogos do Partido Comunista Soviético*], necessitaram criar um adversário [um inimigo do povo], para combaterem e que, vencido este monstro, todos os problemas estariam solucionados. No entanto, enquanto este *terrível e assombroso mal*, persistisse ativo, a tão sonhada paz e a igualdade não seria passível de serem implementadas; logo a culpa não é da incapacidade do sistema e sim, dos malvados que impedem a felicidade e a paz na Terra, porque desejam o caos e querem manter os privilégios somente para si mesmos.

O que fazem, de fato, é substituir uma religião por outra e que adere quem quiser, desde que a tenha como objeto único de adoração absoluta e irresoluta, não ficando dividido entre a fé em um sistema e um deus, porque se assim não o for, surge a questão “ou está comigo, ou está contra mim!” De forma que esta frase encerra uma série aguda de segredos que ultrapassam a própria essência que guarda em si mesma, aparentemente ingênua que é. Mais cretino é o desqualificado e mau caráter repórter ou historiador que atribuiu esta frase ao Major Yuri Gagárin, como forma de desqualificar o primeiro homem a voar ao espaço.

Começa-se que, nenhuma culpa pode ser atribuída a ele por ter nascido e crescido em um sistema como o Soviético. Uma vez que ali estava cabia-lhe a obediência ao regime e dedicar-se como patriota. Suas convicções religiosas em nada o impediriam de seguir uma carreira como técnico, engenheiro, astronauta e quando surgiu a oportunidade, sabia bem dos riscos a que estava sujeito, até mesmo pelo fato de não se ter nenhuma experiência anterior sobre a qual fundamentar os testes de segurança, quanto à sua saída

da Terra, a segurança no espaço e o retorno à base. Tudo dependia de uma questão de fé na infalibilidade técnica dos engenheiros e dos equipamentos.

É um tanto estranho que um homem de ciência, como o Major Gagárin, pudesse confiar tanto assim nos seus Irmãos e Camaradas Sovietis, sem poder contar com qualquer tipo de fé que estivesse para além de si, porque poderia jamais voltar para casa, como acontece no romance de Julio Verne, *Da Terra à Lua*, que os russos conheciam muito bem. Não se tratava mais de ter fé no Regime ou em seu Líder; a questão era científica, mecânica, totalmente sujeita a falhas de todas as ordens. O primeiro homem a enxergar o cosmo em maior amplitude já possível a um humano deve ter pensado em uma série de coisas, menos na inexistência de um Criador para algo tão perfeito. Foi ali que a teoria aristotélica de que a Terra estava escorada por pilares foi, literalmente, por água abaixo, porque uma testemunha ocular provou que ela estava flutuando em meio ao nada, ao vácuo, junto com outros elementos e astros.

Não precisava ter colocado em xeque a existência de Deus, porque seu testemunho já jogava por terra milênios de crenças absurdas e que foram empurradas guela-abaixo, não permitindo que investigações fossem levadas a efeito durante o período de trevas mais longo da história imposto ao ser humano, em nome de um projeto de domínio que deu [*muito*] certo. Natural que o Ocidente que se diz cristão elege-se o Major Russo como seu inimigo mais virulento.

Ademais, se o Major Gagárin estivesse respondendo a uma pergunta do Chefe de Estado russo Nikita Khrushchev se, por algum acaso do destino, havia visto Deus lá em cima, no céu, ainda assim não deixa de ter uma aparência de decepção típica de uma criança que foi ao parque e suas expectativas não foram atendidas da maneira como se sonhava.

O que mais espanta é que, como alguém pode afirmar se viu ou não um ente que jamais foi visto por alguém? Isto é muito estranho, porque, para alguém que nem ao menos acredita que determinado Ente, no caso Deus exista, é muito além do impossível que espere encontrá-lo em qualquer lugar que seja e não somente no espaço, o que somente contradiz o discurso ridículo criado pela Igreja Católica de que Ele estaria habitando nos céus. Fica difícil saber quem está de posse da maior carga de estultícia, uma vez que andam tramando um jogo pueril em que cada qual, a seu próprio modo, tenta impor a sua verdade sobre os outros, não permitindo uma reflexão ampla sobre a fé e a possibilidade ou não de crença no que não pode ser visto, simplesmente, por não poder

ser determinado. Quando Moisés se coloca diante de Deus e questiona a sua identidade, quem ele é, como se denomina, eis que Deus lhe responde: “Eu sou o que sou!”¹⁸

Na esteira desta afirmação, diz ao profeta que é o deus de Abraão e o deus de Israel, ou seja, era o deus único, o deus particular e o deus municipal do povo hebreu e sua aceitação dar-se-ia pela transmissão cultural, pela fé, pela crença em seu poder e pelos ensinamentos dos pais, dos sacerdotes e dos profetas de Judá, não sendo possível que fosse visto em qualquer lugar e estaria em todo lugar, porque parte essencial da cultura e da crença daquele povo.

Esta é uma condição que o *Politburo* jamais quis entender, tão possuídos que foram pela ideologia marxista de materialismo e foram incapazes de compreender que o próprio Karl Marx acrescentou um epíteto ao termo, chamando-o de Materialismo Dialético, ou buscando uma hermenêutica mais profunda, um objeto que dialoga com os acontecimentos do passado e do presente, possibilitando uma prévia de como se pode planejar as ações para um futuro não muito distante. Em nenhum momento, Marx mostrou-se tão interessado em destruir a religião, porque sabia bem que, sem ela, o que tinha para oferecer, a fim de ocupar o espaço vazio que seria deixado em sua ausência?

Este se mostrou como sendo a grande desgraça da União Soviética, a ideia de acreditar que poderia suprir todo o universo subjetivo intelectual *patológico* de seus compatriotas com ideias de igualdade, esquecendo-se de que tão logo as necessidades básicas dos humanos são satisfeitas outras surgem no lugar e a própria religião já havia enfrentado e, a única forma que encontrou para deter o domínio por mais de mil anos foi com a tortura e o assassinato, coisa que o Ex-Seminarista Yosef Stálin aprendeu com esmerada eficácia, o que garantiu-lhe chegar ao fim da vida e ter uma morte natural.

Nikita Krushev assume o poder na URSS, como sucessor de Stálin e, parece que a ideia de se ter um cristão no poder durante décadas abriu uma ferida no orgulho soviético que precisava ser negada [*não apenas fechada*], a todo e qualquer custo, o que fez com que colocasse na boca do Major que acabara de ir aos céus a pudica frase que revelava que Deus não fora visto nos céus. A jogada de marketing em favor do Partido Comunista foi a mais bem pensada e bastou que algum jornalista do Partido tentasse provar o pensamento do Líder que, em pouco tempo, a autoria da mesma transformou-se em uma verdade

¹⁸ Êxodos 13-15: Então, disse Moisés a Deus: Eis que quando vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me disserem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. In: FERREIRA, João Alberto. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

inquestionável, chegando aos mais jovens e aos ocidentais do lado Oeste da Europa e do Novo Mundo como tal, preocupados em que todos estavam em defender-se do assombroso comunismo, onde as pessoas comiam criancinhas indefesas.

Esta história até que pode possuir seu fundo de verdade, quando Stálin condenou à morte, por fome, todo o povo da Ucrânia e que, em um único inverno morreram mais de um milhão de ucranianos, por falta de comida e no ano seguinte foram mais um milhão. O evento ficou conhecido como *Holodomor* que é um vocábulo, ou uma expressão ucraniana, que quer dizer *deixar morrer de fome, morrer de inanição*. Tal palavra passou a ser empregada no contexto da história ucraniana para definir os acontecimentos que levaram à morte por fome de milhões de ucranianos entre os anos de 1931 e 1933. “Progressivamente, a morte foi se acentuando na Ucrânia. Entre 1931 e 1933, o número de mortos era tão grande que os cadáveres se espalhavam pelas ruas e pelos campos. O odor dos corpos apodrecidos dominava regiões inteiras. Estipula-se que o número de mortos nesses três anos tenha sido de cinco milhões. Porém, se se levar em conta os efeitos prolongados dessa política econômica perversa e os ucranianos que foram levados ao trabalho forçado e lá morreram, esse número pode ser superior a 14 milhões.”¹⁹ O historiador Thomas Woods reitera esse fato: “*Em 1933, Stalin estipulou uma nova meta de produção e coleta, a qual deveria ser executada por uma Ucrânia que estava agora à beira da mortandade em massa por causa da fome, que havia começado em março daquele ano. Vou poupar o leitor das descrições mais gráficas do que aconteceu a partir daqui. Mas os cadáveres estavam por todos os lados, e o forte odor da morte pairava pesadamente sobre o ar. Casos de insanidade, e até mesmo de canibalismo, estão bem documentados.*”²⁰

Toda a insanidade e maldade de Yosef Stálin serviu para assombrar a antiga URSS e a história da Rússia até os dias atuais e naquele momento, em que o primeiro ser humano viajava ao espaço sideral, nada mais oportuno que afastar, de vez, o Deus que o grande ditador acreditava e que não fora capaz de salvar o povo russo de tamanha violência maquinada.

O que não fez sentido é o fato de que um país, declaradamente ateu, servir de tal propósito de discussão sobre a existência de um Ente que, para eles não existe, ou pelo menos arrotavam a sua não-crença no mesmo, o que fica revelado que sua exasperação em negar a existência de Deus ou era estultícia pura ou era medo do poder que a religião

¹⁹ FERNANDES, Cláudio. *Holodomor*. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/holodomor.htm>. Acesso em 01/01/2020.

²⁰ WOODS, Thomas. *A fome na Ucrânia: um dos maiores crimes do estado foi esquecido*. Instituto Mises Brasil.

exercia sobre os mortais. O exagero de força que se faz nesta direção é uma demonstração de que, o interessado a ser convencido desta verdade particular é o próprio Partido Comunista e o Politburo e não necessariamente o povo russo que, ao que deixa transparecer não enfrentava muitos problemas neste sentido e até mesmo porque tinha inúmeros outros problemas com que se preocupar, como a fome e a miséria absoluta que assolava a [quase] todos, sem a menor piedade.

Não estranha que os Chefes de Estado Soviéticos procurassem fazer tamanho malabarismo e aproveitar de uma situação inusitada e até aquele exato momento e que se estenderia por quase uma década, eles seriam os únicos a explorarem o espaço sideral através de seres humanos. Interessante que Valentina Tereshkova (1937-), a primeira mulher a voar ao espaço, em 1963, não fez qualquer comentário neste sentido, até mesmo porque aí a disputa já era em outro sentido, tratando-se de uma guerra de egos, em que se buscava aguilhoar o discurso de liberdade e de liberalidade que desfrutavam as mulheres americanas e que, a despeito de toda esta arrogância, o que tinham a mostrar como feito fantástico? Foi assim que Kruschev arpoou novamente o ego norteamericano.

As disputas internas da União Soviética eram bem mais complexas que se supõem os poetas apaixonados por poesia medíocre, onde se exalta um regime que nunca foi soberano nem mesmo no bloco onde se supôs soberano absoluto. Assim, precisava sempre realizar algo extraordinário do ponto de vista histórico, mas sem a mínima relevância social, porque isto ajudava a desviar o foco do fracasso doméstico como políticos, gestores e como seres humanos decentes.

Carl Sagan (1934-1996) escreveu em 1989 que, a ida do homem à Lua não representou qualquer tipo de relevância para a humanidade e o presidente Richard Nixon (1913-1994) encerra o Projeto Apollo, porque a opinião pública e o Congresso Americano não estavam vendo qualquer motivação em continuar financiando algo que não tinha outro propósito que o de lançar uma cortina de fumaça sobre as reais condições existenciais humanas, que era de insegurança e de medo e, enquanto os *soviets* mostravam sua capacidade de superação sobre o imperialismo capitalista, do outro lado do mundo, os americanos mostravam sua resistência ao *terror*. Não se sabe quem era mais imbecil ou quem agia de modo de mais imbecilóide. O que se sabe é que, nos EUA, como era uma democracia, cedo chutaram o rabo dos gladiadores da luta contra o Monstro Soviético, porque o espetáculo de emoção que tomou as televisões do ano de 1969, foi de fato, o

festival de música que ocorreu na Fazenda Woodstock, em Nova York e que ficou conhecido como *Woodstock 1969*.

Com toda a revolução que a *Ida do Homem à Lua* possa ter provocado, o mundo continuou mais violento e mais cretino, com a miséria se elevando, a Guerra do Vietnã consumindo jovens americanos como moscas e, o ser humano, através de sua ciência ultra avançada havia conseguido explorar os céus, mas não se conseguiu encontrar curas para doenças como o sarampo alemão, a poliomelite, a coqueluche, a difteria e a crupe e outras mais, muito menos qualquer tipo de conhecimento efetivo e tangível sobre o cérebro e seu funcionamento e o que mais assombrava era o fato de que, se Deus não estava lá nos céus, onde estaria? E, tal pergunta se faz por causa da vergonhosa guerra que se travava na Ásia, contra os comunistas? Não; em absoluto! Porque havia um motivo justo para aquela batalha inglória: a preservação da liberdade que estava sob grave ameaça e, como não se tinha adotado, ainda o jargão da Democracia, era ela quem estava sob risco, caso os *soviets* tomassem o controle do mundo.

QUANTO PODER ESCONDE A EXPRESSÃO DE GAGÁRIN

“Fui ao céu e não vi Deus lá!” Quanto poder teve esta fala saindo do espírito de alguém que acabava de desbravar o espaço sideral. A esperança egocêntrica dos que aqui ficaram acabava de sofrer outro duro golpe; mais uma vez. Esta é uma crença pueril se assim for considerada! A julgar pelo que havia sido dito pouquíssimos anos antes, em meados da década de 1950 quando Francis Crick (1916-2004) e James Watson (1928-) descobriram a estrutura helicóide do DNA: “pensávamos que o nosso futuro estivesse nas estrelas, mas agora sabemos que a maior parte dele está dentro de nossos genes”, esta foi outra ode ao antropocentrismo exacerbado.

Bem, se toda a aventura por continuar a explorar o espaço sideral não representa uma negação clara da ciência erudita e séria, só pode ser uma cortina de ferro para esconder a incapacidade de conhecer o espírito humano [*preferimos acreditar que são as duas coisas*]. Mas, a frase expressa pelo Presidente Soviético esconde algo muito mais sinistro que Fiódor Dostoievsky (1821-1881) já havia expressado em seu inigualável trabalho literário *Os Irmãos karamazovi*, a sentença de que *já que Deus não existe, então, tudo se torna permitido*. Lógico que esta frase é expressada dentro de um contexto lírico-poético; no entanto, quando tomado em meio ao desejo de construção de um contexto

maquiavélico, ou seja, nós, aqueles que detemos *todo* o poder em nossas mãos podemos fazer o que quiser, porque não existe ninguém que possa nos impedir e/ou punir pelo que viermos a *realizar*.

Todos os holofotes foram direcionados, pela história caquética e imbecilóide, sobre a figura do Major Gagárin e o verdadeiro monstro ficou obscurecido, para seu inteiro deleite da situação, porque, mesmo que isto não tenha provocado abalos na fé expressa de muitos cristãos, o simples fato de esta frase ser repetida à exaustão, depois de seis décadas e tema de estudos profundos, mostra que, na própria União Soviética, muitos indivíduos devem ter ido à loucura, à negação e ao suicídio, não tanto, pelo medo de que Deus, realmente, pudesse não existir; mas, porque, de um modo inconsciente, eles entenderam a mensagem do Ditador.

Uma frase nunca é apenas uma frase! É e será sempre a expressão do sentimento oculto de alguém, revelando uma mensagem subliminar, dirigida a um grupo específico. Não faltam aqueles que dizem que, muitas frases históricas representaram nada mais que expressões retóricas, eufemismos e coisas sem nexos causais. Ocorre que o peso e a potência de uma determinada frase estão em quem a expressa, não importando [*ou sendo muito pouco importante*] o contexto onde se aplica. As coisas ficam mais severas se, quem a diz estiver a ocupar um cargo de poder elevado e, para piorar, se suas decisões tornam-se absolutas e inquestionáveis, seja por medo ou por conveniência.

O momento histórico em que a frase, objeto de estudo neste trabalho, fora proferida é um destes raros momentos em que até o contexto contribuiu para provocar um alvoroço de terror e horror que persiste pela história afora. Enquanto as expressões de grande impacto estiveram no campo da literatura e depois de quase dois milênios de império absoluto do Cristianismo Institucionalizado, o homem estaria mais distante de sua fé que de quando o era em seus tempos de paganismo, como se gosta de arrotar os devotos imbecilizados pela doutrina Católica.

O Século XIX foi o que mais assistiu ao grande declínio da fé cega institucionalizada, aquela onde tudo aquilo que era considerado e validado como sendo a *verdade* era determinado pelo *stablishment* religioso. Não foram apenas os grandes gênios que tiveram espaço para publicar, livremente, suas ideias, mas a própria Revolução Industrial que é uma herança da Revolução Protestante, de 1517 e do Luteranismo. No entanto, por ironia, o leste europeu, o que se considerava mais negador da fé cristã e divina seria quem repetiria o feito de Constantino, elegendo um novo profeta sobre as obras do qual se

ergueria uma nova doutrina religiosa, tão ou mais sangrenta que o próprio Cristianismo: O Marxismo. E, não satisfeitos com os resultados, acrescidos pelo domínio da vaidade extrema, adveio outras religiões, não se sabendo quais delas mostrar-se-iam mais satânicas, a elencar, o Leninismo e o Stalinismo.

O problema com estas religiões artificiais é que, pregam a igualdade e o direito universalizado, mas falam apenas na primeira pessoa, privando o outro da luta pelo resultado e de uma educação de seus filhos e da geração que os sucederá como um processo inerente ao desenvolvimento e preservação da espécie, uma obrigação conferida ao homem pela *Physis*, daí a sua imensa felicidade quando os filhos chegam; daí a imensa felicidade do professor quando novos estudantes chegam em busca de formação intelectual e assim, se sucede com o Pastor, o Padre, o Sacerdote, em que cada qual, a sua maneira, recebeu um motivo para viver eternamente, vinculado a alguém que, de um modo natural, viverá para além de si.

Quando se priva o homem de Deus, ou mesmo da crença em sua existência, o que ele colocará em seu lugar? Esta era a crença do Partido Comunista, a de que eles seriam aqueles que seriam exaltados e postos no lugar do Altíssimo pelo próprio indivíduo, por sua vontade deliberada, uma vez que eles, os Comunistas estavam dando aos seres aquilo que a Divindade não havia proporcionado, mas que faziam jus, a igualdade irresoluta. Ocorre que, se ninguém lhes dissesse que detinham direitos, viveriam felizes com suas batalhas contra os concorrentes naturais, sempre em paz com suas condições e à medida que o mundo avançasse nas condições de civilização e esclarecimento, iriam buscar por tais melhorias, não como algo a conquistado pela força, mas pela coragem de desejá-la e de lutar por ela.

O Major Gagárin era um homem de princípios, um técnico e não um político do clero Politburo, o que já assegura deduzir que não atuaria de forma a destruir a fé de pessoas de bem, até mesmo porque não veria lucro algum nisto. Havia quebrado um tabu milenar e realizado um desejo de bilhões de indivíduos ao longo de toda a história da humanidade. Que mais poderia desejar para si, além de uma vida normal e tranquila?

Colocar em sua boca uma frase de tamanha envergadura e peso foi o pior crime cometido pelo Presidente russo contra um civil, não pelo impacto que causou sobre si, mas pela imagem de si que seria projetada sobre o futuro e o peso que isto teria sobre as gerações posteriores. Mesmo que se interessem em saber como é o espaço visto a partir de lá, a ideia de que foi ele quem afirmou não *ter visto Deus lá em cima, nos céus*, pesa

sobremaneira e não dissipa a dúvida e, eufemismo religioso à parte, destruiu todo um discurso religioso que tinha como missão mais sagrada propagar o engodo e a enganação sobre os indivíduos e levá-los a uma vida sustentada na miséria e na exploração.

O mundo da fé jamais foi o mesmo depois desta frase. Nem mesmo os grandes filósofos de épocas passadas [*em sua maioria esmagadora, padres e pastores, portanto, teólogos de formação*] que lutaram com as forças que tinham para abalar a fé esdrúxula implantada pela Igreja Católica obtiveram a mínima parte de êxito que obteve um político comunista de um regime satânico e cruel, ao colocar na boca de seu maior prodígio a dúvida sobre a existência de Deus, onde sempre disseram que estaria...

Nada de errado que o ser humano busque conhecer outros universos para além do seu, isto é parte do processo de desenvolvimento da condição de intelectualidade e junto com ele, advém a dúvida e a curiosidade [*nesta sequência*], mas, o que se nota é que aquilo que deveria ser tomado como meio, torna-se fim... para qualquer coisa, menos para ampliar a condição de bem-estar dos humanos.

Os antigos criaram totens e imagens e definiram que o Deus particular ou o Deus Municipal estava ali e ninguém ousou adentrar nestes instrumentos a fim de provar tal coisa, porque a crença naquele ser valia toda a crença pessoal. O homem moderno, com sua toda sua engenharia e eufemismo, para não dizer insegurança e vaidade exacerbada levaram-no a entrar em conflito com a religião, até mesmo dentro de suas congregações mais tradicionais.

As descobertas científicas, conduzidas por homens sérios e comprometidos com o rigor investigativo, foram destronando a religião de seu eixo imaginário, e, junto com ela o conceito de Deus colocando em xeque sua existência no cosmo. Aquilo que no passado era explicado pela fé foi substituído por tubos de ensaio e demonstrações bastante palpáveis de como repetir o feito artificialmente. A religião nunca tentou combater o socialismo por causa dos males e da opressão que causava nos indivíduos; mas, puramente porque a privava de suas ovelhas miseráveis as quais ela cuidava de tratar com as menores migalhas possíveis de esperança. Se a aversão da Igreja fosse contra o socialismo não teria ido contra o *Welfare state* que é de ideologia e criação do sistema de direita, capitalista, em favor dos menos favorecidos. Por causa deste posicionamento contrário da Igreja que nasceu rixas entre os governos socialistas e a religião, levando-os a negar todo e qualquer tipo que fosse de crença. Ao que deixa transparecer é o fato de que ela teme a suposição de que tudo o que este regime pregava pudesse ser verdade e

assim, a miséria e a pobreza absoluta desapareceriam, fazendo surgir o tão sonhado reino da bonança, uma vez que a única coisa que ambos os sistemas confluem bem é para a manutenção do reino da esperança e parafraseando o personagem dos quadrinhos Doutor Estranho, *de todos os males que podem acometer o ser humano de morte, a esperança é o pior* e Nietzsche revela que a Esperança é o pior de todos os males, porque ela prolonga os sofrimentos humanos.²¹

Segundo o Coronel Valentin Petrov, o Major Gagárin foi batizado em uma Igreja Cristã Ortodoxa Russa. Portanto, uma criança que nasce ouvindo que Deus está no céu, acima das nuvens, que este não habita no vazio e quando, por uma força humana, esta criança chega lá no alto, ultrapassando as mais altas nuvens, a sua decepção começa pelo fato de que não enxerga nada mais além do que o vácuo extremo (...); e, logo em seguida, contrariando, ainda mais suas vãs expectativas não vê Deus. Quanta decepção! A sua fala expressa mais um sentimento de um adolescente quando descobre que o pai não é o super-homem com o qual ele sempre sonhou e acreditou que podia contar. Fora criado em um regime ateu e, possivelmente por isto, desprezava qualquer tipo de crença no invisível, naquilo que não podia ser, empiricamente, comprovado. Diferentemente do que alguns dizem que desprezava qualquer tipo de crença religiosa, vejo sua expressão mais como a comprovação de uma dúvida de que tentaram imputar-lhe e que agora esfacelava-se ante todos. A frase que ouviu todos os domingos de que Deus estava lá no Céu, perdeu completamente seu sentido e tornou-se desprovida de valor. E, o que pode ser colocado em seu lugar? Esta é a grande questão que assusta aos indivíduos que se tornam ateus [*ou ao menos creem neste conto do vigário*]. A pergunta de Nietzsche continua a assombrá-los, como a um terrível amálgama: *Como se vive sem Deus?* Não há resposta para este questionamento e, por vezes, o que se escuta é: *continua-se a viver, como se vive naturalmente!* Resposta esta que permanece em meio a um dar de ombros. Mas, eis um outro problema muito mais complexo que é o de que, para se viver naturalmente, há que retornar à *Physis*, negando, assim, não mais a Deus, mas à civilização como tal, o que conduz o ser humano a uma situação como que, a um *beco sem saída existencial*.

Esta perda da condição humana, tal e qual a conhecemos é um golpe duro demais para um espécime que já vem ao mundo cercado por inúmeras pessoas que sorriem de felicidade com a sua chegada, como se ele fosse o grande responsável por trazer um tipo especial de alegria que a nenhum outro caberia tal missão. De repente, todo o mundo se

²¹ NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Escala, 2006.

vira do avesso e não existe mais nada que possa proporcionar alegrias, nem a si nem a ninguém e o que resta é pura infelicidade e angústia.

À pergunta de Nietzsche, cabe uma resposta no formato de outro questionamento: Não seria uma indagação sobre como viver sem fé?, pelo simples fato de que esta se estende a tudo e a todos e não somente ao sagrado ou ao Divino numinoso, como uma experiência que se vive, que atravessa o ser humano para que tenha algum sentido; é um ato de encontro do ser com o seu ser, permitindo que encontre um objetivo para continuar na batalha, uma batalha chamada vida, chamada existência.

O mais grave problema que toma conta do espírito humano desde tempos imemoriais é a vaidade e a impossibilidade de lidar com a brevidade da vida, confundindo-a com existência. Geralmente, em tempos não insanos e geridos por insanos, a geração que está no comando trabalha para que a próxima geração seja melhor que a sua, que produza resultados de melhorias dos benefícios que foram produzidos e acima de tudo, que mantenha o respeito por aqueles que os precederam. Na atualidade, não interessa o que ocorra, a corrida é por estar na primeira página dos jornais, como se isto fosse história e no dia seguinte lutar para estar na primeira página novamente, porque até o conceito de história deixou de ser aquele fundamentado na *Função Quadrática da Distância de Brunner*; tudo é dado em função do aqui agora. Nisto, a ideia de futuro vai desaparecendo e junto com ela, obviamente, o compromisso com ele, na mesma proporção.

Fica difícil traduzir o pensamento de Kruschev ao dizer tal coisa e ainda atribuir a alguém que não poderia sequer se defender. Pela defesa prestada por seu amigo, décadas mais tarde, tal afirmação incomodou ao Major, até mesmo porque deve ter sido cobrado por seus companheiros [*tanto por aqueles que criam na existência de Deus, quanto por aqueles que não acreditavam*] e isto, de alguma forma o perturbou, sem que pudesse expressar abertamente sua insatisfação com a situação.

O regime soviético foi um sistema cruel que não perdeu a menor oportunidade para explorar o que lhe interessasse. Ética é uma coisa que aboliram de suas cartilhas e o desejo de domínio absoluto sobre tudo e todos tornou-se a bandeira de comando ou a figura de proa que comandaria o mundo de aí por diante. A existência ficou resumida a isto, a uma batalha binária, em que de um lado, um bando de imbecilóides tentavam implantar o reino do Éden na Terra, lutando contra o imperialismo produzido pela existência do Capital e o que se preconizou chamar de conservadorismo e de outro lado,

não menos cabeça de bagre, preconizou-se uma luta contra o terror, combatendo o Comunismo, um sistema que pregava a igualdade para todos, indistintamente.

Não é preciso dizer que isto desagradou a todos e não foi pelo fato de que isto tomaria de quem tem mais para conceder a quem tem menos; foi pelo simples direcionamento da política em que se tomava a liberdade de se aventurar na ampliação dos negócios, cerceando o direito de angariar novas formas de execução dos negócios e investimentos intelectuais. De outro lado, tem-se aqueles que passam a esperar do Estado qualquer tipo de ajuda e em pouco tempo passam a exigí-la e se isto não acontece se rebelam, não faltando quem diga que eles estão de posse do direito legítimo, por causa de uma série de fatores que são expostos...

Em nenhum lugar das Escrituras Sagradas está dito que haverá glória sem luta. O homem luta, diariamente, com a natureza e todos os seus componentes, a fim de extrair dali o seu sustento e mesmo o seu lucro que advém da venda deste excedente para aqueles que estão em funções que não os possibilita a produção de alimentos. Todo este ciclo interminável é regido por uma força invisível aos olhos humanos, estando presente antes, durante e persistirá depois que a espécie humana deixar de existir, condição impossível, mas hipoteticamente cogitada.

Mesmo que a *Physis* seja violenta e imponha ao ser humano diversas crises fenomenológicas de ordem natural, estas que ceifa uma boa quantidade de vidas, ela mesma não impede que se criem alternativas e estratégias para superar os desafios que aparecem a cada estação. A cada crise enfrentada, o intelecto se põe em ação e o resultado é a inteligência abstrata sendo declarada na forma de novas habilidades e competências.

A religião comunista impõe uma desgraça sobre os indivíduos a quem chamam de camaradas, companheiros, irmãos e ao mesmo tempo os impede de buscar uma solução e quem ouse fazê-lo é exterminado sem a menor piedade; tudo em nome de um ideal de igualdade coletiva, não de igualdade social.

A educação religiosa que inculcam nos seres humanos, desde o nascimento, transforma-os em criaturas concretas, incapazes de entender Deus como essência, esta, também entendida sob a direção do pensamento de M. Heidegger, que se trata do movimento dialético. Mesmo para o intelectual do século XXI, é-lhe impossível tecer uma experiência espiritual direta com o divino. Na escola, de segunda a sexta, as crianças escutam que tudo foi criado por um Deus e isto é fato consumado, porém, ninguém provou tal e, como as crianças estão neste período na letargia intelectual é melhor escutar,

acreditar e tocar a vida para frente, afinal, nasceram em um período de relativa paz, onde ninguém morre por crer nestas coisas. A doutrinação desde o berço o faz necessitar de um contato real, por isto, o pastor e/ou o Padre serem detentores de tamanho poder sobre os seus rebanhos. A proibição do questionamento, objeto pacífico de punição severa, da mesma que a dúvida é interpretada como blasfêmia, objeto para o qual não existe perdão, transforma em covardes aqueles que poderiam ir além das fronteiras do saber no futuro. Com isto, condena o futuro de toda a humanidade a ser administrado por glutões e velhacos, quando não por covardes que nada mais faz que gerir pela imposição do medo sobre todos, sempre buscando respostas fáceis para os problemas que surgem ao longo da existência.

Gagárin era cristão, batizado na Igreja Cristã Ortodoxa Russa e um amigo pessoal do jovem disse que ele jamais proferiu tal frase; pelo fato de ser um indivíduo religioso. Este detalhe de sua vida é o que reforça, confirma e valida a expressão dita. Afinal, somente um homem muito religioso e de grande fé, poderia ter dito tal coisa porque o que os fanáticos religiosos mais esperam é que aconteça-lhes uma experiência que os coloque em conexão direta com o sagrado. E o fanatismo é diretamente proporcional à ausência de fé! Ou seja, à medida que esta decresce, aquele eleva-se [*quase*] ao extremo da loucura obsessiva. O desejo insano de que ocorra-lhe uma revelação é *per si*, uma prova concreta de sua dúvida acerca da existência de ser, por ele, divinizado. Por este motivo, viverem mergulhados na culpa, uma que vez que não é o pecado que faz nascer a culpa, mas antes esta que, para justificar-se, cria a noção daquele. Afinal, um é a razão direta da existência do outro, porém, um deles tem que vir primeiro e, desta forma, o ciclo vicioso da neurose obsessiva da culpa faz o indivíduo profanizar suas ações, simplesmente, com a finalidade de caracterizar o que sente e justificar tal sentimento.

Portanto, a defesa que apresentei até aqui e que a pesquisa revelou como sendo uma premissa verdadeira, de que não fora o Major Gagárin quem expressou a frase objeto de estudo neste trabalho, não foi pelo fato de crer que o astronauta fosse religioso, mas antes, pelo fato de que isto soava tão irrelevante para alguém que acabara de tornar-se uma lenda viva que não fazia sentido uma provocação deste quilate com relação à fé alheia. E mais, um oficial educado no regime militar soviético aprende, antes de mais nada e acima de tudo, a ter respeito e a ser comedido em suas ações e palavras. Não é o tipo de atitude que esta frase expressa!

Toda estrutura que não possui um rigoroso controle sobre si acaba, por tornar-se despótica e arbitrária. Com a religião não foi diferente... Quando surge, o faz como um meio, um caminho para que o homem usasse como ritos, frases, libações, cantos, tudo isto com o intuito de ligar-se, uma outra vez mais, ao invisível e este pudesse fazer-se visível por meio de uma resposta, que era esperada pelo indivíduo suplicante. Em nenhum momento, em sua gênese, esteve inscrito, em alguma tábua da lei que seu uso teria como fim último, a dominação, a escravidão, a subjugação. Isto adveio oriundo do sentimento mesquinho humano que passou a sentir prazer naquele tipo mórbido de poder que a credence e a superstição popular passou a atribuir ao sacerdote, que passou a se intitular como o representante direto de Deus na Terra e, mais tarde, assumiu-se como o próprio Deus na Terra.

E não foi a fé do sacerdote que o fez todo-poderoso, antes foi a fé popular, por meio de um poder imputado pela fantasiosa mente coletiva, que, aos poucos a fez crer que, realmente, aquela figura patética detinha tal poder. Como este indivíduo passou a deter um real conhecimento dos ciclos da natureza, impressionar o povo e elevar-se à condição de deus foi coisa [*quase que*] ridícula. Teatralizou-se em meio a raios e trovões e isto fez com que fosse temido e não mais adorado por seus seguidores e o passo seguinte foi fazer com que outros o adorassem, através da força e da violência bruta desmedida. Em suma, o que era para *re-ligar* o ser humano ao sagrado passou a afastá-lo dele espiritualmente e a aproximação tornou-se um eufemismo, uma mentira e um jogo de poder abjeto.

Eis que, o problema não está na religião em si, está nas pessoas que representam o divino na Terra; porque uma vez imbuídos de um poder extremo, não há sensor que seja capaz de deter sua ganância que torna-se esquizofrênica, demente e insaciável. No início, a obediência, *in contesti*, do rebanho, extasiavam-no. Mas, com o tempo isto já não basta-lhe e assim começa a ter necessidades de testar sua força cada vez mais em campos mais amplos e o medo generalizado acede, o que leva a um estado de desequilíbrio tal que a solução torna-se [*quase*] impossível, aliada ao grave problema que o êxtase orgástico que a exibição deste poder insano exerce sobre a mente pouco questionadora da população. Os sacerdotes viram este tipo de poder ser conferido às feras bestiais e o quiseram para si... e conseguiram!

Para a opinião pública, o Major Gagárin disse: “Eu estive no céu e não vi Deus lá!”²² Heródoto poderia responder-lhe que não o viu “porque, dominados pela sorte, estão os

²² Gagárin, Yuri (1934-1968). Astronauta russo. A frase foi dita, supostamente, por ele, em 1961.

deuses tão alto que podem deixar ao homem, livres as mãos e o pensamento”²³, entendendo com esta expressão, a imaginação. Logo, imaginam que Deus esteja no céu.

Quando a Igreja coloca Deus nos Céus, acima das mais altas nuvens, o fez porque jamais pensou ser possível que, algum dia o ser humano pudesse chegar até lá. Os gregos colocaram os seus deuses no Monte Olimpo e em determinada época os gigantes da Terra escalaram o monte e tentaram tomar o poder pela força bruta. A fim de evitar o mesmo desastre, haveriam de colocá-lo em um local, eternamente, inacessível ao homem. E não é que deu errado! Funcionou até o primeiro homem chegar até lá!

CONCLUSÃO

A questão envolvendo a polêmica frase que alegam haver sido dita pelo Major Yuri Gagárin é tão infantil quanto a própria crença de que ele a disse, em qualquer momento de sua vida. A exploração do espaço já fora obra de Júlio Verne, publicada em 1865, mas que deixava os astronautas perdidos no espaço pelo fato de que não se sabia como trazê-los de volta à Terra. Isto apenas mostra que sonhos e desejos de realizar o feito soviético já era antigo; mas, faltava conhecimento e tecnologia para realizá-los.

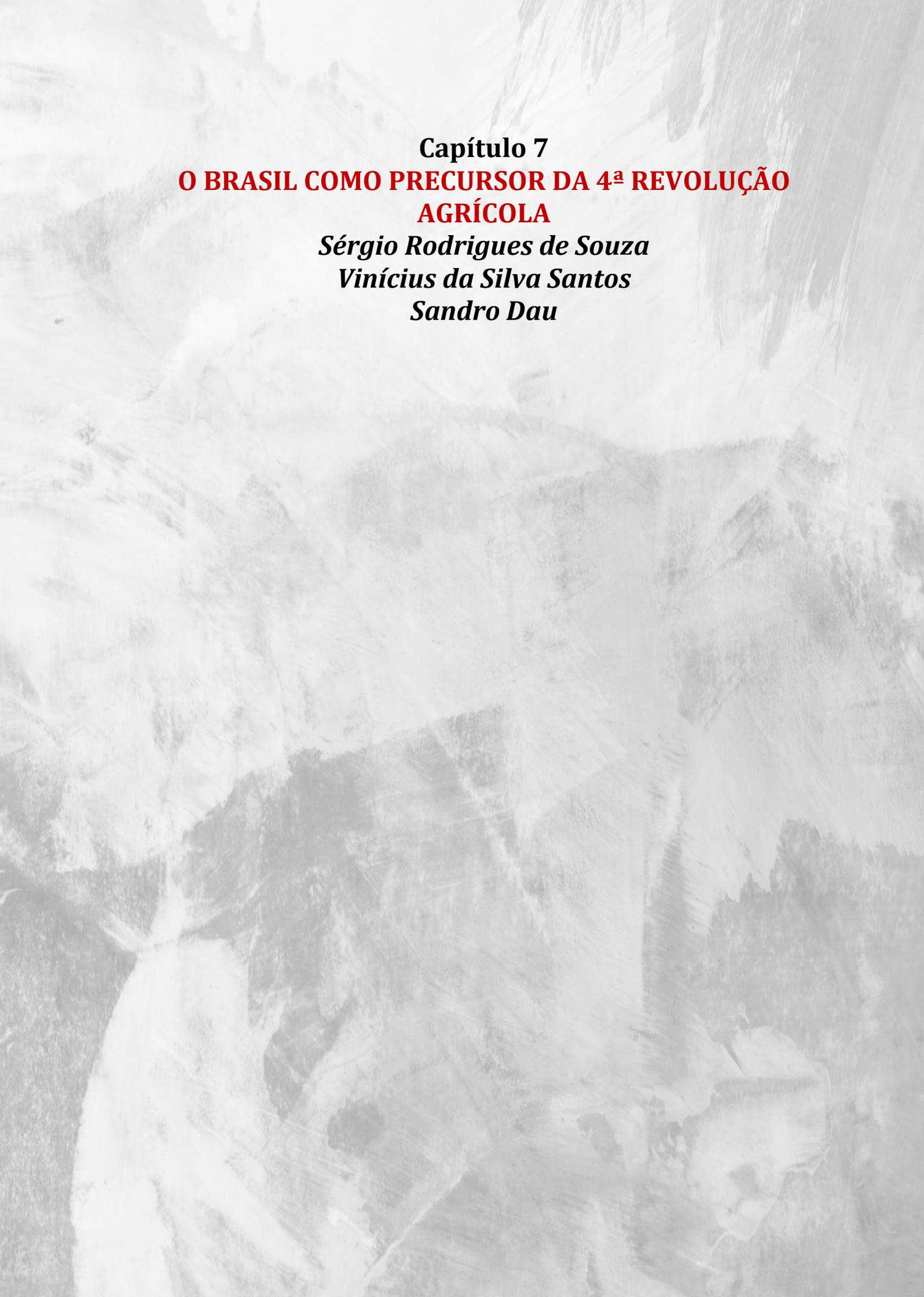
Sendo assim, quando se consegue superar estes dois fatores limitantes, atingindo a plena realização do sonho e a satisfação do desejo, a preocupação é com a existência ou não de Deus habitando o espaço sideral. Nada poderia ser mais estranho e sem nexo causal com a conquista humana que isto representa até os dias atuais, dado o volume de descobertas científicas, técnicas e possibilidades de avanço tecnológico e científico experimentado.

As discussões e as análises dos textos mostram que o Major Yuri Gagárin não expressou este pensamento em relação à existência de Deus. Somente um indivíduo muito irresponsável o poderia ter feito e para isto não faltava figuras no Politburo que pudessem por na boca do herói soviético tal expressão.

Estas situações distorcidas provocam distorções [*quase*] irreparáveis nos feitos heróicos de grandes homens. Parece que há um interesse coletivo em reduzir os heróis contemporâneos a figuras hediondas através de estruturas de linguagem, criando-lhes

²³ En lo original: Afortunadamente, pues, están los dioses tan alto que dejan libres al hombre las manos, y el pensamiento (HERÓDOTO, 2006, p. 06).

estigmas linguísticos que, uma vez impressos, não são mais passíveis de serem extirpados, da mesma forma que era a marca imposta ao corpo dos condenados na Grécia.

An aerial photograph of a rural landscape, showing a mix of green fields, brownish soil, and clusters of trees. The perspective is from a high angle, looking down on the terrain.

Capítulo 7
O BRASIL COMO PRECURSOR DA 4ª REVOLUÇÃO
AGRÍCOLA

Sérgio Rodrigues de Souza
Vinícius da Silva Santos
Sandro Dau

O BRASIL COMO PRECURSOR DA 4ª REVOLUÇÃO AGRÍCOLA

Sérgio Rodrigues de Souza

Estudante de Agronomia. Consultor Científico. E-mail: Sergiorodrigues52@hotmail.com.

Vinícius da Silva Santos

Biólogo. Mestre em Educação e Tecnologias pela Faculdade Vale do Cricaré. Professor da Rede Estadual de Educação do Espírito Santo. E-mail: viniucusbiologo33@gmail.com.

Sandro Dau

Pós-Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: sandrodau2008@gmail.com.

RESUMO

O presente trabalho aborda a temática sobre o Brasil como precursor da 4ª revolução agrícola. É um assunto de extrema necessidade, visto que mesmo sendo protagonizado como um expoente na produção de grãos e proteína animal, respeitando todos os protocolos ambientais, muito se diz em contrário ao agronegócio brasileiro e os produtores rurais. Trata-se de um ensaio teórico fundamentado em estudos de campo e análise de situações observadas e descritas por técnicos, extensionistas, produtores, cientistas e pesquisadores vinculados à área agrícola. O objetivo geral é esclarecer a dimensão revolucionária da produção agropecuária brasileira e do pioneirismo dos indivíduos que atuam, de maneira direta e indireta, no ramo. O Brasil vem se mostrando, há mais de meio século como um grande produtor de gêneros agropecuários, *comodities*, tecnologias, inovação e desenvolvimento fazendo uso daquilo que possui de mais elementar em sua conquista evolucionista epistêmica no setor agrícola: a busca pelo conhecimento dos objetos sobre os quais se debruça, a saber, a natureza, o solo, as plantas, o clima, os animais e os microorganismos e seus respectivos comportamentos em resposta aos manejos que lhes aplica. Isto faz com que seja exportador, além de bens de consumo, de tecnologias pioneiras, que resultam em produções mais elevadas e com maior impacto positivo para o Meio Ambiente e à população consumidora.

Palavras-chave: Produção agrícola brasileira; Agronegócio; Revolução agrícola; inovação em conhecimento e desenvolvimento tecnológico.

ABSTRACT

The present work addresses the issue of Brazil as a precursor of the 4th agricultural revolution. It is a matter of extreme need, since even being played as an exponent in the production of grains and animal protein, respecting all environmental protocols, much is said against Brazilian agribusiness and rural producers. This is a theoretical essay based on field studies and analysis of situations observed and described by technicians,

extension workers, producers, scientists and researchers linked to the agricultural area. The general objective is to clarify the revolutionary dimension of Brazilian agricultural production and the pioneering spirit of individuals who work, directly and indirectly, in the field. Brazil has been showing itself, for more than half a century, as a major producer of agricultural products, commodities, technologies, innovation and development, making use of what is most elementary in its epistemic evolutionary achievement in the agricultural sector: the search for knowledge of objects about which it focuses, namely, nature, soil, plants, climate, animals and microorganisms and their respective behaviors in response to the management applied to them. This makes it an exporter, in addition to consumer goods, of pioneering technologies, which result in higher productions and with a greater positive impact on the environment and the consumer population.

Keywords: Brazilian agricultural production; Agribusiness; Agricultural Revolution; innovation in knowledge and technological development.

INTRODUÇÃO

Desde o surgimento do homem sobre a Terra que a relação entre este e a natureza segue um padrão de conflitos, pelo simples fato de que a primeira possui suas próprias regras, fundamentadas no clima e isto fez com que as plantas adaptassem seus respectivos ciclos biológicos determinados por tais condições. A fim de atender às suas necessidades intrínsecas, os humanos começaram a selecionar plantas que podiam ser consumidas livremente e da mesma forma os seus frutos e, para isto teve que conhecer algumas propriedades inerentes aos mesmos, como a época em que estavam em condições de serem consumidos, textura, sabor e, o mais essencial, se podiam ser cultivados em seus espaços particulares, em seus respectivos quintais domésticos.

Esta condição singular dos seres humanos, em que as suas mãos e a condição bípede os permitem manipular elementos diversos, aliado ao seu intelecto, que o leva a produzir interrogações infinitas sobre todas as coisas que o cercam, com um determinismo pragmático, onde a sua sobrevivência é o ponto central de toda a luta do homem primitivo em relação à natureza e a um pretensão domínio sobre a mesma.

Em sua luta egocêntrica pelo domínio absoluto da natureza, compreendeu que sem conhecimentos sobre os seus estados e dinamismos terminaria sempre onde começou: no vazio da sua própria ignorância sobre tudo! Mas, depara-se com outro problema, ainda mais complexo, onde buscar conhecimento sobre as estações mutáveis da natureza, sobre as plantas, os animais, os ciclos de produção de cada um delas e suas exigências, se nem ele mesmo existia antes de tudo?

Este desafio posto fez com que o homem da Antiguidade tomasse a observação dos fenômenos, na tentativa de compreender as culturas e seus comportamentos, como uma ferramenta epistemológica que o auxiliaria a produzir o tão almejado saber de que necessitava para superar os desafios que se lhe apresentavam. Cada forma de tratamento dispensado na produção agrícola deveria ser analisada, de modo metucioso, a fim de determinar se sua prática se adequava àquela situação e como as culturas respondiam. Nascia, assim, a tecnologia, o estudo da técnica, o conhecimento sobre como oferecer tratamento aos vegetais e obter deles o máximo de produção, como resposta.

Ao longo de milênios, assim procedeu o homem em relação aos desafios da natureza, sempre tentando compreender os elementos que a compõem e, com isto, o conhecimento adquirido vai abrindo novas possibilidades de hipóteses até que se transforma em saberes e teorias, com potencial para serem testadas em nível de campo. Com isto, o homem descobre que não pode superar a natureza; pode tornar-se seu eterno aprendiz e, através deste processo, criar novas estruturas de saberes e superações.

Isto é o que vem ocorrendo com o Brasil desde muitas décadas, em que, por estar situado em uma faixa geotérmica complexa, indo desde o clima subtropical ao equatorial, com extremas variações climáticas, pluviométricas e pedológicas, obriga os produtores, técnicos, pesquisadores e cientistas brasileiros a desvendarem os mistérios que envolvem toda a condição trópica típica do País, buscando adaptação de cultivares, plantas, produção, produtividade, fenologia.

Por ser o Brasil, um país exótico, mais especificamente, em relação aos seus diversos biomas, cada vez que se depara com uma situação desafiante, a alternativa é encontrar soluções, viáveis e plausíveis, através de pesquisa aplicada e, mais uma vez se depara com um desafio instigante: aonde buscar respaldo e conhecimento que fundamente a investigação? Tem-se assim que, a solução é desenvolver saberes a partir da própria ação antrópica sobre os elementos que se mostram à disposição do agricultor e dos técnicos.

BREVE ESCLARECIMENTO SOBRE O PAPEL DA AGRICULTURA NA CONDIÇÃO EXISTENCIAL HUMANA

Ao longo da história humana, desde que os seres humanos conseguiram realizar feitos que tiveram o poder de mudar suas perspectivas em relação ao futuro de sua existência e sobrevivência, o domínio e a domesticação de plantas e de animais

representam um capítulo à parte em sua história social. O entendimento de que as plantas necessitavam de solos leves e aerados para o mais pleno desenvolvimento de suas raízes, com isto, proporcionando maiores colheitas pode ser uma das descobertas mais relevantes para a agricultura em toda sua história e que ocorreu a partir de observações e ensaios. De aí por diante, advém a necessidade de se desenvolver uma ferramenta que pudesse realizar o serviço de descompactação dos solos em grande escala. De tal necessidade empírica, o homem da Antiguidade inventa o arado. A invenção do arado [ocorrida por volta de 4.500 a.C.] ainda é considerada como a maior revolução tecnológica de toda a história da mecanização agrícola (SILVEIRA, 2000), pelo fato de ter possibilitado a aeração dos solos, o que permite às raízes das culturas explorarem a camada fértil do horizonte agrícola, com maior poder de ação e menor resistência ao seu desenvolvimento.

Os bovinos, que haviam sido domesticados milênios antes [por volta de 8.500 a.C.], passaram a ser usados para puxar os arados, o que representou outro avanço sem precedentes na história da humanidade e que proporcionar-lhes-ia novo salto de desenvolvimento, porque além de ser uma potente força de tração, grandes áreas destinadas ao plantio podiam ser preparadas em tempo menor (CARVALHO, BARBOSA e MCDOWELL, 2005) , aproveitando, assim, a janela de oportunidade para plantio das culturas que, desde sempre estiveram vinculadas ao fotoperíodo e ao regime de chuvas, ou seja, aos fatores biológicos e climáticos.

Outra situação que marca o desenvolvimento da agricultura é a seleção de plantas, processo este realizado de acordo com a capacidade produtiva das culturas-variedades escolhidas, resistência a pragas e doenças, tolerância a stress hídrico [tanto por falta quanto por excesso de água no solo], adaptação a outras condições climáticas adversas àquelas de sua origem, tipos de solos e manejos agrícolas.

Por muitos milênios, estas três situações revolucionárias vinculadas ao desenvolvimento agrícola significaram a elevação do *status quo* humano à condição de gênio e tudo parecia que assim persistiria, *ad infinitum*, não fosse a percepção de que, com o aumento exponencial da população, fato que Sólon (638-558 a.C.) já havia percebido e que durante o seu governo, como legislador da Pólis de Atenas (Grécia), implantou formas de cercear a explosão demográfica, com o intuito de garantir a alimentação do povo, sem riscos de fome, especialmente pelo fato de que todos os recursos naturais são limitados, como terra, água, capacidade de produção das culturas, controle de pragas e doenças e outras intempéries, algumas previsíveis, outras não.

Em 1798, o economista Thomas Robert Malthus (1766-1834) escreveu um poderoso artigo em que tratava da expansão demográfica conflitando com a produção de alimentos no mundo e até ousou fazer projeções para algumas nações em desenvolvimento. Sua tese se fundamentava no princípio de que a produção de alimentos crescia em proporção aritmética (assim definida 1:2:3:4:5...), enquanto a população crescia em proporção **geométrica** (assim definida 1:2:4:8:16:32...). Com isto, a capacidade de produção agrícola seria capaz de atender às demandas de consumo somente até a segunda geração e, de aí por diante, por mais que se aperfeiçoasse, estaria aquém das necessidades e mesmo que expandisse cinco vezes seu potencial de produção, na quinta geração somente poderia atender a um terço da população (MALTHUS, 1996).

A ideia e a sua análise sistemática se mostram brilhantes; entretanto, Malthus está falando de um país nórdico, com limitações de todos os tipos e de todos os elementos, inclusive de um elemento que os países tropicais possuem em larga escala e sobre o qual o homem detém muito pouco [ou nenhum] controle, que é o fotoperíodo, dois períodos distintos ao longo do ano, que são os relacionados a pluviometria intensa [período chuvoso] e um período de baixa [ou baixíssima] pluviometria, tão essencial para que muitas culturas mantenham ativos e regulares seus processos fitobiológicos. Adaptar culturas a tais condições de luminosidade e escuridão representa, ainda na atualidade, um desafio intenso aos geneticistas que trabalham com melhoramento de plantas, e para os agricultores, uma batalha incrível para ajustar as janelas de plantio das variedades de plantas comerciais, equilibrando horas luz-escuridão com regime de chuvas e curva de necessidade hídrica das mesmas.

No momento em que realiza seus estudos analíticos acerca da relação crescimento demográfico *versus* produção agrícola, as técnicas e tecnologias disponíveis estavam muito aquém do que se mostrava necessário para enfrentar um problema de tal magnitude. Todo cientista, por mais genial que possa ser [ou se mostrar ser], tem suas análises, interpretações, deduções e conclusões definidas e determinadas pelo momento histórico no qual esteja inserido junto com todo o aparato tecnológico que se mostre à disposição para auxiliar aos técnicos no enfrentamento dos desafios e problemas postos pela sociedade. T. Malthus não estava errado em seus estudos e inferências e, sua análise, mesmo limitada pelas condições de produção do Século XVIII, o parco conhecimento técnico e científico sobre a biologia das plantas e todo o seu potencial e ainda as condições precárias de vida da cidade de Londres, um legado ele deixou que foi o de se pensar

maneiras de superar os desafios de se produzir mais alimentos, explorando a potencialidade das plantas e dos solos em responder a tais demandas. O resultado é o que se presencia, de modo constante, em que países como o Brasil vem demonstrado uma capacidade de superação de suas produções, a cada ano, agregando, ainda, manejos e técnicas de produção cada vez mais vinculadas a condições de sustentabilidade ambiental.

Junto com estas inovações técnicas, tem-se buscado, através do conhecimento da meteorologia, os momentos mais propícios para se efetuar a semeadura das diversas culturas agrícolas, cada qual com um seu fotoperíodo determinado e necessidades hídricas singulares. Não se pode afirmar que já existam tecnologias disponíveis capazes de determinar o ponto ideal de semeadura das culturas e, toma-se o devido cuidado ao afirmar tal coisa, porque os estudos já realizados e comprovados apresentam uma janela ótima [*ideal*] para a realização dos manejos agrícolas nas lavouras comerciais; no entanto, o clima e suas variações é algo que está, completamente, fora do controle absoluto do homem e as mudanças ocorridas e suas influências afetam, de maneira direta, na ocorrência de infestação de pragas e doenças, interferindo nos resultados finais das produções.

É neste ponto que a extensão rural e a pesquisa agropecuária se mostram necessárias ao pleno desenvolvimento dos empreendimentos agrícolas, porque através de ensaios e registros técnicos, tem-se maiores possibilidades de se ter noções aproximadas dos fenômenos que acometem as culturas, podendo antecipar infestações que poderiam levar à destruição total das lavouras. Assim que, não basta o conhecimento teórico, há que agregar a este saberes empíricos que, uma vez aliados ao que se tem como saber preconizado pela academia, forma-se um entendimento consistente sobre as ocorrências no campo, comportamento das plantas e dos insetos, ácaros, protozoários, fungos e etc.

Infelizmente, desde sempre, a preocupação maior do ser humano é com aquilo que pode ver e, na agricultura, o que se pode ver, geralmente, é sintoma, jamais podendo ser encarado como causa e, é aí, neste ponto de inflexão que reside o que se pode determinar como a mais emblemática [*e necessária*] de todas as revoluções agrícolas porque a humanidade foi atravessada e que, de igual forma, tenha provocado.

Neste cenário, o Brasil se mostra como um produtor de tecnologias agrícolas revolucionárias, de modo inigualável na história, não pelo fato de ser a maior potência em produção de grãos e *comodities* da atualidade, mas por sua busca constante em reduzir

custos financeiros do seu empreendimento e nisto, terminou por descobrir que a capacidade de elevação da produção das cultivares-variedades que utiliza possuem limites muito estreitos, se considerado seu potencial genético; entretanto, através do melhoramento genético, o potencial de respostas ao manejo mostrou-se muito elevado até que este detalhe encontrou o seu gargalo [*o seu ponto de estrangulamento*] e, mais uma vez, os produtores brasileiros mostram-se pioneiros em buscar, criar, desenvolver e implementar práticas agrícolas que podem ser consideradas como a *revolução* agropecuária que mudará, por completo, a história da agricultura: o manejo do solo, não mais com vistas exclusivas à planta e às cultivares exploradas e sim, visando ao enriquecimento de toda a flora pedológica e à nutrição das culturas microbiológicas que são responsáveis pela transformação dos minerais [*orgânicos e químicos*] em fontes nutritivas aos vegetais, possibilitando o seu pleno desenvolvimento vegetativo [*fotossíntese e sínteses protéico-energéticas*], transformando tudo isto em elementos minerais disponíveis ao consumo humano e animal.

A pesquisa científica brasileira vem aprimorando técnicas e manejos que possam levar ao aproveitamento *ótimo* dos fertilizantes e adubos aplicados, de maneira a que, além de se evitar perdas por volatilização, contaminação dos solos, dos lençóis freáticos, das águas e do ar, reverta em resultados de produções agrícolas cada vez mais elevadas, com fluxo de massa potencializador das culturas sobrepostas às colheitas principais de verão. Tudo isto se transforma em tecnologias aplicadas, disponíveis a quem estiver disposto a aprender e a utilizá-las.

Cabe aqui, esclarecer o que se compreende como tecnologia. Doriello dos Prazeres (2008) é quem melhor apresenta um conceito: argumenta ele que,

O homem trabalha para obter da natureza os bens necessários à satisfação de suas necessidades. A evolução humana é um processo que até o momento se caracteriza pela crescente dominação da natureza pelo homem. Cada vez que o homem tenta extrair da natureza o que deseja, sente que ela não está ali para servi-lo, sente-lhe a hostilidade... E, para vencê-la, obtendo, finalmente, o que deseja, sente que precisa conhecê-la, para só então dominá-la. Cada vez que isto ocorre o conhecimento se amplia, e então a consciência se desenvolve... Nasce, assim, a tecnologia. E o que melhor representa, em nossos dias, o predomínio do homem sobre a natureza é o conhecimento humano adicionado ao emprego adequado da tecnologia! (PRAZERES, 2008, s.p.).

André Marcel Voisin (1903-1964) foi um dos primeiros cientistas agrícolas a afirmar que o peso daquilo que habita abaixo da terra é maior que o peso daqueles que

habitam acima dela, em uma clara referência à importância das ações metabólicas dos minerais [*orgânicos e inorgânicos*], realizadas pelos microorganismos [*fungos e bactérias*] que habitam a camada sub-superficial da Terra e que contribuem, sobremaneira, para a transformação dos nutrientes em formas absorvíveis às plantas exploradas comercialmente e os consumidores destas.

Completamente fora da vista de todos, acontece uma efusiva ação de decomposição de minerais, sequestro de carbono, queima de matéria orgânica, trocas catiônicas, neutralização de elementos químicos nocivos às plantas, em que são necessários a mobilização de vários nutrientes e compostos orgânicos. Tudo isto exige uma gama de conhecimentos que não se pode adquirir a contento, porque não está disponível a todos; somente pode ser adquirido, se não, pelo acompanhamento diário do emprego das tecnologias desenvolvidas aplicadas às culturas e ao manejo do solo.

O Brasil vem se destacando em diversos segmentos da agricultura comercial, com a utilização de sementes melhoradas geneticamente [*seja através do melhoramento convencional ou através da Biotecnologia – os Organismos Geneticamente Modificados (OGM)*], com elevadas taxas de respostas positivas e isto se deve ao seu investimento em práticas agrícolas sustentáveis, todas elas fundamentadas no princípio de que o solo é o agente que deve receber o máximo de investimentos diretos e indiretos. As plantas revelam o estado em que se encontra o sistema pedológico [*fauna e flora*] e, a partir da interpretação dos sintomas busca-se respostas aos desafios postos e o resultado é mais inovação, mais tecnologia revertida aos sistemas de produção e, como consequência, novos recordes de produção agropecuária, com um sistema agrícola cada vez mais sustentável. O que se preconizou chamar de *4ª Revolução Agrícola* é, para os produtores brasileiros, a ampliação de seu conhecimento sobre como tornar o solo e sua população macro e microbiológica mais ativa em prol da cultura implementada.

O QUE SERIA A 4ª REVOLUÇÃO AGRÍCOLA?

A Revista *Forbes Agro* publicou, na data de 2 de junho de 2022, uma matéria intitulada *Nobel de física pede uma Quarta Revolução Agrícola*. Este indivíduo, laureado com o Prêmio Nobel, em 1997, por sua descoberta no campo da Física é Steven Chu, físico da Universidade de Stanford e professor de fisiologia molecular e celular e membro do conselho da Oatly, empresa de alimentos à base de aveia. Ele discorre [*como pode*] sobre o que considera as 3 (três) revoluções agrícolas da história e conclama uma 4ª, esta que

resultaria em uma resposta do homem a um manejo inadequado e improdutivo quanto ao uso dos recursos naturais e à produção de alimentos.

Uma inovação nos sistemas de produção agrícola ao ponto de ser categorizado, pela história, como uma revolução global dependeria de se ter todo um sistema decomposto por técnicas arcaicas e que seu uso estivesse causando um dano tão severo ao Meio Ambiente que exigisse uma mudança radical, sem que isto afetasse os mecanismos de produção e as demandas vigentes por alimentos. Não é o que se mostra no cenário atual, em que a cada dia, novas pesquisas são levadas a efeito, na tentativa de se encontrar meios de aumentar a produtividade das culturas exploradas e a eficiência dos insumos utilizados, o que como resposta tem-se a redução de perdas diretas e indiretas, resultando em menor agressão ao meio e, a cada vez que isto acontecesse os saberes e os conhecimentos se elevam exponencialmente, abrindo novas perspectivas de investigação científica.

Steven Chu discorre sobre o que preconiza como essencial para uma agricultura sustentável e, o que entende como uma nova revolução no sistema de produção agrícola. Segundo ele,

Precisamos de melhores colheitas com menos fertilizantes e pesticidas de base fóssil. Há uma oportunidade de restaurar o carbono no solo que estamos esgotando desde o início da agricultura. Há necessidade de plantas mais resistentes ao calor e à seca. Há necessidade de repensar a produção de carne bovina e leite, [pois], se o gado de corte e leite fosse um país, seus cerca de cinco gigatoneladas de equivalente de CO₂ por ano seriam mais emissões do que qualquer outro país e, na verdade, são iguais às [emissões] dos EUA (emissões) no momento. E, se as áreas de descanso da terra, entre uma cultura e outra, forem usadas para cultivar biomassa para captura de carbono, essas plantas devem ser otimizadas para o crescimento por meio da engenharia genética (CHU, 2022, s.p.). [Os grifos são nossos].

Todos os tópicos elencados por Chu (2022) se mostram pertinentes e necessários de serem analisados com o devido cuidado sobre seus impactos [diretos e indiretos] sobre o presente e o futuro das nações, em especial daquelas que têm sua sobrevivência econômica fundamentada na produção agropecuária. No entanto, revoluções acontecem a partir de inovações, de estudos, de análises sistemáticas, de interpretações profundas e amplas sobre os sistemas e mecanismos ainda utilizados no presente, o que produz uma compreensão mais acurada das coisas, permitindo sínteses esclarecedoras e, o mais importante, pesquisa de campo, produzidas a partir de observações empíricas, testes, ensaios de campo, comparações e refutações, até que se encontre a verdade científica, que

pode ser deduzido como a causa dos efeitos [*positivos e/ou negativos*] das ações e interações humanas com o meio.

Chu (2022) cita um conjunto de normas e regras, sem fazer a menor referência sobre como atingir tais resultados, no curto, médio e longo prazos. A ideia inicial e sua primeira colocação é o sonho de consumo de todo produtor, a de produzir mais e melhor gastando menos fertilizantes e adubos químicos, especialmente, devido ao elevado custo, provocado, em especial, pelos custeios com transportes. Os defensivos agrícolas, em sua maioria, protegidos por patentes de empresas multinacionais, impactam cada vez mais sobre a planilha de custos e ao que parece, ao primeiro olhar, como ineficiência em sua ação de controle das pragas e doenças, seja por resistência destas últimas às moléculas ou por uso inadequado detém uma explicação mais complexa e mais profunda em que, com a elevação, cada vez maior, da capacidade potencial de produção das plantas, no processo de desenvolvimento genético, é uma coisa em prol da outra; ou seja, a elevação da capacidade potencial de produção de grãos, proteínas, de assimilação e de formação de cadeias carbonadas, trocas gasosas com o meio externo, entre outras coisas se dá em detrimento da potencialidade de resistência aos inimigos naturais de cada espécie.

Quanto aos mecanismos de fixação de Carbono (C) isto está vinculado à quantidade de Nitrogênio (N) que se possa oferecer na forma de matéria orgânica e, não se trata de, tão somente, deixar a resteva das culturas agrícolas disponíveis; há que trabalhar em prol de que esta esteja e se apresente de tal forma em tamanho, volume e distribuição uniforme sobre o solo para que toda a área seja beneficiada. Utilizar técnicas agronômicas que possibilitem menores perdas de Nitrogênio (N) para o ar atmosférico, aplicando doses adequadas à exigência de cada cultura, em particular. No que se refere à resistência à seca e ao calor, esta condição se trata de um eufemismo, porque sendo todo vegetal composto por 90% a 95% por Hidrogênio (H), Oxigênio (O) e Carbono (C); o máximo que se pode acreditar é no desenvolvimento de plantas com *tolerância [maior que as já existentes]* a tais condições de stress [*calórico e hídrico*] e que possam auferir respostas de produção mais elevadas que as que são exploradas, dentro dos preceitos agronômicos, com interesses econômicos.

Quando se faz referência a criação de gado de corte e leite, o vislumbre são as mega fazendas europeias e norte-americanas, em que são sistemas fechados, com dificuldades reais de aplicação dos resíduos sólidos e líquidos nas áreas de pastagens e de produção de forragens e forrageiras destinadas à produção de alimentos para o rebanho o que, de

fato vai produzir altas concentrações de amônia (NH₃). Os mega confinamentos terminam por produzir milhares de toneladas de dejetos dentro de um período, relativamente, curto, o que se torna um incômodo. Quando há possibilidades de aplicação às culturas forrageiras isto muda, porque os nutrientes minerais presentes nos dejetos dos bovinos é altamente absorvível pelas culturas forrageiras em desenvolvimento que necessitam de matéria orgânica de alta qualidade, além de Nitrogênio e Carbono e, por este motivo, sequestram grandes massas de carbono atmosférico, a fim de realizar seu ciclo vegetativo-biológico.

Nisto, o que se tem como problema é a condição [*legal e técnica*] para descarte desta matéria, subproduto da alimentação e da produção animal, tão necessária para a nutrição dos micro-organismos que vivem a trabalhar no solo, cuidando da manutenção de sua biofertilidade, promovendo a transformação dos nutrientes em energia metabolizável disponível às plantas que, por sua vez, irá promover a produção de alimentos, tanto para os humanos quanto para os animais.

Com relação ao pousio de áreas agrícolas, este é um tema já muito antigo, em que os aborígenes brasileiros já utilizavam para que as áreas utilizadas pudessem recuperar-se, no tocante a sua fertilidade e mesmo com relação à população de micro-organismos, coleópteros, anelídeos, pequenas aves e outros animais e plantas. A discussão é complexa quando o produtor enxerga sua terra parada como um gasto e não como um investimento, calculando o tempo de repouso do ponto de vista do que deixa de ganhar em termos financeiros e não tratando a situação, em si, como um manejo que aplica sobre seu patrimônio visando maiores inversões futuras em termos de recuperação das suas potencialidades, culminando em produção mais dinâmica.

Tudo o que Chu (2022) coloca como sendo o que ele preconiza uma nova evolução do sistema de produção agrícola passa por um detalhe sutil e que, ao longo dos anos foi sendo sequestrado, de modo sub-reptício, no Brasil, que é a assistência técnica integrada aos produtores rurais. Em lugar do profissional técnico capacitado e preparado, dentro de preceitos didáticos, com a missão de orientar o produtor rural sobre como explorar a sua terra, produzir em quantidade e qualidade, em harmonia com o Meio Ambiente, deixaram-no sem nenhum suporte [*ou entregue ao seu próprio saber*] e, criaram os órgãos de fiscalização ambiental, com suas regras draconianas para os quais, se não adotadas, segundo sua visão de gabinete, a sanção é multa e prisão.

A tão sonhada nova revolução agrícola deverá ocorrer via educação, transformando a relação do ser humano com o meio aonde vive, sem ter que demonizá-lo e, conseqüentemente, expulsá-lo de suas terras. O produtor rural precisa de conhecimentos técnicos, avaliados e testados pelos agentes de pesquisa, como as universidades e os institutos [*públicos e particulares*], de modo que chegue até ele o que estiver na vanguarda do saber agrônômico e zootécnico.

Com relação a todos os pontos elencados por Chu (2022), o Brasil é pioneiro desde a década de 1970, em que vem se destacando na criação de máquinas e implementos, seleção genética de plantas e animais, uso racional dos recursos naturais e manejo do solo, com aumento de sua produção agrícola ano pós ano, acrescido do detalhe de que a produtividade das culturas também tem se elevado como resultado de investimentos em pesquisas de melhoramento genético, botânica e, destacadamente, manejo [*das culturas e, especialmente, do solo*].

O BRASIL COMO PRECURSOR DA 4ª REVOLUÇÃO AGRÍCOLA

Não é como se pensa que cada nação decide, de modo autônomo, a tornar-se agrícola ou industrial, exploradora de bens raros. Sem que se tomasse conhecimento, diversos estudos analíticos e comparativos foram levados a efeito na Inglaterra, para se pensar as melhores estratégias de atuação dos países com relação às suas ações econômicas e, Karl Marx (1818-1883) revela um destes estudos que, “de acordo com os cálculos de Schwege, em 1823, a extração total das minas de diamantes exploradas no Brasil não alcançava, calculadas, tomando um período de oitenta anos, o preço apresentado pela produção média das plantações de açúcar e café durante um ano e meio” (MARX, 1962, p. 8).²⁴

O que fica esclarecido com esta epígrafe é que, uma vez determinado o viés de maior retorno econômico, considerado o tempo de inversão, a alternativa recai sobre o que apresente a melhor resposta, calculados todos os pormenores. Neste caso, o caminho para o Brasil que se mostrava, desde o início, como o mais promissor era o de ser uma nação agrícola e isto tornou-se realidade com a criação da Empresa Brasileira de Pesquisa

²⁴ El original: “Según los cálculos de Eschwege, en 1823 la extracción en total de las minas de diamantes en Brazil no alcanzaba, calculada a base de un período de ochenta años, el precio representado por el producto medio de las plantaciones brasileñas de azúcar y café durante año y medio” (MARX, 1962, p. 8).

Agropecuária (EMBRAPA), que já por mais de 50 anos vem se empenhando na produção de conhecimentos e tecnologias.

Muita coisa se diz sobre a produção agrícola do Brasil e sobre o seu potencial de produção. Começando com Pero Vaz de Caminha (1450-1500) que, assim que aportou às terras brasileiras, cuidou de escrever uma carta à Vossa Majestade relatando que a terra era boa e tudo que nela se plantasse dava, sem nem ao menos ter plantado um grão de qualquer cultura que fosse. O mais interessante é que o Brasil [*a Terra que dava tudo que se nela plantasse*] somente veio a ter o seu embrião agrícola fomentado após a chegada da Família Real Portuguesa, em 1808, que para cá veio fugindo do conquistador francês Leon Bonaparte. Como não havia produção de hortaliças, verduras e legumes, importaram um agrônomo holandês que começou a produzir tais produtos em terras tupiniquins.

Da mesma forma, o escritor uruguaio Eduardo Galeano que discorre sobre o açúcar produzido no Brasil e como esta atividade comercial tornou os solos brasileiros, antes ricos, em estruturas inférteis. Relata ele que, “o açúcar arrasou o Nordeste. A faixa úmida do litoral, bem regada por chuvas, tinha um solo de grande fertilidade, muito rico em húmus e sais minerais, coberto por matas tropicais da Bahia até o Ceará” (GALEANO, 1991, p. 72).

Continua a divagar, de modo romântico e alucinatório que, naturalmente nascida para produzir alimentos, o nordeste brasileiro passou a ser uma região de fome. Onde tudo germinava com exuberante vigor, o latifúndio açucareiro, destrutivo e avassalador, deixou rochas estéreis, solos lavados, terras erodidas. Fizeram-se, a princípio, plantações de laranjas e mangas, que pouco a pouco,

Foram abandonadas e se reduziram a pequenas hortas que rodeavam a casa do dono do engenho, exclusivamente reservadas para a família do plantador branco. Os incêndios que abriam terras aos novos canaviais, devastaram a floresta e com ela a fauna; desapareceram os cervos, os javalis, as toupeiras, os coelhos, as pacas e os tatus. O tapete vegetal, a flora e a fauna foram sacrificadas, nos altares da monocultura, à cana-de-açúcar. A produção extensiva esgotou rapidamente os solos. A floresta tropical se transformou em savana (Op. Cit.).

Gilberto Freyre (1900-1987), que é nordestino, relata que, no Brasil não existia somente terras férteis e sim manchas de solos muito férteis, mas que no cômputo geral os solos brasileiros eram pobres, em termos de fertilidade (FREYRE, 2005). Muito evidente que, a aplicação de técnicas errôneas de manejo como o uso abusivo de queimadas levou os solos [*já não tão férteis*] a uma decadência completa. Diz-se, na Europa, que a fertilidade

do solo é reflexo de seu proprietário. A fertilidade do solo não é um fator imutável e constante. Ela está sempre se perdendo, em maior ou menor grau, variando com a região, o fim a que se destina a exploração sofrida e as variedades de culturas aplicadas, havendo necessidade de reposição de nutrientes através de práticas agronômicas adequadas (ABREU, 2018).

Neste sentido, o Brasil vem se mostrando eficiente nos estudos, ensaios e aplicação de técnicas de conservação da fertilidade pedológica, utilizando cobertura morta como agente protetor dos solos contra a ação direta das chuvas e contra a radiação solar direta. O plantio direto na palha já vem sendo aplicado desde a década de 1970 e o sistema adotado na agricultura brasileira é o mais eficiente do mundo, porque não se revolve completamente as camadas do solo após a implantação do sistema nas propriedades, havendo locais em que há mais de 50 (cinquenta) anos que não se realiza araduras para plantio.

Tudo isto implica em amplos e profundos estudos sobre a fertilidade dos solos, técnicas de manejo, mecanização e resultados nas colheitas. Desenvolveu-se picadores de palha adaptados às colheitadeiras de grãos, de maneira que haja uma maior uniformidade na distribuição da mesma ao longo da área. E, com esta técnica, houve redução no volume de herbicidas utilizados nas lavouras para controle das ervas invasoras o que, como consequência, mantém viva uma variedade de insetos que realizam controle biológico nas lavouras, sem qualquer intervenção humana no processo.

Os produtores rurais têm investido em rotação de culturas, culturas de inverno, a fim de formar camadas de matéria orgânica sobre os solos e com esta proporcionar a fixação de nitrogênio e carbono que serão utilizados pelas culturas comerciais exploradas. Englobando a árdua tarefa de produzir e reciclar nutrientes no solo, a rotação de culturas é eficaz desde que se tenham conhecimentos científicos sobre a fauna e flora do solo, fertilidade, pluviometria e disponibilidade de recursos humanos e técnico-científicos (máquinas, insumos, etc.).

Já está comprovado, através de inúmeros resultados de pesquisas e ensaios de campo, o dano que causa a prática da monocultura sucessiva e assim, evitam sua prática, como mecanismo de utilização sustentável dos recursos naturais do solo. Além de rotação de culturas comerciais, implantam mix de cobertura, utilizando culturas de inverno, com a finalidade única de produzir palhada, que se tornará cobertura morta, tão essencial à fauna e flora pedológica.

Capra argumenta que,

A prática da monocultura, além de acarretar o forte risco de que uma grande área plantada seja destruída por uma única praga, também afeta seriamente a saúde dos lavradores e das pessoas que moram nas regiões agrícolas [*exploradas*]. O desequilíbrio ecológico causado pelas monoculturas e pelo uso excessivo de produtos químicos resultou também num aumento enorme do número de pragas e doenças das plantações, combatidas pelos agricultores mediante [*uso*] de pulverização de doses cada vez maiores de pesticidas, num círculo vicioso de esgotamento e destruição. Os danos a saúde humana aumentaram correlativamente, à medida que uma quantidade cada vez maior de inseticidas tóxicos penetrava no solo, contaminava o lençol freático e chegava à nossa mesa (CAPRA, 2002, p. 184).

A monocultura é nociva ao ecossistema do solo porque movimenta um único grupo de nutrientes, exige um mesmo tipo de manejo, mobiliza nutrientes que ela necessita e deixa o restante em quantidades que podem prejudicar outras ocorrências de manutenção dos processos bioquímicos nos solos. Como se utiliza um grupo específico de defensivos agrícolas para controle entomológico, terminam por provocar o desaparecimento de determinados grupos de insetos e microorganismos e, ainda, contribuir para o surgimento de pragas resistentes, criando os chamados alienígenas, um grupo especial que nenhum tipo de defensivo consegue controlá-los.

Agricultura de monocultura é uma das atividades antrópicas que mais interferem e alteram os ecossistemas naturais. Nestas atividades o solo pode ser compactado, degradado, contaminado ou até mesmo carregado, refletindo na ausência de organismos. Ao contrário disto, em área de mata o solo fica protegido pelas copas das árvores e se torna menos exposto aos raios solares, impedindo uma perda significativa de umidade para a atmosfera. Já nas áreas agrícolas com plantio de monocultura e práticas convencionais como mecanização, solo descoberto e uso de fogo, ocorre maior perda de umidade, além de menor infiltração de água e aumento da temperatura do solo, tornado mais difícil o estabelecimento de uma cobertura vegetal. A mudança no uso da terra para produção em monocultura afeta os atributos físicos e microbiológicos e a maioria dos atributos químicos dos solos. O que se percebe, de modo muito evidente, é que a prática da monocultura colabora, também, para a redução da biodiversidade local (PERIN et al., 2021).

A necessidade de rotação de culturas se dá, ainda, porque há, na química do solo, o *fluxo de massa* e a *difusão*; em que, o *fluxo de massa* é o remanescente da adubação que foi feita na cultura anterior e não foi absorvida totalmente por esta, mas que se encontra

disponível a uma cultura que tiver exigência de tais nutrientes que forem plantadas logo a seguir. Enquanto a *difusão* é a anexação destes nutrientes à massa do solo que se transforma em quelatos ou, seja, um tipo de estruturação molecular dos elementos químicos que ficam precipitados no solo, impossibilitados de serem assimiladas por outras culturas, a curto e médio prazos (ABREU, 2018). Quanto mais se utilize um único tipo de cultura comercial, mais este detalhe químico vai se acentuando, resultando em consideráveis perdas econômicas e de potencialidade agrônômica.

Com relação aos defensivos agrícolas, com a criação da logística reversa com relação aos vasilhames, cada vez mais frascos vêm sendo recolhidos a cada ano, em que um destino seguro é dado a eles, sem riscos de que continuem contaminando rios, lagos, nascentes e pessoas que fazem uso destas vasilhas para uso doméstico.

Em 1992, durante a *Eco92*, a Organização das Nações Unidas (ONU) já recomendava o Manejo Integrado de Pragas e Doenças, onde se preconizava reduções nas aplicações de defensivos agrícolas nas lavouras e culturas comerciais. Os técnicos e produtores brasileiros já faziam uso de técnicas visando esse objetivo, determinando, através de estudos de campo, determinações do que seriam populações biológicas e populações econômicas de insetos e a partir dos resultados alcançados, utilizando cálculos estatísticos, orientar para o uso [ou não] de defensivos agrícolas específicos, para cada caso, a fim de controlar a população infestante, evitando danos econômicos à cultura explorada agronomicamente.

Destaca-se que o Instituto Capixaba de Pesquisa Agropecuária [*antiga EMCAPA e, atualmente INCAPER – INSTITUTO CAPIXABA DE PESQUISA E EXTENSÃO RURAL*], órgão de pesquisa do Estado do Espírito Santo foi pioneiro [*em nível mundial*] na pesquisa sobre controle biológico da broca-do-café (*Hypothenemus hampei*), iniciado no início da década de 1980, na fazenda experimental localizada no município de Linhares, interior do Espírito Santo. O manejo diferenciado, com uso de sombreamento, nas lavouras de café Conilon (*Coffea canephora*), utilizando consórcio com seringueiras (*Hevea brasiliensis L.*) proporcionou visibilidade ao produto brasileiro, agregando-lhe um valor singular.

O documento final do encontro, intitulado *Agenda 21*, orienta que

O manejo integrado das pragas, que associa controle biológico, resistência da planta hospedeira e práticas agrícolas adequadas, e minimiza o uso de pesticidas, é a melhor opção para o futuro, visto que assegura os rendimentos, reduz os custos, é ambientalmente benigno e contribui para a sustentabilidade da agricultura. O manejo integrado das pragas deve estar estreitamente associado a

um manejo adequado dos pesticidas para permitir a regulamentação e o controle dos pesticidas, inclusive de seu comércio, e a manipulação e a eliminação seguras dos pesticidas, especialmente dos tóxicos e de efeito persistente (ONU - AGENDA 21, 1995, p. 195 - Cap. 14).

A adoção da prática da *Agricultura de Precisão*²⁵ foi outro avanço tecnológico dos produtores brasileiros, em que se aplicam adubos, fertilizantes e defensivos a taxas variáveis, não prejudicando a composição química do solo, minimizando os danos potenciais e reais ao Meio Ambiente. Não se utiliza a queima nos canaviais para colheita, o que permitiu que a vida útil das lavouras de cana-de-açúcar quase dobrasse. Os resíduos de palhas na lavoura, bagaço e subproduto são destinados à produção de energia, nutrição animal ou para queima nas caldeiras das usinas de álcool e açúcar.

Com o aumento das áreas plantadas e o progressivo aumento da produtividade, o Brasil passou a consumir mais fertilizantes do que a quantidade produzida internamente. A resposta da pesquisa: a criação de uma tecnologia para fixar o nitrogênio do ar nas raízes das plantas através de bactérias. A Fixação Biológica de Nitrogênio (FBN), presente, na atualidade, em 75% da área cultivada de soja é responsável por uma economia da ordem direta de R\$ 2 bilhões por ano em compra de fertilizantes nitrogenados. A FBN contribui, ainda, para a redução do consumo de energia e das emissões de gases de efeito estufa (BRASIL – EMBRAPA, 2018).

O gado bovino brasileiro é, em sua quase totalidade, criado em sistemas de pasto, em que seus dejetos e outras formas de gases são insuficientes para atender às necessidades biológicas das culturas forrageiras, ou seja, o sistema de produção animal brasileiro é realizado na mais perfeita condição harmônica com a natureza. As pastagens são, em boa parte, sombreadas, oferecendo conforto térmico adequado aos animais em campo. Com a questão de sombreamento das áreas destinadas à pastagem, isto gera conforto térmico aos rebanhos, cuidando de um preceito de respeito à bioclimatologia animal.

Com poucos investimentos, todo o rebanho de gado *vacuum* brasileiro pode ser acomodado em metade da área que, atualmente, é utilizada para produção de carne, sem que para isto se exija investimentos vultosos.²⁶ Os técnicos, cientistas e produtores rurais

²⁵ “A Agricultura de Precisão (AP) compreende um conjunto de técnicas e metodologias que visam otimizar o manejo de cultivos e a utilização dos insumos agrícolas, proporcionando máxima eficiência econômica. As ferramentas de AP permitem o uso racional dos fertilizantes e agrotóxicos garantindo a redução dos impactos ambientais decorrentes da atividade agrícola” (BRASIL, 2009, p. 4).

²⁶ Acerca deste tema, *vide* o artigo de: SANTOS, Vinícius da Silva; SOUZA, Sérgio Rodrigues de. Uso potencial das áreas de pastagens degradadas para a produção de grãos como estratégia de redução do desmatamento. In:

brasileiros vêm a cada ano investindo, seguidamente, em tecnologias que são elaboradas e desenvolvidas a partir do conhecimento adquirido sobre comportamento dos animais e plantas, numa relação dialética de reciprocidade e simultaneidade entre a teoria e a prática agrícola.

Cada vez mais, as propriedades têm buscado realizar os controles de pragas e doenças em suas lavouras e rebanhos através de controle biológico; porém, esta representa uma questão muito complexa, porque à medida que as culturas e animais vão sendo melhorados geneticamente com a finalidade de tornarem-se mais produtivos acabam perdendo em condições naturais de resistência e de defesa contra parasitos, insetos e ácaros, fungos, nematóides, etc., o que conduz, de modo inevitável, ao uso de produtos químicos para controle.

As propriedades agrícolas brasileiras mantêm, por força de lei, 20% de sua área total destinada para preservação ambiental permanente, junto com proteção das margens de lagoas, lagos, riachos, rios, topos de morros, brejos. Isto faz com que o produtor rural seja o maior aliado na preservação do ecossistema, uma vez que um percentual muito maior que este é mantido intacto.

Os produtores brasileiros vêm, a cada ano, em parceria com técnicos, pesquisadores e cientistas, tentando encontrar e desenvolver alternativas de produção cada vez mais limpas, utilizando procedimentos orgânicos e, com isto, entenda-se menor uso de adubos químicos e defensivos, na tentativa de preservar a fauna e flora pedológica. Com isto, tem-se criado tecnologias de ponta, conhecimento nas mais diversas áreas do saber biológico, agrônômico, veterinário e zootécnico.

A produção agrícola brasileira tem se elevado a cada ano, alcançando recordes históricos de produção e, tais ganhos, não é devido ao aumento da área plantada e nem por causa do uso abusivo de adubos e fertilizantes. A causa é a aplicação de décadas de conhecimentos acumulados que vem sendo aplicados de maneira idônea. Devido à dimensão continental do País, em que quase todos os tipos de clima são encontrados, investimentos em conhecimento acerca do comportamento de solos, animais e plantas que se adaptem a cada região específica, dotada com suas particularidades e singularidades exigiu-se dos empresários rurais e dos técnicos, em parceria com empresas de melhoramento genético de plantas e animais, indústrias de produção de

Silveira, Jader Luís da. (Org.). *Agronomia e Pecuária: Transformação e Produção Nacional - Volume 1*. Formiga (MG): Editora Real Conhecer, 2022, pp. 83-96. [Livro eletrônico].

máquinas e implementos uma troca simbólica de informações, saberes e conhecimentos de tal envergadura que fez do Brasil, não mais *o País do futuro* (ZWEIG, 1941); mas, o *futuro* em si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o assunto se relaciona à produção agropecuária, o Brasil se revela como um autodidata no assunto e, tudo o que conquistou, ao longo de décadas de investimento em pesquisas e aplicação dos resultados se deve a um esforço conjunto e coordenado entre Iniciativa Privada e Poder Público, através do empenho de produtores, técnicos, pesquisadores, cientistas, professores e extensionistas.

Como alguns pretendem deturpar a imagem de nação agrícola auferida ao País, chamando-o de *fazendão*, onde atua como produtor e exportador de matéria-prima e importador de bens industrializados, ou seja, vende produtos sem valor agregado e compra, na contramão, com valor agregado e a peso de ouro, o fato é bem outro, porque junto com o que se adquire do Brasil (*comodities*, carne, etc.), leva-se junto produção de inigualável resultado de anos de investimento, a fim de adquirir conhecimentos, aprendidos a partir do contato direto com a natureza, observando e participando, de maneira direta, dos resultados.

Graças a todo o empenho do País na evolução de seu processo de desenvolvimento agropecuário, exporta-se muito mais *conhecimento* que produtos em si. Os produtores norte-americanos sentem-se orgulhosos quando falam dos produtos e técnicas criados pelos produtores rurais brasileiros e que revolucionam as formas de produção ao redor do mundo, citando como exemplo o rolo-faca, um equipamento agrícola que possibilita a picagem da palhada e de cobertura morta, facilitando o manejo e o plantio das diversas culturas, permitindo que se evite o uso do fogo e arações, como antecipação ao plantio das culturas.

Aquele que ousar dizer que o mundo necessita de uma 4ª revolução agrícola demonstra ignorância total sobre o sistema brasileiro de produção agropecuária. Tudo o que se atingiu até este momento, em termos de conhecimento técnico-tecnológico e científico está muito aquém das potencialidades que os produtores e técnicos, extensionistas, pesquisadores e cientistas ainda tem por descobrir e, assim o afirmamos porque o conhecimento dos brasileiros sobre agricultura e pecuária advém de suas práxis

agronômicas, isto é, do resultado direto de suas ações cotidianas na natureza e em harmonia com ela, escutando-a, observando suas respostas às interferências e técnicas aplicadas na intenção de superar o próprio saber epistemológico acerca do binômio agricultura-natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, José Antônio Soares de. *A educação ambiental como caminho [possível] para o desenvolvimento de uma sociedade orgânica sustentável*. São Paulo: PerSe, 2018.

BRASIL. EMBRAPA. *Visão 2030: o futuro da agricultura brasileira*. Brasília (DF): Embrapa, 2018.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. *Agricultura de precisão*. Brasília: Mapa/ACS, 2009.

CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas: Ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

CARVALHO, Fernando Antônio Nunes; BARBOSA, Fabiano Alvim; MCDOWELL, Lee Russell. *Nutrição de bovinos a pasto*. Belo Horizonte: Editora Própria, 2005.

GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1991.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 50. Ed. Rio de Janeiro: Global, 2005.

MALTHUS, Thomas Robert. *Ensaio sobre a população*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. [Ensaio escrito, originalmente, em 1798].

MARX, Karl. *El Capital*. [Tomo I]. La Habana: Editorial Nacional de Cuba, 1962.

MCMAHON, Jeff. *Nobel de física pede uma Quarta Revolução Agrícola*. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbesagro/2022/07/nobel-defisica-pede-uma-quarta-revolucao-agricola/?amp>. Acesso em 24/07/2022.

ONU. *Conferência das Nações Unidas Sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – Agenda 21 (1992)*. Brasília: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados, 1995.

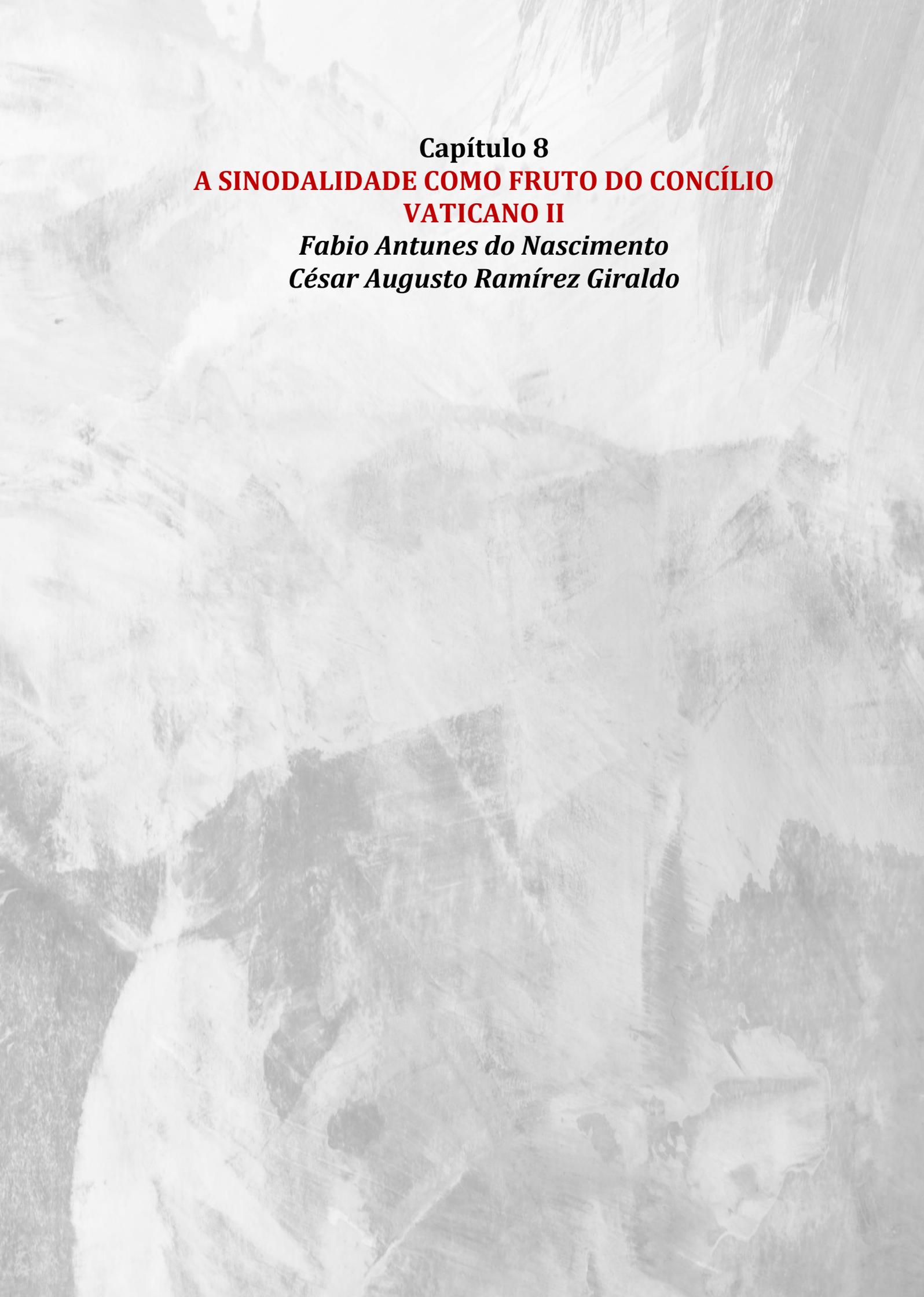
PERIN, Liamara; VIEIRA, Elaine Santos; ANDRADE, Veronica dos Santos; SANTOS, Taiane Conceição dos; ARAÚJO-PIOVEZAN, Talita Guimarães; MENEZES, Breno Freitas; MENEZES, Vanessa Marisa Miranda; DANTAS, José Oliveira. Efeitos da monocultura e aplicação de vinhaça sobre os atributos químicos, físicos e biológicos do solo em área de cultivo de cana-de-açúcar em Sergipe, Brasil. In: SOUSA, Carla da Silva; Lima, Francisco de Sousa; SABIONI, Sayonara Cotrim (Orgs.). *Agroecologia: métodos e técnicas para uma*

agricultura sustentável - Volume 3. São Paulo: Editora Científica, 2021, pp. 137-162.
[Livro eletrônico]

PRAZERES, Doriêdo Luiz dos. *Comunicação pessoal*, 2008.

SILVEIRA, Gastão Moraes da. *Máquinas para Plantio e Condução das Culturas - Volume 2*. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2000.

ZWEIG, Stefan. *Brasil, um país do futuro*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1941

An aerial photograph of a mountainous region, likely in the Andes. The terrain is rugged and covered in dense vegetation. A winding road or path is visible, leading through the mountains. In the lower right, there is a small settlement or village. The overall scene is a high-altitude landscape with significant elevation changes.

Capítulo 8
A SINODALIDADE COMO FRUTO DO CONCÍLIO
VATICANO II

Fabio Antunes do Nascimento
César Augusto Ramírez Giraldo

A SINODALIDADE COMO UM FRUTO DO CONCÍLIO VATICANO II

Fabio Antunes do Nascimento

Doutorando em Teologia pelo CEBITEPAL – CELAM, Bogotá na Colombia, Mestre em Teologia Pastoral pelo CEBITEPAL – CELAM, presbítero e Coordenador Diocesano de Pastoral da Diocese de Coxim - MS, Professor de Teologia Pastoral na UCDB, fabiopjms@hotmail.com

César Augusto Ramírez Giraldo

Doutor em Teologia e Dr. em Filosofia - Docente titular Universidad Pontificia Bolivariana de Medellín - Colombia. cesar.ramirez@upb.edu.com

Resumo

O presente artigo procura contribuir na reflexão sobre a sinodalidade na vida da Igreja à luz do Magistério do Papa Francisco. Da eclesiologia do Concílio Vaticano II emergiu a consciência da necessidade da renovação eclesial desde seus fundamentos. Num processo de continuidade, podemos situar a sinodalidade como mais uma etapa desse desenvolvimento eclesial, uma categoria constitutiva da identidade da Igreja, desde sua origem, na comunhão Trinitária. Bem como, atual no seu desafio pastoral de tornar aplicável a verdade imutável do Evangelho no tempo presente. Nessa perspectiva propomos como essa busca, da Igreja Peregrina, pode avançar com a renovação eclesial a partir da sinodalidade nas paróquias, com processos como sugere a Comissão Teológica Internacional em seu documento sobre a sinodalidade, quando propõem um processo de implementação de: eventos, estilo e estruturas sinodais. Nesse sentido, refletimos sobre as estruturas de governança na paróquia - Pároco, Conselho Pastoral e Conselho Econômico – sugerindo que pequenas alterações em seu caráter podem desencadear essa conversão pastoral na perspectiva da sinodalidade. O tema deste artigo é fruto da pesquisa no processo de Doutorado em Teologia pelo CEBITEPAL (Centro Bíblico Teológico Pastoral para América Latina y el Caribe) do CELAM (Conselho Episcopal Latino Americano e Caribenho) junto a UPB (Universidad Pontificia Bolivariana) de Medellín, Colômbia.

Palavras Chaves: Sinodalidade. Paróquias. Conversão Pastoral

1 Introdução

O Sínodo dos bispos é um fruto concreto do Concílio Vaticano II criado pelo Papa Paulo VI em 1965 pelo *Motu Proprio APOSTOLICA SOLLICITUDO: ISTITUZIONE DEL*

SINODO DEI VESCOVI PER LA CHIESA UNIVERSALE (Instituição do Sínodo dos Bispos para a Igreja Universal), colaborou no desenvolvimento e aplicação dos documentos conciliares. Desde o início do seu ministério, Papa Francisco tem provocado os Sínodos a adentrarem em temas importantes da vida da Igreja, como por exemplo: família, jovens, Amazônia etc. Desse modo, ele tem valorizado esse organismo e integrado outros participantes que não sejam somente os bispos delegados ordinários. Agora, Papa Francisco propõe um Sínodo acerca da sinodalidade como categoria constitutiva em seu pontificado: ora por meio de gestos como do grupo permanente de cardeais que ajudam no governo da Igreja; ora por meio de eventos como os próprios sínodos e a publicação da Comissão Teológica Internacional (CTI) sobre a sinodalidade.

Da expectativa inicial que se tinha de que Francisco faria uma reforma da Igreja, desde uma profunda mudança anunciada da Cúria Romana, mas ainda não divulgada, até uma certa frustração dos mais afoitos, após as exortações pós-sinodais, o certo é que, em pouco mais de oito anos, Francisco promoveu vários atos que renovam e desencadeiam à renovação esperada na Igreja. Na esteira, desse movimento, a Igreja caminha para a realização de um Sínodo que pode dar um sentido mais abrangente para a categoria teológico-pastoral da sinodalidade.

Assim, podemos dizer que o pontificado de Francisco tem promovido aquilo que a CTI chama de gradualidade da sinodalidade – estilo, eventos e organismos –, que converge para a realização de um Sínodo sobre a sinodalidade. Com efeito, a sinodalidade avançou vigorosamente em dois âmbitos, a saber: na reflexão teológica e no Magistério do Papa Francisco. Também somam a estes âmbitos os eventos nos quais se promovem o estilo sinodal, como os dois últimos sínodos, a saber: o realizado sobre a Amazônia e a Assembleia Eclesial, programada para novembro de 2021.

Grande desafio no processo de implementação da sinodalidade na vida da Igreja é conciliar essa identidade eclesial a estrutura da paróquia. No imaginário eclesial a paróquia “é a figura da Igreja e sua imagem mais pública. Para a maioria dos batizados é o lugar e o âmbito em que o eclesial se faz acessível e experimentável” (ISP, 2018). Nossa questão fundamental é encontrar aquela “grande plasticidade”, que o papa indica para a paróquia, quando afirma que ela “não é uma estrutura caduca [...], se ela for capaz de se reformar e adaptar constantemente” (EG 28, 2013).

Nosso objetivo é colaborar na busca dessa plasticidade, assim como, indicar caminhos que podem iniciar, sem drasticamente pensar numa extinção da paróquia, nem

pretensiosamente propor um ato pontual que por si só transforme por completo a paróquia. Pensamos em processos que iniciados vão progressivamente se articulando e ganhando formas, como sugere a CTI: criar eventos, organismo e estilo sinodal.

Para tanto, pensamos que é possível desencadear o processo de “sinodalização” com o reconhecimento das Comunidades Eclesiais Missionárias e a efetivação dos Conselhos Pastoral e Econômico para governança na paróquia. Ademais, superar o centralismo da paróquia, configurando-a como a comunidade de comunidades e, ao mesmo tempo, promover o protagonismo dos leigos vencendo o clericalismo que são desafios enormes e que exigem um processo de conversão pastoral.

Pela descrição de como o termo sinodalidade vem sendo empregado depois do Concílio Ecumênico Vaticano II, principalmente a partir de seus documentos oficiais, podemos reconhecer a evolução que essa categoria vem sofrendo com o passar dos anos. Porque mesmo que não se trate explicitamente de sinodalidade, o Magistério dos Papas, as Conferências Episcopais e a reflexão de teólogos têm criado condições para o crescimento dessa esfera. Assim, juntos nesse caminho, queremos colaborar de forma qualitativa no desenvolvimento da sinodalidade na vida da Igreja, com a revisão de textos que contribuem para esse momento eclesial paradigmático do sínodo sobre a sinodalidade, em especial, de como implementar esse estilo na estrutura da paróquia.

2 A evolução da categoria sinodalidade

Por ocasião dos cinquenta anos da instituição do Sínodo dos bispos, pelo Papa São Paulo VI, o Papa Francisco definiu a sinodalidade assim: a sinodalidade, como dimensão constitutiva da Igreja, oferece-nos o quadro interpretativo mais apropriado para compreender o próprio ministério hierárquico. Se compreendermos que, como diz São João Crisóstomo, “Igreja e Sínodo são sinônimos”, – pois a Igreja nada mais é do que este ‘caminhar juntos’ do Rebanho de Deus pelas sendas da história ao encontro de Cristo Senhor –, entenderemos também que dentro dela ninguém pode ser “elevado” acima dos outros.

Nas palavras de Francisco, a sinodalidade é própria da identidade da Igreja, muito mais que uma estrutura de governança, e sim uma expressão eclesial da comunhão. De maneira concreta a sinodalidade se expressou num importante “órgão de governo pastoral da Igreja” (Paulo VI, 1965) nascido do Concílio Ecumênico Vaticano II, o Sínodo dos bispos. Também em outros níveis da Igreja foram desenvolvidos sínodos diocesanos

e nacionais, bem como, as Assembleias e as Conferências dos Episcopados, que atuam em estilo sinodal. Ademais, notadamente, o impulso de Francisco em seu pontificado tem provocado o aprofundamento da sinodalidade, especialmente pela convocação de um Sínodo sobre esse tema, que toda a Igreja está convocada a participar: “*Per una Chiesa sinodale: comunione, partecipazione e missione*”²⁷ (Sínodo dos Bispos, 2021).

Em 2018 a Comissão Teológica Internacional publicou um estudo intitulado: A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja. Esse estudo é um impulso para o aprofundamento dessa categoria que renasce com o Concílio Vaticano II, mas que segundo a CTI “muitos são os passos que faltam ser dados na direção traçada pelo Concílio (CTI 8, 2018). Assim, a sinodalidade não aparece em substituição as imagens da Igreja como Sacramento e Povo de Deus na “*Lumen Gentium*”, mas uma ferramenta para concretizá-las.

Além dos documentos do Magistério e as reflexões de teólogos, acerca da sinodalidade, vários eventos eclesiais e organismos colaboraram no desenvolvimento do conceito da sinodalidade. Desde o início de seu pontificado Francisco constituiu um conselho de cardeais para auxiliar no projeto da reforma da Cúria Romana. Também os Sínodos dos bispos, celebrados nesse período, foram ampliados pela participação de peritos, convidados, especialmente mulheres, de modo que o Sínodo da Amazônia, por exemplo, destacou-se por essa ampla participação de delegados, e não somente de bispos.

A sinodalidade desponta como uma categoria teológico-pastoral em desenvolvimento, sendo esse processo trilhado em dois sentidos. No primeiro de fundamento bíblico e da Tradição eclesial, para demonstrar que nas fontes do cristianismo o estilo sinodal foi constitutivo. No segundo, o desenvolvimento da sinodalidade, como sugere a CTI, implementando estilo, eventos e organismos sinodais, como indica Papa Francisco: “O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio” (Francisco, 2017).

As iniciativas de Francisco em diversas áreas como que semeiam a sinodalidade na ampla seara da Igreja. Exemplo disso podemos citar: *Scholas Occurrentes*²⁸, Economia de

²⁷ Trad. do autor: “Por uma Igreja Sinodal: comunitária, participativa e missionária”.

²⁸ *Scholas Occurrentes*: É uma organização de direito pontifício, que nasceu em Buenos Aires por iniciativa do então Arcebispo Jorge Bergoglio, hoje Papa Francisco. É uma rede internacional que une estudantes de todo o mundo ao redor de um programa educativo baseado na arte, no esporte e na tecnologia. O objetivo é promover a integração social e a cultura do encontro e da inclusão nas escolas.

Francisco²⁹, *Piattaforma Laudato Si*³⁰ e o Pacto Educativo Global. Para além, do âmbito eclesial o Papa Francisco tem criado caminhos de diálogo e promovendo a fraternidade de forma sistemática como apresenta em sua última Encíclica *Fratelli Tutti*, 2020.

2.1 A realidade da paróquia

Na exortação apostólica “*Evangelii Gaudium*” o Papa Francisco dedicou um capítulo sobre a “crise do compromisso comunitário” (EG, 50-109, 2013). Nesse cenário a paróquia é estrutura onde mais sensivelmente se percebe essa evasão dos féis e a pouca incidência das ações eclesiais. Por definição impera o aspecto estrutural que a paróquia adquiriu ao longo de sua história e que foi se sacralizando até nossos tempos, daí o conceito canônico prevalece: “Paróquia é uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco como a seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo diocesano” (CDC, Cân. 515 § 1º, 1987).

Mesmo com a força do caráter jurídico em relação a paróquia, não faltaram intentos de reformar, renovar e reconfigurar a paróquia. A estrutura que nasceu no século IV, como presença da Igreja no ambiente rural, progressivamente tornou-se a estrutura mais próxima da maioria dos batizados. Nessa trajetória histórica podemos destacar dois marcos: primeiramente o Concílio de Trento que consolidou a estrutura jurídica, praticamente inalterada até nossos tempos; depois, o Concílio Ecumênico Vaticano II, que ao recuperar o valor da Igreja Particular, se depara com o desafio de implementar uma nova eclesiologia numa estrutura gestada numa consciência eclesial distinta.

Na busca da sinodalidade como apontado acima, a paróquia aparece como um desafio, que se faz necessário um esforço em busca de uma conversão pastoral da paróquia como nos apontou o documento 100 da CNBB – Comunidade de comunidades:

²⁹ **Economia de Francisco:** Com o intuito de iniciar um processo de mudança global para que a economia do presente e do futuro seja mais justa, fraterna, inclusiva e sustentável, o Vaticano promove o evento “Economia de Francisco” (The Economy of Francesco). O encontro será realizado de 19 a 21 de novembro de 2020. E reunirá jovens economistas e empresários de vários lugares do mundo. Devido à pandemia da Covid-19, a atividade internacional que teria sido presencial em Assis, na Itália, em março, foi reagendada e adaptada para a modalidade online. Por isso, a participação se dará pelo portal francescoeconomy.org.

³⁰ **Piattaforma Laudato Si:** A Plataforma de Iniciativa *Laudato Si* do Dicastério para a Promoção do Desenvolvimento Humano Integral é um espaço no qual instituições, comunidades e famílias podem aprender e crescer juntas, enquanto caminhamos em direção à sustentabilidade plena, no espírito holístico da ecologia integral. Nós calorosamente convidamos você a se juntar a esta comunidade. Sua "cultura, experiência, envolvimento e talentos" únicos são necessários em nossa jornada em direção a um amor maior por nosso Criador, um pelo outro e pelo lar que compartilhamos. (LS 14).

Uma nova paróquia. Mesmo com o forte apelo de Aparecida, 2007 pela conversão pastoral, depois de quatorze anos, a realidade da paróquia mudou pouco ou quase nada.

2.2 A conversão pastoral da paróquia

Já o documento de Aparecida tinha apontado a necessidade de uma renovação da paróquia, quando afirmou:

“A renovação da paróquia no início do terceiro milênio exige a reformulação de suas estruturas, para que seja uma rede de comunidades e grupos, capazes de articular conseguindo que seus membros se sintam realmente discípulos missionários [...]” (DAp, 172, 2007).

Muitos estudos apontam a paróquia como estrutura moldada à realidade rural, que já não alcança todas as demandas da cidade, por se tratar de uma cultura urbana. Nesse sentido, o Papa Francisco critica a autorreferencialidade, que na paróquia parece estabelecer um círculo vicioso, consumindo todas as forças numa “pastoral de conservação”, onde toda a força vital dos membros é gasta na manutenção de “estruturas obsoletas”. Por essa razão, Aparecida ao convocar a Igreja do continente a um processo de conversão pastoral e renovação missionária, indica que esse é um compromisso de todos: “Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favorecem a transmissão da fé” (DAp 365, 2007).

Com efeito, ao apontar a sinodalidade como um imperativo para a Igreja no terceiro milênio, não estamos pensando em um novo organograma da hierarquia, nem num sistema democrático nos moldes eleitorais. A sinodalidade, antes de tudo, trata-se de uma abertura para caminharmos juntos, de uma expressão da comunhão, que pode gerar novas estruturas eclesiais, mas não se resume a isso. Assim, indicamos alguns tópicos que podem já, pelo Magistério e teologia existentes, serem implementados, não com a pretensão de, por si só, realizar o ideal da sinodalidade, mas ajudar a desencadear processos que favoreçam esse caminho de conversão e comunhão eclesial.

2.3 Pároco, clericalismo e autorreferencialidade

O pároco como pastor legítimo da paróquia carrega sobre si uma grande responsabilidade no governo, porém, à medida que as exigências da evangelização crescem mais pesada se torna essa tarefa. Uma consequência desse poder concentrado na figura do pároco é a anomalia eclesial denominada clericalismo, que o Papa Francisco

expressa não ser somente dos clérigos, mas ser “um comportamento que diz respeito a todos nós: o clericalismo é uma perversão da Igreja” (Francisco, 2018).

O modelo paroquial que delega a figura do pároco todo o poder decisório, demonstra que a pastoral nas paróquias vem sofrendo um processo de atrofia, fazendo com que as ações eclesiais tenham cada vez menos incidência na vida das pessoas. O pároco é um homem sobrecarregado, a paróquia depende dele para todas as decisões, logo, todo o processo é debilitado. Soma-se a esse modelo de organização as considerações sobre o perfil dos padres de cada época, haja vista que, não faz muito tempo que existiam documentos e textos dos bispos e da **CNP - Comissão Nacional de Presbíteros** preocupados com a entrega dos padres ao trabalho, que negligenciavam momentos de descanso, cuidado pessoal e, até mesmo, se descuidavam da própria saúde. No momento atual, embora faltem documentos mais objetivos sobre o tema, a realidade do clero jovem parece ser outra.

Por seu ordenamento canônico a paróquia favorece o clericalismo, que podemos definir como essa concentração deturpada do poder sobre os clérigos. As consequências são danosas para vida eclesial, visto que, humanamente, o pároco é exigido tanto, ao ponto que concentra tarefas impossíveis para uma única pessoa. Destarte, comunitariamente, a centralização da pastoral dos párocos gera uma perda do compromisso nos membros da paróquia, como apontou o Papa Francisco (EG 102, 2013), afirmando que eles não foram formados para assumir responsabilidades importantes, e quando há a oportunidade, não encontram espaço nas suas Igrejas particulares expressarem e agirem como tais, devido a um excessivo clericalismo que os mantém à margem das escolhas.

A concentração da responsabilidade paroquial sobre o pároco e a perda do compromisso comunitário pelos batizados, faz com que a ação pastoral esteja sempre deficitária. Nesse contexto é impossível pensar em iniciativas, criativas saídas, quando mal se consegue cumprir o que já é existente. Esse quadro gera o que Aparecida descreveu como um ciclo vicioso de “pastoral de mera conservação” (DAp 370, 2007). Isso gera um processo de involução, na qual a comunidade se desfaz, já que o princípio comunitário é caminhar juntos.

Podemos ilustrar esse quadro com a citação do XIII Plano de Evangelização da Diocese de Coxim – MS, que escutou mais mil membros das comunidades. O texto revela as aspirações sonhadas para aquela Igreja Particular:

Humildade, acolhimento, união, proximidade.

O Bispo seja unido com os Padres; faça mais Visitas Pastorais. Os Padres sejam acolhedores, compassivos, presentes nas pastorais, movimentos e setores, façam visitas aos doentes e idosos, visitem os pobres (e não só os ricos). Sejam menos administradores e mais pastores. As Irmãs sejam presentes nas comunidades e nas famílias; se comuniquem com os mais afastados e necessitados, sejam solidárias e meigas. Todos desejam a presença das Irmãs na própria paróquia. Os LEIGOS pedem mais formação; exigem mais coerência e união. Um pedido especial foi que os Padres fiquem nas paróquias um bom tempo, para dar continuidade às atividades (Diocese de Coxim XIII Plano Diocesano de Evangelização, 2015).

Por fim, o clericalismo que impõe a pastoral de mera conservação suprime a dimensão missionária, de modo que todo o esforço se volta às estruturas materiais da paróquia. Então, a paróquia torna-se sinônimo de seus templos, salas, salões e equipamentos, normalmente grandes e onerosos, e, sobretudo, o empenho maior já não é depositado sobre a evangelização e a pastoral, mas na administração e na captação de recursos. Outrossim, como numa atitude de autopreservação, a paróquia se fecha em si mesma, a semelhança do clericalismo que se fecha na figura do pároco e do autorreferencialismo em que a comunidade se fecha em si mesma:

“Ninguém constrói o futuro isolando-se, nem contando apenas com as próprias forças, mas reconhecendo-se na verdade de uma comunhão que sempre se abre ao encontro, ao diálogo, à escuta, à ajuda mútua e nos preserva da doença da autorreferencialidade” (Francisco, 2014).

2.4 Comunidades Eclesiais Missionárias e Igreja Particular

Como no retrato dos Atos: “Eles eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações...” (At 2,42), a comunidade é a expressão mais genuína dos cristãos. As paróquias surgiram posteriormente, mas embora tenham se tornado a estrutura eclesial mais próxima dos batizados, não deveriam anular ou serem tratadas como sinônimo de comunidade. A paróquia não é uma comunidade, ela é uma estrutura eclesial, que deveria articular as várias comunidades existentes em sua extensão.

A eclesiologia do Vaticano II que recuperou a categoria da Igreja Particular, provocou uma reflexão sobre as comunidades. Em nosso continente, por exemplo, esse movimento impulsionou o desenvolvimento das CEBs, que já haviam iniciado antes do Concílio. Não obstante, a Conferência de Medellín como recepção criativa do Concílio caracterizou a comunidade como: “local ou ambiental, que corresponda à realidade de um grupo homogêneo e que tenha uma dimensão tal que permita a convivência pessoal e

fraterna entre seus membros” (MD 15,10 1968). Nesse sentido, a comunidade tem tamanho humano, cria vínculos e exige condições de pertencimento.

Em Puebla, 1979 a consciência das CEBs estava bem consolidada na caminhada das dioceses do continente, por isso, após o número 641 explicar os três substantivos, o documento define que:

“As comunidades eclesiais de base são expressão de amor preferencial da Igreja pelo povo simples; nelas se expressa, valoriza e purifica sua religiosidade e lhe oferece possibilidade concreta de participação na tarefa eclesial e no compromisso de transformar o mundo” (Puebla, 643, 1979).

A caminhada das CEBs desencadeou muitos processos pastorais, marcados pelo protagonismo dos leigos, com ações eclesiais de muito impacto social na perspectiva da promoção humana.

Nos anos de 1990 foi promovida, em nome de uma nova evangelização, principalmente pela suspeita sobre a Teologia da Libertação – base teológica das CEBs – um enfraquecimento das CEBs. Promoveu-se uma “paroquialismo”, privilegiando os novos movimentos como, por exemplo, a Renovação Carismática Católica, que fortaleceu a ideia de autoridade da figura do pároco. Santo Domingo, Conferência do Episcopado, paradigmática, nesse sentido, equiparou esses novos movimentos a altura das comunidades quando apresentou seguinte imagem da paróquia: “A paróquia é comunidade de comunidades e movimentos” (SD 58, 1992).

O enrijecimento da autoridade do pároco, a concentração da vida eclesial na paróquia, especialmente na matriz, e a promoção dos movimentos enfraqueceram a caminhada das comunidades eclesiais. Hoje, as paróquias se encontram debilitadas como sinalizamos acima, implicando cada vez menos pessoas em processos comunitários, de modo que, os números dos últimos censos e as projeções estáticas demonstram uma queda vertiginosa do número de católicos. Tudo indica que a busca em concentrar e fortalecer a estrutura paroquial, anulando as comunidades de base, debilitou muito as paróquias, ao invés de fortalecê-las como se esperava.

Aparecida 2007 parece ter sido uma luz que se acendeu como um alerta para a Igreja, conforme sintetizou o padre Libânio, numa entrevista sobre a Conferência: “Uma das novidades do texto é a importância que atribui às comunidades e vê nelas o futuro da revitalização da Igreja. Trata-se de um tema que atravessa todo o Documento” (Libânio, 2008). O encontro pessoal com Jesus Cristo é onde nasce o discípulo-missionário, esse encontro acontece na comunidade e funda a comunidade.

O início do pontificado de Papa Francisco marca um impulso decisivo para toda a Igreja o caminho apresentado em Aparecida. Consagra esse chamado a exortação *Evangelii Gaudium*, na qual, precisamente no nº 24, o Papa aponta os cinco princípios da vida das comunidades dos discípulos missionários: “primeirar”, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar. A comunidade forma e envia os discípulos missionários, que por sua vez, “é o agente transformador da comunidade, é através da comunidade dos discípulos missionários que se promove a conversão pastoral e a urgente reconfiguração da paróquia” (Fabio, 2019).

A Igreja do Brasil por sua fecunda história com as CEBs e acolhendo os impulsos de Aparecida e do Papa Francisco, produziu diversos estudos e eventos para recuperar o valor da comunidade, na perspectiva de reconfigurar as paróquias. Notadamente o Documento 100 e as novas Diretrizes Gerais para Ação Evangelizadora (DGAE) 2019-2023, expressam as novas aspirações para a paróquia em nosso tempo. Como disse o Papa Francisco: “A paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes [...]” (EG 28, 2013), e aqui está o desafio que interpela as paróquias no momento.

O Documento 100, 2014 “Comunidade de comunidades: uma nova paróquia” apresenta a conversão pastoral da paróquia, em seus seis capítulos, sinalizando o contexto da realidade cultural que interpela a estrutura da paróquia. Com efeito, no segundo capítulo, interessante notar o apontamento que o Documento faz acerca do como a experiência de Jesus e seus discípulos funda comunidades, identidade genuína do cristianismo. A transição de uma Igreja das casas, perseguida e mártir para uma Igreja com templos, oficial e em expansão, mostra claramente como surgem as paróquias e como evoluem na história, tema próprio do terceiro capítulo.

No quarto capítulo desse Documento encontramos uma fundamentação teológico-pastoral da paróquia, enquanto que, no quinto capítulo temos a sinalização de quem são e como devem atuar os sujeitos da conversão pastoral, que tanto se espera da paróquia. E, finalmente, no sexto capítulo temos proposições pastorais que se esperam a fim de que se possam desencadear o processo de reconfiguração da paróquia em comunidade de comunidades.

Já as novas DGAE 2019-2023, 2019 assume explicitamente o propósito de recuperar o sentido comunitário ao apresentar a categoria da comunidade eclesial missionária. É uma evolução das categorias anteriores, não para excluir ou desconstruir

a bagagem eclesial construída até então, mas para incorporar, principalmente a chave missionária, a Igreja em saída. A comunidade é apresentada com a imagem de uma casa, como nas “*Domus Ecclesiae*”, onde as primeiras comunidades cristãs se reuniam. O capítulo primeiro é um convite a aprofundar o olhar dos discípulos em relação ao mundo atual, enquanto o segundo capítulo é um chamado a aprofundar o olhar sobre os próprios discípulos à luz do Mestre Jesus.

A imagem da casa que é a comunidade é estruturada sobre quatro pilares – Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária – que remetem a eixos da pastoral, respectivamente: iniciação à vida cristã e animação bíblica da pastoral; liturgia e espiritualidade; serviço à vida plena; estado permanente de missão. Espera-se recuperar o sentido comunitário e a promover o processo de conversão pastoral, superando as estruturas obsoletas e a pastoral de mera conservação. Segundo as DGAE 2019-2023 a comunidade eclesial missionária que se estrutura sobre esses pilares vai adquirindo a fisionomia da Igreja de Cristo, caracterizada no documento pelas imagens da casa como: lugar do encontro; lugar da ternura; lugar das famílias e lugar de portas sempre abertas.

A recuperação desse sentido da comunidade na vida da Igreja faz que possamos entender o que propõe Papa Francisco ao lançar o sínodo sobre a sinodalidade para toda a Igreja em todas as suas instâncias: “O Sínodo deve começar desde as pequenas comunidades, das pequenas paróquias. Isso requererá paciência, trabalho, deixar o povo falar. A sabedoria do Povo de Deus” (Francisco, 2021). Há na comunidade eclesial esse caráter sacramental, a força do Espírito inspira respostas criativas aos desafios atuais, é preciso abrir-se a escuta do Senhor que fala na e através das comunidades.

3. Conclusões

Vivemos um momento de escuta e abertura, que como irmãos e irmãs, queremos responder com fidelidade ao mandato do Senhor de ir por todo mundo anunciando o Evangelho. A Assembleia Eclesial e o Sínodo sobre a Sinodalidade, são espaços privilegiado dessa escuta e diálogo. Acreditando que o grande desafio para a implementação de um processo de sinodalidade na Igreja seja conjugar esse estilo de “caminhar juntos” na estrutura paroquial, me aventuro a sugerir alguns tópicos que podem, a meu ver, colaborar nesse caminho.

- ***Reconhecer a Comunidade Eclesial Missionária*** como unidade fundamental da base eclesial, constituindo um estatuto canônico em relação a paróquia.

- **Extinguir ou relativizar a figura do Pároco**, promovendo o Conselho de Pastoral Paroquial como órgão responsável pelo governo da paróquia.
- **Estabelecer o Conselho Pastoral Paroquial** como organismo **obrigatório e deliberativo** nas paróquias;
- **Situar o Conselho de Assuntos Econômicos** no organograma paroquial, como subordinado do Conselho Pastoral Paroquial;
- **Promover a “Diocesaneidade”**: a Diocese é a Igreja Particular e as paróquias estruturas a serviço, para isso, deve-se promover a caminhada unitária da diocese, notadamente pela adesão incondicional ao Plano de Pastoral e ao Bispo Diocesano;

Importante nesse tempo é a escuta e o diálogo. Todos podemos falar, propor e sonhar, mas, na mesma medida devemos estar abertos a escutar, a acolher e a caminhar juntos. Penso que essas atitudes vão, não somente mudar estruturas e programas, mas poderem, de fato, permitir que Deus fale através de seu povo. Vivamos esses momentos que Deus nos proporciona, na mesma fé que sugere o Papa Francisco: “um Sínodo não é outra coisa senão explicitar o que diz a *“Lumen Gentium”*: a totalidade do Povo de Deus é infalível, porém, deve se explicitar com a fé” (Francisco, 2021).

4 Referências

ANTUNES DO NASCIMENTO, Fabio. **Paróquias sem párcos, é possível?** Em: <<https://amerindiaenlared.org/contenido/11717/paroquias-sem-parocos-e-possivel/>> acesso em 11 de novembro de 2021.

BASTANTE, Jesús. **“Vimos com frequência seminaristas que parecem bons, mas muito rígidos. A rigidez é um de nossos grandes problemas”, constata Francisco**. Em: <<http://www.ihu.unisinos.br/609569-vidos-com-frequencia-seminaristas-que-parecem-bons-mas-muito-rigidos-a-rigidez-e-um-de-nossos-grandes-problemas-constata-francisco>> em 25 de maio de 2021.

Código de Direito Canônico

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência do episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documentos do CELAM. Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2005.

IHU. **Aparecida significou quase uma surpresa.** Em: <
<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1038-joao-batista-libanio-3>> acesso em 11 de novembro de 2021.

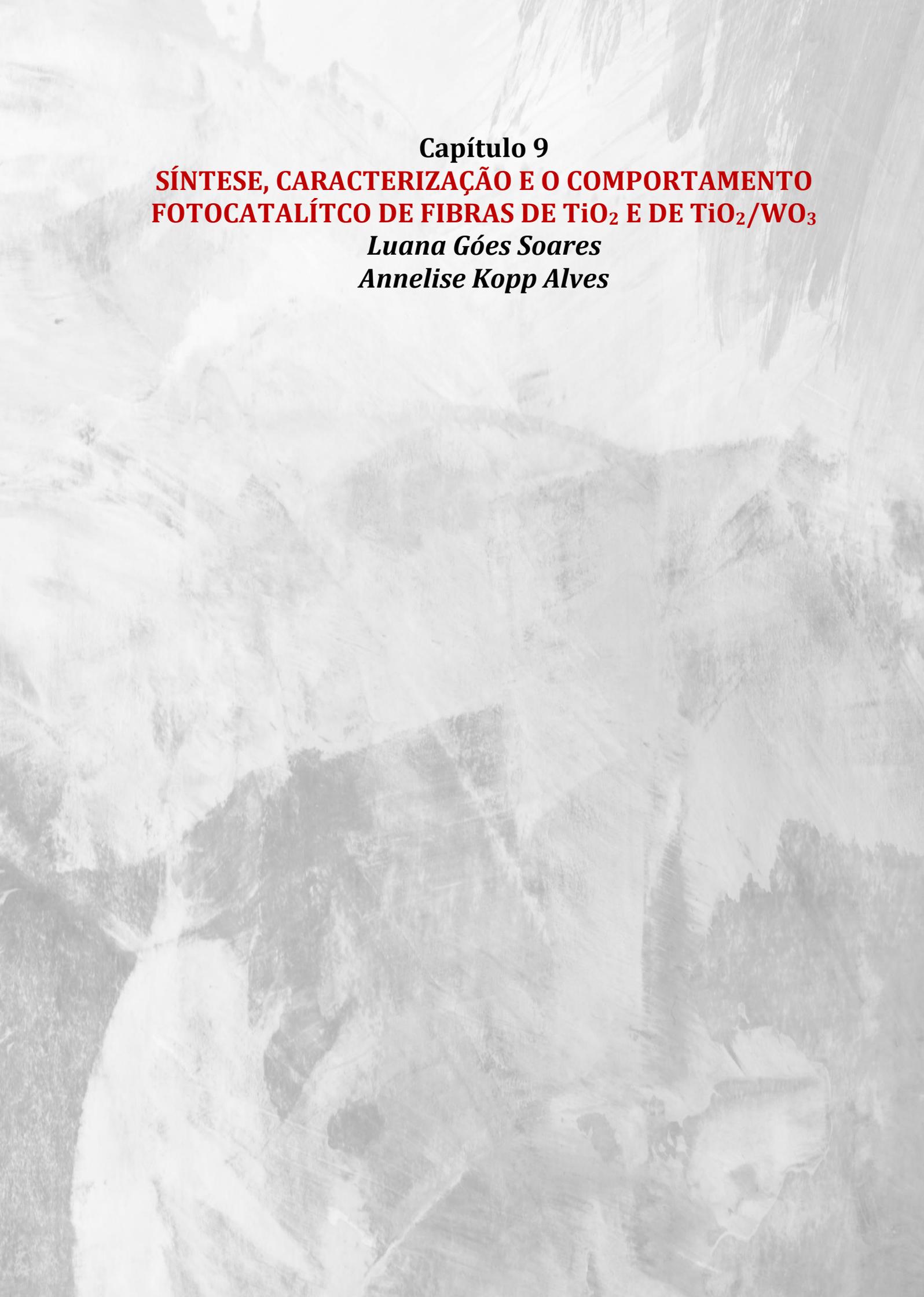
INSTITUTO SUPERIOR DE PASTORAL. *A vueltas con la parroquia: balance y perspectivas.* Navarra: Verbo Divino, 2008.

PAPA FRANCISCO, “Evangelii Gaudium”. *Acta Apostolicae Sedis*, vol.105, nº12 (2013).

PAPA FRANCISCO. **Comemoração Do Cinquentenário Da Instituição Do Sínodo Dos Bispos.** Em: <
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/pa-pa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html> acesso 11 de novembro de 2021.

PAULO VI, Papa. CARTA APOSTÓLICA - *APOSTOLICA SOLLICITUDO: ISTITUZIONE DEL SINODO DEI VESCOVI PER LA CHIESA UNIVERSALE.* Em: <
https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19650915_apostolica-sollicitudo.html> acesso em 11 de novembro de 2021.

VaticanNews. Papa: clericalismo é uma perversão da Igreja.
<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-08/papa-francesco-igreja-clericalismo-jovens-sinodo.html>> acesso 11 de novembro de 2021.



Capítulo 9
SÍNTESE, CARACTERIZAÇÃO E O COMPORTAMENTO
FOTOCATALÍTICO DE FIBRAS DE TiO₂ E DE TiO₂/WO₃

Luana Góes Soares
Annelise Kopp Alves

SÍNTESE, CARACTERIZAÇÃO E O COMPORTAMENTO FOTOCATALÍTICO DE FIBRAS DE TiO₂ E DE TiO₂/WO₃

Luana Góes Soares

*Laboratório de Materiais Cerâmicos/Departamento de Engenharia de
Materiais/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.*

E-mail: lugoes.soares@gmail.com

Annelise Kopp Alves

*Laboratório de Materiais Cerâmicos/Departamento de Engenharia de
Materiais/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.*

Resumo

A degradação de contaminantes orgânicos pela fotocatalise heterogênea é uma opção promissora, para substituir os sistemas convencionais de tratamento da água. O semicondutor mais utilizado em fotocatalise é o TiO₂ devido a algumas características específicas, como: eficiência, estabilidade, baixa toxicidade e insolubilidade em água. Entretanto, o TiO₂ tem suas capacidades fotocatalíticas ativadas apenas por 3% do espectro solar. A dopagem do TiO₂ com outros metais semicondutores, é uma alternativa para elevar a sua fotoatividade. Neste trabalho, fibras de TiO₂ e de TiO₂ misturadas com ácido túngstico (H₂WO₄) foram obtidos por *electrospinning*, caracterizados por: difração de raios X (DRX), microscopia eletrônica de varredura (MEV), e testes de fotodegradação de 125 mL de uma solução 20 ppm do corante alaranjado de metila. Os resultados apontam que as propriedades fotocatalíticas das fibras foram influenciadas pela: temperatura de tratamento térmico, redução de band gap e posição da banda de condução do WO₃ em relação do TiO₂, que inibiu a recombinação do par elétron/lacuna, permitindo a transferência de cargas entre os dois semicondutores, aumentando a eficiência do processo.

Palavras chave: fibras, fotodegradação, TiO₂, WO₃, semicondutores.

Abstract

The degradation of organic contaminants by heterogeneous photocatalysis is a promising option to replace conventional water treatment systems. The most used semiconductor in photocatalysis is TiO₂ due to some specific characteristics, such as: efficiency, stability, low toxicity and insolubility in water. However, TiO₂ has its photocatalytic capabilities activated by only 3% of the solar spectrum. The doping of TiO₂ with other semiconductor metals is an alternative to increase its photoactivity. In this work, TiO₂ and TiO₂ fibers mixed with tungstic acid (H₂WO₄) were obtained by electrospinning, characterized by: X-ray diffraction (XRD), scanning electron microscopy (SEM), and photodegradation tests of 125 mL of a solution 20 ppm of methyl orange dye. The results indicate that the

photocatalytic properties of the fibers were influenced by: heat treatment temperature, band gap reduction and position of the conduction band of WO_3 in relation to TiO_2 , which inhibited the recombination of the electron/hole pair, allowing the transfer of charges between the two semiconductors, increasing the efficiency of the process.

Keywords: fibers, photodegradation, TiO_2 , WO_3 , semiconductors.

1. Introdução

Os Processos Oxidativos Avançados (POA'S) podem ser divididos em processos homogêneos e heterogêneos. Sua base de funcionamento reside na geração de radicais hidroxila ($\bullet OH$), com alto poder oxidante, e na completa mineralização de diversos compostos orgânicos através da reação com este radical. Esses processos têm despertado atenção, por exemplo, devido ao aumento da complexidade e dificuldade no tratamento de águas residuárias, o que tem sido motivo para a busca de novas metodologias visando à remediação desses rejeitos. A ação dos radicais hidroxila ocorre pela adição à dupla ligação ou através da retirada do átomo de hidrogênio em moléculas orgânicas alifáticas. Oxidantes como o ozônio e o peróxido de hidrogênio, associados à radiação ultravioleta (UV) ou visível (Vis) e catalisadores ou semicondutores, são reações responsáveis pela formação dos radicais hidroxila [1].

A fotocatalise é um processo oxidativo avançado que através da ação de um fotocatalisador aumenta a velocidade de uma reação. Essas reações químicas são ocasionadas pela absorção de fótons de luz ultravioleta, visível ou infravermelho, por compostos (fotocatalisadores) que sejam capazes de gerar radicais livres, como os radicais hidroxila ($\bullet OH$). Estes podem ser gerados através do uso de processos fotoquímicos com radiação ultravioleta, em associação com a absorção de radiação por um semicondutor, gerando o par elétron/lacuna $[(e^-)/(h^+)]$ em sua estrutura eletrônica. As espécies fotogeradas originam a formação das reações de oxirredução [1].

O TiO_2 é o semicondutor mais utilizado em processos fotocatalíticos devido a sua excelente fotoatividade, abundância na natureza, por ser economicamente viável e de fácil processamento [1].

Sendo assim, este trabalho pretende mostrar o comportamento óptico e fotocatalítico de fibras dos óxidos de titânio e tungstênio, quando irradiados por luz UVA, visando ampliar a aplicabilidade do TiO_2 como fotocatalisador na faixa do visível. Pois este apresenta um elevado *band gap*.

2. Experimental

2.1 Electrospinning

As fibras foram obtidas através do preparo de 2 soluções precursoras. A solução de TiO₂ foi obtida através da mistura de 2,5 mL de propóxido de titânio (TIP), 2,0 mL de ácido acético glacial e 5,0 mL de uma solução alcoólica contendo 10% em peso de polivinilpirrolidona (PVP). A solução de TiO₂/WO₃ foi preparada misturando os reagentes acima mencionados acrescida de 1 mL de peróxido de hidrogênio e 0,10 g de H₂WO₄, que foram mantidos sob agitação magnética por 15 minutos. Em seguida, uma seringa de plástico foi carregada com 5 mL da solução precursora de TiO₂ ou de TiO₂/WO₃ que foi conectada a uma agulha de alimentação de aço inoxidável hipodérmica por uma fonte de alta tensão. A distância entre o tubo capilar e o coletor cilíndrico foi de 12 cm, a tensão foi de 13,5 kV com um fluxo de 1,8 mL /h. O coletor cilíndrico foi recoberto com uma folha de alumínio para coletar as fibras produzidas a cada 30 minutos por um período de 4 horas. As fibras foram tratadas termicamente em um forno elétrico (SANCHIS) a 650 °C, 700 °C, 750 °C ou 800 °C com patamar de 1 h e taxa de aquecimento de 1,4 °C/min.

2.2 Caracterização

Utilizou-se um difratômetro PHILIPS com radiação CuK α , com tensão de 40 kV e 40 mA, equipado com o software X'PERT HighScore, para identificar as fases presentes nas fibras. Um microscópio eletrônico de varredura (MEV, JEOL 6060) equipado com EDS (espectroscopia de energia dispersiva), usado para avaliar a morfologia das fibras e identificar a presença de átomos de W, Ti e O nas amostras, dependendo da composição das fibras. O equipamento utilizado para medir a energia de band gap foi um espectrofotômetro de feixe duplo UV-vis- NIR (Cary 5000), com uma esfera integradora no modo de reflexão difusa de luz. Os valores da energia de band gap foram obtidos através da correlação de Kubelka e Munk. O desempenho fotocatalítico das amostras de TiO₂ e de TiO₂/WO₃ foi analisado através da alteração na concentração do corante alaranjado de metila, sob irradiação UVA. Para a realização dos ensaios de fotocatalise, utilizou-se 0,25 g das fibras em questão misturadas a 125 mL de uma solução contendo 20 ppm de alaranjado de metila. Esta mistura foi transferida para um reator fotocatalítico e o sistema de luz UV foi ligado. Antes do início de cada ensaio foi coletada uma alíquota de 4 mL da solução, definida como amostra inicial de referência (absorbância indicativa de concentração igual a 100% alaranjado de metila; tempo de reação de zero minutos).

Esta primeira alíquota foi retirada antes da aplicação do sistema de luz, da circulação de água e do borbulhamento de ar. Durante o ensaio, com sistema de luz UVA ligado, foram retiradas com uma seringa de plástico, alíquotas de 4 mL da solução, em intervalos de 15 minutos, filtradas em filtros de 0,2 μm e, colocadas em cubetas de polimetilmetacrilato (PMMA) para em seguida serem analisadas por um espectrofotômetro (Cary 5000, Agilent, com acessório UMA).

3. Resultados e discussão

A Figura 1 apresenta o difratograma das fibras obtidas por electrospinning. As amostras sem tratamento térmico (STT) apresentaram-se amorfas para as duas formulações. As fibras de TiO_2 (Figura 1a) tratadas até a temperatura de 700 $^{\circ}\text{C}$ apresentaram somente a presença da fase cristalina anatase (JCPDS 010782486), com o primeiro pico característico em aproximadamente $2\theta = 25,271^{\circ}$. As fibras tratadas a partir de 750 $^{\circ}\text{C}$ apresentaram além da fase anatase, a fase rutilo (JCPDS 01-077-0442), com o primeiro pico característico em aproximadamente $2\theta = 27,294^{\circ}$, resultado da ocorrência de uma transição de fases do TiO_2 , previsto após o aumento da temperatura de tratamento térmico [2,3]. Nas fibras de TiO_2/WO_3 (Figura 1b) tratadas até 650 $^{\circ}\text{C}$ foram identificadas as fases anatase (JCPDS 01-078-2486) e brookita (JCPDS 01-075-1582) para TiO_2 com picos característicos em aproximadamente $2\theta = 25,271^{\circ}$ e $25,425^{\circ}$, respectivamente. Nas fibras tratadas a partir de 700 $^{\circ}\text{C}$ apresentaram para o TiO_2 as fases anatase, brookita e rutilo (JCPDS 01-077-0442), com o primeiro pico característico em aproximadamente $2\theta = 27,294^{\circ}$. Para WO_3 a fase monoclinica (JCPDS 00-032-1393) apareceu em todas as temperaturas de tratamento térmico, com o primeiro pico característico a aproximadamente $2\theta = 23^{\circ}$.

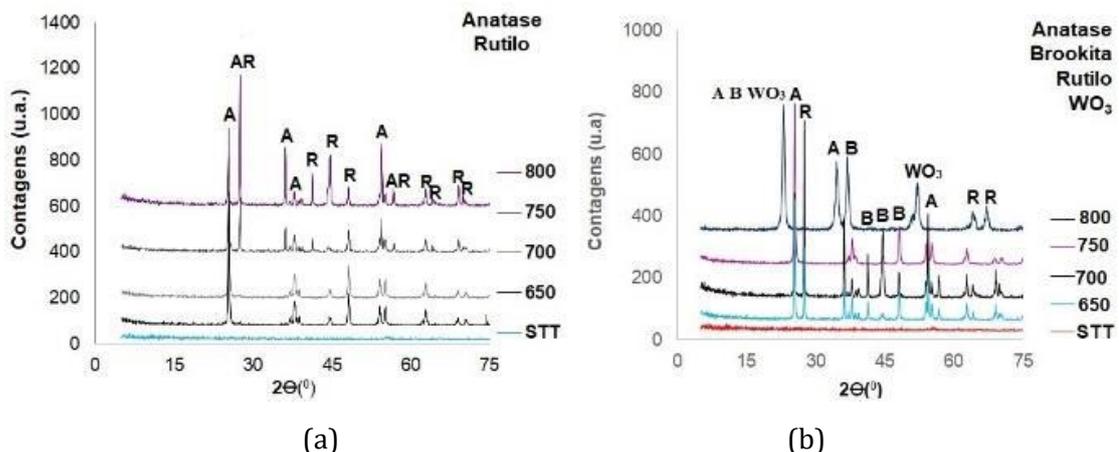


Figura 1. Difratograma das amostras de (a) TiO_2 e de (b) TiO_2/WO_3 .

A Figura 2 (a-b) apresenta as imagens de microscopia eletrônica de varredura (MEV) da superfície das fibras de TiO_2 e de TiO_2/WO_3 , tratados termicamente a $800\text{ }^\circ\text{C}$, respectivamente. Pelas imagens, nota-se que as fibras de TiO_2 e de TiO_2/WO_3 aparentam morfologia similar, parecem ser constituídas de um aglomerado de partículas primárias, com forma alongada, contínua e sem uma orientação preferencial.

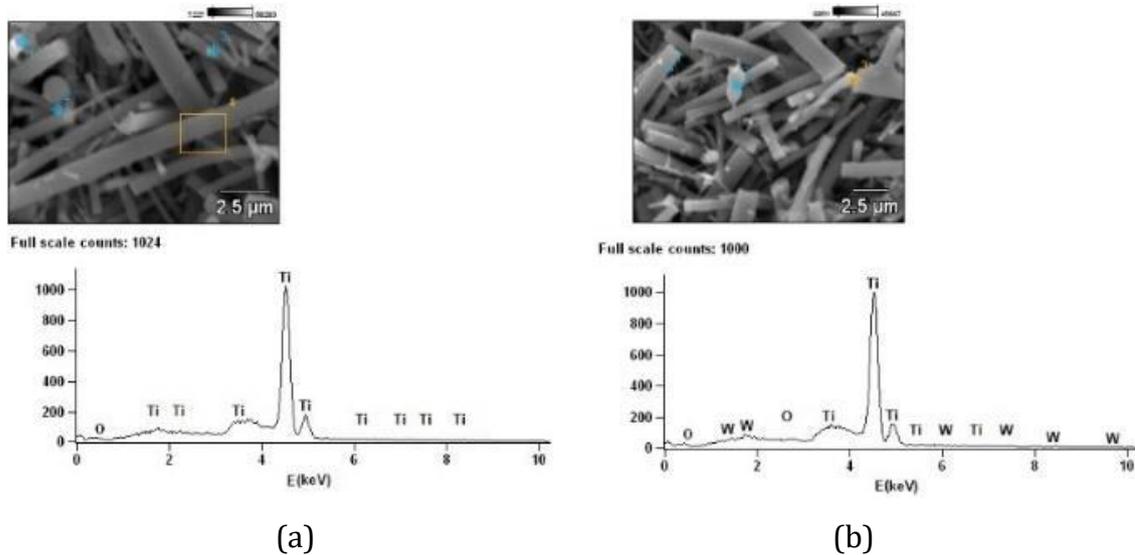


Figura 2. Imagens de microscopia eletrônica de varredura (MEV) das amostras de (a) TiO_2 e de (b) TiO_2/WO_3 tratados a $800\text{ }^\circ\text{C}$.

A Figura 3 (a-b) apresenta a atividade fotocatalítica das fibras de TiO_2 e de TiO_2/WO_3 na degradação do corante alaranjado de metila durante 135 minutos de exposição à luz UVA ($\lambda = 365\text{ nm}$). Todas as fibras apresentaram atividade fotocatalítica. As fibras de TiO_2 mais fotoativas foram as que receberam tratamento térmico a $650\text{ }^\circ\text{C}$, conseguiram degradar aproximadamente 40% do corante alaranjado de metila em 135 minutos de irradiação UVA. As fibras tratadas a $700\text{ }^\circ\text{C}$ e o padrão P25 tiveram um comportamento similar, degradaram aproximadamente 30% do corante em 135 minutos de irradiação UVA. E as fibras tratadas a $750\text{ }^\circ\text{C}$ e $800\text{ }^\circ\text{C}$, degradaram aproximadamente 20% e 10%, respectivamente, do corante em 135 minutos de irradiação UVA. Este decréscimo observado na fotoatividade das amostras é o resultado da formação da fase rutilo, que no caso das fibras surge a partir de tratamentos acima de $700\text{ }^\circ\text{C}$. A fase rutilo é menos fotoativa do que a fase anatase e, por esta razão o seu aparecimento reduz a atividade fotocatalítica das fibras sintetizadas [2,3]. A presença de tungstênio nas amostras de TiO_2/WO_3 aumentou a atividade fotocatalítica das fibras tratadas a temperatura de $700\text{ }^\circ\text{C}$, $750\text{ }^\circ\text{C}$ e $800\text{ }^\circ\text{C}$, para aproximadamente 36%, 50% e 90% de degradação, respectivamente. Tal efetividade se deve; a redução do band gap de $3,05\text{ eV}$

até 2,89 eV, inibição da recombinação do par elétron/lacuna $[(e^-)/(h^+)]$, que permitiu a transferência de cargas entre o TiO_2 e o WO_3 , e ao aumento na formação de defeitos pontuais (vacâncias de O_2). A elevação da temperatura de tratamento térmico possibilitou que as vacâncias de O_2 adquirissem a mobilidade necessária para passar para um estado desordenado na rede, aumentando a capacidade de degradação e a eficiência do processo [4,5,6].

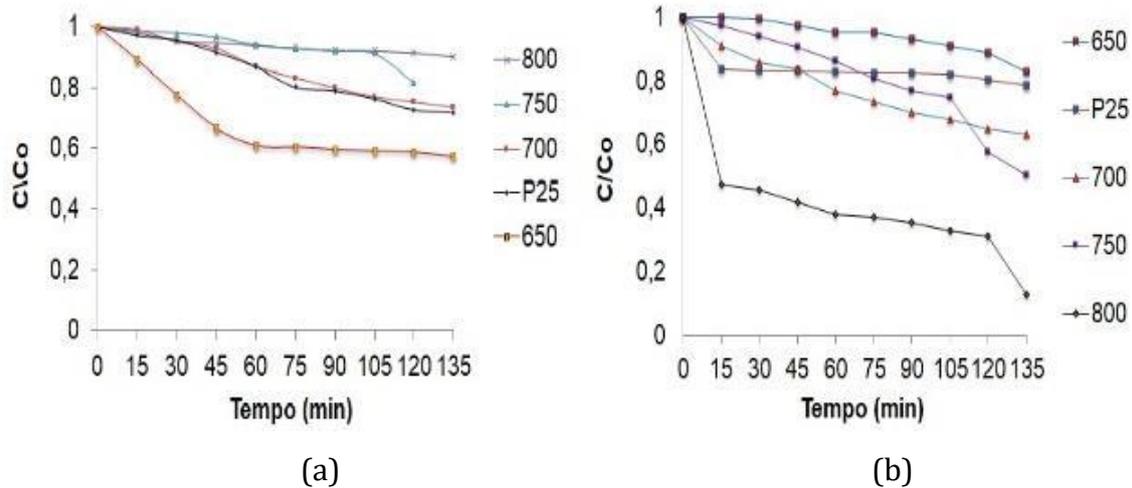


Figura 3. Atividade fotocatalítica do TiO_2 -P25 e das fibras na degradação da concentração relativa do corante alaranjado de metila: (a) TiO_2 e (b) TiO_2/WO_3 .

4. Conclusões

Os resultados obtidos pelas amostras sintetizadas quando da sua utilização em fotocatalise, é devido a sincronicidade existente entre as propriedades químicas e físicas dos óxidos de titânio e tungstênio, pela redução no seu *band gap* e a elevação da temperatura de tratamento térmico, que possibilitou que as vacâncias de O_2 adquirissem a mobilidade necessária para passar para um estado desordenado na rede, aumentando a capacidade de degradação e absorção de luz. A presença de tungstênio aumentou a eficiência fotocatalítica dos materiais, inibiu a recombinação do par elétron/lacuna $[(e^-)/(h^+)]$, permitindo a transferência de cargas entre o TiO_2 e o WO_3 .

Agradecimentos

Os autores agradecem ao apoio financeiro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do CNPq.

Referências

- [1] L. G. S. Silva, Correlação entre as propriedades fotocromicas e a atividade fotocatalítica dos óxidos de titânio e tungstênio, Porto Alegre, Brasil, 2018, 117.
- [2] J. Feltrin, Jr. Sartor, M. N. A. DE Noni, A. M. Bernardin, D. Hotza, J. A. Labrincha. Cerâmica, (59) 2013 632.
- [3] N. Rahimi, R. A. Pax, E. G. Mac. Progress in Solid State Chemistry, (44) 2016 105.
- [4] E. N. S. Muccillo. Cerâmica, (54) 2008 144.
- [5] B. Bharti, S. Kumar, H. N. Lee, K. Rajesh. Scientific Reports, 2016 12.
- [6] H. G. Oliveira, Eletrodos porosos contendo TiO_2 e WO_3 : propriedades eletroquímicas e atividade fotocatalítica para remoção do corante rodamina 6G e do hormônio 17 α -etinilestradiol em solução aquosa, Campinas, Brasil, 2012, 188.

Capítulo 10
SÓCRATES Y LA CONSTRUCCIÓN DE LOS PRINCIPIOS DE
LA DIDÁCTICA MODERNA

Sérgio Rodrigues de Souza
Renata Mônica Pacheco Nichio

SÓCRATES Y LA CONSTRUCCIÓN DE LOS PRINCIPIOS DE LA DIDÁCTICA MODERNA

Sérgio Rodrigues de Souza

Filósofo. Psicanalista. Doutor em Ciências Pedagógicas. Pós-Doutor em Psicologia Social.

E-mail: srgrdriguesdesouza@gmail.com.

Renata Mônica Pacheco Nichio

Pedagoga. Bacharel em Teologia. Professora da Rede Municipal de Educação de Cariacica

- ES.

E-mail: renatamonica768@gmail.com

RESUMEN

Este artículo discute el asunto del surgimiento de la didáctica moderna a partir del conflicto del pensamiento de Sócrates con los sabios de su tiempo. Esto hace con que las formas de transmisión del conocimiento de los másteres para sus discípulos sufra intensas modificaciones muchos siglos más tarde, culminando en el formato que las escuelas adoptaron hasta ahora. Sócrates parte de una inquietud personal acerca de su propia sabiduría con la intención de comprender como los otros sabios lograron transmitir aquello que dominaban como saberes eruditos para las generaciones siguientes. Termina por demostrar que ningún sistema de enseñanza existía y todo ocurría de acuerdo a un esfuerzo individual, y por lo tanto no había mecanismos de continuidad de los saberes. Esto es un trabajo de investigación bibliográfica, fundamentada en una discusión hermenéutica que intenta descubrir los primeros pasos en dirección al nacimiento y a la enseñanza de los principios didácticos. Tomando en cuenta la acción de Sócrates, se puede pensar que intentó descubrir si los sabios de su tiempo estaban preparados para transmitir a los más jóvenes toda la sabiduría que el pueblo griego habría conquistado desde tiempos muy antiguos y, para su sorpresa más desagradable percibió que las tradiciones de su pueblo estaban condenadas a caer en desuso, porque aquellos que deberían actuar como Másteres no dominaban la técnica de enseñanza; eran nada más que artistas [*entendiendo esta palabra en su sentido semántico-etimológico clásico, a definir 'técnico'*], no dominaban el principio fundamental para proporcionar transmisión de saberes; ni siquiera buscaban reflexionar sobre sus prácticas y sus oficios. En la concepción de Sócrates, eran poco más que *idiots savents*.

Palabras-clave: Principios de didáctica; Convencionalismo; Physis; Nomós; *voértice epistemológico*.

ABSTRACT

This article deals with the question of the birth of modern didactics from the confrontation of the great thinker Socrates with the wise men of his time. This led to the

transmission of knowledge from the teachers to their disciples undergoing intense modifications many centuries later, culminating in the format that schools have adopted up to the present day. Socrates starts from a personal concern about his own wisdom in an attempt to understand how the other sages managed to transmit what they had mastered as scholarly knowledge to the following generations. It ends by showing that no system of teaching existed and that everything happened by individual effort, with no mechanisms of continuity of knowledge. This is a work of bibliographical research, based on a hermeneutic discussion that tries to discover if the wise men of his time were prepared to transmit to the youngest all the wisdom that the Greek people had conquered since ancient times and to his surprise he unfortunately found that the traditions of his people were condemned to fall into disuse, since those who should act as teachers did not master the technique of teaching; They were nothing more than artists (understanding this word in its classical semantic-etymological sense, to define *technical*), moreover they did not master the fundamental principle to provide the transmission of knowledge; they did not even seek to reflect on their practices and crafts. In Socrates' conception they were little more than *Idiots Savents*.

Keywords: Principles of didactics; Conventionalism; Physis; Nomos; epistemological voertice.

PRESENTACIÓN

Un compañero de niñez de Sócrates comparece delante del oráculo de Delfos, donde la pitonisa hablaba por la boca de Apolo, Dios de la sabiduría y ahí es dicho a este querellante que era el filósofo, su amigo, considerado como el hombre más sabio, y al tener ciencia de tal afirmación responde que ¡solamente sabe que, nada sabe de aquello que sabe! Delante de una respuesta tan enigmática el detentor de todos los enigmas termina por decir que, de facto, Sócrates era el hombre más sabio de toda ciudad de Atenas.

Esta colocación del Oráculo despierta sobre el sabio una inquietud espiritual que luego se transforma en una inquietud epistemológica, ya que él pertenecía a la escuela de los sofistas, hombres que buscaban, por aquel momento descubrir de donde venían todas las cosas, si de la naturaleza (la *Physis*) o del propio humano (*Nomói*). Y, es así que Sócrates toma para sí la tarea de descubrir si el conocimiento era producto de la naturaleza, como se presentaba a los animales o si era algo que se aprendía a través de una arte (*techné*), mostrándose pasible de ser enseñada y, como consecuencia, pudiendo ser transmitida a los otros.

El mensaje oracular es siempre una situación bastante compleja para el querellante, porque viene en forma de enigma, debiendo ser interpretada a la luz de la

lógica más positiva, desprovista de creencias vacías. Cuando la *Phytia* responde al amigo de Sócrates que él no era el hombre más sabio de Atenas, esto ya representa por sí solo, la única respuesta plausible que podría ser administrada a quien pregunta tal cosa... Al direccionar el cuestionamiento en primera persona ya declaró que no era reconocido como tal por los habitantes de la Pólis y sin reconocimiento social no hay como definir la autenticidad de una pregunta que se dirige bajo el formato de una afirmación categórica.

Un enigma, en los moldes clásicos, no se trata de tenerlo en la misma dimensión que hoy, en el que se presume que sea un misterio a ser solucionado a partir de la búsqueda de informaciones que lo involucran. El enigma oracular debe ser descifrado y por desciframiento se parte, primero de su entendimiento antes de buscar interpretarlo. Después, a partir de esta interpretación que se profundiza en meditar sobre el mensaje y todo lo que esté involucrado, de manera directa o indirecta.

No era sin sentido que sobre el pórtico de la entrada al templo apolíneo estaba la inscripción: “¡Hombre, concóctete a ti mismo!”, porque aquello que podría ser revelado por el Oráculo necesitaba de un intenso estudio y profundización epistémica personalógica para no hacerse víctima de la vanidad, del orgullo propio, del Ego.

Así se reporta Sócrates al tribunal de Atenas, donde ocurría su enjuiciamiento, acusado de *eisangelia*³¹:

La reputación que yo haya podido adquirir, no tiene otro origen que una cierta sabiduría que existe en mí. ¿Cuál es esta sabiduría? Quizá es una sabiduría puramente humana, y corro el riesgo de no ser en otro concepto sabio; [quizá es origen] de una sabiduría mucho más que humana. Nada tengo que decirles de esta última sabiduría, porque no la conozco (...). Por testigo de mi sabiduría os daré al mismo Dios de Belfos, que os dirá si la tengo, y en qué consiste. Todos conocéis a Querefon, mi compañero en la infancia, como lo fue de la mayor parte de vosotros, y que fue desterrado con vosotros, y con vosotros volvió. Ya sabéis qué hombre era Querefon, y cuan ardiente era en cuanto emprendía. Un día, habiendo partido para Delfos, tuvo el atrevimiento de preguntar al oráculo (...) si

³¹ *Eisangelia* (εἰσαγγελία), en la ley ateniense era el nombre de cuatro tipos distintos de enjuiciamiento. El acusador denunció a alguien ante la ekklēsia o el boulē por traición. En el siglo cuarto [a.n.e.] se creó una ley que especificó los delitos para los cuales este procedimiento podría ser utilizado: subversión de la democracia, traición de las fuerzas o posesiones atenienses a un enemigo y engaño corrupto del pueblo ateniense por parte de un orador. En el quinto siglo, había sido posible usar *eisangelia* para delitos graves no especificados en ninguna ley. Los casos más conocidos son los enjuiciamientos por profanación de los misterios (véase eleusis) y la mutilación de los herms en 415 [a.n.e.]. Pero, en el cuarto siglo [a.n.e.], parece que esto ya no se permitió, y los fiscales a veces hicieron esfuerzos tortuosos para presentar varios cargos bajo uno u otro de los títulos especificados en la ley. Un caso puede ser remitido a un jurado o juzgado por la propia ekklēsia, pero después de mediados del cuarto siglo [a.n.e.]. Fuente: MACDOWEL, D. M. *Greek Law*. Diciembre de 2015. In: Oxford Classical Dictionary. [Texto publicado, originalmente, en inglés].

Sócrates fue denunciado al tribunal por Melito, gran compañero de ideas en combate a los pensadores sofistas: “Sócrates es culpable, porque corrompe a los jóvenes, porque no cree en los dioses del Estado, y porque en lugar de éstos pone divinidades nuevas bajo el nombre de demonios” (PLATÓN, 1871, p. 59).

había en el mundo un hombre más sabio que yo. La Pythia le respondió, que no había ninguno. (...) Cuando supe la respuesta del oráculo, dije para mí; ¿Qué quiere decir el Dios? ¿Qué sentido ocultan estas palabras? Porque yo sé sobradamente que en mí no existe semejante sabiduría, ni pequeña, ni grande. ¿Qué quiere, pues, decir, al declararme el más sabio de los hombres? Porque él no miente. La Divinidad no puede mentir. Dudé largo tiempo del sentido del oráculo (...) (PLATÓN, 1871, p. 54).

El pensador ateniense no estaba en búsqueda de conocimientos, si no, de saber si esto al que se le llama de sabiduría, entendido en los modelos griegos de pensamiento como una gama de conocimientos que era algo innato o adquirido. Por tanto, comienza una búsqueda por esta verdad, que no trataba de obtener respuestas acabadas para el problema que consumía su espíritu, lo que deseaba era comprender, de manera más compleja posible como alguien aprendía, partiendo del punto más elemental de que, si el saber complejo, abstracto, fuese algo con el cual la naturaleza ya provenía del hombre desde su nacimiento ¿cuál la utilidad de los Maestros y de las escuelas de enseñanza? En la otra extremidad de la problemática traída por Sócrates, si los saberes complejos, las técnicas son resultados de enseñanza, ¿de qué manera los Maestros enseñan a los aprendices?

Pero, la cuestión no es tan simple como gustaría que fuese, porque solamente se puede enseñar a alguien aquello sobre lo cual se tengan mecanismos de control en relación a su ocurrencia. Y, es exactamente sobre este punto que se sobresa la curiosidad del pensador, lanzándose en búsqueda de respuestas, no para un problema de su tiempo, pero, para una transformación de toda la propuesta de educación que se liberta de las creencias mágicas y herencias religiosas para asumir un estadio secular de enseñar y aprender, donde todos están en condiciones mínimas de enseñar todo a todos y todos están en condiciones mínimas de aprender todo lo que es posible de ser enseñado.

Hay que aclarar, para aquellos que desconocen las materias antiguas que muchos de los conceptos que se adoptan en este tiempo poseen un concepto semántico-epistémico muy distinto, debiendo ser comprendido en sus relaciones con el respectivo momento sobre el cual se elabora el estudio. En este sentido, sabio y sabiduría poseían determinaciones singulares a los actos que desempeñaban los individuos. Por ejemplo, un buen arquitecto era considerado un sabio y cuanto más fuese perfeccionista en su arte (*techné*) más sabiduría demostraba poseer.

Sin embargo, Sócrates toma todas las cosas existentes como objeto de indagación, sometiéndolas a un severo escrutinio, intentando de alguna manera encontrar en ellas

alguna medida de juicio de valor, algún sentido para su razón de ser y de existir y por qué a los hombres les interesaba. Él va mucho más allá de simplemente desear saber lo que es; está en búsqueda de comprender la esencia de su técnica, porque creía que solamente así puede convencer a su interlocutor de la verdad que esta cosa trae inmersa en si, como valor adquirido. Y cada vez que emerge en tentativas de comprender su propio pensamiento más descubre que aquello que juzga saber y que toma como verdad, está cubierto por nuevos sentidos ocultos que desafían la inteligencia.

Es en este sentido estricto que presenta ante el tribunal la siguiente sentencia: “Si el oráculo ha nombrado a Sócrates, sin duda se ha valido de mi nombre como un ejemplo, y como si dijese a todos los hombres: ‘el más sabio entre vosotros es aquel que reconoce, como Sócrates, que su sabiduría no es nada’” (PLATÓN, 1871, p. 57).

Aquí se pone una cuestión clásica que solamente a través de una hermenéutica se puede aproximar de comprender lo que el filósofo está por decir, porque de la misma forma que el Oráculo Phytio propone una condición oscura de entendimiento de una razón de ser y de mirarse, sometiendo la propia sabiduría a la reflexión dura, teniendo que encontrar fines útiles a sus respectivas artes, expone todo una cultura al examen de valor sobre lo que creó e impuso a los otros como siendo superior.

El momento histórico en que se hace presente la figura de Sócrates era marcado por intensas luchas políticas, en que el arcontado había perdido su fuerza, pero continuaba presente en la pólis, dictando leyes a fin de preservar las costumbres que creían haber sido regalos de los dioses a los atenienses y no producto del pensamiento humano. Estaba enfrentando a aquellos que creían que la *episteme* era resultado de la *Physis* y aquellos que creían ser resultado de la *Nomói* y el pensador dudaba de las dos o, por lo menos, intentaba alcanzar algún entendimiento sobre esto, cuando no, lo ignoraba por completo, se dedicaba a encontrar el sentido de lo que practicaba, que por aquella altura de su vida, era el entendimiento acerca de la excelencia (*areté*).

Sócrates pone a los atenienses y, en especial a sus jueces, en un problema de difícil solución, porque cuando proclama que entre obedecer a los hombres y sus *nomos* y obedecer a los dioses y a sus leyes, obedecerá a los segundos, porque lo que hace, es cuestionar el origen de las cosas, las primicias y los principios de todo, que es un ordenamiento divino y, es en este punto que no hay de ninguna forma como ser puesto a prueba, porque siendo Dios perfecto, luego, todo lo que realiza y crea es puro y de igual

forma perfecto, siendo así, ¿por qué motivo mandarí­a que un hombre, una criatura imperfecta examine sus creaciones, con autoridad para decir si es perfecta o no?

El pensador trae para el campo de la vida social, la duda como parte esencial de la existencia y sin ella, no se puede encontrar cualquier sentido en la misma. Esta forma de pensar era producto del *logos* que surgía cuando enfrentaba la creencia mística de que todo era dado por la bondad de los dioses soberanos.

El siglo V de la Antigüedad ateniense comienza con algunos pensadores afirmando que las intemperies naturales eran sistemas cíclicos de la naturaleza y no bendición o maldición de los dioses y esto representó un escándalo sin precedentes en aquel instante, lo que hizo que surgieran leyes especiales para castigar a los blasfemos. De este modo, estos científicos podían probar sus afirmaciones, y así podían lanzar la piedra angular de la discusión filosófica que se extendería por todo el futuro, llegando a momentos en que los sacerdotes de la Iglesia Católica, que eran más eficientes que los sacerdotes de la Antigüedad Clásica, no solamente crearon leyes para castigar y exilar a los culpables por defender y exponer tales blasfemias, como así también elaboraron leyes que permitían que los torturasen, cocinasen y matasen.

J. V. Lín­dez (1995, p. 262) deja claro que “la sabiduría puede ser caracterizada como una actitud de búsqueda permanente, pues el sabio jamás se sentirá satisfecho con aquello que adquirió intelectualmente, sino que será un eterno insatisfecho y buscará de forma empedernida nuevas soluciones y nuevos horizontes.”

Cuando el Oráculo Pythio afirma que para Sócrates su sabiduría no es nada, se presenta en ese instante una posibilidad de interpretación oscura, porque lo que afirma es una sentencia de que la sabiduría por sí sola, sin un objetivo más amplio que ella misma se vuelve desprovista de sentido y de razón de ser; y así se convierte en un objeto de vanidad pura, inútil. Y muchos de los que acusaban a Sócrates de infringir contra las leyes comprendieron el mensaje oracular de esta manera, acusando a la sabiduría del filósofo de desnecesaria a la ciudad, porque la Pólis vivió muy bien sin ella.

Lo que el expone es que todo el saber, no importando de donde venga, debe ser sometido al parecer del juicio de valor, porque ninguna verdad es dada en sentido directo al que se necesita y si a partir de un entendimiento de aquel que mira y estudia determinada situación y fue a partir de la observación rigurosa de los acontecimientos que la humanidad evolucionó hasta el punto de sobresalirse sobre las demás especies. No fue siguiendo los ordenamientos divinos ciegamente, antes fue cuestionando sus

revelaciones e interpretándolas a la luz del logos, pero asimismo, hasta esta condición estuvo condicionada a los juicios de la divinidad, como si los hombres jamás fuesen capaces de romper con tal condición de sumisión a una inteligencia superior, debiendo de esta manera delegar toda su creatividad a seres invisibles, exaltando su bondad con los humanos.

Una vez el hombre al estar libre del control absoluto de las religiones, su intelecto podría ser utilizado para su crecimiento personal y no estar más sujeto a interpretaciones patéticas encaminadas por medio de revelaciones. Asimismo el anciano va más lejos y argumenta, delante del tribunal que,

El mayor bien del hombre es hablar de la virtud [*areté*] todos los días de su vida y conversar sobre todas las demás cosas que han sido objeto de mis discursos, ya sea examinándome a mí mismo, ya sea examinando a los demás, porque una vida sin examen no es vida (...). Así es la verdad, atenienses, por más que se les resista creerla (PLATÓN, 1871, p. 81).

A pesar de que Sócrates utiliza el vocablo *vida*, el sentido semántico que mantiene oculto es existencia, en toda su totalidad. Otra situación compleja es la traducción del léxico *areté*, que el intérprete prefirió llamar *virtud*, que es un término latino y que puede provocar tergiversaciones en relación al entendimiento sobre el sentido de una búsqueda espiritual para el griego del período clásico y que su sentido más amplio, con los moldes de educación y de formación del espíritu ateniense que buscaban la formación integral del hombre. De esta manera su sentido literal es *excelencia* sobre la cual se incluye toda una gama de preceptos éticos, yendo mucho más allá del simple concepto de obediencia a los principios dictados por los dioses como verdaderos.

Un punto importante que se destaca para la necesidad de interpretación es el concepto de verdad a que se refiere Sócrates en esta cita. Para el griego la verdad, en su sentido amplio, quería decir memoria, no obstante, aquí, delante del tribunal del jurado, su utilización es en sentido de revelación, de aclaración, que es el resultado de una intensa indagación después de haber sometido toda la sabiduría individual adquirida y aquella que ya existe como parte de la cultura al proceso de verificación de su utilidad, para sí mismo y para los otros. Sería como si él afirmase que esta su conclusión particular, demarcaría el destino de todo aquél que se detuviese en la búsqueda por la sabiduría, que hoy traducimos por conocimiento lógico, científico.

Más de veinte siglos después de Sócrates, surge Renato Descartes (1596-1650), que viene a afirmar que dudaba hasta de aquello que sus ojos miraban. Una sentencia nueva para el pensamiento socrático de que todo lo que se tiene puesto debe ser analizado en sus condiciones más minuciosas, porque de la misma forma que el Oráculo afirma que la sabiduría por la sabiduría no es nada, es inútil, la duda por la duda se muestra, de igual forma, inútil y sin fundamento. En la misma línea de pensamiento, el filósofo francés dice que todo saber, conocimiento, verdad debe ser sometida al cuestionamiento, a la indagación, debajo de la necesidad de hacer con que el potencial de intelectualidad avance sobre la naturaleza y las cosas, analizándolas, interpretándolas, comprendiéndolas, hasta el punto de que se sea capaz de sintetizarlas.

Casi veinte y tres siglos más tarde surge en Inglaterra, el pensamiento utilitarista, aplicado a la política que tiene como a su creador al pensador Jeremy Benthan (1748-1832) y que este modo de mirar las cosas es continuado por John Stuart Mill (1806-1873) y ya a fines del siglo XIX Charles Sanders Peirce (1839-1914) crea el pragmatismo, una doctrina de pensamiento que parte del presupuesto de que todas las cosas deban ser útiles a todos y William James (1842-1910) profundiza sobre los estudios en esta consideración de la existencia. Ya en el siglo XX surge otro pensador, Karl Raimund Popper (1902-1994), que profundizaría la temática socrática acerca de la búsqueda de la verdad y su validación en el campo científico a través del principio de la refutación o principio de la falseabilidad.³²

Incluso todos estos pensadores estando distanciados de Sócrates por milenios todo lo que trajeron de innovación al pensamiento científico ya estaba preconizado en las proposiciones del filósofo ateniense que, se muestra bien simple, tratando de someter

³² El principio propuesto por Popper, en vez de buscar la verificación de experiencias empíricas que confirmasen una teoría, buscaba hechos particulares que, después de verificados, refutarían la hipótesis. Así que, en vez de preocuparse en probar que una teoría era verdadera, él se preocupaba en probar que ella era falsa. Cuando la teoría resiste a la refutación por la experiencia, puede ser considerada comprobada. Con el principio de la falseabilidad, Popper estableció el momento de la crítica de una teoría como el punto en que es posible considerarla científica. Las teorías que no ofrecen posibilidad de ser refutadas por medio de la experiencia deben ser consideradas como mitos, no como ciencia. Decir que una teoría científica debe ser falseable empíricamente significa decir que una teoría científica debe ofrecer posibilidad de refutación – y, si refutadas, no deben ser consideradas. Esto implica que, una teoría científica, en el máximo, puede ser considerada válida hasta cuando probada falsa por otras observaciones, pruebas y teorías, más amplias o más exactas que la original. La posibilidad de una teoría ser refutada constituía para Popper la propia esencia de la naturaleza científica. Con Popper, los límites de la ciencia se definen objetivamente. La ciencia produce teorías falseables, que serán válidas en cuanto no refutadas (Carlos Roberto de Lana, 2020; Wigvan Pereira, 2020).

Cf. POPPER, K. R. *Conjecturas e refutações*. Brasília: UNB, 1972.

todo el pensamiento y todo el conocimiento propio y extraño a principios de juicio, probando su fuerza ante los argumentos y los experimentos científicos.

Muchas preguntas habrán de mantenerse sin respuestas objetivas y determinantes, no obstante, no se hace irresponsable hacerlas: ¿Tendríamos un Aristóteles; un Giordano Bruno; un Nicolás Copérnico; un Galileo Galilei; un Renato Descartes; un Gregorio Mendel, un Karl Popper; un Frederico Nietzsche, caso no hubiese existido antes de todos estos un Sócrates para desafiar el saber? ¿Para haberse atrevido a cuestionar a los saberes que estaban puestos en su tiempo?

Aunque la Iglesia Católica haya utilizado el pensamiento de su más brillante discípulo [*a saber, Platón*] para crear el periodo más oscuro de la historia de la humanidad, persiguiendo, torturando y asesinando a sangre fría a todos aquellos que pensaban diferente de ella o que se atreviese a cuestionar sus doctrinas. Este periodo es llamado de *Edad de la oscuridad*, es considerado como el periodo en que la Tierra paró, fue gracias a estos mismos escritos que llegaron a nuestros días, trascendiendo en el tiempo, de que todo un conjunto de ideas innovadoras fueron formuladas y siguen siendo sometidas a rigurosos exámenes de juicio de valor; ideas de todos los campos del saber que son discutidas y difundidas a un contingente cada vez más amplio de personas.

MAIÉUTICA: EL MÉTODO DIDÁCTICO DE SÓCRATES

Estudiar el pensamiento epistémico de una figura tan enigmática como Sócrates (Σωκράτης [469-399 a.n.e.]) se vuelve en una aventura sin solución, sino se lanzan mano de otras áreas del saber, como por ejemplo, la semántica y la hermenéutica, sin embargo, hay que destacar que no se trata de saber el significado de los términos de la filosofía socrática simplemente por saber, como si esto solamente ya pudiera hacerla comprender. Mucho menos que la comprensión de sus sentencias, como si esto hiciera posible la síntesis de aquello que pretendía transmitir y más allá, permitiera hacer posible la interpretación de su pensamiento.

Todos aquellos que creyeron en esto, terminaron haciendo interpretaciones absurdas, superficiales y sin profundidad sobre el personaje y también explotando su pensamiento de forma categórica. Se trata de buscar la interpretación del que pretendía

expresar a través de sus expresiones lingüísticas, metáforas e ideas, tomando en cuenta el contexto estructural de los ejemplos de los cuales hace uso.

Por ejemplo, cuando se refiere a sí mismo como un partero, está utilizando una metáfora, porque su profesión era otra. Y cuando lo interrogan, ¿usted hace partos de niños?, la pregunta no es lo que interesa realmente, pero el precedente que se abre para comenzar un diálogo con lo que, por sí propio, se hace abierto a tal cuestionamiento.

Otro aspecto importante que sobrelleva la complejidad acerca de Sócrates es que no dejó nada escrito, a no ser la expresión de su pensamiento que fue dejado por medio de su discípulo Platón, sin embargo, no se sabe hasta qué punto haya sido fiel a sus palabras y expresiones originales. Y no obstante que haya sido lo más fidedigno *posible*, es imposible que toda la interlocución sea reproducida en su integridad ideológica, del mismo modo muchas de ellas, fueron entendimientos de Platón acerca del que creía ser su Mentor.

Igualmente, detengámonos ahora sobre lo que está puesto en los diálogos platónicos en que se aplica la semántica lingüística, agregada con la hermenéutica para que se pueda aproximar al máximo posible de una comprensión epistémica y gnoseológica del pensamiento socrático y de qué forma él influyó sobre la manera de enseñar y de aprender.

La mayéutica, método de indagación elaborado y utilizado por Sócrates, tiene su nombre inspirado en la profesión de su madre, Phaenarete, que actuaba como obstetra (haciendo partos). Por lo tanto, tenemos siempre que pensar en una técnica a partir del concepto semántico que la compone y que le da la estructura. Sócrates dice que así como su madre, que trabajaba para traer a la luz a los niños, él cuidaba de traer a la luz a la mente de los hombres. Vamos ahora a discutir estos dos términos [*mayéutica y mente*] que se muestran de inmensa relevancia para que podamos acercarnos a una comprensión sobre lo que de facto el pensador griego planteaba con relación a sus encuestados, cuando los sometía a la investigación acerca de su propia sabiduría.

Partiendo de una interpretación hermenéutica temporal, la palabra *mente*, puede ser reemplazada por *pensamiento*. Así que, el Sabio buscaba hacer a sus polemistas que hagan expresar aquellos pensamientos que creían ser verdaderos y dignos de contemplar la esencia de la Pólis.

Antes de ser una metodología de actuación epistémica, la mayéutica era un arte, una técnica que necesitaba de conocimientos muy específicos, porque se convertía en una

especialidad y aquellos que la practicaban, pensando aquí que eran solamente las mujeres que la realizaban, tendrían que buscar la *areté*, la excelencia, porque hacer con que los niños nascesen bien y saludables era de interés más profundo por parte de la pólis del que realmente lo era por parte de los padres.

Cuando Sócrates se compara a su oficio al que igualmente practicaba su madre como técnica lo hace porque tenía convicción absoluta de que ella era una experta en su acción; no solamente alguien que sabía ejercer el oficio de obstetra. De este modo, él ya deja claro que lo que hacía con el pensamiento de sus discípulos no era una cosa vana, promovida por la casualidad y sí, era la aplicación de una técnica rara, singular y que la intención era conducir su interlocutor a la excelencia en el ejercicio de la labor epistemológica.

La salida de un niño del útero de su madre no podría ser lo más fácil de ocurrir, porque lo dejaría fuera de su confort y lo llevaría al encuentro de tremendas hostilidades con las cuales tendría que aprender a convivir y hasta que pudiese sentirse apto a cuidar de sí mismo, debería contar con la bondad de aquellos a quien la naturaleza le interpuso la responsabilidad de protegerlo. Esta analogía de Sócrates, de su papel con la obstetricia es muy simbólica, porque ¿qué ocurriría con este individuo que tuviera su pensamiento llevado a la luz de la razón, expuesto a la lógica, después que experimentara una mirada de las cosas bajo otro principio, y que tuviera la oportunidad de categorizarlo sin la interferencia de aquellos que suponen ser sabios, cuando mucho, señores absolutos de toda la sabiduría?

El Filósofo crea otra complicación, más pesada aún, que es la de que después que se liberta de los hombres de la ignorancia, o sea, semejante a un niño, después que es traído al mundo, necesita de buenos cuidados, para que pueda crecer fuerte y saludable. De la misma forma, es el espíritu humano, luego que sea despertado para el nuevo, este va necesitar de buenos maestros y mentores, para que su mente se expanda y encuentre enseñanzas sólidas, realizando de esta manera lo que se preconizaba como la formación integral del hombre.

Para que todo esto ocurriera, habría la necesidad de que los hombres de la Pólis sometieran sus propios pensamientos al juicio de valor, y de esta forma hacer comprender su expresión de que *nada sé de aquello que sé*, o sea; la arrogancia del saber resulta en la más admirable ignorancia de la propia ignorancia.

Cuando él afirma que su sentencia filosófica personal era la indagación persistente sobre su propio saber, está aplicando sobre sus descubrimientos epistemológicos, lo que K. Popper (1902-1994) designaría como *principio de la falseabilidad*. La diferencia consiste en que, el primero, utiliza, para tal fin, el discurso y el segundo, ya propone instrumentos más complejos, exactamente por qué los tiempos disponen de herramientas más amplias, lo que no deja de ser una forma de discurso, en que en muchos actos, la experimentación reemplaza la acción de expresión por medio de palabras.

Sócrates se posicionaba de manera contraria al de la ganancia con la práctica educativa y se refería a aquellos que lo hacían clasificándolos como mercenarios y comparándolos a prostitutas. Su argumento para no cobrar por sus enseñanzas era que al poner precio por sus clases, estaría obligado a dialogar solamente con estos, en particular y, al practicar el libre ejercicio de discusión podría hablar con quien estuviese dispuesto a oírlo. Así que, su público estaría siempre dispuesto a acceder sin ningún tipo de categorización, específicamente, aquellos que estaban pagando por las clases.

El Filósofo era resultado de una transformación en el pensamiento que habría comenzado por los sofistas, escuela de la cual descendía y que, trató de seguir los principios con extrema audacia. Ellos eran hombres apasionados en el combate oral, extremadamente hábiles en la retórica, acostumbrados a hacer con que sus oponentes se enreden en sus propios argumentos, cayendo en sus propias aparentes contradicciones, en nombre de la verdad.

Sócrates elige como su intento, sobre el cual pretende aplicar su praxis, la elevación del pensamiento científico-deductivo de los jóvenes atenienses, porque de alguna manera estaba observando que una especie de trivialización de la sabiduría estaba consumiendo la sociedad. Creía en la democracia; pero, sus resultados estaban produciendo un hombre flojo, sin vínculo con la tradición epistemológica que habría traído el pueblo ateniense hasta aquel momento de su historia y que el futuro apuntaba como resultado algo desgastante, porque toda una generación de grandes hombres de Estado no fue capaz de crear grandes hombres de Estado para sostener la grandiosidad que la Pólis Ateniense representaba para el mundo y para los ciudadanos.

Todo lo que una cultura de muchos siglos habría representado estaba siendo degradado por el cúmulo de ignorancia, sin que cualquier persona estuviera en desacuerdo. Los jóvenes lo buscaban porque lo oían, él les indicaba un camino que

realmente debían seguir, ya que la ciudad y sus líderes políticos habrían perdido toda la dirección existencial que encontraron en Sólon y Péricles.

Sócrates es uno de estos hombres, herederos de los tiempos clásicos de la excelencia griega que intenta rescatar la esencia de los griegos y esto debería ser hecho a partir de los jóvenes, hasta por una cuestión de lógica. Serían ellos lo que gobernarían la Pólis y estaban ocurriendo cambios muy intensos sobre la ciudad y que los nuevos hombres no podrían ignorar bajo la sentencia de condenar a todos a la esclavitud, como ocurriría de facto, poco tiempo después. Un hombre sabio que venga a gobernar con sabiduría es un aglutinador de los sentimientos y en la misma proporción cuando un imbécil esté en todo el comando se lanza en la más absoluta perdición, porque los hombres de la Pólis no lo siguen.

Todos, sin muchas excepciones, percibían que la ciudad estaba por entrar en un proceso intelectual de decadencia después de un largo periodo de excelencia y, de algún modo, los sofistas y los retóricos intentaban promover acciones didácticas que proporcionasen ganancias en términos de conocimientos y avances epistemológicos. Sin embargo, fue el anciano Sócrates quien irguiera su bandera como un llamado divino-oracular contra el proceso de trivialización epistémica que, hasta aquél momento, nadie se habría preocupado en ofrecer un combate directo.

Lo que puede parecer excepcional al estudioso es que, en aquél momento, la ciudad de Atenas y toda Grecia eran considerados como locales de la más exaltada excelencia, en términos de gestión, bajo la administración de Péricles (495-429 a.n.e). Así que, ¿Lo qué, de facto, conducea Sócrates en percibir un estado de decadencia en la estructura, que aparentaba ser tan rígida en términos de conocimientos y de sabiduría?

P. Diel (1991, p. 123) va a afirmar que, “la trivialización bajo su forma más común se caracteriza por la absoluta ausencia de superación, la decadencia constante, y, en consecuencia, la degradación que, contrariamente a la sobretensión nerviosa, es un estado de su tensión nerviosa, o sea es un estado de su tensión psíquica.”

Tomando la acción de Sócrates, se puede pensar que intentó descubrir si los sabios de su tiempo estaban preparados para transmitir a los más jóvenes toda la sabiduría que el pueblo griego habría conquistado desde tiempos muy antiguos y, para su sorpresa más desagradable percibió que las tradiciones de su pueblo estaban condenadas a caer en desuso, porque aquellos que deberían actuar como Másteres no dominaban la técnica de enseñanza; eran nada más que artistas [*entendiendo esta palabra en su sentido semántico-*

etimológico clásico, a definir 'técnico'], no dominaban el principio fundamental para proporcionar la transmisión de saberes; ni siquiera buscaban reflexionar sobre sus prácticas y sus oficios. En la concepción de Sócrates, eran poco más que *idiots savents*.

El convencionalismo es el paso más cierto para la trivialización que, de manera inevitable conduce para la decadencia política y esto fue lo que ocurrió con la poderosa Pólis de Atenas, y muy probablemente es de que sea una maldición de Sócrates sobre ella, sin embargo consiguió mirar la situación que podría terminar como realidad en un futuro no muy distante de donde se encontraban.

Los pueblos que se hicieron fuertes y que así se mantuvieron por largos periodos de tiempo, siempre cuidaron de mantener los estudios y la atención sobre todo aquello que ocurría dentro de sus muros, atentos a los cambios que venían de afuera y que se mostraban en conflicto con sus creencias particulares, con sus dogmas y valores.

No cuestionar la propia cultura es un error sin medidas, y no cuestionar la cultura forastera es el primer paso para ser consumido por ella, porque la simple actitud de no enfrentarla es ya admitir su superioridad y esto es, también, un crimen contra el pueblo, y contra las tradiciones. El Filósofo Anciano estaba mirando todo esto e intentó llamar sus ciudadanos para que luchasen contra un golpe que estaba ocurriendo contra el orden y la grandeza de Atenas; pero, fue llamado de estar actuando en *eisangelia*, atentando contra la democracia y corrompiendo a la juventud.

La Polis de Atenas se consumió por orgullo y vanidad y, con la implantación de una democracia en que el pueblo detenía un tipo de poder [*casi*] absoluto, sin cualquier tipo de control intelectual y es ahí que la figura de Sócrates encuentra su espacio más amplio de actuación, porque induce al hombre medio a pensar, no sobre la condición y la situación de mediocridad que consume toda la Pólis; sin embargo, sobre su propia mediocridad; simplemente, porque es esta situación particular que condenaría a la Pólis a la trivialización, en todos los sentidos conocidos.

Sócrates intenta llevar a los hombres de su tiempo, así como los jóvenes y los artistas que conocía a cuestionar sus propios valores, bajo la expectativa de que, con tal actitud, toda la Pólis se volviera grandiosa, no por causa de los valores que presentaba a todos como méritos; sino, porque sus ciudadanos se hacían hombres de gran valor espiritual, dispuestos a defender sus creencias particulares, mientras seguían en búsqueda de la *aretè* (el estado superior de excelencia).

El Pensador Griego sabía muy bien que, “el hombre trillado puede, en la medida de sus débiles fuerzas, lograr una especie de armonía que represente una manera frustrada de superación. La trivialización, al contrario, es una degradación individual, el abandono del esfuerzo evolutivo” (DIEL, 1991, p. 123).

Sin embargo, ¿lo qué sería, para Sócrates, un hombre trillado? Podría ser aquello que acepta las convenciones políticas y/o sociales sin cuestionar sus valores y sus amplitudes, de la misma manera que puede ser el hombre que se niega a conocerse a sí mismo. No se trata de alguien estar satisfecho con que es y con que conquistó, pero de no encontrar motivos suficientes para desear comprender quien es, de ahí su satisfacción con la vida, con la existencia y su estado aparente de ausencia de conflicto interior. Para él, un individuo que buscaba negar las situaciones de conflicto espiritual no se mostraba digno de su existencia como hombre y su vida no podría ser determinada como vida y así clasificaba todas las instancias que hacían parte de la vida de los ciudadanos atenienses, ya sea el arte [*en todas las sus expresiones*], la política, la propia Filosofía, el ser, el devenir...

La preocupación de Sócrates era con la forma como el pensamiento estaba deteriorándose en la Pólis, especialmente, entre los más jóvenes, y esto representaba una inquietud muy profunda, porque la dirección del Estado quedaría bajo las manos de estas figuras que se mostraban completamente ignorantes del proceso de construcción personológica, tanto individual cuanto colectiva. Además, no conocían los procesos inherentes a sus respectivas artes, de aquellas que practicaban con esmerado ardor y enorme talento.

¿Cómo una bestia de tamaña envergadura podría construir a un hombre dotado de capacidad para reflexión? La sociedad se habría acomodado en su confort material que, de esta manera se transforma en una acomodación espiritual, como si la *Physis* hubiera dejado de actuar sobre todo lo que existe. Cabe destacar, que lamentablemente, el Filósofo no haya sabido expresarse, no obstante, la lectura de su indignación se presenta como aquel fardo de que sin presión advenida del medio el intelecto se acomoda y no desarrolla nuevos procesos de avances epistemológicos, condenando, de esta manera a una sociedad entera a la decadencia y a ser consumida y dominada por otra, y también mucho menos intelectualizada, que apenas se muestra más agresiva en su combate y con deseo de dominación.

Para Sócrates, solamente habría un único modo de superar la trivialización, a través del examen constante de su pensamiento y de sus facultades intelectuales, buscando de esta manera comprender la realidad que los involucraba y de qué modo esta proporcionaba modos de superación de los desafíos presentados. La inteligencia no era inspiración divina como se lo deseaba tanto creer y esto no tenía nada que ver con fe o con ausencia de fe en los dioses municipales; se trataba de un estado de esfuerzo de la razón sobre las propiedades de los materiales y sobre la comprensión de la propia existencia pura.

Los hombres creaban leyes y no sabían para que las hicieron. Decían practicar la justicia, sin embargo, no la entendían ni la comprendían y mucho menos la podrían conceptualizar, sin embargo, ya que sobre la misma nada tenían que fundamentarse en el campo epistémico. En este proceso de cuestionamiento de las cosas dadas, Sócrates termina por provocar una condición de desorden social, un estado de caos y a pesar de imaginar que, así estaba salvando a su ciudad y a sus ciudadanos de la decadencia, estaba mostrándoles sus situaciones reales de decadencia, a pesar de toda la gloria que la Pólis demostraba. Lo que ocurría era que él no hacía referencia al presente en comparación con el pasado; estaba vaticinando un futuro que no llegaría a ocurrir si no se ocupaba del problema doméstico de la ignorancia, herencia de la vanidad y del prestigio conquistado a un precio elevado.

Una vez inmerso en la estupidez, no hay como escapar de sus mandíbulas que solamente estrangulan la víctima que, por una serie de factores que escapan al entendimiento y a la comprensión racional, pasan a apreciar todo este proceso de agresión como algo que lo satisface y a su espíritu que va volviéndose a cada día más mediocre y, más propenso a ser consumido por cumplidos que nada más hacen que elevar, de manera exponencial, el sentimiento de vanidad, o sea, como forma de esconder la estulticia que lo esté consumiendo como a un cáncer en proceso avanzado de metástasis, se esconde en la adulación de sus compañeros con cabeza de bagre.

Esto representa una situación deplorable, porque, como va argumentar P. Diel (1991, p. 124), “el intelecto que pierde su lucidez no es nada más que un pensamiento cargado de afectividad primitiva, ciego y extremadamente permeable a todos los errores que marcan su tiempo.”

Exactamente esto era el problema que Sócrates miraba en su tiempo, en que los hombres, apasionados por las conquistas atenienses y griegas sobre otros pueblos

cercanos del Mediterráneo, olvidaron de preparar sus vidas para la existencia que continuaba su trayecto y para la vida y la existencia de sus hijos que tendrían que crecer y volverse hombres de Estado, teniendo que afrontar con toda la carga de responsabilidad por gobernanza de la Pólis.

Los jóvenes griegos estaban aislándose del ideal helénico, aquel que intentaba la construcción, integración de la estructura personalógica humana, lo que los convertía en meras figuras patéticas insertadas en una sociedad que se volvía decadente en todos los sentidos, especialmente sobre la condición de búsqueda de la razón investigativa de las cosas de la *Physis* y como el *Nomós* estaba avanzando sobre si, cambiando las condiciones existenciales y gnoseológicas.

Uno de los problemas que más perturbaba a los pensantes atenienses como Sócrates es el hecho de que la juventud estaba siendo abandonada a sí misma y esto representaba un riesgo sin precedentes para el futuro de la Pólis y no de la democracia y tal preocupación se probó verdadera, porque cuando Atenas cae, todo su esplendor queda retenido a relatos históricos y el principio democrático se extiende por la historia, superviviendo hasta nuestros días.

Aunque la influencia de Atenas y de todos los pensantes que ella produjo junto con obras irrepetibles a lo largo de todos los tiempos y demás artistas y otras figuras de gran relevancia, es solamente a través de su legado inmaterial que puede la humanidad disfrutar y esto porque los líderes que [no] produjo fue la condena de su desgracia. Muy poco tiempo después de alcanzar su grandeza, la Pólis ateniense comenzó a perder su vigor, de modo muy simple, dejando de tener una visión del futuro que se fundamenta sobre los niños y adolescentes que están en búsqueda de una identidad, de sabiduría y la única manera de encontrarla es aproximándose de los mayores, no con la creencia de que existe algún proceso de asimilación osmótica de conocimientos ajenos y que, la simple convivencia con un gran pensante ya se muestra como siendo lo suficiente para convertirse en un gran pensante, también.

Sócrates, a través de sus conferencias filosóficas, en formato de diálogo y cuestionamientos, con la intención de traer el pensamiento del individuo a la luz de las ideas y de las ocurrencias universales, mostraba a la Pólis que el camino que seguían con relación a la educación de los chicos no era la ideal para su futuro como ciudad-estado. Él estaba mirando sobre la formación de los herederos de la gobernanza de la Ciudad, que estaban siendo ignorados por la vanidad de los jefes y de los individuos mayores.

La expresión que bien puede haber sido expuesta en su tiempo de gloria y de esplendor acerca de Atenas que era allí el local donde toda la sabiduría se emanaba, funcionando como un *voértice epistemológico*, para donde el saber se convergía y donde se ampliaba, llegando a otros pueblos como conocimiento erudito. La Pólis de Atenas se convirtió en un centro cosmopolita, abierto a los forasteros innovadores en muchas artes y que, por una serie de factores económicos y políticos-culturales no encontraron apoyo en sus respectivas Pólis de origen. Así que, pasó a ser un gran núcleo de experimentaciones, en diversos campos, estas vinieron a encantar por su grandilocuencia y capacidad de personificación del arte como una expresión pura e inmaculada, lo que posibilitó llegar a través de ella, hasta la *aretè*.

El propio Sócrates representaba un ejemplo de esto y, por más que se intentó negarlo, fue, exactamente, por causa de este intento de negación que se mostró como una figura que se destacó en un mundo que ya no conseguía más verse más allá del propio ombligo y, por más que haya intentado decirles que la sabiduría no estaba en sí misma, ni en las preguntas que hacía a sus interlocutores, había toda una intención a través de aquél juego, de manera que con el desdoblamiento de cuestiones sobre cuestiones se pudiera aproximarse de una solución para el problema que asombraba la humanidad desde tiempos inmemoriales: la Ignorancia y que no se podría incluso creer que esta señora pudiese ser vencida sin la práctica de intensos estudios sistemáticos.

El hombre ateniense del tiempo de Sócrates, estaba por transformarse en un *hombre trillado*, víctima de su arrogancia y de su ignorancia sobre los procesos de formación epistémica y de modo mucho más específico como podría ser posible enseñar a esta pequeña generación los caminos que mejor pudieran conducirlos a la *aretè*, a la *excelencia*.

Por este motivo que, cuando cuestionado si la *aretè* podría ser enseñada o si era innata en el espíritu humano, Sócrates responde, ironizando a su argüidor, que le era imposible argumentar sobre tal cosa, ya que ni al menos sabía lo que era la excelencia. El no se refería a sí mismo, pero a su interlocutor, que ignoraba, por completo, el sentido semántico de aquello que lanzaba al filósofo como una pregunta desafiadora. Los ciudadanos griegos se volvieron tan imbéciles, trillados, que no se daban más cuenta de la dimensión de su imbecilidad al referirse a Sócrates no como un hombre de sabiduría, sino, como aquél que posee respuesta para todo lo que se le pregunte.

Es ahí que P. Diel (1991, p. 125) va a afirmar, con profunda angustia que, “el hombre afectado por esta forma de degradación pierde grandemente su personalidad. Su espíritu, desprovisto de cualquier dirección interior, se regula por las convenciones sociales, por la opinión pública, por los pre-conceptos de su tiempo.”

Fue este tipo de degradación de los hombres, considerados sabios, que Sócrates intenta mostrarles que aquello que creen ser sabiduría no es nada más que una ilusión de sabiduría. ¿Cómo se podría creer en individuos que no saben ni al menos los caminos que los condujeron al estado de excelencia, en sus respectivos campos de actuación?

El Filósofo anciano sabía muy bien que para alcanzar el nivel de dominio de un determinado arte, todo un trayecto debería ser seguido bajo el más estricto rigor y para que se pudiera construir esta pequeña generación, era a través de tales demostraciones y ejercicios de fuerza y emprendimiento que se proporciona esta condición para que ellos puedan alcanzar el entendimiento sobre las cosas y sus funcionamientos más simples hasta llegar a la comprensión sobre los procedimientos más complejos, que es el momento en que se comienza la producción de elementos inéditos, o lo que se llama innovación. El intelecto de los jóvenes debe tener posibilidad de entrar en contacto con los métodos practicados por los másteres, porque una vez que esto ocurra, sobreviene toda una gama de cuestionamientos y de desdoblamientos, haciendo con que el conocimiento se amplíe a través de la práctica del mismo.

Estaba puesta, ahí, una situación que solamente se deterioraba y que por más que Sócrates intentase negarla, las pruebas empíricas que acumulaba de sus encuentros con los individuos tenidos por todos como hombres de inmenso saber esclarecían que su sabiduría era muy superior a la de todos ellos, no porque dominase todos los campos de saber; antes, porque tenía plena consciencia de su ignorancia sobre todo. El sentimiento de odio con que fuera amonestado por los hombres que él investigo y por sus compañeros no puede ser analizado bajo la misma óptica, porque en cada uno de ellos despertó un tipo particular de *pathos*.

Para los [*supuestos*] genios, ser reducido a una condición de imbecilidad es una gran ofensa, especialmente, si, en el momento en que se es ridiculizado se hacen presentes personas que, hasta aquél instante alimentaban la ilusión de que si él era un hombre de elevada categoría intelectual. Todo esto, provocaría una herida de muerte sobre el ego de este ser y de esta forma se avergonzaría, no obstante, sin tener cualquier mecanismo de escape la salida encontrada sería atacar, como pueda a su contrincante adversario. Por

otro lado, todo genio encuentra aduladores, sin embargo, estos que son como rémoras y que, si fuera a depender de sí mismos, morirían por inanición, como incapaces que son de producir cualquier tipo de intelectualidad, pero en beneficio de sí mismo y de la sociedad de la cual hacen parte. Cuando miran a su mentor, de quien creen que sea un gran máster, el cual fue hecho de payazo, es natural que se enfurezcan, porque de este modo destruyen no solamente la referencia que poseen del saber y de la sabiduría, y de esta manera los obligan a encontrar fundamentos en sí mismos, volviéndose, así, huérfanos.

Nadie jamás comprendió que es solamente bajo este modo de construcción de la estructura personalógica que se conseguirá aproximarse de una caracterización sólida de pensamientos sobre todo. Por otro lado, así siempre tendrá una formación deficiente que no será capaz de compensar las necesidades del desarrollo intelecto-cognitivo que la sociedad exige para sus avances innovadores. Asimismo, estará negando esta condición de formación que va surgiendo que es el convencionalismo, como si esto represente lo más actual de la ciencia, o una última expresión de verdad científica.

Sobre todo, hay toda una condición de construcción de la personalidad fundamentada en estudios amplios y de intensa profundidad, lo cual no puede estar amparado en creencias aisladas de la realidad, al tomar la intensión de formación de una verdad como tal. Cabe destacar que,

La convención es la medida común y deforme de la degradación. Esta reducción es una medida común, junto con la uniformización sobre la opinión, en suma, la sumisión trivial, no es más que la caricatura de la libre adhesión a la ley ineluctable del espíritu, a la cual el trivializado, disgustado contra el espíritu, no deseó más o no puede someterse. Su estado de espíritu representa el castigo por este disgusto frustrante que, en el fondo, es solamente una forma de sumisión perversa" (DIEL, 1991, p. 125).

Cuando un individuo se ve a sí mismo y a sus creencias como absolutas, tendrá como consecuencia la creación de un monstruo, aquella figura que posee sus propias versiones de lo real y de la realidad y su esencia se convierte en su deseo de transformación de la verdad universal en verdad individual, aquella que supone creer como tal. Estas piezas representan el peor espécimen que la naturaleza puede generar, porque bajo su corteza de emprendimiento y de audacia son bestias primitivas, salvajes resistentes a la inteligencia que solamente se humedecen en licores de civilidad e intelectualidad.

Era contra este tipo de mentalidades que Sócrates luchaba en la Encantadora Pólis de Atenas que, bajo su fetiche encubría un estado de completa decadencia intelectual, condenando a su juventud a la más intensa ignorancia y más tarde culparía a los propios jóvenes por su desgracia moral y epistémica.

No era posible que un artista que llegó a la excelencia en su técnica se mostrara un imbécil, un estúpido cuando cuestionado sobre los métodos que empleaba para alcanzar los valores expresados por su arte. Sería imposible que este ser pudiese formar discípulos, porque no tendría nada para ofrecer a sus aprendices, como subsidio para que pudiesen llegar a niveles más elevados en términos de conocimiento, aplicándolos en dirección a la creatividad y al ideal helénico, que es la *areté*.

No se trata de discutir si la excelencia puede o no puede ser enseñada; hasta porque ella es un ideal, luego, jamás puede ser alcanzada, habiendo siempre una condición de insatisfacción expresa por la sentencia de que el mejor trabajo de un artista aún está por ser construido; sin embargo, debe existir un camino que permita al aprendiz aproximarse del ideal de su vida y esto se muestra cuando sus producciones son consideradas relevantes para la sociedad y para el propio individuo.

Sócrates sigue siendo incomprendido, por toda la historia, porque lo que coloca, como cuestionamiento del hombre es acerca de la esencia de aquello que produce, que crea como objeto de valor. Ningún de sus interlocutores comprendieron su inquietud y así que, lo mejor camino encontrado fue promover el asesinato del anciano, a través de un enjuiciamiento que, a los ojos de todos era justo.

No alcanzaron el suceso deseado, porque una vez que el hombre aplique su cerebro y su intelectualidad en dirección al descubrimiento de nuevos principios de habilidades científicas, todo lo que viene después, es resultado directo o indirecto de esta provocación. De acuerdo a todo esto, pudimos comprender que la Didáctica mucho más que mostrar métodos, por sí sola, representa un método y una herramienta de evolución.

EL NACIMIENTO DE LA DIDÁCTICA SOCRÁTICA

El momento sobre el cual está insertado el pensante Sócrates representa en la historia humana un terrible calderón en ebullición donde muchas ideas estaban puestas en un gran conflicto y lo que se mostraba era que había toda una preocupación con la

formación técnica, pero, no había ningún interés legítimo relacionado a la formación del carácter de los jóvenes.

El Filósofo percibe esto y cuando le llega el mensaje oracular comienza a pensar lo que estaba en desacuerdo con la sociedad de su tiempo y no solamente sobre lo que significaba el epíteto dirigido a su persona. Él no podría estar más cierto, porque para dirigir la ciudad se necesitaba mucho más que conocimientos técnicos, decisiones de elevada complejidad tendrían que ser tomadas, habiendo necesidad de que hombres dotados de gran sabiduría las analizaran con mucho cuidado. Estos mismos hombres serían los que irían a elaborar leyes para los habitantes de la pólis.

Sócrates era un estudioso de los mitos y el mito de Oedipus ya daba muestras de que la juventud de la ciudad de Tebas estaba siendo estrangulada por la ignorancia y, en la ausencia de hombres sabios tuvo que aceptar a un forastero, hasta que se haya probado que era hijo legítimo de la ciudad, no obstante, este hecho constituyó desgracia para la pólis.

El pensante no tenía nada contra la ignorancia, porque de alguna forma esto sería una estulticia; sin embargo, su batalla incesante era a favor de que los hombres comprendieran que habría la necesidad de aceptar la propia condición de ignorancia individual, especialmente sobre aquello que más practicaban como oficio, porque todo esto conduciría a una búsqueda constante por mejorar y por ampliar la condición epistemológica por sí sola y en esta lucha por alcanzar más conocimiento terminan por construir una dialéctica social, ya que surgió la necesidad de buscar explicaciones en otros espacios del saber y en otras ciencias.

Una cuestión muy interesante en las ciencias es que, a lo largo de sus investigaciones, todas ellas, *sin excepción*, van a enfrentarse con respuestas que no pueden ser dadas por los científicos de aquel campo específico, por lo que debían buscar apoyo en científicos de áreas muy distintas de la cual estaban estudiando. La antología científica se constituye en un mosaico complejo que no puede ser construido de manera aislada. Es, en este punto que se piensa en la Didáctica como una ciencia del *aprender a ser*.

En la forma como Sócrates la preconiza, el hombre persistiría preguntando a todo momento sobre todo, siempre en la búsqueda de un entendimiento acerca de lo que sea el objeto de su investigación y de lo que se iba a componer su esencia, todo esto lo hace estar en movimiento y asimismo lo hace aproximarse de una comprensión genérica [*universal*] acerca de su utilidad en el mundo. Una vez que esto se haya alcanzado, habrían

condiciones de perfeccionar la propia técnica utilizada y estar en perfectas condiciones de enseñarla a los otros, debe también considerarse que no basta solamente el dominio de determinada técnica para que el individuo tenga plenas condiciones de trasmitirla a sus pares; hay, ante de todo, la condición de ser capaz de comprender sus principios, categorías, valores, misión, detalles que hagan diferencia sobre su acción a lo largo del tiempo.

Lo que el anciano ateniense colocó en cuestión fue la capacidad de juicio primoreado sobre la singularidad de determinado objeto; no solamente acerca del enjuiciamiento universal de algo y de sus características amplias. Blaise Pascal (1623-1662), va a explicitar la ansia socrática bajo el sentido de que se hace necesario conocer las partes de un objeto para que se consiga comprender el todo de la misma forma que se hace necesario conocer el todo, completo, para que se consigan comprender las partes que componen y que construyen este objeto en su totalidad.

Sócrates creía que la verdad sobre las cosas estaba para más allá del hombre y de las cosas en sí mismas; se encontraban fundamentalmente inmersos en la esencia de los objetos, o sea, en el constante devenir, pero, de modo paradójal, se destacaba la imponentia de conocer lo que estaba en la acción presente, la construcción de la realidad presente como algo que se imponía sobre la existencia, conduciendo a los jóvenes a sentir ansia por aprender tales cosas, ya que el Filósofo habría comprendido que el intelecto humano es una entidad que avanza sobre el tiempo y no solamente a lo largo del tiempo, motivado por su curiosidad, *pathos* este que debe ser despierto e impulsado a partir de desafíos que se encuentren para más allá del hombre, pero, todo esto está cargado de complejidad y paradojas, porque se hace necesario ofrecer el mínimo de conocimientos para que el aprendiz se interese por las variaciones del proceso y los medios no explicados a través de la carga epistemológica que se detiene en aquel exacto momento.

Sócrates trae una cosa innovadora para el pensamiento superior de aquél momento, que es la aplicación del análisis sistemático sobre el saber que ya se tiene como sabiduría. Su actitud se mostró como siendo de una profundidad incomprensible, porque hasta aquél instante, el intelecto era aplicado sobre las cosas materiales a fin de que se pudiesen construir nuevas estructuras. Y, de repente, el intelecto está siendo aplicado sobre la sabiduría como forma de producir sabiduría y, además, ¿cuál es la utilidad práctica de tal sistema didáctico de enseñanza?

La producción moderna y la manutención de un sistema de pensamiento binario, ha conducido a todos [*con rarísimas excepciones*], a creer que los pueblos antiguos no poseían didáctica [*métodos de enseñanza y aprendizaje*], resultado de pre-conceptos aliado a una extrema ignorancia que desea negar todo lo que no sea el principio de aceptación de pensamientos incautos de individuos que no saben ni al menos amarrar sus zapatos.

Cuando afirmé que Sócrates propuso la inserción de la Didáctica sobre los procesos de transmisión del saber y de la sabiduría, surge la necesidad de decir que es una nueva modalidad didáctica, una nueva forma de contemplar el saber para aquellos que estaban en inminencia de absorberlo y, de este modo, bajo la visión del Sabio, el erudito debería dominar la esencia de su arte, no solamente vivir de sus aclamaciones públicas y tomar la opinión pública como verdad terminada; por lo tanto, se hacía necesario que mostrara dominio epistémico sobre lo que actuaba, lo que representaba una búsqueda constante, perpetua por el entendimiento y la comprensión del arte, como acción particular.

A partir de la propuesta didáctica presentada y ejecutada por Sócrates, otros pensantes de gran envergadura como Aristóteles de Estagira (384-322 a.n.e.), p.e., pudieron proponer y asimismo crear formas más precisas de intervención sobre los objetos de estudio, en el que se imparte la idea de qué también el singular y lo particular poseen extensiones universales que pueden y que deben ser explotadas en intensa profundidad y amplitud, a fin de acercarse sobre su conocimiento y, a partir de ahí buscar una comprensión más larga acerca de los fenómenos universales que crucen la existencia humana.

La única salida para el enigma colocado por la mayéutica socrática es la completa admisión de la ignorancia ante la esencia de las cosas, sobre su movimiento paralelo a su existencia que solamente se convierte en realidad a través de la acción humana sobre ella. El asombro que tomó cuenta del espíritu de Sócrates es que ni al menos el mínimo de conocimiento teórico sobre el arte que practicaban los individuos, considerados como grandes sabios poseían. Ejecutaban sus profesiones, en las cuales eran considerados máster sin ningún principio de análisis, interpretación, comprensión, lo que conducía a la más profunda incompetencia en lo que concierne a la producción de una síntesis.

Por otro lado, lo que el Filósofo va a hacer, sin que se haya dado cuenta, es la exigencia para que los métodos utilizados por los artistas para alcanzar la *Areté* [*la excelencia helénica*] sean que pudieran ser comprendidos por los jóvenes y desde ahí se

podrían mejorar los niveles de excelencia en las producciones artísticas. Sócrates, muy posiblemente, haya sido el primer pensante de la historia que comprendió que la innovación y la creatividad son un resultado de lo que se forman sobre y a partir de aquello que ya se lo tiene como resultados comprobados. Sin embargo, hay que conocer las particularidades y las singularidades que componen los objetos y esto es nada mejor para aquel que se dedica a su producción y se muestra capaz.

Sin embargo, para la desgracia de Sócrates no fue esto que encontrara en sus incursiones por las calles de Atenas, donde los individuos que se consideraban, ante la opinión pública, como grandes eruditos eran nada más que imbéciles, pretensiosos e inseguros, creyendo que estaban guardando un misterio que escapaba a su propio dominio; por lo que, no se caracterizaba como un secreto y sí como una ausencia completa de conocimiento que a los ojos ajenos se mostraba como algo oracular.

El vocablo *ignorancia*, presentado por Sócrates merece una interpretación hermenéutica bastante profundizada, porque, bajo la comprensión gnoseológica de la aceptación de la misma como parte esencial de la existencia proporciona a los hombres, condiciones para crear y re-crear sus propias producciones imaginarias. Es en el intento de conocer, con el máximo de profundidad y transparencia, las sutilezas del objeto que se consiguen estimular las pasiones personales y ampliar el potencial creativo. De otro modo, toda el arte se estanca, lo que impide que haya más avances y, en poco tiempo, la curiosidad de la población se desvanece, teniendo como final, la decadencia.

Aunque no lo haya dicho, él ya percibía tal hecho ocurrir en su ciudad. Cuando

Colocados a prueba, muchos supuestos talentos y muchas reputaciones de sapiencia se revelaran infundados [*en sus conceptos y creencias*] y muchas ideas vigentes y consagradas por la tradición manifestaban su carácter pre conceptual. [*Con esto*] se evidenciaba la ignorancia de la propia ignorancia: situación que, no siendo superada, detendría el espíritu en un estéril error (PESSANA, 1999, p. 14).

Sócrates comprendió que, muchas de las ideas paridas por los pensantes y sabios de su tiempo representaban representaciones del pensamiento común, de la opinión pública, careciendo de todo tipo de profundización sistemática sobre sus conceptos, origen y aplicaciones pragmáticas. De la manera como practicaban la ciencia, todo no pasaría de un error que no conseguiría conducir los aprendices a lugar alguno, simplemente, porque les faltaba profundización analítica e interpretativa sobre los

fenómenos y sus ocurrencias más inmediatas y las repeticiones a lo largo del tiempo y del espacio.

Lo que más llama la atención es que Sócrates ofreció un modelo didáctico para las actividades, una metodología propia, aplicable en cualquier momento de la historia en que hombres de ciencia desearan ampliar sus conocimientos sobre los fenómenos científicos. Después de él y de su herramienta de investigación, los individuos pensantes jamás tuvieron coraje en pensar sin someter sus pensamientos a juicios de valor bastante serios, con la finalidad de que la ignorancia que poseen sobre estos no sea considerada estéril.

CONSIDERACIONES FINALES

A lo largo de este trabajo se buscó explicar sobre como la actitud de Sócrates condujo al surgimiento de los principios de la didáctica que hoy conocemos y adoptamos como esencial en todas las prácticas desarrolladas en las escuelas. Un jargón se mantuvo, como herencia de aquellos tiempos lejanos, que cuenta el caso de que un sabio que no puede hacerse comprender en su campo de enseñanza es tenido como no siendo poseedor de capacidad didáctica, o sea, no sabe enseñar.

Después que el pensante de Atenas declara para todos que sus sabios habían de desaparecer y junto con ellos todo lo que poseían de conocimiento, un cambio intenso en la estructura social se presenta y, aunque su interpretación y su influencia sean percibidas muchos siglos más tarde, el movimiento comenzado a través de su audacia dejó profundas marcas sobre cómo enseñar y aprender, permitiendo que se categorizase el modelo de educación a partir de la revolución luterana.

Esto es un asunto que no finaliza con un artículo y, mucho menos no es esta la pretensión de los autores. Hasta aquí se intentó comenzar una discusión que traiga de vuelta el pensamiento griego-ateniense del periodo clásico, cuando se atrevía a cuestionar lo que se sabía de manera amplia y determinada, porque es de esta manera cuando se somete esto que se sabe qué es el juicio de valor del propio individuo, permitiendo de esta manera que sus dudas sean las conductoras para nuevos aprendizajes que el hombre emerge de su caverna particular para enfrentar la luz de la sabiduría.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIEL, Paul. *O simbolismo na mitologia grega*. São Paulo: Atton Editorial, 1991, p. 123. [Publicado, originalmente, el 1966].

LÍNDEZ, José Vilchez. *Sabedoria e sábios em Israel*. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

PESSANA, José Américo Motta. *Sócrates*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. [Coleção Os Pensadores].

PLATÓN. *Apología de Sócrates*. Obras completas, edición de Patricio de Azcárate, tomo 1, Madrid, 1871.



AUTORES

Alexsandro da Costa Brito

Engenheiro Civil, Graduando Engenharia Ambiental e Sanitária,
alexsandroc.brito@hotmail.com

Annelise Kopp Alves

Laboratório de Materiais Cerâmicos/Departamento de Engenharia de
Materiais/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

César Augusto Ramírez Giraldo

Doutor em Teologia e Dr. em Filosofia - Docente titular Universidad Pontificia Bolivariana
de Medellín - Colombia. cesar.ramirez@upb.edu.com

Eric Oliveira Bertolo

Tecnólogo ambiental, Graduando Engenharia Ambiental e Sanitária,
ericbertolo@hotmail.com

Fabio Antunes do Nascimento

Doutorando em Teologia pelo CEBITEPAL – CELAM, Bogotá na Colombia, Mestre em
Teologia Pastoral pelo CEBITEPAL – CELAM, presbítero e Coordenador Diocesano de
Pastoral da Diocese de Coxim - MS, Professor de Teologia Pastoral na UCDB,
fabiopjms@hotmail.com

Gil Derlan Silva Almeida

Doutorando e mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários pela
Universidade Federal do Piauí. Professor de Letras Português/Inglês do Instituto Federal
do Maranhão- Campus Bacabal.

Hévila Maria Sousa Santos

Graduada em História Licenciatura pela Universidade Federal do Maranhão (2018).
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do
Maranhão (PPGHIS - UFMA). Foi bolsista PIBID (2014-2018) e PIBIC no plano do diálogo
interdisciplinar entre a História e a Literatura. Atualmente é Bolsista CAPES e pesquisa
Cassandra Rios, relações de gênero e censura, membra dos grupos de estudo Hill

(História, cultura letrada e outras linguagens) e Polifonia (Grupo de Pesquisa em História e Literatura da UFMA). Possui interesse em História Contemporânea, Literatura, América Latina, política e relações de gênero.

Luana Góes Soares

Doutora em Engenharia e Ciência dos Materiais. Atualmente faz pós doutorado na UFRGS.

Márcio de Freitas Santa Ana

Engenheiro Mecânico e de Produção, Doutorando em Engenharia de Produção e Sistemas; Msc em Polímeros e Ciências e Tecnologias de Materiais, Pós Graduado em Educação Tecnológica e Engenharia Ambiental e Indicadores de Qualidade.

Maria Rafaela Junqueira Bruno Rodrigues

Graduação em Direito pela Faculdade de Direito de Franca (1991), Especialização em Metodologia do Ensino Superior (2001), Mestrado em Direito pela Universidade de Franca (2000), Especialização em Psicanálise Contemporânea (2006), Doutorado em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2006), Pós Doutorado em Direito e Saúde na Università Degli Studi Di Messina - Itália (2014/2015), Aperfeiçoamento em Bioética Aplicada às Pesquisas em Seres Humanos (2013), Aperfeiçoamento em Educação para Jovens e Adultos pelo CEETEPS (2014) e Especialização em Gestão da Organização da Saúde Pública (UNIRIO/2014). Professora Universitária do Ensino Superior, da Faculdade de Tecnologia Dr. Thomaz Novelino em Franca - FATEC FRANCA, ministrando as disciplinas Ética e Direito Empresarial; Ética e Responsabilidade Profissional; tendo ministrado a disciplina Legislação Trabalhista e Previdenciária (2019). Profissional liberal - Ordem dos Advogados do Brasil, Professora Coordenadora Autora na Área de Direito Empresarial do Programa UNIVESP/Centro Paula Souza - Universidade Virtual do Estado de São Paulo (2010); Aperfeiçoamento em Direito à Saúde Baseada em Evidências (2015) Hospital Sirio Libanês/SP. Aperfeiçoamento em Educação, Pobreza e Desigualdade Social - UFSCar (2019). Especialização em Informática na Educação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo Câmpus São João da Boa Vista(2021). Especialização em andamento em Direitos Humanos pela Universidade Federal do ABC - UFABC (2022). Pesquisadora - Cátedra Oscar Sala - Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo - IEA/USP (2022). Agente Local de Inovação

Tecnológica da Agência INOVA Paula Souza de março de 2013 a 2016 e Vice-Coordenadora do CEPE - Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos da UNIFRAN no ano de 2014. Professora Titular na Faculdade de Direito de Franca (2020) ministrando a Disciplina Direito Empresarial I. Professora de Ensino Superior na Faculdade de Tecnologia de Ribeirão Preto/SP (2018) ministrando as Disciplinas Legislação Tributária e Cálculo Tributário; Legislação Trabalhista e Cálculo Trabalhista; Ética e Responsabilidade Profissional; Ética e Responsabilidade Sócio Ambiental e Legislação Empresarial e Propriedade Industrial. Experiência na área de Direito atuando principalmente nos seguintes temas: Direito, Direito Constitucional, Direito Civil, Direito Comercial/Empresarial, Direito do Trabalho, Direito Tributário, Propriedade Industrial, Inovação Tecnológica e Direito Autoral, Direito Digital, Direito Educacional e Direito à Saúde, Bioética e Políticas Públicas.

Maxçuny Alves Neves da Silva

Possui doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília (2016), mestrado em Literatura pela Universidade de Brasília (2010) e graduação em Licenciatura em Letras pela Universidade de Brasília (1995). Atualmente é professora da Secretaria de Estado de Educação do DF. Tem experiência na área de Letras para o ensino médio e ensino superior, apoio literário e didático e produção de livro didático.

Renata Mônica Pacheco Nichio

Pedagoga. Professora da Rede Municipal de Educação de Cariacica.

Renata Rocha Amaral

Gestão Ambiental, Graduada Engenharia Ambiental e Sanitária, remnata.eng.ambiental@gmailcom

Roseli da Conceição Silva de Freitas Santa Ana

Gestora Ambiental, Graduada em Engenharia Ambiental e Sanitária e Pós Graduada em Engenharia Ambiental e Indicadores de Qualidade.

Sandro Dau

Filósofo e Sociólogo. Mestre, Doutor e Pós-Doutor em Filosofia. Professor da Faceli - Limhares (ES).

Sérgio Rodrigues de Souza

Filósofo. Sociólogo. Doutor em Ciências Pedagógicas. Pós-Doutor em Psicologia Social. Consultor Científico.

Vinícius da Silva Santos

Biólogo. Professor da Rede Estadual do Espírito Santo.

uniatual
EDITORA

ISBN 978-658601322-1



9

786586

013221